

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**SER PROTESTANTE SENDO BRASILEIRO:
UMA LEITURA “TILLICHIANA” DA VIDA E DOS ESCRITOS DO PASTOR
JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Religião como
requisito parcial à obtenção do
título de mestre em Ciência da
Religião por Luiz Guilherme
Kochem Mathias
Orientador: Prof. Dr. Zwinglio
Mota Dias

Juiz de Fora
2008

Dissertação defendida e aprovada, em _____, pela banca constituída por:

Presidente: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Titular: Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos

Orientador: Prof. Dr. Zwinglio Mota Dias

AGRADECIMENTOS

São muitos os que merecem ser citados. Infelizmente não há espaço para relacionar o nome de todos. Os que aqui estão é pelo fato de terem contribuído diretamente para a conclusão do trabalho.

Meus agradecimentos:

ao professor Zwinglio Mota Dias, por toda a paciência e sabedoria em orientar-me. Serei eternamente grato;

ao Antônio Gouvêa de Mendonça (*In memoriam*), que por meio de seus textos me guiou ao universo protestante de maneira acadêmica;

aos amigos do Arquivo Histórico Presbiteriano em São Paulo, Rev. Enos, Rev. Eliezer e Evang. Aldey, que não mediram esforços em fornecer os documentos necessários para a pesquisa.

aos professores do PCCIR que contribuíram para minha formação, principalmente Faustino Teixeira, que me apresentou a teologia como atividade criativa;

ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, na pessoa dos amigos que fiz. Ao Antônio (secretário) por estar sempre pronto a ajudar e aos alunos mais próximos como o pe. Ênio, a Suely, a Adriana, o Reinaldo, o pr. Moisés.

à CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal) pela bolsa de estudos, possibilidade de concretização da pesquisa.

ao Gilmar e ao Sílvio que cederam moradia durante um ano e contribuíram com o possível para que eu não tivesse falta de coisa alguma.

ao casal Elias e Nely, que mais do que amigos são irmãos. Não há palavras para agradecer-lhes.

DEDICATÓRIA

Dedico à trindade santa da minha vida:

à Maria Helena, minha mãe, que como o Riobaldo, personagem do “Grande Sertão: Veredas”, sempre me diz: “*Se sonha, já se fez*”;

à Luiz Carlos, meu pai, símbolo do texto de Provérbios 20.7;

à Lílian, minha flor, meu lírio, perfume bom dos meus dias.

EPÍGRAFE

Ó meu Deus! Eu respeitarei a religião do ignorante – a fé daqueles que não tem tantas ocasiões de conhecer-vos e de venerar-vos de um modo mais digno. Jamais servirei à vaidade e presunção, de tal sorte que abale a fé piedosa dos outros com ações e palavras inconsideradas.

José Manoel da Conceição

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma leitura da vida e escritos do primeiro pastor protestante brasileiro, Rev. José Manoel da Conceição, a partir da chave hermenêutica fornecida pela Teologia da Cultura de Paul Tillich, utilizando conceitos centrais como o “Princípio Protestante”. Na vivência, por quase vinte anos, como sacerdote católico sua vida é exemplo de luta contra a heteronomia representada pelo catolicismo no século XIX. Com o rompimento com a Igreja Católica e seu ingresso no protestantismo de missão que, no caso específico é representado pelo presbiterianismo, sua ordenação como pastor e suas atividades pastorais indicam a relação culturalmente conflituosa de um brasileiro com o protestantismo em sua fase de inserção na sociedade brasileira. Com esta pesquisa é nossa intenção é contribuir para uma leitura mais ampliada da história das idéias religiosas no Brasil, principalmente em referência as relações entre o catolicismo e o protestantismo. Com sua experiência Conceição sinalizou a possibilidade de uma reforma espiritual, para além da institucional, ao procurar uma conciliação da “Substância Católica” com o “Princípio Protestante”.

ABSTRACT

The aim of this work is to read the life and writings of the first brazilian protestant pastor, Rev. José Manoel da Conceição, through the hermeneutics key of Paul Tillich's Culture Theology using core concepts such as the "Protestant Principle". Living as a catholic priest for about twenty years, his life is an example of fight against the heteronomy represented by catholicism in the XIX century. By rupturing relations with the Catholic Church and his ingress in the protestantism of mission which, in this specific case, is represented by presbyterianism, his ordination as a pastor and his pastoral activities indicate a culturally conflictuous relation of a brazilian with protestantism in its initial fase in the brazilian society. We intend, with this research, to contribute with a more widened reading in Brazil's history of the religious ideas, mainly with reference to the relation between catholicism and protestantism. By his experience, Conceição signalled the possibility of a spiritual reform that goes beyond the institution as he sought to conciliate the "Catholic Substance" with the "Protestant Principle".

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. UMA LEITURA TILlichIANA	8
1.1. A TEOLOGIA COMO POSSIBILIDADE HERMENÊUTICA	8
<i>A leitura que a teologia proporciona</i>	<i>10</i>
<i>1.1.2. Tillich e a importância de sua Teologia da Cultura para nosso trabalho.....</i>	<i>11</i>
1.2. SOBRE A IDÉIA DE UMA TEOLOGIA DA CULTURA	13
<i>1.2.1. Buscando pelos conceitos utilizados pela Teologia da Cultura</i>	<i>14</i>
1.2.1.1. Teologia e cultura na compreensão de Tillich	16
<i>1.2.2. Para a construção da Teologia da Cultura.....</i>	<i>21</i>
1.2.2.1. A tarefa da Teologia da Cultura	24
1.2.2.2. A ampliação do conceito de religião e a presença do Incondicional na cultura.....	26
1.3. A UTILIZAÇÃO DA TEOLOGIA DA CULTURA NA LEITURA DA VIDA DE CONCEIÇÃO ...	29
<i>1.3.1. A Teologia da Cultura como abordagem metodológica.....</i>	<i>31</i>
<i>1.3.2. As etapas de análise</i>	<i>32</i>
<i>1.3.3. Conceitos necessários para interpretar uma cultura num determinado momento histórico.....</i>	<i>35</i>
CAPÍTULO 2 – UM SACERDOTE CATÓLICO BRASILEIRO: SUA LUTA CONTRA A HETERONOMIA	41
2.1. COISAS DO TEMPO DE MENINO	44
<i>2.1.1. A família católica de Conceição.....</i>	<i>48</i>
<i>2.1.2. A formação do menino José</i>	<i>50</i>
2.1.2.1. A Constituição do Brasil – formação para novos tempos	52
2.1.2.2. O jansenismo – uma maneira ecumênica de ser católico no Brasil?	53
2.2. ENCONTROS COM PROTESTANTES	55
<i>2.2.1. Uma experiência marcante: a diferença entre religião e alegoria</i>	<i>56</i>
<i>2.2.2. A importância de Ipanema</i>	<i>57</i>
<i>2.2.3. Um amigo médico e um amigo editor</i>	<i>59</i>
2.3. JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO VAI SER PADRE	62
<i>2.3.1. A formação em São Paulo</i>	<i>62</i>
<i>2.3.2. A formação teológica.....</i>	<i>63</i>
<i>2.3.3. Os inícios da vida eclesiástica</i>	<i>65</i>

2.4. A LUTA CONTRA A HETERONOMIA	67
2.4.1. <i>Conceição ser torna padre: as atividades pastorais como tentativas de reforma</i>	69
2.4.2. <i>Uma saída possível diante da heteronomia romana</i>	74
2.4.3. <i>As críticas à heteronomia católica</i>	78
CAPÍTULO 3 – O PRIMEIRO PASTOR PROTESTANTE BRASILEIRO: SUA BUSCA POR TEONOMIA.	83
3.1. O PROTESTANTISMO DE MISSÃO: SUA POSTURA	85
3.1.1. <i>os primeiros missionários deste protestantismo</i>	89
3.1.2. <i>Simonton: o primeiro protestante com objetivo definido</i>	90
3.1.3. <i>Blackford: o missionário que “encontra” Conceição</i>	94
3.2. O ENCONTRO DE CONCEIÇÃO COM OS MISSIONÁRIOS	96
3.2.1. <i>O rompimento definitivo com o catolicismo</i>	99
3.2.2. <i>O protestantismo como possibilidade de teonomia na visão de Conceição</i>	102
3.3. CONCEIÇÃO ENQUANTO PROTESTANTE	107
3.3.1. <i>A importância da ordenação de Conceição</i>	109
3.3.2. <i>O método de Conceição para a propagação da mensagem protestante</i>	111
3.4. O PROTESTANTISMO DE MISSÃO COMO NOVA HETERONOMIA	115
3.4.1. <i>As características heterônomas do protestantismo de missão</i>	117
3.5. O SOLITÁRIO DAS ESTRADAS: CONCEIÇÃO E SUA BUSCA POR TEONOMIA	121
3.5.1. <i>Conceição continua sua reforma sem o apoio dos missionários</i>	122
3.5.2. <i>O distanciamento inevitável</i>	124
3.5.3. <i>Os últimos anos de uma vida</i>	126
CONCLUSÃO.....	131
BIBLIOGRAFIA	136
ANEXO.....	143

INTRODUÇÃO

O Protestantismo de Missão¹ reconfigurou, quando da sua inserção na segunda metade do século XIX, a religiosidade cristã brasileira. De lá para cá, católicos e protestantes (em suas várias designações: “bíblias”, “crentes”, “evangélicos”, etc.) tem estado, mesmo habitando o mesmo universo, em constantes desencontros, lutas e disputas. Poucos os momentos de partilha. Acreditamos que a romanização do catolicismo e a estratégia missionária adotada pelos protestantes, quando da inserção do protestantismo, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, colaboraram diretamente para isso.

Rubem Alves diz que a chegada dos protestantes significa não apenas mais uma forma religiosa para a América Latina e também para o Brasil, pelo contrário, quando o protestantismo chegou

(...) trazido pelo movimento missionário do século XIX, trouxe consigo a ameaça de uma nova desintegração. Não se tratava simplesmente de um fenômeno religioso a mais. A Igreja católica latino-americana nunca teve medo de fenômenos religiosos novos. Ao contrário, ela sempre soube batizá-los, assimilando assim à espiritualidade católica. O protestantismo, ao contrário, parecia caracterizar-se pela sua oposição estrutural ao Catolicismo. Resistente à assimilação, permanecia com um corpo estranho, disfuncional, perturbador. Apresentava-se como uma possibilidade de subversão da ordem dominante.²

O protestantismo aparece não só como uma religião alternativa, com discurso teológico próprio, mas também como ameaça ao *status quo*, que representa o ideal de

¹ De acordo com historiadores e estudiosos, no Brasil do século XIX, há duas vertentes protestantes: Protestantismo de Imigração e Protestantismo de Missão. O primeiro, como a nomenclatura indica, é o protestantismo dos imigrantes, principalmente alemães e ingleses, que manteve suas características étnicas. Já o Protestantismo de Missão é parte da expansão norte-americana. O século XIX ficou conhecido como a Era Missionária, isto por causa da crença norte americana de que seu modelo religioso era o ideal e, portanto, o que deveria ser propagado a todas as nações. Tem caráter conversionista e apresenta a ideologia do “*american way of life*”. É representado por missionários, com formação teológica específica, destinados a um trabalho de implantação e expansão da ideologia e de denominações protestantes.

² Rubem ALVES. *Dogmatismo e Tolerância*. p. 124

crisandade,³ mantido até então em terras tupiniquins pelo catolicismo do período colonial. A partir disso, surgem duas teorias que tentam explicar a inserção protestante: a primeira defendida por Jean Pierre Bastian é associativa. Defende que o protestantismo aparece como uma necessidade à realidade latino-americana e brasileira, devido ao momento político-econômico-ideológico que o país experimenta. A segunda teoria, defendida por Waldo César, é a teoria conspirativa, onde o protestantismo aparece como fruto de uma ingerência externa.

Enquanto ideologia, no caso da primeira teoria, o discurso protestante tem vigor até à urbanização da nação. Depois caduca, pois perde, como diz Alves, parafraseando Paul Tillich, “(...) o poder criador para vitalizar uma civilização”.⁴ Cede seu lugar ao pentecostalismo ou tem que aderir as suas práticas e propostas. Por isso as denominações, atualmente, sofrem de crise de identidade e possuem obsessão por preservar a tradição recebida pelos primeiros missionários.

Enquanto instituição eclesiástica, por sua vez, o que se aproxima mais da segunda teoria, o protestantismo naufraga. Um exemplo é que logo na introdução do livro *O Celeste Porvir*, Mendonça aponta para o fato de o protestantismo ser algo exótico diante da realidade cultural brasileira, que não causa impacto na sociedade brasileira.⁵ Em outras palavras, por confundir a cultura brasileira com o catolicismo, que no caso, era o inimigo a ser combatido, os missionários desconsideram que não podemos pensar ou falar a respeito de religião sem observar os padrões culturais sob os quais ela existe, ou mesmo conceber a religião completamente dissociada de uma dada cultura. Ocorre apenas um transplante eclesiológico, que mantém todos os contornos culturais-ideológicos de seus representantes.

Como resquício desta compreensão da cultura, ou falta dela, por parte dos herdeiros do protestantismo de missão, desde os primeiros protestantes brasileiros até às igrejas evangélicas que representam este protestantismo, temos que o ser protestante no Brasil significa duas coisas: a primeira é não ser católico. E a isto está somada toda a ética puritana e a cosmovisão dicotômica da vida. E, segundo, consequência da primeira, não estar ligado ao “mundo”, e mundo aqui compreendido como todas as práticas culturais que, de uma forma ou outra, simbolizam o catolicismo. O que fica é uma inadequação à realidade cultural brasileira.

³ Riolando AZZI. *A Crisandade Colonial: mito ou ideologia*. p. 27

⁴ Rubem ALVES. *Dogmatismo e Tolerância*. p. 136

⁵ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p. 15

Dentro desta perspectiva, ser protestante é algo bem próximo a deixar de ser brasileiro. É “desculturar-se”. Mendonça fala em contra-cultura, causa de estranheza e até de perseguição.⁶

Sempre surgem, entretanto, figuras dissonantes, pois nem sempre um protestante pode ser enquadrado dentro deste paradigma. Este é o caso de José Manoel da Conceição⁷. Já possuíamos conhecimento deste, que foi o primeiro pastor brasileiro, dentro do protestantismo missionário, mas quando da leitura de um artigo de Márcio Gimenes de Paula na revista *Nossa História*⁸ nos aproximamos mais e percebemos a importância desta figura. Diz ele:

Mais do que uma mera biografia, sua história revela uma importante faceta da implantação do protestantismo no Brasil e do panorama religioso do Império. (...)

Embora o legado de Conceição seja fundamental para a história das idéias religiosas no Brasil, seu pensamento é ainda muito pouco estudado. Suas obras completas (cartas, sermões e relatos) nunca foram publicadas, nem mesmo pelos presbiterianos. Com exceção de pequena – e antiga – biografia escrita por Boanerges Ribeiro em 1948 (*O Padre Protestante*), poucos estudos foram feitos sobre ele. Tais fatos parecem provar que seu pensamento era difícil de ser assimilado tanto pelo catolicismo de sua época como pelo protestantismo, afinal, para uma concepção de religião forjada numa outra pátria – os Estados Unidos – e num ideário de progresso liberal, parece difícil compreender o pensamento do primeiro pastor protestante brasileiro. O legado de Conceição parece estimular, na verdade, a criação de um protestantismo genuinamente nacional e, ao mesmo tempo, aberto a uma confluência dos princípios protestantes e católicos.⁹

O objetivo de nossa dissertação é o desafio expresso pelo título que a ela demos: *Ser protestante sendo brasileiro*. Para que o texto viesse a se concretizar foi preciso que fizéssemos escolhas conscientes. Escolhemos Conceição como objeto de estudo devido ao fato deste personagem viver, a nosso ver, uma situação histórica ímpar, a saber, a inserção do protestantismo de Missão no século XIX, sendo, ao mesmo tempo, expressão da realidade cultural brasileira e tendo atuado como padre. Assim, mergulharemos em pleno Brasil monárquico, e, ao mesmo tempo que fazemos uma leitura da inserção protestante, estaremos verificando a relação entre religião e cultura no Brasil desse momento, a partir da vida de Conceição, ou seja, como o protestantismo foi recebido por um representante da cultura nacional.

⁶ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *Hipóteses sobre a Mentalidade Popular Protestante no Brasil*. p. 111

⁷ Optamos por substituir, ao longo do texto, o nome de José Manuel da Conceição por Conceição.

⁸ Marcio Gimenes de PAULA. *O Padre que virou pastor*. *Nossa História*. p.26-28.

⁹ *Ibid.* p. 27-28

Considerar a figura de Conceição é considerar não só a história da vida de alguém que participou do momento a que estamos nos referindo, mas observar a influência direta que ele teve na inserção/recepção do protestantismo no Brasil. Mais do que fazer parte de uma denominação protestante específica, que no caso era o presbiterianismo, este homem representou para além de sua “religião”, um símbolo da possibilidade de um protestantismo genuinamente brasileiro, enraizado nos ensinamentos reformados, mas preocupado e respeitoso à cultura do povo. De outra feita, como ex-padre, nos serve de norte na compreensão do catolicismo em que estava inserido.

Seus escritos não foram todos catalogados.¹⁰ O que temos dele são biografias.¹¹ Estas nos orientaram no recontar da vida de Conceição e nos apresentam algumas citações do próprio. Entretanto, temos alguns textos de autoria de Conceição publicados em jornais da época. São eles que aqui consideraremos em nossa busca de compreensão de seu pensamento. Tais textos são: um testemunho público de sua fé reformada – *Profissão de Fé Evangélica*¹²; um relatório pastoral – *O Brasil carece da pregação do Evangelho?*¹³; e também alguns sermões publicados na *A Imprensa Evangélica*¹⁴.

Colocamos como extensão ao título da dissertação: *uma leitura “tillichiana” da vida e escritos do pastor José Manoel da Conceição*. Isto indica a escolha que fizemos de Paul

¹⁰ Informamos que os escritos que conseguimos pesquisar tiveram sua grafia atualizada.

¹¹ Existem algumas biografias de Conceição. Duas são de autoria de Boanerges Ribeiro: *O Padre Protestante e José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. Uma biografia, ainda que tenha sido publicada sem autoria, é tida como de Joaquim Monte Carmelo, um frei beneditino e amigo bem próximo de Conceição: *O Padre Conceição e a Igreja*. Uma outra é do Major Fausto de Souza, que teve contato com Conceição nos últimos minutos de sua vida. Foi tão impactado pela figura do ex-padre que publicou uma breve biografia: *Ex-padre José Manoel da Conceição*. Uma outra é de Vicente Themudo Lessa, *Padre José Manoel da Conceição*. Uma mais recente, publicada em 2002, é *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*, de Wilson Santana Silva. Há também um texto de vários autores sob o título *José Manoel da Conceição: o primeiro pastor brasileiro*, resultado do colóquio Raízes do Presbiterianismo no Brasil.

¹² A respeito deste texto Léonard assim escreve: “(Conceição) Escreveu então uma Profissão de fé evangélica onde narra suas lutas espirituais, num estilo convulsivo e ardente, uma das mais belas obras da mística protestante. Protestante pelas experiências e afirmações dogmáticas nas quais repousa, guarda ela profundamente, entretanto, o tom da literatura espiritual e da piedade católica. Neste ponto, como veremos, é o espelho fiel de seu autor”. Émile G. Leonard. *O Protestantismo no Brasil*. p. 58

¹³ Os dois relatórios pastorais de Conceição fazem parte coleção organizada pelo pastor presbiteriano Modesto P. B. de Carvalhosa. Reproduzimos ambos nos Anexos 3 e 4. Os relatórios dos missionários também compõem tal coleção. A publicação de três relatórios foi feita pela *Imprensa Evangélica* em março de 1881: *O Brasil carece da Pregação do Evangelho?*, de autoria de Conceição; *Os meios próprios para plantar o reino de Jesus Cristo no Brasil*, de autoria do missionário Asbhel Green Simonton; e *Algumas considerações sobre os obstáculos ao progresso do evangelho no Brasil*, do também missionário Alexsander Lattimer Blackford.

¹⁴ Temos a certeza de que muitos outros sermões de Conceição foram publicados e vários são os artigos que compuseram o jornal *A Imprensa Evangélica* que, como veremos, ele ajudou a criar junto com Simonton e Blackford. Entretanto, saíram como matéria da redação e, portanto, não há autoria. Indicar quais seriam os de Conceição poderia nos levar a cometer alguns equívocos. Optamos então pelos textos de autoria confirmada: *A devoção doméstica*, 24 jan. 1880; *Ilustração*, 21 fev. 1880; *O Evangelho*, 20 mar. 1880; *A Última Ceia do Senhor*, 24 jul. 1880; *A Verdadeira Virtude*, 04 set. 1880.

Tillich¹⁵ como referencial teórico e metodológico, pois, como veremos, a reflexão deste teólogo representa a possibilidade de uma leitura teológica da cultura numa situação histórica específica, como a de Conceição, que é o nosso caso.

A tese central da filosofia da religião proposta por Paul Tillich é: “A religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião”.¹⁶ Sua tarefa magistral não foi ter descoberto isso, mas destacar a pertinência da relação entre religião e cultura, ou para usar um termo tillichiano, a intrínseca correlação entre ambas. Em outras palavras, o que ele faz é nos alertar para o fato de não podermos pensar ou falar a respeito de religião desconsiderando os padrões culturais sob os quais ela existe.

A partir de tal perspectiva é que surge, então, a Teologia da Cultura ou a possibilidade de uma leitura teológica da cultura. A proposta de uma análise da abertura de uma cultura ao Incondicional, num momento histórico específico, gera a possibilidade de tipologizá-la. É a partir da Teologia da Cultura também que surge o conceito de “Princípio Protestante”. Este nos serve, conforme indica Higuier, como instrumental análise. E, no caso da leitura da vida e dos escritos de Conceição, como indispensável.

Tillich, na sua busca por uma leitura teológica da cultura, vai possibilitar uma leitura protestante da história. O que está sendo considerado é uma filosofia da história e o valor da teologia como ciência analítica. Seguindo os apontamentos deste autor, indicamos então a não intencionalidade de um trabalho objetivamente historiográfico. Levaremos em consideração o seguinte:

Ninguém escreve história a partir de um “lugar acima de todos os lugares”. (...) Toda historiografia depende tanto de ocorrências reais quanto de sua recepção por

¹⁵ Textos que apresentam a biografia e o pensamento de Tillich que merecem ser destacados: Carlos Eduardo B. CALVANI. Paul Tillich – aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos. In.: MARASCHIN, Jaci (ed.). *Estudos de Religião* nº 10 (Paul Tillich: Trinta anos depois – Introdução à Teologia Sistemática). São Bernardo do Campo, Ciências da Religião/IMS, julho de 1995; Cláudio de Oliveira RIBEIRO. Teologia no Plural: fragmentos biográficos de Paul Tillich. *Correlatio* nº 3. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, abril de 2003. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_03/a_ribeir.htm>, acesso em: 10 dez. 2006; MUELLER, Enio Ronald. Paul Tillich: vida e obra. In.: Enio R. MUELLER & Robert W. BEIMS (orgs.). In.: *Fronteiras e Interfaces. O pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: EST. 2005; MONDIN, Battista. *Os Grandes teólogos do Século XX*. Tradução de José Fernandes. Reedição. São Paulo: Editora Teológica, 2003; GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Edições Loyola, 1998; GRENZ, Stanley J. & OLSON, Roger E. *A Teologia do Século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. Tradução de Suzana Klassen. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã. Dois textos, considerados importantes comentários tillichianos são: PAUCK, Wilherm & PAUCK, Marion. *Paul Tillich: his life and thought*. Vol. I. London: Collins, 1977; ADAMS, James Luther & MIKELSON, Thomas J (ed). *The Thought of Paul Tillich*. San Francisco, Harper & Row, 1985.

¹⁶ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p.18

parte de uma consciência histórica¹⁷ concreta. Não existe história sem ocorrências factuais, e não existe história sem a recepção e interpretação das ocorrências factuais pela consciência histórica.¹⁸

Há, portanto, objetividade e subjetividade intrínsecas nesta tarefa. Mais do que pesquisar alguns fatos do passado, nos interessa alcançar uma interpretação. Portanto, fazemos escolhas e aqui optamos por uma interpretação teológica da cultura de um momento histórico específico de modo a contribuir para uma história das idéias religiosas no Brasil.

Não por acaso, mas consciente desta interpretação teológica, seguimos a indicação de Calvani:

Qualquer tentativa teológica séria que pretenda interpretar movimentos culturais ou mesmo a cultura como um todo deve necessariamente levar em consideração a obra de Paul Tillich. (...) Apesar da óbvia diversidade de temas sobre os quais escreveu (ética, história do pensamento cristão, socialismo, ontologia, arte, ciências etc.), há um nítido fio que perspassa todos esses assuntos: a dimensão religiosa de toda cultura, revelada pela filosofia, pela política, pela arte e pela religião próprias de cada sociedade no decorrer de sua história.¹⁹

A vida de Conceição é então, a nosso ver, a possibilidade de compreender, na relação que este homem teve tanto com o catolicismo como com o protestantismo, até que ponto ambos eram, ou não, passíveis de serem enquadrados dentro de uma perspectiva teônoma. De outra forma, é possível também verificarmos como a cultura brasileira daquele momento pode ser classificada segundo a tipologia fornecida por Tillich.

O primeiro capítulo surge então como exigência de uma apresentação da Teologia da Cultura. Como nosso objetivo é propor a Teologia da Cultura como possibilidade hermenêutica, buscaremos pelos conceitos nela contidos que nos auxiliem a fazer uma leitura da vida e escritos de Conceição. A categoria central, no nosso caso, é a do “Princípio Protestante”, possibilidade de uma interpretação protestante da história.

No segundo capítulo, com este instrumental de análise, analisaremos, num primeiro momento, a formação familiar, acadêmica e religiosa de Conceição. Perscrutaremos os contatos que teve com imigrantes protestantes e também as influências que recebeu destes.

¹⁷ Tillich argumenta na Introdução à Parte 5 de sua Teologia Sistemática que há a ‘história natural’, que é a dimensão histórica que ocorre a toda processo da natureza, mas ‘história’ emprega-se somente à história humana, uma vez que os seres humanos são os portadores de uma consciência da história. Paul TILLICH, *Teologia Sistemática*, pp. 735-737

¹⁸ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 739

¹⁹ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 21

Num segundo momento indicaremos sua atividade como sacerdote católico como uma luta contra a heteronomia romana. Conceição, considerado por todos como padre protestante, nesta caminhada enfrenta várias crises. O ápice que encerra o capítulo é uma delas, no ano de 1863, quando ele desacredita de uma possível reforma espiritual do catolicismo e encontra-se com um representante do protestantismo de Missão.

O terceiro capítulo aponta a “conversão” de Conceição ao Protestantismo. Religião que, a princípio, ele considera como uma possível salvação para seu povo. Tanto que é ordenado ministro evangélico. Como não havia um método definido de ação por parte dos missionários, Conceição propõe o seu. Sai em peregrinação pregando pelo sudeste brasileiro o que acredita ser a reforma que seus concidadãos necessitavam. Deixa isso registrado em vários escritos. Entretanto, logo descobre que a mensagem dos missionários, com ares de teonomia, mesclados com a exigência de uma autonomia, nada mais é do que uma nova heteronomia. Conceição, em novas crises, rompe também com os missionários. Na sua busca por teonomia, em peregrinação, pelas estradas empoeiradas, busca por momentos *kairóticos*.

CAPÍTULO 1. UMA LEITURA TILLICHIANA

1.1. A Teologia como possibilidade hermenêutica

As análises científicas geralmente buscam um método “neutro” ou “objetivo”, como se um ateísmo metodológico fosse realmente possível. As análises científicas da religião rumam por um caminho semelhante. Entretanto, há um momento no qual a pesquisa, considerando a si mesma possuidora de caráter empírico, parece perder a percepção de um “mais além”. Não é difícil verificarmos uma pobreza cognitiva na epistemologia atual, demonstrando a carência de um “tato” em muitas abordagens. Tillich²⁰, no século passado, já indicava isso da seguinte maneira: “Há objetos para os quais o assim chamado método “objetivo” acaba sendo o menos objetivo de todos, porque se baseia na falta de compreensão da natureza de seu objeto. Esta observação aplica-se especialmente à religião”.²¹

Tal afirmativa faz parte de um texto produzido num período amadurecido de suas reflexões, entretanto, desde o início de sua atividade acadêmica, tais questões já são de seu interesse. Exemplo disso é o texto *Über die Idee einer Theologie der Kultur*²², datado de 1919, palestra proferida num encontro da Sociedade Kantiana Berlinense.

²⁰ Apesar de termos optado por não apresentar uma biografia deste autor, uma vez que fugiria do cerne de nosso interesse, cremos como válido fazer alguns apontamentos sobre ele: Paul Johannes Oskar Tillich nasceu em 20 de agosto de 1886, perto de Berlim, em Starzeddel. Era protestante e desde cedo se interessa por teologia e filosofia, tanto que suas principais atividades foram: pastor luterano, atuando como capelão na primeira guerra mundial, e professor universitário. Desse cargo é o primeiro professor não judeu a ser demitido pelos nazistas. Por conta da II Guerra, rumo para os Estados Unidos, atuando lá como professor em seminários teológicos. Sua contribuição à teologia do século XX está na sua Teologia da Cultura e também em sua maior obra: Teologia Sistemática. Como filósofo é interessante destacarmos suas reflexões ontológico-existencialistas, bem como sua filosofia da religião. Morre em 22 de outubro de 1965, vítima de um ataque cardíaco.

²¹ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p.13

²² Este texto é um dos primeiros produzidos por Tillich, entretanto é referência para entendermos a Teologia da Cultura. Uma tradução possível para o título é: *Sobre a Idéia de uma Teologia da Cultura*. Tivemos aqui acesso à versão inglesa: *On The Idea of a Theology of Culture*. In.: Paul TILLICH. *What is Religion?* New York: Harper & Row Publishers, 1969 e também a versão em espanhol deste material: *Sobre la Idea de una Teologia de la Cultura*. in.: *Filosofía de la Religión*. Buenos Aires: Megápolis/La Aurora, 1976. Esse texto é o texto base para entendermos a Teologia da Cultura de Tillich. Nele estão presentes os principais conceitos que aparecem nas reflexões e obras de nosso autor ao longo de toda sua atividade intelectual.

Nesse texto Tillich faz um contrabalanço entre as ciências empíricas e aquilo que ele intitula de ciências culturais sistemáticas. As ciências empíricas, diante da abordagem de um objeto, diz o autor, consideram a necessidade da superação do ponto de vista particular do cientista ou investigador. Busca-se a supressão da subjetividade. A respeito da abordagem que estas realizam ele aponta: “A realidade é o critério mediante o qual se mede o correto e o errado, e a realidade é uma e mesma para todos. Entre duas afirmações que se contradizem entre si, uma das duas deve ser a correta, a menos que ambas estejam equivocadas. O progresso da experiência científica é que decidirá a questão”.²³ (tradução nossa)

Por outro lado, para as ciências culturais sistemáticas, acontece o inverso, pois o “ponto de vista do pensador sistemático é parte integrante da matéria que ele mesmo estuda”.²⁴ O cientista não só percebe a cultura, faz parte dela e também cria cultura. Portanto, não há, segundo Tillich, validade nas alternativas correto ou incorreto. Se considerarmos que o objeto é um recorte da realidade e o método é um elemento da própria realidade, não há como considerarmos este último, diria Tillich, como uma “‘rede indiferente’ com que se prende a realidade, mas um elemento da própria realidade”.²⁵ Assim, o processo metodológico, na verdade, é um instrumento hermenêutico. Trata-se de uma leitura que não tem a obrigação de demonstrar “verdades”, mas abordar objetos de pesquisas, na busca de compreensão, a partir dos mais variados prismas. No fundo, toda abordagem, mesmo aquela intitulada objetiva, é uma leitura hermenêutica.

Alguns anos depois, em 1923, Tillich escreve o artigo *System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden*²⁶. A partir deste texto, de maneira mais estruturada, busca estabelecer distinções entre as ciências. O texto, na verdade, é um esforço para assegurar um lugar para a teologia entre as ciências modernas. Desta forma, para alcançar seu objetivo, categoriza as ciências em três grupos:

1. *Ciências do Pensamento*, ou as ciências do puro pensamento. A atividade humana de raciocinar. Neste grupo ele coloca disciplinas como a lógica e a matemática;

²³ Paul TILLICH. *Filosofía de la Religión*. p. 155.

²⁴ *Ibid.* p. 155.

²⁵ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 74

²⁶ A tradução para este título pode ser: *Sistema das Ciências segundo Objetos e Métodos*. Há um comentário ao artigo de Tillich de autoria de Ronald W. Beims onde ele apresenta, de forma sintética e esclarecedora, a argumentação tillichiana. A referência completa é: BEIMS, Ronald Walter. O Sistema das Ciências. In.: MUELLER, Enio & BEIMS, Robert (Orgs). *Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. pp. 99-119. Observamos que não tivemos acesso ao artigo original e aqui seguimos as informações apresentadas por Beims em seu comentário.

2. *Ciências do Ser*, onde ele considera o puro ser. Dentro destas há três subdivisões: a) a realidade física, da qual derivam disciplinas como a física, a química, a astronomia, etc; b) a realidade histórica, onde encontramos a antropologia, a etnologia, a lingüística, etc; e c) a realidade orgânico-técnica, composta pela biologia, a psicologia, a sociologia e as ciências técnicas, como engenharia, medicina, pedagogia, etc;

3. *Ciências do Espírito*, onde ele compreende espírito como pensamento vivo e existente. É nesta que há, por parte do cientista, uma relação singular com o objeto. Trata-se de uma consciência espiritual que alcança sistematização. A filosofia e a teologia são exemplos disso. Portanto o objetivo deste grupo é o sentido, a busca por descrever as relações de sentido.

Com as ciências do espírito Tillich está corroborando aquilo afirmado no texto de 1919, de que as ciências culturais sistemáticas são ciências. Ciências hermenêuticas. A partir desta perspectiva, a conclusão é de que a teologia, considerada antes da idade moderna como a rainha das ciências, mas destronada desde então, pode aparecer como viável em uma análise científica, desde que considerada como o “ramo normativo do conhecimento que se ocupa da religião”.²⁷

1.1.1. A leitura que a teologia proporciona

Aqui no Brasil, ainda considerada apenas como discurso sistemático de confissão religiosa, a teologia está restrita aos ambientes eclesiais ou às instituições de ensino ligadas a estes. Nos meios acadêmicos por sua vez, a teologia está buscando afirmação. Só que esta não é uma tarefa fácil. Um autor que tem discutido o lugar desta disciplina em programas de Ciência da Religião é Etienne Alfred Higuier. Tendo Tillich como norteador, no artigo *A teologia em Programas de Ciências da Religião* diz que para a produção científica é preciso:

(...) complementaridade, dialética, inter- e transdisciplinaridade dos métodos e dos conteúdos. (...) Na realidade, olhar externo e olhar interno, dimensão explicativa e

²⁷ Paul TILLICH. *Filosofia de lá Religión*. p. 184

dimensão compreensiva ou hermenêutica se completam em todas as análises da religião, em proporções variáveis. O estudo exclusivamente empírico tende a abordar a religião a partir do que ela não é, privilegiando elementos externos como funções e instituições sociais. A metodologia precisa dar conta do “resquício mítico” da religião, do seu referencial à transcendência como aspecto central e incontornável do fenômeno religioso.²⁸

A partir daí ele afirma a teologia como uma disciplina, ou uma abordagem que oferece contribuição numa perspectiva interdisciplinar. A teologia, não só pode, mas precisa e deve ser considerada como epistemológica e metodologicamente viável. Ela deve “(...) funcionar como uma das múltiplas abordagens ou aproximações a um mesmo objeto: a religião ou o religioso, sem afirmar necessariamente que ela seria uma ‘ciência’ da religião”.²⁹

Trata-se aqui da valorização da tarefa hermenêutica da teologia e da compreensão de não ser preciso abandonar radicalmente a teologia, para que um trabalho acadêmico surja, devido ao seu caráter racional.³⁰ Assim, a leitura que a teologia proporciona, além de ser uma leitura válida, se apresenta como capaz de, como diz Higuët:

(...) retraduzir a experiência em outras linguagens, a fim de produzir “efeitos de sentido” e compreensão, até alcançar a “saturação” provisória de sentido (...), sem pretender controlar ou normatizar arbitrariamente o imaginário religioso. Podemos imaginar, desse modo, além de uma teologia discursiva argumentativa ou especulativa, também uma teologia iniciática ou mistagógica, uma teologia-poema, uma teologia-romance, uma *teologia historiográfica narrativa*, uma teologia-arte (no campo da música, remetemos às grandes “Paixões” e cantatas de Johan Sebastian Bach), uma teologia “midiática” e até uma teologia-bricolagem, que produziria arranjos significativos de sons e palavras, gestos e imagens. Só as expressões da experiência, não sua fonte inalcançável, podem ser traduzidas em teologia, assim como o arranjador organiza uma música que não criou.³¹

1.1.2. Tillich e a importância de sua Teologia da Cultura para nosso trabalho

²⁸ Etienne Alfred HIGUET. *A teologia em Programas de Ciências da Religião*.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 67-74

³¹ Etienne Alfred HIGUET. *Op. Cit.*

Dentre os teólogos cristãos deste último século, Tillich aparece como referência devido a sua inter e transdisciplinaridade.³² Numa abordagem que leve em consideração a relação religião e cultura então, desconsiderá-lo, devido a sua Teologia da Cultura, não é uma atitude das mais sábias. Entretanto, não há ingenuidade de nossa parte na aproximação ao pensamento desse autor, e reconhecemos que será preciso fazer adaptações para alcançarmos nossos objetivos. Consideramos a proposição de Calvani:

Reconhecemos que seu esforço estava condicionado à preocupações de uma intelectualidade norte-atlântica às voltas com o problema da secularização. Criticamo-lo também a partir da dúvida pós-moderna quanto a toda pretensão sistêmica, oni-abrangente. Porém, mesmo não aceitando tudo, reconhecemos que muitas de suas colocações são, no mínimo provocativas. É impossível ler Tillich e não nos sentirmos desafiados intelectualmente a dialogar com ele, mesmo que no final cheguemos a resultados diferentes.³³

De forma bem direta, o que pretendemos lendo e considerando Tillich é utilizarmos de sua Teologia da Cultura como uma chave hermenêutica possível que nos permita compreender a vida e os escritos do primeiro pastor protestante brasileiro, o ex-padre José Manoel da Conceição, sua preocupação fundamental e seus conflitos tanto com o catolicismo, que recebeu e do qual participou, como com o protestantismo, com o qual teve contato inicialmente por meio dos imigrantes e depois por meio dos missionários norte-americanos. Com isso, pretendemos dar forma a uma teologia historiográfica narrativa, lançando mão de alguns conceitos centrais de Tillich para interpretar a vida e os escritos do padre protestante e primeiro pastor brasileiro.

Conceição representa não apenas um indivíduo que participa de uma determinada instituição religiosa, seja o catolicismo, enquanto foi padre, ou o protestantismo, enquanto pastor presbiteriano, mas sim, um brasileiro que participou de um momento histórico

³² Há uma autobiografia de Tillich que ele intitula *On the Boundary* (Na fronteira, ou no limite). Isso indica, nas palavras do próprio autor: “ ‘O limite é o melhor dos lugares para adquirir conhecimento’ . Quando me pediram para que relatasse de que maneira tomaram corpo minhas idéias a partir da minha própria vida, pensei que o conceito de limite poderia constituir-se em símbolo adequado para toda a minha evolução pessoal e intelectual. Isto devido a manter-me quase sempre entre possibilidades alternativas de existência, sem sentir-me completamente cômodo em nenhuma delas e sem adotar uma posição definida contra nenhuma. (...) Tal disposição em sua tensão correspondente têm sido fatores determinantes em meu destino e em minha obra. (tradução nossa). Paul TILLICH. *Teología de la cultura y otros ensayos*. p. 217 Assim, a fronteira significa não apenas o espaço-limite entre várias disciplinas (limite entre dois ou mais “universos” revelando, desta forma, um rico e complexo pensamento, pois multi e interdisciplinar), mas também a interface fecunda entre as mesmas.

³³ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Paul Tillich – aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos*, p. 30

importante na história da religião cristã no Brasil: o catolicismo do período monárquico e a inserção do protestantismo. Para além disto, Conceição procurou desenvolver uma reforma de carácter espiritual para a cultura da qual fazia parte. Com esta tentativa acaba por enfrentar o catolicismo institucional propondo-lhe uma nova configuração. Diante de oposições e descrente de que mudanças ocorram dentro de sua ótica, ele vive “crises” e rompe com o catolicismo para aderir ao protestantismo de missão. Como integrante e representante nacional deste protestantismo procurou por um modelo novo para que essa “religião de estrangeiros” ganhasse contornos de um protestantismo inculturado e tivesse possibilidades de inserção no país no século XIX. Por isso não apenas biografia, pois há um bom número destas. Pretendemos entender a vida e escritos de Conceição como produções culturais revelatórias.

1.2. Sobre a Idéia de uma Teologia da Cultura

Em 1959 foi publicada uma obra de Tillich intitulada *Teologia da Cultura*. Não é uma sistematização de tal teologia, pois, na verdade, é uma compilação de artigos produzidos ao longo de sua vida que aplicam a teologia da cultura à análise de alguns temas. Interessante é a confissão que nosso autor faz logo na introdução:

Para mim é fonte de profunda satisfação poder dar a esta obra, quarenta anos depois, o mesmo nome da minha primeira palestra pública importante. Apesar de durante quase toda minha vida adulta ter sido professor de Teologia Sistemática, o problema da religião e da cultura ocupou sempre um lugar central entre os meus interesses. A maioria dos meus escritos – incluindo os dois volumes da Teologia Sistemática (*o terceiro ainda estava por ser finalizado*) – tentam definir o vínculo que existe entre o cristianismo e a cultura secular.³⁴

Tal apontamento feito por Tillich revela que a pertinência da relação entre religião e cultura sempre esteve presente, às vezes de forma clara, às vezes de forma subentendida, em suas reflexões. O texto de 1919 é o texto base que apresenta a Teologia da Cultura. Os conceitos centrais já estão aí presentes. Mueller indica o valor e importância do mesmo destacando que “Programático, é reconhecido como um dos seus textos mais importantes.

³⁴ Paul TILLICH. *Teología de la cultura y otros ensayos*. p.11

Como observa Palmer, ‘vários conceitos e temas aparecem pela primeira vez aqui’, como a tríade forma, conteúdo e substância profunda (*Form, Inhalt, Gehalt*); a referência ao expressionismo; e o termo ‘teonomia’, formando uma tríade junto com autonomia e heteronomia”.³⁵ A partir desse texto, mas considerando produções posteriores, que também tratem da Teologia da Cultura e seus conceitos, tentaremos demonstrar como se deu sua construção como método analítico, seus valores e limites, bem como sua utilização em nosso trabalho.

1.2.1. Buscando pelos conceitos utilizados pela Teologia da Cultura

Tanto a biografia como a produção acadêmica de Tillich são marcadas pela imagem de “fronteira”.³⁶ Mas, por mais difícil que seja enquadrá-lo em categorias, ele era um teólogo. E um teólogo que rompe com a ortodoxia e proclama que a tarefa teológica está para além das repetições e investigações de dogmas e verdades teológicas cristalizadas. Antes, é um autor que nos possibilita pensar que a teologia é atividade onde:

Para construir o seu discurso, entendido como retomada racional da fé ou da experiência religiosa, o teólogo procura a sua inspiração na cultura científica e filosófica e na herança da sua tradição religiosa, das quais ele não terá dificuldades em tomar emprestados termos, frases, contrastes e até arquiteturas conceituais. Todos esses elementos serão organizados de modo a interpretar para os leitores ou ouvintes o mundo humano enquanto “mundo de Deus”, isto é, um mundo que encontra o seu sentido radical num absoluto ou numa transcendência.³⁷

Há então em sua teologia o reconhecimento da pertinência da correlação entre religião e cultura. Para Tillich religião e cultura não são dissociáveis, antes, há uma relação de

³⁵ Enio Ronald MUELLER. Paul Tillich: vida e obra. In.: Enio R. MUELLER & Robert W. BEIMS (orgs.). Fronteiras e Interfaces. *O pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: EST. 2005 p.21

³⁶ Tillich ficou conhecido como pensador da “fronteira”. A expressão inglesa para tal intitulação é *on the boundary*. Tal expressão é título de uma autobiografia, onde ele define toda sua trajetória como uma vivência entre dois mundos. Isto indica que as reflexões se davam no limite entre as ciências.

³⁷ Etienne Alfred HIGUET. *A teologia em Programas de Ciências da Religião*.

pertinência entre ambas.³⁸ Ele considera que o fundamento de toda a cultura é religioso, onde religião não é uma esfera específica, mas profundidade de todas as funções humanas.³⁹ A tese de sua filosofia da religião é assim expressa: “religião é a substância da cultura; cultura é a expressão da religião”.⁴⁰ Segundo Dourley, com o apoio da ontologia e epistemologia, Tillich elabora um sacramentalismo universal,⁴¹ o que faz surgir a possibilidade de sua Teologia da Cultura. Quando esta pertinência não é visualizada ou considera-se a separação entre ambas, diz Tillich, é devido à existência alienada.

Santos, em um artigo intitulado Teologia da Cultura, inicia-o com a argumentação de que:

Mais do que reconhecer e relativizar fronteiras, Tillich soube conciliar territórios por elas delimitados. Entre estes territórios, a fronteira que talvez foi a mais determinante na obra de Tillich é a que atravessa entre religião e cultura. Em 1946 ele escreve um artigo intitulado Religião e Cultura Secular em que, logo de saída, constata a imposição aparentemente feita pelo próprio assunto, de que se o divida em duas partes. Uma parte deveria tratar exclusivamente sobre filosofia da religião e outra sobre filosofia da cultura, porque de uma ou de outra forma são assuntos entre os quais existe uma fronteira de especificidades e fins. Mas Tillich, aos seus sessenta anos de idade, renova diante desta aparente imposição a opção que o acompanha desde a juventude, de se situar ali, entre a cultura e a religião, desejando um saber acerca de ambas de modo reconciliador.⁴²

Por isso, filosofia e teologia são disciplinas que, na ordem de prioridade, ocupam o primeiro lugar nas reflexões tillichianas. Distingue filosofia e teologia não exatamente por seu objeto, uma vez que ambas procuram pela estrutura do ser e as categorias e conceitos que descrevem essa estrutura⁴³, mas na relação que estabelecem com o ser. Para a teologia importa não a realidade como tal, tarefa que cabe à filosofia, mas *a realidade para nós*. Assim, continuamos a citar Santos: “É nesta interface entre teologia e filosofia que Tillich concebe o que denominou de “teologia da cultura”, cujo conceito denota não meramente uma

³⁸ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 690

³⁹ Paul TILLICH. *Teología de la Cultura y Otros Ensayos*. p. 16

⁴⁰ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 18

⁴¹ John DOURLEY. *Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso*

⁴² Joe Marçal dos SANTOS. *A Teologia da Cultura*. p. 121

⁴³ Ênio R. MUELLER. *Paul Tillich: Vida e Obra*. p. 38

teologia aplicada à cultura, mas sim uma teologia contextual, que conserva no método o movimento próprio de um ‘logos encarnado’.”⁴⁴

Na época em que nosso autor reflete sobre tais questões, ele está, na verdade, recuperando a dimensão positiva da vivência religiosa, uma vez que afirma que a religião permeia todas as manifestações culturais.⁴⁵ Calvani assim considera: “A proposta de uma hermenêutica teológica da cultura foi extremamente original, na medida em que se direcionava na contramão de tendências que preconizavam o fim da religião ou sua superação nas sociedades industriais secularizadas”.⁴⁶

1.2.1.1. Teologia e cultura na compreensão de Tillich

A compreensão que Tillich possui de teologia não se limita ao que ele aponta em sua Teologia Sistemática. Teologia nesta obra é apresentada de maneira a atender às exigências e ao objetivo do seu sistema. Outros textos ajudam a ampliar a compreensão tillichiana de teologia. No texto que mais de perto nos interessa *Sobre a Idéia de uma Teologia da Cultura*, Tillich apresenta um conceito significativo do que compreende por Teologia. Para ele Teologia é “(...) a ciência concreta e normativa da religião. Este é o sentido do conceito utilizado aqui, e, em minha opinião, é o único sentido que serve de intitulação para ser usado em qualquer contexto acadêmico”.⁴⁷ (tradução nossa)

Desta forma, teologia não é ciência de “um objeto particular, que nós podemos chamar de Deus, ao lado de outros”,⁴⁸ (tradução nossa) pois ela considera como objeto o todo, ou seja, o mundo, a cultura, a sociedade como parte de sua sistematização. Dentro da perspectiva do sistema das ciências que Tillich desenvolveu, a Teologia é considerada como sendo Sistemática Teônoma. Teologia não é um conhecimento científico a respeito de Deus,

⁴⁴ Joe Marçal dos SANTOS. *A Teologia da Cultura*. p. 122

⁴⁵ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Momentos de Beleza*.

⁴⁶ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 67

⁴⁷ Paul TILLICH. *What is religion?*. p.157.

⁴⁸ *Ibid.* p. 157.

como se Deus pudesse ser colocado ao lado de outros objetos. Para Tillich, Deus⁴⁹ está para além da relação sujeito-objeto.

Não podemos também, segundo ele, confundir a teologia com uma “apresentação científica de um complexo revelado especial”,⁵⁰ como um corpo de doutrinas fixas. Esta interpretação encaminha para um supranaturalismo. Assim, teologia não é a descrição de um credo religioso, principalmente quando considerado como uma revelação especial a um indivíduo ou grupo específico. Isto acaba por cristalizar verdades teológicas elevando-as a um nível supra-humano, ao invés de encará-las como fruto de uma atividade interpretativa.

Teologia para Tillich é tarefa hermenêutica. É interpretação que o ser humano faz da própria existência.⁵¹ Como indica Santos: “Para a teologia importa não a *realidade como tal*, mas a *realidade para nós*”.⁵² Por isso o teólogo tem que ter em mente que a teologia que produz é uma teologia feita a partir de um ponto de vista. Deveras a necessidade de uma decisão existencial e do círculo teológico⁵³, evitando desta forma encarar a subjetividade presente no labor teológico como um problema. Desta forma a teologia é tarefa que exige um ponto de vista concreto para “(...) desenhar um sistema normativo de religião baseado nas categorias da filosofia da religião, no qual o ponto de vista individual seja relacionado com o respectivo ponto de vista da confissão, da história universal da religião e com o ponto de vista histórico-cultural geral”.⁵⁴ (tradução nossa)

A tarefa do teólogo é apresentar um sistema normativo, dando corpo a este a partir de três pontos de vista: o confessional, o da história teológica da religião e da história teológica da cultura. O primeiro caso indica que, em se tratando de um teólogo cristão, a “(...) teologia

⁴⁹ Para Tillich Deus não pode ser confundido com qualquer conceito formulado a respeito dele. Por isso o uso do termo Incondicional em sua Teologia para referir-se a Deus.

⁵⁰ Paul TILLICH. *What is Religion?* p. 157.

⁵¹ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 22

⁵² Joe Marçal dos Santos GONÇALVES. *Por uma Teologia da Imagem em Movimento*. p.11

⁵³ Estes dois termos são apresentados por Tillich na introdução de sua Teologia Sistemática para indicar pontos importantes na tarefa do teólogo. A Decisão Existencial é a consciência que o teólogo tem de estar inserido e reconhecer o conteúdo do círculo teológico, além da necessidade da experiência, mas que esta não seja a fonte de sua produção teológica, antes seja o meio pelos quais os conteúdos da teologia são existencialmente recebidos. O Círculo Teológico é o reconhecimento que o teólogo necessita ter de que está inserido dentro de uma perspectiva que fornece aspectos objetivos à teologia, como no caso de um teólogo cristão, as fontes possíveis para a sua produção teológica: como a Bíblia, a história da igreja e a própria cultura. No reconhecimento do conteúdo do círculo como preocupação última, surge um “a priori místico”, que é a consciência de algo que transcende a separação sujeito-objeto. A decisão existencial então não dispensa o teólogo dos aspectos objetivos, antes o situa no círculo teológico de forma correta ao lado do “a priori místico”.

⁵⁴ Paul TILLICH. *What is religion?* p. 158.

confessional trata da revelação nos textos normativos e nos símbolos do cristianismo”.⁵⁵ Esta noção de teologia é o que guia a Teologia Sistemática: “A teologia é a explanação metódica dos conteúdos da fé cristã”.⁵⁶ No segundo momento, podemos dizer, é a postura de Tillich no final de sua vida quando considera que é possível fazer teologia em diálogo com outras tradições religiosas. Isto é possível devido ao fato da revelação se dar para além do âmbito de uma religião específica. Mas, o que mais nos interessa, é o terceiro ponto de vista que possibilita a teologia da cultura. A teologia como busca de compreensão da vida por meio da própria existência, por meio da observação da abertura de uma cultura ao Incondicional.

A teologia enquanto tarefa hermenêutica, enquanto “interpretação que o ser humano faz da própria existência”,⁵⁷ (hermenêutica existencial) o faz a partir da cultura. Mas o que Tillich considera como cultura? Seguimos Calvani:

Em 1919, quando proferiu sua palestra-programática, Tillich serviu-se do único conceito disponível – *kultur* –, sem associá-lo, como era comum, ao *kulturprotestantismus*, tanto que evitou usar a expressão *Kulturtheologie* (algo próximo a “teologia cultural”), mais própria a Troeltsch e a todo o *kulturprotestantismus*, mas *Theologie der Kultur* – dando a entender que não seria uma teologia marcada pela pretensa superioridade sociocultural do protestantismo.⁵⁸

O termo *Kultur* no momento em que Tillich realiza suas reflexões é fruto do embate ideológico, no século XVIII, entre a nobreza alemã e um grupo de intelectuais. Os primeiros usavam o termo *Zivilisation*, advindo do pensamento iluminista (europeu em sua totalidade) de que o refinamento dos costumes é o valor máximo que deve ser, acima de tudo, valorizado. Desta forma, há uma separação radical entre as nobres ou superiores atividades e aquelas consideradas não cultas ou que não apresentam caráter civilizado. Os segundos, então, apresentam *Kultur* como a valorização da *Intelligentsia*, o desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas. Em outras palavras, possuir cultura é ser culto. O termo surge então com um caráter político.⁵⁹

⁵⁵ Paul TILLICH. *What is religion?* p. 71

⁵⁶ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p.45

⁵⁷ Etienne Alfred HIGUET. O Método da Teologia Sistemática de Paul Tillich. *Estudos de Religião* n.º 10. p. 39

⁵⁸ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 45

⁵⁹ *Ibid.* p. 42-43

A junção dos dois termos resultou naquilo que é geralmente compreendido com a concepção “clássica” de cultura – um processo de refinamento do comportamento, enobrecimento do espírito humano nas artes, no pensamento, na ciência, na organização social, na técnica e na religião, cujos progressos denunciam o caráter mais nobre e “superior” dos povos cultos ou civilizados, em contraste com aqueles cujo desenvolvimento espiritual ainda estaria em estágios primitivos.⁶⁰

Associar o termo *Kultur* à religião não é algo que surge em Tillich. Antes dele outros já o fizeram. Indicação disto é o termo *Kulturprotestantismus*. Um movimento de cunho teológico no qual podem ser inseridos nomes como o de Ritschl, Harnack e Troeltsch. É a “acomodação germânica da religião à cultura na forma do pietismo burguês e de certo desinteresse político que subtraiu do protestantismo seu fundamento crítico-profético”.⁶¹ Tratava-se da tentativa de moldar a cultura alemã dentro dos valores ético-morais burgueses do protestantismo de então. Buscava-se o refinamento dos costumes, desconsideração de toda e qualquer teologia da experiência e apoio ao sistema político e social.⁶²

Tudo isto para Tillich era fruto de um pensamento com alto grau de superioridade. Uma “(...) tendência derivada do idealismo que tentava dissolver a religião na cultura. Com efeito, a religião ficava inevitavelmente domesticada, tornando-se uma arma contra as outras culturas diferentes”.⁶³ Tillich desconsidera isto buscando de um lado a especificidade da religião e a autonomia da cultura. E é a partir daí que evoca o nascimento, não de uma teologia cultural, que valorizaria o *Kulturprotestantismus*, mas sim uma Teologia da Cultura.

Em Tillich *Kultur* ganha um significado diferenciado. Santos indica que cultura em Tillich é um “universo de sentido” – a cultura “(...) é a função da vida responsável pelo crescimento da dimensão do espírito através de uma assimilação constante dos conteúdos e das experiências do encontro do ser humano com suas situações concretas”.⁶⁴ Cultura e religião, para Tillich, são entendidas como parte da atividade do espírito humano, cuja função

⁶⁰ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB* p. 43

⁶¹ *Ibid.* p.44

⁶² *Ibid.* p. 45

⁶³ Antônio Almeida Rodrigues da SILVA. *Teologia da Cultura: a essência do Incondicionado nas multiformes expressões culturais*.

⁶⁴ Joe Marçal Gonçalves dos SANTOS. A Teologia da Cultura. in.: *Fronteiras e Interfaces*. p. 132-133

é a realização e a manutenção de significados⁶⁵, uma espécie de cultivo de significados. Daí a consideração do próprio Tillich:

Cultura (cultura, derivado de *colere*, cuidar de) significa cuidar de algo, mantê-lo vivo e fazê-lo crescer. Desta forma, o ser humano pode cultivar tudo o que encontra, mas, ao fazê-lo, ele não deixa inalterado o objeto que cultivou; cria algo a partir dele – materialmente, como na função técnica; receptivamente, como funções da *theoria*; ou reativamente, como nas funções da práxis. Em cada um dos três casos, a cultura cria algo novo para além da realidade encontrada.⁶⁶

Precisamos então compreender cultura dentro da perspectiva da filosofia da Religião de Tillich, que passa por uma filosofia do sentido. As palavras de Higuét recebem destaque:

Na época, Tillich definia a religião e a cultura no contexto de uma filosofia do sentido. Este é composto por dois elementos: o conteúdo ou teor do sentido (*Sinngehalt*) e a forma do sentido (*Sinnform*). A religião surge como a orientação para o conteúdo incondicionado do sentido – ao qual, às vezes, damos também o nome de Deus, e que se exprime nas formas condicionadas produzidas pela cultura. Contudo, a essência da religião permanece oculta atrás das aparências fenomenais e das expressões concretas. O conteúdo incondicionado manifesta a sua presença ao atravessar e quebrar as formas, de modo paradoxal. Além disso, é preciso distinguir diferentes níveis de sentido: o sentido concreto imediato inscreve-se, por sua vez, num contexto, numa totalidade ou num universo de sentido, que é o mundo cultural no qual vivemos.⁶⁷

Podemos afirmar que cultura para Tillich não é um conceito antropológico. Não é vista como teia de significado, como em Gertz. Nem tem o tom sociológico, o que em Troelstch, é possível ser notado. Para Tillich, cultura é a forma de manifestação do Incondicional. Cultura então são criações humanas perpassadas pelo Incondicional. Cultura desta forma, segundo Tillich, é a expressão da religião. Nisto notamos que nosso autor privilegia uma abordagem ontológica da cultura. E, considerando a cultura, como este conceito, é possível fazer uma análise de como esta está aberta e é reveladora do Incondicional.

⁶⁵ Tiago Daniel de Melo CARGNIN. *O Sacerdote dos Pampas – uma leitura da obra de Jayme Caetano Braun a partir da Teologia da Cultura de Paul Tillich*. p. 11

⁶⁶ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p.519

⁶⁷ Etienne Alfred HIGUET. *A Teologia “Apologética” da cultura de Paul Tillich: profundidade e superfície na busca do sentido*.

1.2.2. Para a construção da Teologia da Cultura

A teologia da cultura é então uma teologia construída tendo como base a Filosofia da Religião proposta pelo próprio Tillich: “religião é a substância da cultura; cultura é a expressão da religião”.⁶⁸ Esta é a sua tese central. A Filosofia da Religião de Tillich tem seu tom de novidade uma vez que busca trabalhar a questão do sentido último (aqui aparece uma filosofia do sentido) expresso nas produções humanas. Ênio Mueller assim destaca o valor desta:

No processo, Tillich revoluciona a própria concepção de filosofia da religião. Ele inverte o seu ponto de partida “normal”, que parte de conceitos, portanto do que é condicionado. Em Tillich ela parte da própria substância da religião, que em verdade se caracteriza pela sua resistência ao conceito. Ela parte do Incondicional. Parte de Deus, não da religião. No entanto, ela não se torna, por isso, teologia. Como filosofia que é, sua tarefa é analisar a estrutura formal e categorial da religião enquanto irrupção do incondicional dentro da realidade condicionada.⁶⁹

Já que a Filosofia da Religião é a base, qual seria a diferença entre essa e a Teologia da Cultura? A primeira é “(...) uma das ciências culturais (entendidas como ciências do espírito ou humanas) normativas cuja tarefa principal é estabelecer o que é religião (essência) em relação ao seu deve-ser (ética)”.⁷⁰ Ela apresenta como objeto passível de investigação a religião, compreendida como atos espirituais humanos. Já a Teologia da Cultura dirige seu olhar para a revelação manifesta nas multiformes expressões culturais.

Uma outra questão então que surge é a seguinte: Qual a tarefa da Teologia da Cultura? A resposta é o próprio Tillich quem aponta: “(...) ‘teologia da cultura’. Esta é uma tentativa de analisar a teologia que está por trás de todas as expressões culturais. Ela visa descobrir a preocupação última do fundamento de uma filosofia, de um sistema político, de um estilo artístico, de um conjunto de princípios éticos ou sociais. Esta tarefa é mais analítica do que sintética, mais histórica do que sistemática.”⁷¹

⁶⁸ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 18

⁶⁹ Ênio Ronald MUELLER. O Sistema Teológico. In.: *Fronteiras e Interfaces*. p. 69

⁷⁰ Tommy Akira GOTO. *O Fenômeno Religioso*. p. 112

⁷¹ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 55

Esta definição Tillich apresenta em sua obra *Teologia Sistemática*. Há uma distância temporal considerável em relação ao texto de 1919. Na *Teologia Sistemática* temos um Tillich que pode ser considerado um teólogo mais da igreja. Sabemos que, no momento em que produz tal obra, era desafio para ele a construção de um sistema teológico possível diante do mundo moderno e secularizado. Em outras palavras, Paul Tillich, em seu momento histórico, estava às voltas com o processo de secularização advindo da Revolução Industrial. A questão central que permeava a mente de nosso autor é de se a mensagem cristã faria sentido para o homem moderno. Teria o cristianismo algo a dizer para os seres humanos naquele momento? Teria validade a mensagem cristã? Ele acreditava que sim. Devido a tal perspectiva trabalha por uma teologia que seja ao mesmo tempo querigmática e apologética⁷². A partir daí vai além das propostas teológicas ortodoxas e propõe o Método da Correlação. Surge daí, então, a tentativa de demonstrar que a mensagem cristã pode ainda fazer sentido se responder às preocupações últimas humanas (*Ultimate Concern*).⁷³

O método da Correlação⁷⁴ é o método norteador da *Teologia Sistemática*. Este método busca explicar os conteúdos da fé cristã por meio de perguntas existenciais e de respostas teológicas em interdependência mútua⁷⁵. Essas perguntas existenciais são de base ontológica⁷⁶. Por isso a importância da filosofia no pensamento tillichiano. As respostas a tais perguntas são teológicas, utilizando os símbolos cristãos.⁷⁷

Nas palavras do próprio Tillich o método é assim apresentado:

⁷² Desta forma Tillich acreditava, como deixa claro nas primeiras partes de sua *Sistemática*, que sua teologia era uma tentativa de unir mensagem e situação.

⁷³ Tillich assim define Preocupação Última: “Nossa preocupação última é aquilo que determina nosso ser ou não-ser”. Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 31 ela está presente em todas as funções criativas do espírito humano.

⁷⁴ Em resumo, Tillich correlaciona o seguinte: perguntas implícitas na situação e resposta implícitas na mensagem.

⁷⁵ A busca de nosso autor é correlacionar perguntas e respostas, situação e mensagem, existência humana e manifestação divina. Desta forma objetiva não derivar as respostas das perguntas, eliminando assim uma apologética auto-suficiente; por outro lado, não elabora respostas sem relacioná-las com a situação, eliminando uma teologia querigmática auto-suficiente.

⁷⁶ Um texto que apresenta de forma satisfatória a questão da Ontologia no método e sistemática de Tillich é: Rui de Souza JOSGRILBERG. Ser e Deus – Como Deus é recebido, por revelação, em nossa experiência. *Estudos de Religião n.º 10*.

⁷⁷ Aproveitamos para indicar que os símbolos para Tillich têm lugar especial. Símbolo, como o sinal indica uma realidade fora dele mesmo, só que diferente do sinal, o símbolo, ao mesmo tempo em que indica, participa desta realidade. Na obra *Dinâmica da Fé* Tillich dedica algumas páginas discursando sobre os símbolos. Diz ele: “(...) nossas afirmações sempre têm significado simbólico, e os símbolos então usados mostram para além de si mesmos e têm participação naquilo que eles designam”. Paul TILLICH. *Dinâmica da Fé*. p. 34

Ao usar o método da correlação, a teologia sistemática procede da seguinte maneira: faz uma análise da situação humana a partir da qual surgem as perguntas existenciais e demonstra que os símbolos usados na mensagem cristã são as respostas a estas perguntas. A análise da situação humana é feita em termos que hoje chamamos de “existenciais”. Essas análises são bem mais antigas do que o existencialismo.⁷⁸

Lendo estas linhas, podemos e devemos, entretanto, considerar o que diz Calvani de que “todo o edifício teológico tillichiano é essencialmente uma teologia da cultura”.⁷⁹ Isto porque “(...) a análise da situação humana emprega materiais disponibilizados pela auto-interpretação criativa do ser humano em todos os âmbitos da cultura”.⁸⁰ Higuét afirma que o método da correlação substitui o termo “teologia da cultura”, pois o primeiro utiliza-se da filosofia existencial enquanto o segundo busca respostas teológicas na própria situação.⁸¹ Levando em consideração isto, é preciso correlacionar as partes para que o método de Tillich faça sentido – a cultura em contraponto com a religião.

O texto de 1919 foi produzido dentro do contexto alemão. Já a Sistemática é fruto do período nos Estados Unidos. Em sua produção inicial, a Teologia da Cultura tem valor central. Na sua tarefa de teólogo ela é o cerne de interesse e reflexão. Exemplo disto é um livro que Tillich produziu em 1926 onde aplica a Teologia da Cultura para análise de momentos históricos: *Die religiöse Lage der Gegenwart* (A situação religiosa do momento)⁸².

Devido à transferência para os Estados Unidos Tillich, como já dissemos passou para uma fase de sistematização de sua teologia. Como sua teologia sistemática busca responder à situação, e no caso de Tillich a secularização era a preocupação do momento, já não se pode simplesmente tentar penetrar a realidade. Desta forma a Teologia da Cultura na Sistemática é apresentada como um instrumento, uma maneira de verificação da situação de uma cultura, que venha fornecer subsídios para a tarefa maior de responder os desafios que são levantados por esta. Lemos então em Calvani:

⁷⁸ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 77

⁷⁹ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 21

⁸⁰ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 77

⁸¹ Etienne Alfred HIGUET. O método da Teologia Sistemática de Paul Tillich – A relação da razão e da revelação. *Estudos de Religião* nº 10. p.41.

⁸² Há um artigo onde Etienne Higuét trabalha este texto de Tillich: A Teologia “Apologética” da Cultura de Paul Tillich: profundidade e superfície na busca do sentido. *Correlatio* nº 8. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, outubro de 2006. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_08/etienne2.php>, acesso em: 10 dez. 2006.

A constatação dessa mudança é bastante evidente: a dialética entre religião e cultura que dominou seu pensamento na Alemanha é substituída na *Teologia Sistemática* pela dialética mensagem-situação. O pólo da mensagem é claramente entendido com a mensagem cristã, o Evangelho, o Kerigma; já o outro pólo da correlação – a situação – não é meramente a situação objetiva tal como pode ser descrita pelas ciências, mas a situação existencial, interpretada principalmente pelo existencialismo e representada nas artes de inspiração existencialista.⁸³

Temos de deixar claro o fato de, apesar de uma mudança em sua teologia, Tillich acredita que a substância religiosa ainda reside nas profundezas da cultura. Tanto que na sua Teologia Sistemática abre espaço para apresentar três princípios referentes à relação entre religião e cultura. Diz nosso autor que o primeiro é a “liberdade do Espírito”, onde o Espírito não está preso a uma instituição religiosa ou igreja, mas pode impactar como bem entende uma cultura ou mesmo o secular. O segundo princípio é a “convergência entre o sagrado e o secular”, pois não há uma dicotomia radical entre eles, antes ambos estão perpassados pela preocupação última, que para Tillich já é religião. E por fim o terceiro é a “pertença mútua essencial de religião e cultura”, pois a primeira não pode se expressar sem a cultura, e esta perde sua profundidade sem a ultimidade daquele que é último.⁸⁴

Não significa que a Teologia da Cultura no pensamento de Tillich perde seu valor, o que ocorre é um amadurecimento e uma adequação desta dentro da Teologia Sistemática: analisar a cultura buscando descobrir quais as questões humanas para que respostas cristãs sejam dadas. Tillich, que inicia sua atividade como teólogo da cultura ao agir como um teólogo da igreja, por causa da Sistemática, acaba por valorizar o método da correlação e passa a dar primazia a este. Mas limitar a Teologia da Cultura a esta tarefa não é aqui o nosso objetivo, antes buscamos resgatar os conceitos centrais para podermos fazer uma leitura de um momento histórico específico. Buscamos a Teologia da Cultura não como “apoio” ao trabalho de um teólogo sistemático, mas como atividade teológica criativa.

1.2.2.1. A tarefa da Teologia da Cultura

⁸³ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 65

⁸⁴ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. pp. 589-591

Na primeira parte do texto *Sobre a Idéia de uma Teologia da Cultura*, Tillich apresenta um conceito ampliado de religião, afirmando em seguida, a presença do Incondicional em toda a cultura. A conclusão é que a teologia não “(...) trata mais de ocupar-se de assuntos específicos de uma determinada religião, mas de estudar o conteúdo religioso de toda a cultura”.⁸⁵ A partir daí a tarefa da Teologia da Cultura começa a ganhar seus contornos.

Na palestra de 1919, Tillich defende que o Incondicional está sempre ativo e espera ser redescoberto além das fronteiras da comunidade eclesial. Descobri-lo é tarefa da teologia da cultura, que tem, portanto, o dever de identificar o conteúdo religioso ou a substância religiosa discernível em todas as esferas e criações da cultura. Assim, a teologia da cultura é concebida como um método de aplicação universal para averiguar em todas as manifestações culturais o Incondicional nelas ativo. É isso que a torna um critério religioso aplicável a todas as esferas culturais. Enquanto as demais ciências humanas refletem a partir das formas autônomas que constituem as várias disciplinas de seus objetos, a tarefa da teologia da cultura é refletir sobre a substância ou o conteúdo (*Gehalt*) presente nas várias esferas culturais, revelando seu sentido, seu significado e sua profundidade espiritual.⁸⁶

Tillich então apresenta alguns termos básicos para indicar que a cultura está relacionada à forma, enquanto a religião está relacionada ao conteúdo. A religião é reconhecida por ele como elemento fundamental (substância) de toda cultura, e a cultura, por sua vez, seria o elemento formal da dimensão religiosa.⁸⁷ Calvani assim aponta:

É a teologia da cultura que deve reconhecer as manifestações do conteúdo nos diferentes fenômenos culturais. A palavra que ele (Tillich) utiliza para falar de conteúdo é *Gehalt*, diferente de *Inhalt*. *Gehalt* é o conteúdo substancial, mais profundo que o conteúdo objetivo (*Inhalt*). *Inhalt* é a realidade objetiva em sua existência factual, enquanto *Gehalt* tem a ver com o sentido, a substância espiritual que dá sentido essencial a toda forma. Dessa forma, o *Inhalt* é acidental e, por isso, não é o nível que lhe interessa; já o elemento mediador do *Gehalt* para o *Inhalt*. A teologia da cultura, assim, se ocuparia propriamente do *Gehalt*, deixando o *Inhalt* e a forma para as demais ciências humanas ou exatas. (...) Assim, religião é vista com a orientação para o conteúdo incondicional do sentido, enquanto a cultura o é segundo a forma condicional do sentido.⁸⁸

⁸⁵ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 48

⁸⁶ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*, p.47.

⁸⁷ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Momentos de Beleza*.

⁸⁸ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 49

A partir de tal compreensão é que surge a possibilidade da teologia da cultura como tarefa do teólogo, o que significa a ampliação da tarefa do teólogo da igreja, como Tillich indica no seu texto de 1919. Aquele que produz uma teologia da Igreja tem diante de si, segundo nosso autor, duas possibilidades: agrupar todos os aspectos culturais debaixo da condição de mundano (ou profano) e confrontá-los com o “Reino de Deus”, que se realiza na Igreja (posicionamento visualizado principalmente no catolicismo); ou liberar a Igreja, o culto e a ética, e vê-los em suas relatividades, mas retendo laços cognoscitivos e a idéia de um conhecimento absoluto como revelação (postura protestante)⁸⁹. Independente de uma ou outra postura adotada, tais teologias, além de um caráter teleológico, são conservadoras e seletivas⁹⁰, buscando atender às exigências das instituições religiosas ou igrejas.

O desafio lançado por Tillich está no fato de alcançarmos uma terceira possibilidade: desenvolver uma teologia da cultura, que por si só já é mais livre, uma vez que está diretamente ligada ao movimento vivo da cultura, onde acontece a vida. Segundo Calvani, a tarefa da teologia da cultura é:

(...) penetrar nos subterrâneos espirituais da vida, de onde provê a arte, a religião, a economia, a filosofia, e mostrar que toda a cultura está prenhe de revelação, e que cabe ao teólogo da cultura fazer o parto, num exercício semelhante à maiêutica socrática. Toda realidade cultural e finita pode ser revelatória do divino e todo objeto criado pode se tornar símbolo da Realidade Última. A tarefa do teólogo da cultura é discernir essa profundidade religiosa em todas as atividades criativas humanas, mesmo as mais profanas e seculares.⁹¹

1.2.2.2. A ampliação do conceito de religião e a presença do Incondicional na cultura

Para esta tarefa da teologia o conceito de religião é ampliado por Tillich; ele passa a considerá-la não como uma função especial da vida espiritual do homem, mas como a dimensão de profundidade de todas as suas funções. Religião não é moralidade ética, nem conhecimento puro, não é estética ou arte, nem mero sentimento subjetivo. A religião não precisa procurar nestes lugares uma morada. Isto porque para Tillich ela está em casa em

⁸⁹ Paul TILLICH. *Filosofia de la Religión*. p. 181.

⁹⁰ *Ibid.* p.182

⁹¹ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 49

qualquer lugar. Ele discute estas questões que aqui apresentamos no texto *A Dimensão Religiosa na Vida Espiritual do Homem*. E aí apresenta sua conclusão:

Quando dizemos que a religião é um aspecto do espírito humano, estamos dizendo que se olharmos o espírito humano desde certo ângulo, ele nos apresenta como religioso. Qual é este ângulo? É o ângulo do qual podemos observar em sua profundidade a vida Espiritual do homem. A religião não é uma função especial da vida espiritual do homem, mas a dimensão de profundidade em todas as suas funções. (...) Que significa a metáfora de profundidade? Significa que o aspecto religioso para aquilo que na vida espiritual do homem é último, infinito e incondicional. Em sentido mais amplo e fundamental do termo, religião é preocupação última. E a preocupação última se manifesta em todas as funções criativas do espírito humano.⁹² (tradução nossa)

A situação de ter uma preocupação última é em si mesma religião. Daí, qualquer expressão cultural revela o Incondicional. Não há como se ausentar de sua face. Diz ele que “A religião é orientação para o Incondicional, e a cultura é a orientação para as formas condicionadas e sua unidade.”. Como tal, a religião não pode ser rejeitada. Diz Tillich: “(...) não existe dimensão alguma da vida que não se relacione a algo incondicional, a certa preocupação suprema. A religião, como Deus, é onipresente; sua presença, como a de Deus, pode ser negada, negligenciada ou esquecida. Está sempre atuando, provendo inexaurível profundidade à vida e infinito significado a todas as criações culturais”.⁹³ E continua: “(...) acaba-se a distância entre religião e cultura: religião é mais que mero sistema de símbolos, ritos e emoções, dirigidos ao ser supremo; é a preocupação suprema; o estado em que o ser humano, passa a ser tomado por algo incondicional, sagrado e absoluto. Dessa forma ela dá sentido, seriedade e profundidade à cultura e cria uma cultura religiosa própria a partir do material cultural já existente”.⁹⁴

Mas porque então as religiões institucionais? As religiões enquanto instituições surgem, segundo Tillich “(...) pelo trágico estranhamento que sofre a vida espiritual do homem com respeito a seus próprios fundamentos e profundidade”.⁹⁵ Todavia as instituições em si não são estruturas demoníacas, mas passam a ser no momento em que posicionam-se dentro daquilo que ele conceitua como heteronomia, a saber, passam a impor leis e normas

⁹² Paul TILLICH. *Teología de la Cultura y otros ensayos*. p.15-17

⁹³ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p.17.

⁹⁴ Paul TILLICH. *Ibid.* p. 87

⁹⁵ Paul TILLICH. *Teología de la Cultura y Otros Ensayos*. p. 17

sobre as funções culturais que, de alguma maneira, cerceiam sua autocriatividade. “Neste sentido, a heteronomia pode se manifestar em todas as esferas culturais e institucionais, e se manifesta onde uma forma de poder se absolutiza num ditame religioso”.⁹⁶ O conceito ampliado de religião surge, assim, a fim de evitar justapor a religião à outras funções culturais. Se justaposta, a religião ou é relativizada em seu caráter absoluto e incondicional, ou cria uma grande dificuldade para a própria cultura.⁹⁷ Na busca por evitar isto Tillich argumenta que a religião está fundamentada no Incondicional: “Não significa que o Incondicional esteja relacionado à realidade da existência, mas sim à realidade do sentido, do significado último e mais profundo, ou do “sentido do sentido”, o sentido último no qual se fundamenta todo sentido preliminar, imanente e formal de toda a cultura”.⁹⁸

O termo Incondicional é utilizado por Tillich ao longo de toda a sua produção teológica. Não se trata de uma definição teológica do Deus cristão. Ele o apresenta como uma qualidade e não como uma pessoa:

O termo “incondicional”, (...) refere-se ao elemento presente em qualquer experiência religiosa responsável pelo caráter religioso dessa experiência. Todos os símbolos religiosos do divino expressam certa afirmação incondicional. É o que se pode verificar de maneira muito acentuada no mandamento: “Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente”. Não se admite, neste caso, nenhum amor parcial, restrito, condicional a Deus. O termo “incondicionado”, ou a substantivação “o incondicional”, é a abstração de ditos como citado, que aparecem com frequência na Bíblia e na literatura religiosa clássica. Não se trata de um ser, mas de uma qualidade. Caracteriza nossa preocupação suprema e, conseqüentemente, incondicional, não importando se chamamos de “Deus”, de “ser”, do “bem”, da “verdade”, ou de qualquer outro nome. Incorreríamos em crasso erro se entendêssemos o incondicional como um ser cuja existência pudesse ser discutida. Só falará da “existência do incondicional” quem não entender o sentido do termo. Trata-se da qualidade experimentada no encontro com a realidade, por exemplo, no caráter incondicional da voz da consciência, tanto lógica quanto moral.⁹⁹

Na consideração tillichiana da religião não ser somente as instituições (igrejas no cristianismo) e, também, o fato do Incondicional estar ativo além de suas fronteiras, podemos dizer que, antes de afirmações de verdades teológicas e dogmas, a teologia para Tillich tem

⁹⁶ Joe Marçal Gonçalves dos SANTOS. A Teologia da Cultura. In.: Ênio MUELLER. *Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. p.125.

⁹⁷ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 47

⁹⁸ *Ibid.* p.48

⁹⁹ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p.63

caráter mediador. Ao ser operacionalizada a teologia deve levar em consideração que nenhuma forma de cultura deve se identificar com o Incondicional e, principalmente, evitar que esta tome o lugar do sagrado. Esse Incondicional assume diferentes formas na cultura humana, mas não se engessa nem se deixa aprisionar por elas.¹⁰⁰ Quando uma religião então assume tais características, de presumir possuir o divino ou o infinito, em outras palavras, apresenta-se na condição de absoluta, acaba sob ação demoníaca.¹⁰¹ Desta constatação é que Tillich alcança o conceito de Princípio Protestante. Tendo este como instrumental analítico é que a leitura da vida e escritos de Conceição, a que nos propusemos fazer, pode surgir.

1.3. A utilização da Teologia da Cultura na leitura da vida de Conceição

A partir de sua Teologia da Cultura Tillich indica a distinção entre Teologia da Igreja e Teologia da Cultura. Com isso acaba por gerar uma tensão entre o ser teólogo de cultura e ser teólogo de igreja. Os primeiros trabalhos tillichianos eram marcados, por um lado, pelo uso dos referenciais filosóficos e teológicos para a análise de uma comunidade cultural geral, mas, por outro lado, pelo fato de se tornar um ministro ordenado e capelão, sentiu a necessidade de adequar suas proposições às exigências e possibilidades do ambiente eclesial. Tillich enfrentou o desafio de desenvolver uma nova linguagem teológica que desse conta de interpretar a cultura geral e ainda permanecer fiel às comunidades das igrejas cristãs. Desenvolve então alguns conceitos centrais para que isso pudesse ocorrer.

No centro de sua busca por esta nova forma de teologizar estava o que ele conceituou como teonomia. Um termo que pode ser entendido levando em conta a tensão entre teologia da cultura e teologia da igreja. Segundo Tillich teonomia não é quando uma cultura está estabelecida por leis advindas do próprio Deus, “(...) mas no sentido em que aí tudo se abre para o divino”.¹⁰² A partir de tal conceito é que ele argumenta que a igreja, no caso do Ocidente, impõe freqüentemente à cultura uma heteronomia, quase sempre prejudicial. A heteronomia é, segundo sua definição, um conjunto de leis estranhas e de linguagens que

¹⁰⁰ Cláudio CARVALHAES. *Paul Tillich e a Teologia da Cultura*.

¹⁰¹ Tillich define o Demoníaco da seguinte forma: “O demoníaco consiste em algo finito e limitado que foi investido da magnitude do infinito”. Paul TILLICH. *Teologia de la Cultura y otros ensayos*. p. 238

¹⁰² Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 74

violam a dinâmica e as estruturas próprias para vida humana.¹⁰³ Contra este tipo de heteronomia, Tillich coloca a possibilidade da autonomia, i.e., a celebração de uma cultura de si mesma, de suas próprias estruturas e dinâmica, contra toda imposição ou leis alienantes da criatividade. Não significa ausência de leis, mas a lei da razão subjetivo-objetiva¹⁰⁴, da “(...) obediência à razão, isto é, ao ‘logos’ imanente na realidade e na mente”.¹⁰⁵

Heteronomia e autonomia podem destruir a vida cultural. A primeira por limitar e controlar a vida de uma cultura com leis religiosas, e a segunda, quando autocomplacente, por cortar os “(...) laços da civilização, de seu fundamento último e de seu alvo supremo, levando-a ao vazio espiritual e à exaustão”.¹⁰⁶ Tillich aponta para além de ambos a teonomia, que é quando as estruturas e a dinâmica de uma cultura se realizam e se transformam na vida divina, em uma experiência religiosa do Incondicional.

Desta forma, a teologia da Cultura contribui para que Tillich desenvolva, como veremos, uma interpretação protestante da história. Com os conceitos de autonomia, heteronomia e teonomia, Tillich, como um teólogo da igreja, consegue não só escrever teologia para a igreja, mas também teologia de e para a cultura geral, tendo como objetivo teológico a possibilidade e a necessidade de alcançar a teonomia, na qual as formas humanas de cultura são penetradas por um significado religioso. Isto porque autonomia e heteronomia estão, e precisam estar, segundo Tillich, enraizadas na teonomia, evitando assim ações demoníacas e desagregadoras das próprias culturas.

Mas, qual é o referencial, segundo Tillich, para que momentos teônomos possam ser alcançados? Tillich responde da seguinte maneira: “O ‘Princípio Protestante’ derivado da doutrina da justificação pela fé rejeita a heteronomia (representada pela infalibilidade papal) bem como a autonomia autocomplacente (representada pelo humanismo secularizado). Exige, em vez disso, a autonomia autotranscendente, ou teonomia”.¹⁰⁷

Sobre o “Princípio Protestante” Ribeiro vai destacar o seguinte: “O Princípio Protestante é referência teológica importante porque não permite distorções, seja por considerar que o estágio a ser atingido é absoluto – o que não permite antecipações do projeto

¹⁰³ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 76

¹⁰⁴ Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*. p. 97

¹⁰⁵ Paul TILLICH. *A Era Protestante* p. 75

¹⁰⁶ *Ibid.* p. 18

¹⁰⁷ *Ibid.* p. 18

que se espera – ou que nada mais há de absoluto para ser alcançado – o que elimina o espaço da crítica”.¹⁰⁸

O “Princípio Protestante” pode servir de instrumental analítico a partir da Teologia da Cultura na interpretação de momentos históricos. Visto desta forma, será indispensável e norteador em nossa leitura da vida e dos escritos de Conceição.

1.3.1. A Teologia da Cultura como abordagem metodológica

No desenvolvimento de sua Teologia da Cultura Tillich deixa claro que não deseja uma intervenção da Igreja em todos os domínios culturais. Antes, a teologia da cultura tem uma tarefa crítica e analítica. Funciona, desta forma, como uma abordagem metodológica que correlaciona cultura e religião. Assim nas palavras de Tillich:

Temos atribuído à teologia a tarefa de encontrar uma forma de expressão sistemática para um ponto de vista religioso concreto, sobre as bases dos conceitos universais da filosofia da religião e mediante as classificações da filosofia da história. A tarefa da teologia da cultura se corresponde com estas. Produz uma análise religiosa de todas as criações culturais, oferece uma classificação histórico-filosófica e tipológica das grandes criações culturais segundo a substância religiosa que se realiza nelas, e produzir, desde seu ponto de vista religioso particular o esquema ideal de uma cultura impregnada na religião.¹⁰⁹ (tradução nossa)

De acordo com Tillich, a tarefa da Teologia da Cultura é compreendida por três momentos¹¹⁰: 1. Análise religiosa das criações culturais: a teologia da cultura busca descobrir primeiramente a abertura ou não de uma cultura ao Incondicional, focando a relação forma e conteúdo (*Gehalt*) nas criações ou produções culturais. Busca-se “(...) reconhecer as manifestações do conteúdo nos diferentes fenômenos culturais¹¹¹; 2. Tipologia e história filosófica da cultura: é a etapa de classificação dos resultados da análise. É o indicar se a forma domina o conteúdo, ou se o contrário ocorre ou mesmo se é possível um equilíbrio.

¹⁰⁸ Cláudio de Oliveira RIBEIRO. Teologia e Ciências: uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. in.: *Por uma Nova Teologia Latino-americana*. p. 215-216

¹⁰⁹ Paul TILLICH. *Filosofia de la Religión*. p. 166.

¹¹⁰ *Ibid.* p. 167-170

¹¹¹ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 49

Desta forma ela “(...) oferece a uma situacionalização histórica e tipológica das grandes criações culturais, desde a perspectiva da substância religiosa nelas realizada”.¹¹²; 3. Sistematização religiosa concreta da cultura: O terceiro e último momento revela a intencionalidade da teologia da cultura, que não é de tornar o teólogo um crítico das produções culturais, mas sim “(...) tem por objetivo operar uma síntese criativa com vistas a dar testemunho da possibilidade de uma cultura teônoma, totalmente penetrada pela religião”.¹¹³

1.3.2. As etapas de análise

O terceiro e último momento da tarefa do teólogo da cultura, em alcançar uma síntese criativa que testemunhe a possibilidade de uma cultura teônoma, é resultado dos dois momentos precedentes. Tillich destaca que o objetivo da teologia da cultura não é que o teólogo da cultura venha a se tornar um crítico de arte, poesia ou de música, por exemplo, mas como tarefa sua está a identificação de quais são os aspectos culturais que dão testemunho do conteúdo espiritual de um momento.

Antes de pronunciar o seu discurso teológico, o teólogo da cultura, no primeiro momento, tem como tarefa estudar o teor ou a substância religiosa de toda cultura e de toda forma cultural. Higuét diz que para descobrir tal teor Tillich concebe o “deciframento do estilo de uma cultura”.¹¹⁴ Neste deciframento do estilo o teólogo pretende alcançar dois níveis de sentido: 1. Um nível preliminar, que é o sentido direto e conscientemente visado por essa cultura, e não é habitualmente um sentido estritamente religioso. Trata-se de alcançar a unidade de sentido que se expressa de modo simbólico imanente através das formas autônomas da cultura. A teologia compartilha essa tarefa com as ciências da religião; 2. O “sentido do sentido”, o sentido último mais profundo no qual se fundamenta o sentido

¹¹² Tiago Daniel de Melo GARGNIN. *O Sacerdote dos Pampas: uma leitura da obra de Jayme Caetano Braun a partir da Teologia da Cultura de Paul Tillich*. p.23

¹¹³ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p. 50

¹¹⁴ Etienne A. HIGUET. *Atualidade da Teologia da Cultura de Paul Tillich*. p. 52

preliminar, imanente e formal de toda cultura e de todas as suas formas particulares. A teologia expressa a sua especificidade na procura do sentido último ou incondicionado.¹¹⁵

Não há, segundo Higuét, a possibilidade de se apreender este Sentido Último através de uma análise objetiva ou “científica”. Este só pode ser alcançado por uma percepção ou intuição imaginativa. Uma metodologia crítica-intuitiva. Tillich propõe o método metalógico¹¹⁶. Não que seja irracional, ao contrário, está para além da lógica. Isto ele o faz resgatando o conceito “sentimento” de Schleiermacher, que seria a percepção imediata do divino. Diz Tillich que “sentimento” não é emoção subjetiva, mas o impacto produzido pelo universo sobre nós nas profundezas de nosso ser, capaz de transcender sujeito e objeto. Criticando o próprio Schleiermacher Tillich decreta que “(...) em vez de ter falado de sentimento, poderia ter falado de intuição do universo, e essa intuição ele poderia ter descrito como divinização. (...) Quer dizer que existe uma percepção imediata daquilo que transcende o sujeito e o objeto, que é o fundamento de tudo o que existe, dentro de nós”.¹¹⁷

Para clarificar ainda mais esta proposta tillichiana consideramos válido reproduzir aqui o que Calvani apresenta:

Tillich tinha a convicção de que nenhum grupo humano pode ter o monopólio de penetrar nos níveis mais profundos da realidade. Uma metodologia puramente científica é incapaz de fazê-lo; limita-se à forma, mas não atinge o conteúdo, a substância espiritual das coisas. Era preciso, contudo, manter as conquistas da ciência, avançando naquilo que ela não tem condições ou interesse de superar. A proposta de “intuição fenomenológica” tem o valor de preservar o aspecto crítico, a ciência como ferramenta mais qualificada para avaliar as formas dadas na cultura e na natureza, ao mesmo tempo em que proclama que a ciência necessita de um complemento que a conduza às profundezas da realidade.¹¹⁸

No segundo momento da tarefa da teologia da cultura, quando é possível apresentar uma tipologia ou, nas palavras do próprio Tillich, uma história filosófica (ou mesmo teológica) da cultura, aparecem, segundo ele, três tipos básicos da relação entre religião e cultura: a criação cultural tipicamente profana, onde há a prevalência da forma; a criação cultural tipicamente religiosa, onde há a prevalência da substância; e a criação cultural

¹¹⁵ Etienne A. HIGUET. *Atualidade da Teologia da Cultura de Paul Tillich*. p. 52

¹¹⁶ Paul TILLICH. *Filosofia de la Religion*. p. 34-40

¹¹⁷ *Ibid.* p.118

¹¹⁸ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p.68

tipicamente clássica, onde nota-se um equilíbrio e harmonia entre forma e substância.¹¹⁹ Observamos que tal distinção, conforme nos indica Calvani, é meramente didática, uma vez que essas não existem de forma separada. A partir deste momento Tillich se aproxima dos conceitos de teonomia, autonomia e heteronomia. Um texto que colabora para entendimento da centralidade de tais conceitos é o de Silva: “Dentro do edifício teológico construído por Tillich, os conceitos: heteronomia, autonomia e teonomia são de extrema relevância. Esses conceitos respondem à questão do *nomos*, ou lei da vida. É impossível entendermos a teologia de Tillich, se não compreendermos as considerações feitas por ele, referentes ao *nomos*”.¹²⁰

Sobre tais conceitos Calvani assim destaca : “O referencial para compreendê-los é a maneira como os elementos do sentido (forma e conteúdo) se relacionam na cultura”. Esta é a tarefa do primeiro momento. No texto de 1919 são utilizados apenas tipologicamente mas, em produções posteriores, já aparecem como chave hermenêutica para interpretar períodos da história. Algo bem próximo a que nos propomos. Na obra *A Era Protestante*, por exemplo, logo na introdução, Tillich utiliza esses conceitos como chaves hermenêuticas na análise do momento em que vive:

Defini a “teonomia” como a cultura na qual o supremo significado da existência refulge por meio de todas as formas finitas de pensamento e ação; a cultura faz-se transparente, e suas criações são vasos de conteúdo espiritual. A heteronomia (confundida muitas das vezes com a “teonomia”) é, em contraste, a tentativa religiosa de dominação da criatividade cultural autônoma, a partir de fora, enquanto a autocomplacente autonomia corta os laços da civilização, de seu fundamento último e de seu alvo supremo, levando-a ao vazio espiritual e à exaustão.¹²¹

O texto de Silva é, novamente aqui citado, pois resume as considerações de Tillich a respeito deste assunto, e, ao mesmo tempo, apresenta de forma direta e didática as definições destes conceitos. Diz esse autor:

A heteronomia caracteriza-se pelo uso da força, ou seja, ela vê o ser humano como sendo incapaz de viver segundo a razão universal, por isso, os indivíduos devem ser submetidos às leis que são superiores a si mesmos. Para Tillich, a heteronomia é a tentativa religiosa de dominação da criatividade cultural autônoma, a partir de fora. Ou seja, impõe à mente humana, leis religiosas ou seculares alienadas, uma vez que é simbolizada no “terror” exercido por igrejas e estados totalitários. Na autonomia,

¹¹⁹ Paul TILLICH. *Filosofia de la Religion*. p. 168

¹²⁰ Antonio Almeida Rodrigues da SILVA. *Teologia da Cultura: A essência do incondicionado nas multiformes expressões culturais*

¹²¹ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p.18

o ser humano tem a sua própria lei, já que, ele traz em si a razão universal. No entanto, a autonomia não representa o abandono do incondicional, todavia, assinala Tillich, é o princípio dinâmico da história. A autonomia só consegue sobreviver na medida em que se alimenta da tradição religiosa do passado, e dos restos de uma teonomia perdida. A teonomia será definida por Tillich, como a cultura na qual o supremo significado da existência flameja por meio de todas as formas finitas, tanto de pensamento como da própria ação. Uma cultura verdadeiramente teônoma não se opõe à autonomia nem a anula, porquanto a autonomia é lei que está atrelada aos seres humanos, porém, esta lei está baseada no fundamento divino.¹²²

Neste sentido o conceito de teonomia é central na relação religião e cultura no pensamento de Tillich, pois funciona como centro de referência para medir a posição de uma cultura perante o Incondicional. Ampliando a compreensão desta segunda tarefa da teologia da cultura e utilizando-a como chave hermenêutica para interpretação de uma cultura e de um momento histórico dessa cultura Tillich vai precisar apresentar conceitos a partir daí derivados.

1.3.3. Conceitos necessários para interpretar uma cultura num determinado momento histórico

Na introdução do livro *A Era Protestante*, depois de apresentar e definir os conceitos de teonomia, heteronomia e autonomia, Tillich faz a seguinte afirmação:

A aplicação dessas idéias à interpretação da história foi muito importante para o meu pensamento e para a minha vida. A história tornou-se o problema central de minha teologia e de minha filosofia por causa da realidade histórica que encontrei ao voltar da Primeira Guerra Mundial (...) A situação exigia ao mesmo tempo interpretação e ação. (...) Nossa primeira tarefa consistia em analisar a situação mundial baseada em eventos contemporâneos, vistos à luz da grande crítica da cultura burguesa nos séculos dezanove e primeira metade do vinte, com a ajuda de categorias derivadas do princípio protestante aplicado à religião e à cultura. Ficou provada aí a importância da proposição central de minha filosofia da religião: religião é a substância da cultura; cultura é a expressão da religião. Grande parte de meus escritos publicados e das conferências não publicadas dedica-se a essa interpretação “teônoma” da cultura.¹²³

¹²² Antonio Almeida Rodrigues da SILVA. *Teologia da Cultura: A essência do incondicionado nas multiformes expressões culturais*

¹²³ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 18

Tillich não foi um historiador no uso mais estrito do termo. Há uma singularidade na sua interpretação da história. Isto porque ele “(...) não podia imaginar a possibilidade de se chegar ao significado da história por meio de pesquisas de fatos do passado sem qualquer envolvimento pessoal do historiador”.¹²⁴ Assim ele escreve: “(...) a chave para a interpretação da história é a atividade histórica.”¹²⁵ Neste ponto se deixava influenciar pela compreensão da história tanto dos existencialistas quanto dos marxistas.

Para ele não se trata de realizar um trabalho historiográfico, mas sim encarar a atividade do historiador como uma tarefa interpretativa, pois o ser humano capta a realidade histórica, somente interpretando-a. Tarefa essa que não pode se resumir num fascínio pelo que passou, antes é a necessidade de busca por compreender o passado pelo fato do envolvimento com o presente e senso de responsabilidade para com o futuro. Um texto de Tillich que é exemplo de análise feita por ele é o que foi produzido em 1929, *The Religious Situation*.¹²⁶ Outro texto que revela este caráter hermenêutica é *The Interpretation of History*.¹²⁷

Assim escreve ele na introdução da quinta parte de sua *Teologia Sistemática* que existe uma dimensão histórica, mas que a história propriamente dita só existe na forma da história humana. É já que esta tarefa é interpretativa há a possibilidade de uma interpretação teológica da história. Portanto, quando escreve o artigo intitulado *Kairos* ele tenta formular uma filosofia da história que possa fundamentar suas reflexões. No artigo escreve:

As idéias que vou desenvolver neste capítulo oferecem o panorama de um pensamento consciente da história, de uma consciência de história enraizada nas profundezas do incondicional, com conceitos criados a partir das preocupações primordiais do espírito humano (...) trabalho intelectual sério, buscando construir uma filosofia da história que seja mais que mera lógica das ciências culturais e que, por sua vez, nada perca em clareza e objetividade.¹²⁸

¹²⁴ Paul TILLICH. *Perspectivas da Teologia Protestante no Século XIX e XX*. p. 21

¹²⁵ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 12

¹²⁶ No artigo *A Teologia “Apologética” da cultura de Paul Tillich: profundidade e superfície na busca do sentido*, Etienne A. Higuier faz uma análise desta obra.

¹²⁷ Tivemos acesso a versão eletrônica deste material conforme consta na bibliografia.

¹²⁸ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p.63-64

Daí é que Tillich lança mão da idéia de *kairos*, que segundo ele é a adaptação perfeita para uma filosofia da história.¹²⁹ *kairos* é uma palavra que aparece no Novo Testamento, considerada por nosso autor como o “tempo certo” ou momento pleno de riqueza de conteúdo e de significação.¹³⁰ Calvani coloca nestas palavras: “A irrupção de uma época teônoma ou aberta ao Incondicional depende de um *kairos*. O *kairos* é historização do Incondicional, momento em que o Incondicional, o Sagrado, o Último se faz presente na história”.¹³¹

Só que esta irrupção ou manifestação do eterno em determinados momentos da história, momentos de *kairos*, não necessariamente expressam-se por meio da religião, uma vez que pode fazer uso de símbolos seculares também¹³². Inclusive uma religião pode agir, como quase sempre age, de forma heterônoma. Exatamente por isso é que Tillich lança mão do conceito de demoníaco. Este conceito é utilizado na interpretação da história sendo entendido como “(...) o poder estrutural e, portanto, inevitável do mal. (...) são mecanismos destrutivos que determinam as tendências inconscientes de indivíduos e grupos”.¹³³ Este mal só pode ser superado pelo seu oposto, que é a estrutura divina que Tillich chama de Gestalt da Graça¹³⁴, estrutura sagrada da realidade¹³⁵. Considerados desta forma é que os conceitos até aqui abordados: teonomia (e seus correlatos), *kairós* e demoníaco vão estar relacionados com o “Princípio Protestante”. Sobre tal princípio citemos Campos:

Uma das teses mais originais de Paul Tillich foi a de que o Ocidente, a partir do Renascimento e Reforma, teve a sua cultura plasmada pelo ressurgimento de um princípio revolucionário e profético, responsável pela recusa de todo espírito de intolerância e dogmatismo das instituições humanas. A esse tipo ideal de comportamento ele chamou de "espírito protestante".¹³⁶

O “Princípio Protestante” é critério de julgamento de uma dada cultura. Não aplicável diretamente a uma interpretação da história, mas a qualquer análise teológica

¹²⁹ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 64

¹³⁰ *Ibid.* p.64

¹³¹ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e MPB*. p.52

¹³² Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 72

¹³³ *Ibid.* p. 21

¹³⁴ *Ibid.* p.22

¹³⁵ *Ibid.* p. 223

¹³⁶ Leonildo Silveira CAMPOS. *Os novos movimentos religiosos no Brasil analisados a partir a Teologia da Cultura de Paul Tillich*.

cultural. Entretanto como diz Ribeiro: “O significado maior do conceito de princípio protestante e de outros que dele se derivam – como teonomia, realidade demoníaca e kairós – são as suas aplicações para a interpretação da história”.¹³⁷ Ou mesmo Gross, ao abordar o mesmo assunto: “(...) um princípio não pode ser considerado à parte de suas manifestações históricas”.¹³⁸ O “Princípio Protestante” é instrumental de análise. A possibilidade de uma interpretação protestante da história, mas que Tillich faz questão de não deixar confundir com o protestantismo histórico. Portanto escreve:

O princípio protestante não é uma idéia particular, religiosa ou cultural; não se submete às variações da história; não depende do aumento ou da diminuição da experiência religiosa ou do poder espiritual. Trata-se do critério absoluto de julgamento de todas as religiões e de todas as experiências espirituais; situa-se nas suas bases, tenham ou não consciência dele. Este princípio expressa-se, realiza-se, aplica-se e se relaciona com outros lados da relação divino-humana de maneiras diferentes em diferentes lugares e tempos, grupos e indivíduos. O protestantismo enquanto princípio é eterno; é um critério permanente em face de todas as coisas temporais. O protestantismo, na dimensão histórica, é um fenômeno temporal sujeito ao princípio protestante eterno.¹³⁹

O que Tillich quer dizer é que o “Princípio Protestante” é o critério que faz o seguinte julgamento: toda a tentativa, religiosa ou não, de controlar ou tentar abarcar o Incondicional dentro do condicionado, em si, já é uma ação demoníaca e, portanto, precisa sofrer protesto. Nas palavras de Dourley é assim apresentado:

O princípio protestante pode aparecer de diversas formas. A mais simples é esta: ‘os meios pelos quais o sagrado aparece não podem ser identificados com o sagrado’. Esta formulação negaria quaisquer reivindicações de identidade com o divino feitas por qualquer religião, credo religioso, doutrina ou rito, bem como por qualquer movimento histórico ou político ou por destacadas personalidades religiosas. Com a mesma intenção Tillich formularia às vezes o princípio protestante como ‘... a luta de Deus dentro da religião contra a religião’.¹⁴⁰

A consideração de Higué é a seguinte: “Esse princípio contém o protesto divino e humano contra qualquer reivindicação absoluta feita por realidades relativas; ele apresenta-se

¹³⁷ Cláudio de Oliveira RIBEIRO. Teologia e ciências: uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. In.: *Por uma nova Teologia Latino-americana*. p. 214

¹³⁸ Eduardo GROSS. *A Concepção de Fé de Juan Luis Segundo*. p. 207

¹³⁹ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 14

¹⁴⁰ John DOURLEY. *Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso*.

como juiz de qualquer realidade religioso e cultural, incluindo a religião e a cultura que se chamam “protestantes”; ele desmascara toda forma de idolatria ou demonização”.¹⁴¹

Ao apontar a contradição existente entre a existência e a essência,¹⁴² ao funcionar como protesto a toda a forma o “Princípio Protestante” pode parecer destruir toda a qualquer possibilidade formativa. Isto ocorre se o seu correlato Substância Católica¹⁴³ for mal interpretado, porque o princípio apresenta um momento construtivo, quando afirma a realidade histórica pela manifestação de uma Gestalt da Graça.¹⁴⁴ Diz Dourley:

O princípio protestante é o complemento necessário da substância católica. Juntos lançam-se na dialética da mútua correção e complementação. Sem a substância católica o princípio protestante torna-se insípido, intelectualmente unilateral para facilmente degenerar em moralismo casuísta. (...) A substância católica sem o princípio protestante, ao se tornar concreta na forma das religiões históricas, como sempre tragicamente acontece, degenera-se em idolatria, inevitavelmente.

Diante disso, Ribeiro formula uma questão e fornece a resposta:

Tillich constantemente perguntava como podem conviver o poder formador e o protesto contra a forma? O protesto sempre se refere a uma forma anteriormente estabelecida. Nela ele interfere com seu poder crítico, modifica-a parcial ou radicalmente, o que gera, portanto, uma nova forma. Esta, devido à sua provisoriade e relatividade, está potencialmente sob o crivo do próprio protesto que a gerou.¹⁴⁵

Duas advertências precisam ser feitas: primeiro, apesar de ter sido recuperado por meio da Reforma, o “Princípio Protestante” não pode, como não é, limitado ao protestantismo; e, segundo, pode se manifestar fora de qualquer movimento religioso no sentido estrito da palavra. Além disso, como diz Gross, devido ao seu caráter profético, pode

¹⁴¹ Etienne A. HIGUET. *Atualidade da Teologia da Cultura de Paul Tillich*. p. 55

¹⁴² Eduardo GROSS. *A Conceção de Fé de Juan Luis Segundo*. p. 211

¹⁴³ Substância Católica é, segundo Dourley, a elaboração tillichiana, com o apoio da ontologia e epistemologia, de um sacramentalismo universal. John DOURLEY. *Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso*

¹⁴⁴ Eduardo GROSS. *Op. Cit.* p. 211

¹⁴⁵ Cláudio de Oliveira RIBEIRO. Teologia e ciências: uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. In.: *Por uma nova Teologia Latino-americana*. p. 217

manifestar em personalidades.¹⁴⁶ Lembremos que a Reforma foi um movimento de pessoas, para só depois se tornar institucional.

Nosso intento é a partir do “Princípio Protestante” ler a vida e os escritos de Conceição. Considerar tal conceito e os daí derivados e aplicá-los às ações de Conceição, bem como aos seus escritos, que, a nosso ver são testemunhos no interior dos grupos religiosos de que participou, assim como à cultura de seu momento, isto nos facilitará compreender a razão das suas “crises”. Possibilitará ainda identificar até que ponto ambos, catolicismo e protestantismo, em pleno século XIX, eram, ou não, passíveis de serem enquadrados dentro de uma perspectiva teônoma. De outra forma, é possível também verificarmos como a cultura brasileira daquele momento pode ser classificada segundo a chave hermenêutica fornecida por Tillich.

¹⁴⁶ Eduardo GROSS. *A Conceição de Fé de Juan Luis Segundo*. p. 217

CAPÍTULO 2 – Um sacerdote católico brasileiro: sua luta contra a heteronomia

Os escritos de Conceição nos permitem fazer várias leituras. As “crises” devido a sua vivência religiosa, por exemplo, são um convite a uma leitura psicológica deste personagem.¹⁴⁷ A isto pode ser somado o fato de toda sua vida ter se desenvolvido dentro de um universo eclesiástico. Só que, ao invés de pensarmos nele como uma figura que precisava “resolver” problemas psíquico-psicológicos, por causa de sua relação com as igrejas cristãs de seu contexto, precisamos ver nele alguém que vivencia toda uma transformação religiosa de um período histórico cultural-religioso importante do Brasil.

As leituras feitas dos escritos e registros deixados por Conceição e a respeito dele indicam que suas posturas e ações são exatamente um reflexo da vivência desse momento que, em todos os aspectos, é eclético e híbrido. Uma fase da história do Brasil que traz novas tendências e direcionamentos à cultura brasileira (política, economia, vida civil, etc.) e à religião. Compreender esse período, momento em que ele realiza atividades pastorais como sacerdote católico, tentando apontar a pertinência da relação entre cultura e religião, é a leitura a que nos propomos nesse capítulo. Entretanto, estamos cientes das dificuldades impostas, pois conforme diz Silva: “Compreender movimentos que, inconformados com sistemas rígidos, imutáveis e opressores, resolveram dar um basta estabelecendo uma nova ordem social ou política, ou mesmo espiritual, é uma tarefa muito difícil para aqueles que estudam o comportamento humano e social. José Manoel trazia internamente o germe do reformismo”.¹⁴⁸

O reformismo aqui apontado não está diretamente relacionado ao reformismo protestante do século XVI, mas sim à “(...) relativização de toda a realização histórica a partir

¹⁴⁷ Mendonça assim escreve: “*As biografias de Conceição mostram um homem inquieto e melancólico, mas não fica claro se se tratava de algum problema de saúde ou se as dúvidas religiosas teriam afetado seriamente o seu comportamento*”. Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p. 85. Observamos que neste caso preferimos considerar as dúvidas religiosas como causadoras da inquietude e melancolia, pois em textos de autoria do próprio Conceição são elas que recebem destaque.

¹⁴⁸ Wilson Santana da SILVA. *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*. p. 37

do transcendente”.¹⁴⁹ Visto por este prisma é possível uma aproximação à Conceição tendo como instrumento de análise o que Tillich denomina de “Princípio Protestante”.

Conceição não é alguém desejoso da inserção do protestantismo enquanto instituição histórica na cultura brasileira, mas sim, como membro e participante dessa cultura e de suas instituições eclesásticas, alguém que busca momentos *kairóticos* para estas, momentos de abertura destas para o Incondicional, de reconhecimento da substância religiosa.

Assim, a vida e as obras deixadas por Conceição revelam que, como diz Dias:

A sua essência é sua disposição de seguir as pegadas do Espírito. Tillich vai cunhar a expressão o “espírito protestante” (ou Princípio Protestante), para definir este modo de ser no mundo que expressa “o protesto Divino e humano contra toda pretensão de absoluto manifestada por uma realidade relativa, mesmo se esta pretensão for levantada por uma igreja protestante”. Ou, em outras palavras, trata-se da não atribuição de um caráter sagrado e permanente a qualquer tipo de estrutura, instituição ou realizações outras produzidas pelo espírito humano.¹⁵⁰

Podemos proceder com esta leitura porque toda a atividade pastoral de Conceição, seja como sacerdote católico, seja como pastor presbiteriano, e no fim de sua vida como evangelista ardoroso e andarilho solitário, indica aquilo que Gross sinaliza sobre o “Princípio Protestante” quando aborda a temática “Quatro pontos sobre a relação entre forma e protesto”:

O primeiro ponto é que uma realidade histórica representante do princípio protestante não pode fazer separação absoluta entre o religioso e o secular. (...) O segundo ponto praticamente se apresenta como consequência do primeiro. Se tanto a esfera secular quanto a religiosa são expressão do Incondicional, é necessário que se estabeleça correlação entre elas. (...) O terceiro ponto da formulação de Tillich revela uma afirmação fundamental. Nele Tillich apresenta distinção entre a capacidade criadora de formações históricas, que caracteriza quem representa o Princípio protestante, e a negatividade pura, que caracteriza a crítica racional absoluta. Neste sentido, a crítica às formas históricas efetuada a partir do Princípio protestante nunca deve ser entendida como crítica ao conteúdo incondicional que elas buscavam representar. Trata-se de uma crítica à sua limitação simbólica. (...) O quarto ponto se expressa como desdobramento do fundamento ontológico da teologia de Tillich. Dado que a realidade é expressão do fundamento do ser, mas essa realidade se encontra somente de modo alienado desse fundamento – na distinção entre sujeito e objeto e entre eu e o mundo –, a formação histórica que se entende como portadora do Princípio protestante não deve buscar fundamentar o lugar de onde parte sua crítica de uma transcendência supra-histórica. O caráter incondicional do Fundamento do Ser se encontra na própria realidade histórica, não por sobre ela – embora isso se dê modo alienado. (...) Assim, uma formação

¹⁴⁹ Eduardo GROSS. *A Conceição de Fé de Juan Luis Segundo*. pp. 211-212

¹⁵⁰ Zwinglio Mota DIAS. *A Larva e a Borboleta*.

histórica portadora do princípio protestante precisa afirmar a realidade histórica como manifestação do Incondicional tanto no nível ético quanto no nível religioso-existencial enquanto expressão da preocupação última. Esse modo de compreender a relação entre o condicionado e o Incondicional é chamado por Tillich de realismo crente ou de realismo auto-transcendente.¹⁵¹

No artigo intitulado *Ilustração*, publicado tardiamente pelo periódico *A Imprensa Evangélica*, sendo a primeira parte integrante do exemplar de número 7, datado de 21 de fevereiro de 1880, e a segunda parte, do número 9 de 05 de março de 1880, ainda que Conceição direcione seus argumentos aos que defendem o materialismo e o cientificismo do século XIX, os argumentos por ele apresentados revelam algo para além desta discussão específica. As palavras principais, encontradas na segunda parte são as seguintes:

Se queremos imprudentemente comunicar aos homens sem preparatório algum, verdades que são absolutamente incompreensíveis, empregadas dessa sorte, falsa e prejudicialmente, não provaremos assim a ilustração. Ilustrar é conduzir o homem pensador à meditação, para fazê-lo valoroso, e capaz de poder por si mesmo descobrir a verdade, que lhe comunicamos.

Tanto seria loucura, se os pais quisessem insinuar a seus filhos malcriados e fracos as verdades que sabem; quão fátuo, querer imbuir adultos sem prévia e conveniente disposição de coisas e princípios, que lhes é impossível compreender.

Tudo tem seu tempo.

Há muitos homens incultos que são crianças a muitos respeitos, que devem ser doutrinados com grande circunspeção. Porque o exterminar de certos prejuízos e costumes úteis, usos que muitas vezes substituem a verdade mesma, de nenhum modo é isso ilustração; porém leviandade desumana, crueldade inexcedível.

Respeitem-se, portanto, os costumes e usos antigos do povo, que, em falta de mais profundos esclarecimentos são aptos para guiá-los e contê-los no bem.

Ó, meu Deus! Eu respeitarei a religião do ignorante – a fé daqueles que não têm tantas ocasiões de conhecer-vos, de venerar-vos de um modo mais digno. Jamais servirei à vaidade e a presunção, de tal sorte que abale a fé piedosa dos outros com palavras e ações inconsideradas.

A fé é uma flor tenra e bela do espírito, que se vai desenvolvendo e embelecendo à proporção que o espírito que a gera se aperfeiçoa e consolida.¹⁵²

Assim Léonard faz sua consideração a respeito deste escrito de Conceição:

Estas palavras, como se disse, embora dirigidas àqueles que pregam o materialismo em nome da ciência, evidentemente estabelece um princípio geral de conduta bem

¹⁵¹ Eduardo GROSS. *A Concepção de Fé de Juan Luis Segundo*. p. 212-214.

¹⁵² José Manoel da CONCEIÇÃO. *A Ilustração*. p.65-66

definido. Princípio que se opunha aos métodos dos missionários estrangeiros, preocupados em destruir, como supersticiosos e idólatras, os hábitos religiosos encontrados entre o povo brasileiro – enquanto o primeiro dentre eles, Kidder, fôra capaz de perceber que esses hábitos denunciavam, e mesmo sustentavam, a existência de uma fé ignorante, mas profunda e sincera. Manifestava-se no Brasil, uma vez mais – depois de Feijó e Kidder – a visão de uma Reforma realmente brasileira, harmonizada com o temperamento e hábitos do país, visão que, aliada ao seu apego à evangelização itinerante, iria fazer dele um desconhecido para seus companheiros e amigos missionários, que desejavam ajudá-lo, mas não sabiam como.¹⁵³

Tendo como instrumental de análise o “Princípio Protestante” ao apresentarmos a vida e consideramos os escritos de nosso personagem, faremos uma leitura teológica das culturas com as quais ele teve contato e às quais dirigiu sua mensagem e crítica. Por questão didática dividimos sua vida em três momentos: sua formação e atuação como padre representam o primeiro deles. E será tratado neste capítulo; o segundo momento é a sua associação ao protestantismo, representado aqui pelo presbiterianismo e sua atuação ao lado dos missionários norte-americanos; O terceiro momento é de sua atividade pastoral como solitário reformador pelas estradas empoeiradas do interior do sudeste brasileiro. Ambos serão apresentados no terceiro capítulo. Distinguindo tais momentos, a chave hermenêutica proposta por Tillich é utilizada.

2.1. Coisas do tempo de menino

Conceição nasce na cidade de São Paulo. O dia correto é um pouco impreciso, pois em dois testemunhos deixados por ele há divergência de datas: na introdução de sua resposta à *Sentença de Excomunhão* ele indica ter nascido em 11 de março, mas na sua *Profissão de Fé Evangélica*, a data por ele mencionada é 15 de março. Quanto ao ano não há dúvida. Foi o de 1822. Possivelmente isto tenha ocorrido por erro de tipografia. Entretanto, não traz maiores dificuldades.

Recebe, conforme nos informa Léonard, o nome de José Manoel da Conceição Costa Santos,¹⁵⁴ mas toma o nome de José Manoel da Conceição. Seu nascimento se deu seis meses antes da Independência do Brasil. Desta forma, toda a vida de Conceição acontece quando o

¹⁵³ Émile LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 65

¹⁵⁴ Émile G. LÉORNARD. *L’Eglise presbytérienne du Brésil et ses expériences ecclésiastiques*. p.16

Brasil é uma monarquia. Por esta época a presença de protestantes já fazia parte da realidade sócio-cultural brasileira, devido à abertura dos portos ao comércio, principalmente inglês, ocorrido em 1810, e ao incentivo do Governo à imigração européia nos anos subsequentes. Trata-se de um protestantismo de caráter migratório. Vale ressaltar as palavras de Mendonça:

(...) nos limites da tolerância a cultos não-católicos estabelecida pela Constituição de 1824, instalaram-se no Brasil anglicanos, episcopais (anglicanos norte-americanos) e, em número muito maior, luteranos. Mas a população brasileira só foi diretamente afetada pela presença de cristãos não-católicos quando começaram a chegar ao Brasil, nos anos de 1850, os primeiros missionários protestantes que vieram com a finalidade explícita de propagar a sua fé. Esse segundo impulso corresponde pela inserção no país do que chamamos aqui “protestantismo missionário”.¹⁵⁵

Logo nos primeiros anos de sua vida Conceição conhece as conseqüências desta inserção, pois terá contatos com protestantes e esses contatos vão contribuir para que configure em Conceição, como futuro sacerdote católico, posturas distintas dos demais padres. Mas não é só no plano religioso que estão ocorrendo mudanças, uma vez que nas décadas anteriores ao seu nascimento, o Brasil passa por transformações substanciais em várias esferas, seja política, social, econômica, cultural e religiosa. É um imbricado de questões que se perpassam.

Podemos dizer que é a vinda da corte portuguesa católica para a colônia do Brasil logo no começo do século XIX, que vai gerar todas as mudanças. O Brasil, ainda que economicamente importante para Portugal, especialmente pelo fornecimento de matérias-primas e exploração mineral, era de pouco significado político. Somente a ocupação de Portugal por Napoleão em 1808 é que vai fazer com que, depois de três séculos, a realeza venha à colônia¹⁵⁶. E nisto acrescenta-se o auxílio fornecido pelos ingleses.

O que ocorre é que, com a família real no Brasil, há uma nova configuração nas relações do poder político e, conseqüentemente, religioso. Foi preciso estruturar o que até então era colônia para fazer surgir uma nação. Assim, muitos “avanços” ocorreram em pouco

¹⁵⁵ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *Evolução Histórica e Configuração Atual do Protestantismo no Brasil. Introdução do Protestantismo no Brasil*. p. 12

¹⁵⁶ A situação de uma invasão de Portugal por tropas francesas fez com que o príncipe-regente João, acompanhado de sua corte, deixasse Lisboa, sob proteção de barcos ingleses, em novembro de 1807. A chegada aconteceu na Bahia em 22 de janeiro de 1808. Mas logo toda a comitiva foi para o Rio de Janeiro. Lá se instalou em 7 de março de 1808, por treze anos. Foi esta instalação da corte e do governo de Portugal no Rio que fez com que o Brasil deixasse de ser colônia.

tempo levando Dom João a proclamar a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve¹⁵⁷. Cardoso assim descreve este período: “A ex-capital colonial tornara-se sede de ministérios, secretarias, tribunais, repartições públicas, de um Conselho de Estado, outro de Fazenda etc. E foi no Rio de Janeiro que, morta a rainha, o até então príncipe-regente foi aclamado, em 1818, como rei João VI”.¹⁵⁸

Em 1821, Dom João se viu obrigado a retornar a Portugal. Deixou como Príncipe Regente seu filho Pedro. Logo os enlaces institucionais e os vínculos políticos com Portugal foram rompidos o que levou à proclamação da Independência em 7 de setembro de 1822, sendo o próprio Pedro o primeiro imperador, passando a ser denominado Dom Pedro I.

Isto merece ser destacado porque estes fatos, que ocorreram em um intervalo de apenas quatorze anos, vão agravar os riscos do universalismo católico. Em outras, palavras, o Império sendo formado sob influência do galicanismo histórico¹⁵⁹ e inserido em um clima liberal,¹⁶⁰ vai fazer com que as prerrogativas da Igreja não sejam muito “ouvidas”, o que significa que o mito da Cristandade Colonial¹⁶¹ corria o risco de chegar ao fim.

A postura adotada pelo catolicismo ou a resposta da Igreja ao papel que lhe foi concedido pelos primórdios do reinado no Brasil, utilizou basicamente duas formas de penetração e reforço de seu poder hegemônico. A primeira, de natureza político-eclesiástica, foi ampliar o sistema de nunciaturas a partir do Papa Gregório XVI. Além do aperfeiçoamento do relacionamento entre o Estado Pontifício e os Estados nacionais, através dos núncios, foram adotadas medidas como a retomada das visitas *ad limina* e a elevação de clérigos à prelatura. A segunda, de traço mais propriamente religioso, foi a cruzada

¹⁵⁷ Esta proclamação ocorreu em 16 de dezembro de 1815.

¹⁵⁸ Ciro Flamarion Santana CARDOSO. A Crise do Colonialismo Luso na América Portuguesa. In.: *História Geral do Brasil*. p. 118.

¹⁵⁹ Tendência jurídica e teológica que defendia, no século XIV, a interferência dos reis franceses nos negócios eclesiásticos, e mais tarde, após o século XVII, a autonomia dos bispos franceses em face da autoridade pontifícia romana, se opondo ao ultramontanismo.

¹⁶⁰ Uma boa tentativa de definição do que era o liberalismo é apresentada por Vieira: “O termo liberalismo cobre um sem número de conceitos. Sob essa expressão genérica aparecem vários grupos defensores do livre-arbítrio em todas as esferas, unidos ao redor de um conceito – um conceito de “progresso” e da emancipação da classe média. O termo, em geral, significava uma crença difusa no valor do indivíduo, e na convicção de que a base do progresso era a liberdade individual. Mais ainda, que o indivíduo deveria ter o direito de exercer sua liberdade ao máximo, conquanto não viesse a infringir a liberdade dos outros. O liberalismo também aceitava a utilização dos poderes do Estado com o propósito de criar condições através das quais o indivíduo pudesse, livremente, crescer e expressar-se”. David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.39

¹⁶¹ Quem bem discute o conceito de Cristandade na cultura brasileira do período colonial é Riolando Azzi no texto *A Cristandade Colonial: mito e ideologia*.

doutrinária contra os “erros” do mundo moderno através do Concílio Ecumênico convocado pelo Papa Pio IX para dezembro de 1869. Se consolidava assim o posicionamento ultramontanista. Na verdade, o Concílio refletia o conflito entre o espírito do mundo latino e o mundo anglo-saxão, a mesma tensão vivida pelo império brasileiro, com a disputa hegemônica entre essas duas culturas.

O que daí vai resultar ficou conhecido como a Questão Religiosa. Com isto o Estado vai se tornando mais galicano e anticlerical, e podemos acrescentar ainda a presença Protestante, a influência e atuação da Maçonaria, os ideais políticos liberais e, posteriormente, as influências filosóficas positivistas. A Igreja, por sua vez, de forma aparente, abandona o confronto com o Estado, mas toma medidas buscando fortalecer-se internamente. Com a romanização do catolicismo brasileiro o que procura não é meramente uma postura anti-estatal, mas sim a permanência do ideal de cristandade diante de um possível Brasil com ares de modernidade. É o reforço institucional que busca configurar a cultura brasileira, e é com este catolicismo que Conceição vai ter contato durante seus anos de padre.

Merece ser destacado ainda que no âmbito religioso o catolicismo no Brasil nunca foi algo homogêneo e, como bem nos indicou Darcy Ribeiro,¹⁶² à semelhança da cultura brasileira que, também, nunca o foi. Entretanto, os colonizadores, representantes do catolicismo medieval, buscam instituir, desde sua chegada e posterior estabelecimento, sua religião de maneira heterogênea.

Hoornaert, num breve texto que apresenta a história da Igreja no Brasil¹⁶³, aponta o fato de os primeiros portugueses não terem compreendido a complexidade etnológica da cultura por aqui existente. Nesse sentido, evangelização e processo “civilizatório” foram mesclados, reduzindo tudo ao projeto europeu de colonização. No ciclo da cana de açúcar e com o tráfico negreiro a África veio ao Brasil. Mas os africanos, diferentemente dos indígenas “evangelizados” por meio da missão, foram “evangelizados” por meio da devoção. E, a partir daí, a compreensão do Brasil enquanto povo e também da história não só do cristianismo, mas das religiões, passa pelo triângulo Europa-América-África.

¹⁶² Com certeza o texto principal de Darcy Ribeiro é o seu livro *O povo Brasileiro*. Lançamos mão também da série produzida para TV baseada no livro e que recebe o mesmo título. As obras se encontram na bibliografia.

¹⁶³ Eduardo HOORNAERT. A Igreja no Brasil. in.: *História Liberationes: 500 anos de Igreja na América Latina*. p. 297-309

Surge assim a possibilidade de categorizar o catolicismo no Brasil de então, como o fez Oliveira, em um catolicismo popular e um catolicismo patriarcal.¹⁶⁴ O primeiro é aquilo que se aproxima do conceito de Cristandade, só que reinventado na colônia. O segundo é o catolicismo oficial, que sempre teve apoio do Estado, que mantinha economicamente o clero, sustentava as ordens religiosas e os conventos.¹⁶⁵ Com os conflitos surgidos no século XIX entre Igreja e Estado, era sobre a cultura que este segundo modelo de catolicismo de então lançava suas bases. Não apenas mais um catolicismo popular, religião da maioria, mas um catolicismo popular romanizado a partir dos contornos ultramontanos. A Cristandade católica subjugaria a tentativa de laicizar o Brasil e a cultura nacional.

Esses são os acontecimentos que marcam os tempos de menino de Conceição. É nesse contexto que o jovem vai crescendo e vivendo suas experiências religiosas. Uma leitura posterior desses acontecimentos é tarefa menos difícil do que para quem as vive. Aliás, quem as vive não consegue compreender cabalmente o que está ocorrendo. Por isso as “crises” e desilusões de Conceição indicam sua busca contínua, digamos, por momentos *kairóticos*.

2.1.1. A família católica de Conceição

Conceição foi batizado pelo padre Antônio Marques Henrique em 24 de março de 1822,¹⁶⁶ ainda em São Paulo. Isto significa que sua família era uma família católica, e de um catolicismo com contornos muitos mais ibéricos do que um catolicismo “abrasileirado”, pois seu pai é Manoel da Costa Santos, um português, pedreiro de ofício, e sua mãe Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas, de uma família do Rio de Janeiro, é neta de açorianos chegados ao Brasil em 1750.¹⁶⁷ O padrinho entretanto é que merece ser destacado, uma vez que é uma das peças centrais no direcionamento dado à vida de Conceição. Trata-se do seu tio-avô, de parte materna, o padre José Francisco de Mendonça.

Na época do batismo do pequeno Conceição, padre Mendonça estava como vigário em Xiririca e, por andar pelas regiões de Sorocaba, acabou concorrendo a um cargo vago

¹⁶⁴ Pedro de Assis Ribeiro de OLIVEIRA. *O Catolicismo Popular (Tradicional) no Brasil*. p.1

¹⁶⁵ *Ibid.* p. 1

¹⁶⁶ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 5

¹⁶⁷ Wilson Santana SILVA. *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*. p. 38

nessa cidade. Foi ser vigário colado na Matriz de Sorocaba. O ano era o de 1824. Ano que Conceição está com a idade de dois anos, quando a família vai morar junto com o padre. As palavras do próprio Conceição sobre esta ida e também sobre a criação que ali recebera são as seguintes: “Nasci na cidade de São Paulo aos 11 de março de 1822. Meus pais, mudando-se dois anos mais tarde para Sorocaba, levaram-me consigo e lá cresci. Na idade de doze anos comecei a estudar, e daí até completar vinte e três anos tinha feito os meus exames de latim, francês, lógica, retórica e teologia moral e dogmática”.¹⁶⁸

E na Profissão de fé evangélica esta parte da vida é assim narrada:

Nasci na cidade de São Paulo, província de São Paulo, aos 15 de março de 1822. Meu pai Manoel da Costa santos foi artífice em construções de pedra, minha mãe Cândida Flora de Mascarenhas, natural do Rio, fazia a economia da casa. O padre José Francisco de Mendonça, irmão de meu avô Manoel Francisco Mendonça, criou-me e educou-me.

Fui muito devoto até os 16 anos. Foi meu mestre de primeiras letras o virtuoso Jachinto Heliodoro de Vasconcelos. Depois que a religião começou a influir no meu coração, comecei a sofrer de melancolia pelo retrospecto que fazia sobre minha vida passada; na mesma religião porém tenho achado remédio para curar essas chagas, e ao traçar estas linhas sinto que minha esperança e consolação é pleno no meu divino Redentor Jesus Cristo (S. João 1^a. Ep. II, 2^o).

Aos 18 anos comecei a ler a Bíblia. Apenas tinha lido os três primeiros capítulos do Gênesis quando notei que a prática e doutrina da Igreja Romana, faziam oposição direta e irreconciliável com a palavra de Deus. Gen. 2.24, S. Mat. 19.5.¹⁶⁹

Apesar de tais palavras a respeito da Igreja Católica ou da “religião” em que vivera, precisamos destacar desde já que Conceição, mesmo depois de todas as experiências que tivera ao romper com o catolicismo, considera sua família, apesar de católica¹⁷⁰, uma família cristã, participante dos benefícios da salvação. Ribeiro faz a seguinte observação a respeito de um dos sermões de Conceição:

Falando certa vez do Evangelho, observou: “nesta crença viveram nossos pais, e nela morreram”. E, numa conclusão pungente à prédica sobre os mistérios do além túmulo: “mas, ó Deus meu! Este abismo (a morte) que me não separe para sempre das almas tão ardentemente amadas que já ali me esperam! Sim. Um dia também

¹⁶⁸ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. p. 3

¹⁶⁹ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O puritano*. Ano II, Num. 54, p. 1

¹⁷⁰ A expressão: “apesar de católica” aparece aqui não com tom pejorativo, mas apontando para o fato de que para os missionários do Protestantismo de Missão, notadamente prosélitos, consideravam a impossibilidade salvífica a partir do catolicismo. Algo que para Conceição é “normal”.

hei de enxergar as praias da verdadeira Pátria, tornarei a vê-los enfim, os caros, aos quais se acha preso meu coração, descansarei então dos perigos e fadigas que suportei no mar tempestuoso da vida. Consola-te ó minha alma, Deus já tem preparado o teu sossego, e conservado a tua Pátria onde acharás por fim o que tinhas perdido aqui. Não estarás sozinho, os caros já te esperam. Eles se acercam de ti com as palmas da vitória que deves ganhar aqui”.¹⁷¹

Não conseguimos ver em todos os documentos analisados uma crítica ao fato de ser alguém católico. Em outras palavras, ele não desqualifica a fé dos que, de “forma sincera”, dele participam. Encara-o sim como uma heteronomia, que ensimesmada, querendo ser a detentora do Reino de Deus na terra, deveria ser combatida. É contra este catolicismo que se coloca. A ânsia é reformista. Notamos que a adoção de tal postura, a qual lhe forneceu a alcunha, nos seus tempos de padre, de “padre protestante”, está diretamente relacionada à formação que recebeu.

2.1.2. A formação do menino José

Um destaque que Conceição constantemente recebe por parte de seus biógrafos, seja nos livros, ou nos apontamentos feitos nos jornais, ou mesmo como testemunho dos missionários com os quais teve contato era a sua formação intelectual aliada a uma humildade incomum. Adjetivos como “inteligente”, “ilustrado”, “generoso” e “caritativo” foram alguns dos que recebeu. Só que outros, menos qualitativos, como “louco” ou “teimoso”, também fizeram parte de sua coleção. Isto indica a dificuldade em compreender as suas ações.

Num primeiro momento, são do tio padre as primeiras influências. Ribeiro diz que “(...) numa época em que o clero nem sempre respeitava as conveniências, esse padre Mendonça se mantém irrepreensível”, e com um tom de indicar o alcance desta moralidade na vida de Conceição continua: “Aos seus cuidados ficou José Manoel da Conceição desde pequeno, e desde pequeno voltado ao sacerdócio”.¹⁷²

¹⁷¹ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 25

¹⁷² *Ibid.* p. 21

Foi desse tio-avô que Conceição recebeu não só as primeiras e marcantes influências, como também as primeiras aulas¹⁷³. De forma direta, pelas decisões mais importantes, como a matrícula na escola, por exemplo, e indireta, por estar sempre próximo e servir de conselheiro, ele é o responsável pela formação intelectual e vivência religiosa do jovem. Não temos como saber qual tenha sido, com toda a certeza, a formação de padre Mendonça. As informações fornecidas por Ribeiro indicam que era homem consciencioso, enérgico e instruído.¹⁷⁴

Ao tio coube ensinar as primeiras letras e atividades na igreja. Aos doze anos foi então matriculado na classe do padre Jacinto Heliodoro de Vasconcelos. Diz Ribeiro que a “(...) escola alfabetizava, ensinava aritmética, geometria, gramática, história sagrada e catecismo”.¹⁷⁵ Mas informação mais importante do que esta é a prestada por Vieira de que “(...) na escola, os dois livros de leitura de Conceição foram a Constituição do Brasil e o catecismo jansenista de Montepelier”.¹⁷⁶ É a formação jansenista o primeiro aceno de uma postura reformista por parte de nosso personagem.

Após as primeiras letras começa então a estudar latim com o padre José Gonçalves e a leitura de autores latinos amplia ainda mais a sua visão de mundo¹⁷⁷. Em meio aos estudos estava seu compromisso eclesiástico. Enquanto os jovens de Sorocaba tinham outras perspectivas para o futuro, Ribeiro nos diz que Conceição “(...) era uma vocação religiosa evidente. Contando em rápidas frases a infância, declara que se mostrou muito devoto até aos dezesseis anos”.¹⁷⁸

Antes de passarmos à formação posterior, precisamos abrir aqui um parêntese para indicarmos a importância que teve Conceição receber em sua formação inicial lições sobre a Constituição do Brasil, bem como toda a influência trazida pelo Catecismo de Montpellier, uma obra jansenista.

¹⁷³ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.143

¹⁷⁴ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 7-9

¹⁷⁵ *Ibid.* p. 13

¹⁷⁶ David Gueiros VIEIRA. *Op. Cit.* p.143

¹⁷⁷ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 17

¹⁷⁸ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 25

2.1.2.1. A Constituição do Brasil – formação para novos tempos

Sobre a Constituição do Brasil, como já vimos, seu surgimento se dá com a vinda da família real e posterior independência da colônia. O reino, para garantir a manutenção do poder na colônia, após a elevação desta em 1815 pelo então rei Dom João VI à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves, fica nas mãos do filho deste, Dom Pedro I. Mas há uma continuação, em termos práticos, do processo absolutista herdado de Portugal. Isto significa que as elites detinham o poder, excluindo o povo e mantendo a mesma ordem socioeconômica de antes, ou seja, o escravismo e o latifúndio. Apesar de correntes distintas, como os liberais, os conservadores e os republicanos, o que ficou foi que a postura governamental sobrepujou aos demais interesses, sendo que a primeira constituição facilitou o absolutismo e fortaleceu o poder das elites.

O resultado não foi o dos melhores para Dom Pedro. A Constituição não agradou a muitas províncias e revoltas começaram a ocorrer por todo o Império. Esses acontecimentos desgastaram a imagem do imperador e de seu governo, levando Dom Pedro I a abdicar em 1831, dando início ao Período Regencial. O que segue é o complemento do processo de independência, pois os brasileiros começam a substituir os portugueses nos principais postos da administração pública e também passam a controlar o aparelho do Estado.¹⁷⁹ Muito novo ainda Dom Pedro II o poder ficou nas mãos de regentes. Foi um período marcado por instabilidade política e social e mais revoltas provinciais.¹⁸⁰ O partido Liberal e o Conservador ganham maiores delineações. Quando o novo imperador assume, duas questões centrais são decisivas: a guerra do Paraguai e o movimento republicano. A primeira gera a questão militar que significava maior participação dos militares no cenário político brasileiro. A segunda levaria à República e à recepção do capitalismo e do protestantismo. Só que, além disto, no plano religioso gera também a questão religiosa¹⁸¹. A postura ultramontana da igreja, que é sua romanização, e sua luta contra a coroa e a maçonaria, bem como contra os protestantes, vai ser um dos pontos centrais, ou seja, a heteronomia com a qual Conceição, enquanto padre, vai ter contato.

¹⁷⁹ Hamilton de Matos MONTEIRO. Da Independência à Vitória da Ordem. In.: *História Geral do Brasil*. p.136

¹⁸⁰ *Ibid.* p. 138

¹⁸¹ Indicamos que um trabalho a ser considerado para discussão deste assunto é *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão religiosa no Brasil* de David Gueiros Vieira.

Com as lições sobre a Constituição do Brasil de 1824, mais do que aprender sobre os pontos nela contidos, com certeza, Conceição tem contato com todo o contexto acima exposto. Para compreender o mínimo a respeito da Constituição, precisou saber como esta foi possível e também as conseqüências geradas a partir dela, ou seja, de como, contribuiu para as mudanças no Brasil do século XIX. Na medida em que sua formação se deu junto aos padres jansenistas, há uma leitura muito particular de todo esse período. O galicanismo e o jansenismo vão se unindo à formação do jovem.

2.1.2.2. O jansenismo – uma maneira ecumênica de ser católico no Brasil?

Vieira, ao tratar da questão religiosa no Brasil do Século XIX, abre espaço no primeiro capítulo para apontar quais são os elementos em conflito. Enumera-os da seguinte forma: galicanismo, jansenismo, ultramontanismo, liberalismo, maçonaria, garibaldismo, protestantismo, e com menos expressão, o espiritismo, o judaísmo, e, pela última década do século XIX, o positivismo.

O jansenismo é o que nos interessa mais de perto porque foi fundamental na formação de Conceição. Vieira assim o apresenta:

O jansenismo, como é amplamente conhecido foi o nome dado à tentativa de reforma e reavivamento dentro da Igreja Católica, no século XVII, baseada nos preceitos religiosos de Fleming Cornelius Otto Jansen (1563-1638), Bispo de Ypres. (...) Jansen tentara reformar a Igreja Católica, sugerindo a mudança da sua teologia do tomismo para o Augustinianismo. De certo modo, Jansen reagia também contra o protestantismo, se bem que muitos de seus ensinamentos religiosos fossem parecidos com o de João Calvino (...) O processo de crescimento para conhecer a Deus, de acordo com Jansen, exigia, entre outras coisas, a leitura diária da Bíblia. No entanto, porque Jansen também acreditava na sucessão apostólica, sustentava que esta relação íntima entre o homem e o Criador só podia ser obtida por meio da Igreja Católica.¹⁸²

Os jesuítas sempre fizeram parte da história de Portugal e, por conseguinte, da colônia Brasil. São os responsáveis pela propagação das principais idéias contra-reformistas

¹⁸² David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.29

do Concílio de Trento entre os lusitanos, bem como pelas ações missionárias nas colônias¹⁸³. Para o Marquês de Pombal, já no século XVIII, eles eram os grandes responsáveis pelo “atraso” de Portugal em relação às demais nações européias. Um imbricado de questões políticas, econômicas, sociais, filosóficas que são perpassadas pela questão religiosa. Isto foi assim até que, em Portugal, religiosos começam a ser influenciados por ideais jansenistas. E não só, pois o primeiro ministro, “(...) na sua luta para estabelecer o controle do Estado sobre a Igreja, utilizou os jansenistas portugueses”.¹⁸⁴

Como colônia de Portugal o Brasil, religiosamente falando, seguia um padrão mais ou menos parecido. Pombal na primeira metade do século XVIII expulsou 500 Jesuítas do Brasil e do Maranhão. Era assim devido ao Padroado, uma vez que ao invés de estar diretamente submissa a Roma, a Igreja Católica no Brasil estava submissa à Coroa. E como não poderia deixar de ser, a questão entre o poder real e o poder eclesiástico sempre estivera como tema central. E o jansenismo, no século XIX é um adendo neste cenário. Chegou ao Brasil por meio de padres e prelados que receberam formação em Coimbra e segundo Léonard sua importância se fundamentava em três premissas: “fomentação de uma religiosidade austera, culto das Sagradas Escrituras e independência em relação à Roma”.¹⁸⁵ Depois de apontar o fato de sua postura contrária ao ultramontanismo Leonard assinala que sua “(...) influência reforçou, assim, o realismo oficial e a política anti-pontifical que foi regra sob os dois impérios, herdeiros neste ponto, como em muitos outros, da política do Pombal”.¹⁸⁶ O jansenismo somado ao galicanismo se constitui numa força religiosa e política, tanto em Portugal como no Brasil.

É por isto que podemos entender Feijó¹⁸⁷ e Kidder¹⁸⁸ como amigos. A reforma estatal proposta pelo primeiro encontrava apoio nos ideais políticos e até mesmo religiosos do

¹⁸³ Há um texto de Leonardo Boff que ele apresenta todo o processo de evangelização ocorrido na América Latina: Leonardo BOFF. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática. Outro autor que merece destaque por trabalhar o tema é Paulo Suess.

¹⁸⁴ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.30

¹⁸⁵ Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p.38

¹⁸⁶ *Ibid.* p.39

¹⁸⁷ Diogo Antônio Feijó foi regente do Brasil durante a menoridade de Dom Pedro II. Influenciado pelo jansenismo e pelo pombalismo, este intelectual e sacerdote pretendia uma Igreja Católica independente de Roma. Além disso, possuía afinidades com protestantes.

¹⁸⁸ Como um dos primeiros missionários o pastor metodista Daniel Parish Kidder veio ao Brasil como distribuidor de Bíblias e acabou reunindo os relatos de suas viagens e observações a respeito destas no *Sketches of residence and travel in Brazil* (Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil). Em 1857, James Colley Fletcher reedita este material sob o título de *Brazil and Brazilians*. Leonard nos informa que é

segundo. O progresso da nação era o que unia liberais, jansenistas e protestantes. Vieira nos chama atenção ao afirmar: “É muito interessante notar este sentimento quase ecumênico que existia entre jansenistas e protestantes no Brasil”.¹⁸⁹

O catecismo de Montpellier, por exemplo, foi obra adotada largamente no Brasil e Kidder sugeriu que este fosse adotado junto com a Bíblia como texto de leitura nas escolas públicas de São Paulo. Pediu, então, aos editores protestantes Eduardo e Henrique Laemmert, bem próximos futuramente de Conceição, que publicassem tal material.¹⁹⁰ Certamente o rapaz teve acesso a um desses exemplares.

O jansenismo nos parece ter sido importante fator na vida de Conceição. Esse ecumenismo anterior a ele parece lhe ter alcançado. Não vemos nele, ao longo de toda a sua ação e, em suas palavras, uma postura radicalmente anti-ecumênica. A isto pode ser acrescentado o tripé jansenista apresentado por Léornard, pois a vida de nosso personagem é uma vida de dedicação, de não encarar Roma como o centro do mundo (ainda que considere o catolicismo como único e verdadeiro representante do cristianismo) e, conforme nos informa a maioria de suas biografias, de contato com a Bíblia já por volta dos 18 anos.

2.2. Encontros com protestantes

Os protestantes, quando Conceição já era um jovem, estavam presentes em vários pontos do país, sendo muitos deles assentados no sul. Entretanto, muitos imigrantes estavam no sudeste brasileiro, em centros urbanos como o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre que atraíram comerciantes, estudiosos, médicos, engenheiros e técnicos entre os imigrados.

Pela região de Sorocaba estavam eles também presentes. Dois momentos são marcantes na vida de Conceição. Um encontro com um pintor francês e a vivência, quase que diária, com os protestantes na localidade de Ipanema. Merecem destaque, pois na sua *Profissão de Fé*, Conceição deixa relatado, em algumas linhas, o que significaram tais encontros.

uma obra romanceada que a torna menos inexata que a primeira edição. Foi publicado em português em 1941 sob o título *O Brasil e os brasileiros*.

¹⁸⁹ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.31

¹⁹⁰ *Ibid.* p. 31

2.2.1. Uma experiência marcante: a diferença entre religião e alegoria

Quando Conceição tinha seus 17 anos de idade, nos diz Ribeiro, o vigário da vara resolveu reformar a velha matriz de Sorocaba. Não nos diz o nome do referido, mas nos indica que foi ele o responsável pela contratação de um pintor francês, vindo de Campo Largo, de nome Carlos Leão Baillot.¹⁹¹ Logo este foi contratado pelo padre Mendonça para ministrar aulas de desenho e pintura à Conceição.¹⁹² Parece que a amizade entre ambos foi natural, mas não há, em momento algum, margem para compreendermos uma ação proselitista por parte do pintor em relação ao jovem. Ao contrário, Conceição é quem busca apontar “falhas” nas ações religiosas do estrangeiro.

Conceição assim registra como um acontecimento importante:

Violento em defender aquilo que amava, ou tinha por verdadeiro, quis um dia ferir um amigo, que me dava lições de desenho, Carlos Leão Baillot, francês, por tê-lo visto entrar e atravessar o corpo da Igreja com seu boné na cabeça. Ele sorriu-se, dizendo-me com muita doçura: Menino! Aprende em tua Bíblia a distinguir a alegoria da religião; o fim da Bíblia é ensinar-nos a amar a Deus, sobretudo, e depois, amarmos-nos uns aos outros como bons irmãos, filho de um só o Pai, que está no céu, ouves meu menino?

E eu fiquei corrigido e confundido.

Essa lição inspirou-me amor aos estrangeiros e uma necessidade ansiosa de fazer um estudo acurado da Palavra de Deus.¹⁹³

As palavras do próprio Conceição após relatar a experiência quase nos impossibilitam de tecer mais algum comentário. Entretanto, precisamos destacar que o que o jovem considerava ser religião não era tão religião, por isso a sua confusão inicial. O que houve foi uma ampliação do conceito de religião compreendido por Conceição. O sentido que o francês dá às palavras com as quais argumenta com nosso jovem lembra em muito o conceito de religião considerado por Tillich. Religião não são instituições historicamente

¹⁹¹ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 27

¹⁹² Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 17

¹⁹³ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O puritano*. Ano II, Num. 54, p. 1

condicionadas e seus ensinamentos, pois estas são, nas palavras do pintor, “alegorias”. Religião não é uma prática ritual, mas sim abertura e direcionamento a Deus e ao próximo.

É a partir deste encontro que Conceição vai começar a compreender que aquilo que é religião não pode ser traduzido somente pelas religiões institucionalizadas. Nisto, entretanto, há uma dificuldade, pois o misto de dogmas, festas, procissões vão tecendo a religião no Brasil. É difícil, a quem está vivendo esta realidade, fazer tal distinção, mas mesmo que não tenha registrado conscientemente isto, Conceição começa a considerar que não bastava pertencer a uma igreja ou a uma forma de religiosidade cristã. A partir desse momento parece que começou, timidamente, a entender que religião é fundamento da existência e não uma esfera particular da cultura.

2.2.2. A importância de Ipanema

Conceição vai trabalhar em Ipanema depois de terminar os estudos teológicos em São Paulo. É enviado para lá em 1842 pelo tio padre. Por essa época é sub-diácono. Por uma questão meramente didática e seguindo o relato apresentado na *Profissão de Fé*, ao invés de apresentarmos a formação e os estudos em São Paulo, já abrimos aqui espaço para assinalar a importância da vivência nessa localidade para toda a vida de nosso personagem.

Ipanema era próxima de Sorocaba. Apesar de pequena localidade havia capela e casa de capelão. Vieira complementa com as seguintes informações a respeito de tal localidade: “Em Ipanema havia uma fundição de ferro, gerenciada por Frederick von Vargnhagen, pai do historiador Henrique Vargnhagen. Havia 27 famílias germânicas na cidade. Morava lá também o doutor Theodor Johanis Langaard, médico dinamarquês. Este ensinou alemão ao jovem padre e emprestou-lhe livros alemães de história e Geografia”.¹⁹⁴

Conceição assim registra o que vivenciou nesse lugar: “Frequentava a fábrica de ferro do Ypanema (em Sorocaba, na minha província) visitando ali a família Godwin, cujo pai era Diretor das máquinas a vapor do estabelecimento; senti-me tocado profundamente ao ver o silêncio que, no Domingo, reinava por toda parte; era uma família inglesa”.¹⁹⁵

¹⁹⁴ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*.p.143

¹⁹⁵ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O Puritano*. Ano II, n.º 54, p. 1

A amizade com este Godwin traria, além do conhecimento da língua inglesa, informações sobre a Europa e a forma de ser anglo-saxônica, o que lhe descortinava um mundo para além do ibérico-católico. O primeiro, dos muitos fatos que chamam a atenção de Conceição é toda a piedade demonstrada pela guarda do domingo, fruto do pietismo alemão do século anterior. Apesar da formação jansenista e abertura ao protestantismo, estes protestantes, segundo o catolicismo, não fazem parte da Igreja e, portanto, não são verdadeiros cristãos. Não se pode esquecer que o jansenismo é um movimento católico. Protestantes são ainda vistos como hereges. É por isso a admiração de Conceição diante da forma daqueles em celebrar e viver a fé cristã. Continua em seu testemunho: “Admitido na sociedade da mesma vi que todos se empregavam na leitura da Bíblia e de outros livros espirituais. Visitei depois quase todas as casas dos Alemães; em toda a parte, sempre o mesmo quadro de culto e religião!”.¹⁹⁶

Segundo os apontamentos de Ribeiro, Conceição aos domingos, terminados seus deveres, confraternizava com os protestantes. Isto demonstra que foi bem recebido. A influência do puritanismo destes protestantes remete à religiosidade jansenista austera que o jovem recebera, bem como a leitura da Bíblia, que se aproximava muito do que a formação catequética sugeria.¹⁹⁷ Precisamos ainda destacar a leitura de “livros espirituais”. Não sabemos que livros são estes, mas com certeza são livros sobre a Reforma, que refletem os princípios do protestantismo e do ensino do movimento iniciado no século XVI. É a partir deste quadro que Conceição registra:

Comecei a deduzir então os seguintes razoamentos: “Quem sabe se os estrangeiros têm tanta religião como nós brasileiros?... Quem sabe se a religião deles é a mesma que a nossa religião?! Ah! Quem sabe se eles não são mais religiosos do que nós, visto que são também mais civilizados do nós!...”

Assim discorria eu comigo mesmo. Contava então de idade vinte anos.¹⁹⁸

Para um jovem de vinte anos, parece-nos algo normal a consideração em uma de suas últimas frases acima. Acreditar que os protestantes e suas nações são mais civilizados era acreditar que o “progresso” que estes possuíam indicava um grau civilizatório superior. Talvez isto fosse eco daquilo que culminou no *kulturprotestantismus*, conforme assinalado por

¹⁹⁶ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O Puritano*. Ano II, n.º 54, p. 1

¹⁹⁷ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p.23

¹⁹⁸ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O Puritano*. Ano II, n.º 54, p. 1

Tillich. Porém mais do que isto, é importante destacar a abertura que vai sendo gerada a partir desses encontros. E, com certeza, a abrangência que estas leituras e práticas observadas vão exercer sobre o ministério sacerdotal de Conceição. Sobre este período Silva assim registra:

O contato com protestantes traria sobre Conceição influências que perdurariam pelo resto de sua vida. Em toda parte, sempre o mesmo quadro de culto e religião. E começou a formar-se em sua mente a compreensão de que talvez existisse uma outra verdade, além daquelas que julgava a correta: hereges tomavam a religião a sério, respeitavam as coisas sagradas, cultivavam a comunhão com Deus. Quem sabe se os estrangeiros têm tanta religião como nós, os brasileiros? Queria saber se a religião deles é a mesma que a nossa religião. Assim, com suspeita de uma outra verdade ao lado da sua, ele inconscientemente marchava para conclusão mais radical: talvez houvesse outra verdade; e parecia-lhe melhor que a sua.¹⁹⁹

2.2.3. Um amigo médico e um amigo editor

É ainda em Ipanema que Conceição conhece o médico dinamarquês Theodor Langaard. A amizade com este homem tornaria Conceição uma outra pessoa. A razão para isso é ele mesmo quem explicita:

Contraí amizade com o doutor Theodor Langgaard, a quem devo os meus conhecimentos da língua alemã, de história e geografia.

Destas boas relações (onde elas são extremamente raras) ficou-me pelo menos a certeza de que elas nos obrigavam também a tornamo-nos melhores do que não tendo alguma educação que é a sorte de quem vive no campo.²⁰⁰

A importância da amizade com Langaard reside no fato de este ter possibilitado conhecimentos importantes ao jovem. Ao menos três são destacáveis. O primeiro foi o aprendizado da língua alemã. Isto significou para Conceição o acesso à literatura européia, possivelmente de cunho protestante, além dos clássicos da literatura alemã.²⁰¹ O segundo foi o estudo de história eclesiástica sem o aval da Igreja Romana²⁰², o que levou a uma outra leitura

¹⁹⁹ Wilson José da SILVA. *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*. p. 43

²⁰⁰ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O Puritano*. Ano II, n.º 54, p. 1

²⁰¹ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p.25

²⁰² Júlio Andrade FERREIRA. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. p.31

do cristianismo e posterior relativização de Roma dentro da história cristã. Algo que o professor Julio Frank já apresentava aos seus alunos, na formação de Conceição em São Paulo. Nesse período teve acesso à obra de F. Laurent, professor belga da Universidade de Gand, *Études sur l'Histoire de l'Humanité*. Ribeiro destaca que o autor não era apologista da Reforma, mas a forma como narra o processo de corrupção do catolicismo é o que chama a atenção de Conceição.

Por fim, o conhecimento profissional específico do médico forneceria a Conceição as bases para as atividades de auxílio aos enfermos que ele desenvolveu pelo interior do sudeste em suas peregrinações. Além de uma preocupação de caráter espiritual Conceição levava também cura ao corpo dos interioranos. Sobre isto Mendonça escreve:

A amizade que Conceição fez com o médico dinamarquês João Henrique Theodoro Langaard, que clinicava entre os trabalhadores de Ipanema, parece ter completado a sua protestantização, não tanto por seu exemplo de vida religiosa mas pelas aulas de alemão. O conhecimento do alemão e o acesso aos livros de Langaard podem ter aberto a Conceição os conhecimentos históricos e críticos que mais tarde poriam em xeque a sua fé católica.²⁰³

Outro protestante importante para a vida de Conceição será, anos mais tarde, o editor Henrique Laemmert, no Rio de Janeiro. Apesar do encontro com os protestantes em Sorocaba, desde o professor de pintura e desenho até ao amigo médico, é com Laemmert que Conceição vai adentrar decididamente no universo protestante. Vieira diz que essas amizades anteriores foram importantes para a formação de Conceição, entretanto, “(...) a pessoa que levou Conceição ao conhecimento da teologia protestante foi Henrique Laemmert, editor no Rio de Janeiro. Este fornecia-lhe literatura protestante em alemão, tendo Conceição traduzido para o português algumas obras que foram publicadas no Brasil”.²⁰⁴

Este Laemmert é o mesmo que publicara os catecismos de Montpellier, a pedido de Kidder. Entretanto, não sabemos se Conceição já o conhecia por essa época. Parece-nos que não. Posteriormente é que o padre procura-o, sempre pedindo que enviasse sob encomenda, livros da Europa. Mas, além dos encomendados, Laemmert enviava outros e, segundo Ribeiro, assim procedia porque era conhecedor das tendências reformistas de Conceição.²⁰⁵

²⁰³ Antônio Gouvêa de MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p. 85

²⁰⁴ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p. 143

²⁰⁵ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 68

Anos mais tarde, ainda como sacerdote católico, Conceição não só vai ler os livros, como passar a traduzí-los. Sua tradução inaugural foi *Nova História Sagrada*. Assim lemos na dedicatória da obra:

Nova Historia Sagrada do Antigo e Novo Testamento, dividida em 104 capítulos, narrando em resumo, e por ordem cronológica, os sucessos mais notáveis de toda Escritura Sagrada desde a criação do mundo até a propagação do evangelho pelos apóstolos. Traduzida da língua alemã, da 100ª edição jubilada, e dedicada à mocidade Brasileira pelo seu patricio, o padre José Manoel da Conceição.²⁰⁶

Precisamos destacar que a teologia protestante desse período não tem muita coisa a ver com a teologia que seria trazida pelos missionários norte-americanos alguns anos mais tarde. A Teologia desses protestantes é uma teologia européia, que transmite ainda aquilo que aconteceu ao longo do século XVI. A teologia protestante dos norte-americanos, como veremos no capítulo três, já é uma teologia que recebe novas interpretações e é reorientada por todas as ocorrências nos Estados Unidos da América.

Havia nesse período no Brasil, conforme a consideração de Vieira, quatro ângulos diferentes e quase equidistantes para observar os protestantes: a) como “modernistas” indiferentes e irreligiosos, b) como moderadamente religiosos, mas pregadores do “progresso”, da indústria e do comércio, c) como zelosos pregadores do evangelho e distribuidores de Bíblias, e por fim, como místicos e fanáticos messiânicos.²⁰⁷ Os dois primeiros grupos são os imigrantes e colonos. O grupo “c” é representado pelos missionários norte-americanos e o último é pontual, pois se trata de um pequeno grupo de colonos germânicos.²⁰⁸ Interessante é que Conceição é enquadrado como místico tanto por Vieira como por Léonard, devido ao fato de, posteriormente, entrar em desacordo com o pragmatismo dos missionários norte-americanos.

Quanto à teologia que alcançou Conceição, por meio dos livros e dos amigos protestantes, em seu momento enquanto padre, e como estes se enquadram no tipo “a” e “b”,

²⁰⁶ José Manoel da Conceição. Dedicatória do livro *Nova História Sagrada*. Apud.: Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 70

²⁰⁷ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.49

²⁰⁸ *Ibid.* p.50. Estes protestantes foram conhecidos como Muckers e sobre eles há registro em jornais da época, como o ultramontano *O Apóstolo*. Começaram a se desenvolver em 1872 na área de São Leopoldo no Rio Grande do Sul e foram alvo de perseguição devido ao seu “fanatismo”.

possivelmente mesmo o liberalismo teológico²⁰⁹ pode ter sido alvo das leituras do jovem, pois o médico, diferentemente de toda a religiosidade dos estrangeiros de Ipanema, que pode ser enquadrado na tipologia “b”, aproxima-se e muito do “a”. Assim, além dos relatos dos fatos do século XVI, Conceição tivera contato com o posterior desenvolvimento do protestantismo, não apenas de sua história como também de sua produção teológica.

2.3. José Manoel da Conceição vai ser padre

Sendo de família católica e tendo sido criado por um padre, participante de todas as práticas, rituais e festas católicas, mesmo que tenha tido contato direto com os protestantes, Conceição desde cedo já estava praticamente destinado ao sacerdócio. Não que não tivera escolha, mas fora um “escolhido”, pois seu mundo era tomado pela religião. Entretanto, reconhece, posteriormente, que não fora um bom sacerdote. Em sua *Profissão de Fé* não deixa de registrar: “Mas eu estava destinado ao estado eclesiástico. A leitura da Bíblia e minhas relações com os protestantes fizeram logo de mim um mau candidato e mais tarde péssimo padre romano”.²¹⁰

2.3.1. A formação em São Paulo

Um dos primeiros passos para tornar-se sacerdote foi a conclusão de seus estudos fundamentais. Chegando ao final destes em Sorocaba, antes das experiências em Ipanema, Conceição vai para São Paulo. O ano é o de 1840. Nesse tempo perde sua mãe. Seus estudos se deram entre 1840 e 1842.²¹¹ Isto indica que o pouco tempo que ficou em São Paulo foi devido a estar “adiantado” em relação ao conteúdo das disciplinas ministradas no curso. É

²⁰⁹ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil* p. 51. Vieira nos indica que o pensamento teológico liberal iniciado por Schleiermacher na Alemanha do século XVIII alcançou ainda o Brasil no século XIX por meio de protestantes que aqui chegaram.

²¹⁰ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O Puritano*. Ano II, n.º 55, p. 2

²¹¹ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 18

Ribeiro quem nos informa que não havia Seminário, e que os “(...) Preparatórios eram feitos no Curso Anexo da Academia Jurídica e a Teologia com professores não oficiais”.²¹²

Um grande destaque do “Curso Anexo” era o professor de história Julio Frank. Sendo protestante apresentava certo ar de heresia em suas aulas. Ele “(...) não só abria os olhos dos estudantes para o romance, o drama, a tragédia e a glória da História; ensinava que História tem um ponto de vista local e tempo de observação”.²¹³ Conceição não chegou a fazer parte das turmas de Frank mas, certamente, o conheceu e foi influenciado pelas assertivas deste professor.

Estudou filosofia com padre Francisco de Paulo Oliveira que mesclava Genovesi com Kant. Retórica também fez parte do currículo, bem como o aprendizado do francês. Ao que tudo indica, tal formação foi gerando jovens iluministas e céticos. Entretanto, Conceição continuava firme em sua vocação sacerdotal.

2.3.2. A formação teológica

Por falta de Seminários, as aulas eram ministradas nas casas dos próprios professores. Sobre os inícios da formação de Conceição, por meio de disciplinas estritamente teológicas, Ribeiro assim escreve: “Prestou exames, foi aprovado e passou imediatamente à teologia ensinada por dois cônegos da Sé: a dogmática por Idelfonso Xavier Ferreira, a moral pelo arcepreste Joaquim Anselmo de Oliveira. A vida e o caráter destes dois homens eram um contraste violento, que quase desfecharia, anos mais tarde, numa cena de sangue”.²¹⁴

É preciso falar desde já sobre esse posterior episódio. Joaquim vai ser contra o Bispo Dom Antônio Joaquim de Melo quando este pede ao papa professores capuchinos para formação de um clero dentro da mentalidade ultramontana. Idelfonso por sua vez direcionou-se para o lado do bispo. Daí ambos entram em contenda, chegando à agressão física. Mas Ribeiro bem destaca que esta não era um desejo de reforma, antes uma questão pessoal.²¹⁵

²¹² Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p.18

²¹³ *Ibid.* p. 19

²¹⁴ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 33

²¹⁵ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 72

Quanto ao conteúdo das disciplinas, a aulas sobre teologia dogmática que Idelfonso lecionava apresentavam tendências jansenistas,²¹⁶ entretanto, por interesses eclesiásticos, talvez o desejo de prestígio e posição social dentro do clero, este professor sucumbe a um posicionamento ultramontano e também vai se mostrar contrário às tendências liberais.²¹⁷

Já o outro professor, Joaquim, era “(...) sempre um desabusado, e sempre um liberal. Moveu todo o cabido contra um bispo reacionário; prestigiou sempre o governo do país contra as investidas vaticanistas”.²¹⁸ Era claramente contrário a uma Igreja Católica Romana no Brasil. Era isso que ensinava. E é assim que a formação de Conceição vai se dando e, por causa de suas experiências anteriores, é possível visualizarmos para qual tendência ele pendia.

Outro fato que indica o posicionamento para o lado dos “reformistas” é sua amizade com o frei beneditino Joaquim do Monte Carmelo,²¹⁹ que conhecera nos anos de curso preparatório. Era patriota e regalista radical, considerando necessária uma Igreja Católica Brasileira patrocinada pelo imperador e com o mínimo de ingerência papal. “Viveu o período de transição da Igreja Brasileira quase autônoma de Roma e regalista, para a Igreja Romana no Brasil, submissa ao papa”.²²⁰ Diz Ribeiro: “ Veio a conhecer José Manoel nos tempos de estudante e se afeiçãoou profundamente a ele. Foram próximos até ao fim da vida do padre e sobre ele há indicações de que dedicou uma biografia”.²²¹

A afirmação de Monte Carmelo ter escrito uma biografia procede. Nos últimos anos de vida de Conceição fez-lhe uma visita e lhe dedicou um sermão. Quando o amigo morreu, fez-lhe a defesa contra a Igreja. Escrevendo em 1873 (ano da morte) sobre outro assunto, ainda relembra um incidente da vida de Conceição nesses anos de São Paulo. Se o amigo faltava, ao menos na lembrança ficara guardado. Isto porque ambos sempre foram muito semelhantes, embora tenham seguido caminhos distintos. O frei não era contra os dogmas

²¹⁶ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 20

²¹⁷ *Ibid.* p. 34

²¹⁸ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 35

²¹⁹ Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 38. Léonard no seu livro indica o valor do jansenismo dos Monte Carmelo, apontando à uma piedade austera. Tratava-se do agrupamento de padres seculares em Itu em torno do famoso padre Jesuíno de Monte Carmelo.

²²⁰ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 20

²²¹ A biografia de Conceição, possivelmente obra do Frei Joaquim do Monte Carmelo, foi uma série de artigos publicados na Reforma, foi publicada em forma de livro em 1874 sob o título *O padre Conceição e a Igreja* no ano de 1874, pela tipografia da Reforma. Saiu sem assinatura, mas os contemporâneos atribuem ao frei. Infelizmente, esta obra é de difícil acesso e não conseguimos, nem mesmo no Arquivo Histórico Presbiteriano, um exemplar de tal biografia. Tivemos acesso apenas às citações feitas por Boanerges Ribeiro em seus textos.

romanos e nem fazia restrição a estes, objetava sim o controle eclesiástico romano. Parece-nos que esta é a tendência reformista inicial de Conceição.

2.3.3. Os inícios da vida eclesiástica

Foram em torno de dois anos os estudos no Curso Anexo e também os estudos de Teologia. Conceição é agora um jovem pronto para cumprir sua vocação religiosa. Nas palavras de Ribeiro: “Em 30 de abril de 1842, depois de aprovado nos exames episcopais, José Manoel da Conceição foi tonsurado e recebeu as ordens menores da Igreja Romana, inclusive a de sub-diácono. Foi também aprovado para diácono. O diaconato viria logo a seguir. Não veio.”²²² Não veio porque explodiu em Sorocaba a Revolta Liberal²²³ e, por conta disso, veio a suspensão de todas as ordenações. O mês é maio de 1842. Não temos como saber até que ponto Conceição estava envolvido na revolta, bem como padre Mendonça. Não sabemos também a proximidade deles com os líderes do movimento, mas que eram conhecidos, não há como negar. O certo é que o fato de terem assinado a *Acta* da insurreição foi um ponto negativo para ambos. Negativo porque as conseqüências foram que o tio padre, que tinha autorização de permutar sua paróquia com a de Campo Largo, teve tal autorização cancelada após a revolta. Quanto a Conceição, acabou por ser encaminhado para Ipanema e quando as ordenações foram retomadas em 1843, segundo Monte Carmelo,²²⁴ não foi convocado por haver processo eclesiástico contra ele por causa da revolta. É, quando começa a ter suas “crises” com o catolicismo institucional. Hahn diz o seguinte sobre este período:

Conceição passou nos seus exames e foi para São Paulo para ser ordenado mas, momentos antes da cerimônia, foi avisado de que não receberia a ordenação. Ele

²²² Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 21

²²³ Este revolta se deu pela oposição dos liberais ao Imperador. Acontece quando o imperador D. Pedro II dissolve a Assembléia Geral que ainda se encontrava trabalhando em suas sessões preparatórias, alegando que as irregularidades e fraudes cometidas no processo de eleição é que haviam determinado a vitória dos liberais. Os Liberais querendo discutir o assunto e diante a recusa do Imperador, fez surgir um movimento rebelde na cidade de Sorocaba. Os nomes do padre Diogo Antônio Feijó e Rafael Tobias de Aguiar são os mais *destacáveis*. *Sorocaba chega a ser* declarada capital provisória da Província de São Paulo e Tobias de Aguiar seu presidente interino. Mas o Governo com Caxias reage e a revolta é sufocada, sendo preso seus líderes.

²²⁴ Joaquim de MONTE CARMELO. *O Padre Conceição e a Igreja*. Apud: Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 24

não tinha agido politicamente a fim de encontrar um padrinho nas áreas clericais. Foi, para ele, um grande choque descobrir o jogo político existente na Igreja. Esteve, por algum tempo, decidido a abandonar a carreira, mas foi persuadido a retornar e foi ordenado diácono em 29 de setembro de 1844, começando seu trabalho sacerdotal como assistente de seu tio-avô, o Padre Mendonça em Sorocaba.²²⁵

Isto indica que a sua ordenação só ocorreu após a anistia concedida pelo Imperador aos revoltosos de 1842. Um acontecimento interessante em sua atividade como diácono é que, embora um diácono não fosse autorizado a celebrar o batismo, ele batizou os filhos de seu amigo protestante Langaard, tendo o padre Mendonça feito o registro. Sobre esta atividade junto a seu tio Ribeiro assim comenta:

Assim, quem voltou de Sorocaba à São Paulo já não foi o mocinho exaltado e incerto: foi um homem amadurecido pela maldade de outros homens, ciente de que a injustiça era possível na igreja que ia servir – e possível porque o clero acampava toda a malta de politiquinhos sem escrúpulos. E um homem decidido a combater esse estado de coisas, tendo como modelo a piedade que observara nos cristãos protestantes de Ipanema; como inspiração a História e a Palavra de Deus. E, tenho razões para crê-lo, também sermões de Lutero lidos em alemão.

Sentia-se, de certo modo, livre das peias hierárquicas, e superior a elas. Isto se percebe mesmo em Sorocaba, quando ele batiza os filhos do Dr. Langaard sem exigir abjuração e batismo do amigo, e sem ter muito direito a isso, visto que na cidade populavam padres, e ele ainda não era presbítero. E o tio, o vigário, registrou o ato com a maior naturalidade. Estavam ambos acima da organização que deviam servir.

Durante oito meses o diácono auxiliou pe. Mendonça em Sorocaba. Mais tarde contaria com este tempo no seu sacerdócio.²²⁶

Meses mais tarde, depois da ordenação como diácono, em 29 de junho de 1845, com a idade de vinte e três anos Conceição foi ordenado presbítero no Palácio Episcopal. Inicia-se desta forma no Brasil uma nova tentativa de reforma do catolicismo. Não uma reforma estrutural ou eclesiológica, algo que o jansenismo enquanto movimento já vinha tentando e que alguns indivíduos, como Diogo Feijó, já vinham propondo. Estava embasada nesta proposta reformista sim, mas a reforma que Conceição estava trazendo, não podendo qualificá-la como melhor ou pior do que as anteriores, era uma reforma com características diferentes, pois de caráter espiritual, baseada e centrada na fé. E, como bem destacou Cláudio

²²⁵ Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. p. 190

²²⁶ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 51

Ribeiro: “O que está no centro da doutrina do princípio protestante é o que se pode chamar de uma ‘estrutura divina da realidade’, ou seja, a fé”.²²⁷ Era uma reforma proposta por alguém que possuía em seus discursos os princípios do protestantismo e, além disto, o protestantismo por princípio. Por isso Léonard via em Conceição, e em toda a sua atividade como padre, alguém que podia ser comparado a Lutero.²²⁸

2.4. A luta contra a heteronomia

Para um jansenista a concepção eclesiológica é ainda medieval. Isto significa que, apesar da teologia jansenista ser uma teologia “progressista” e reformista, ainda persiste a consideração de que a ação de Deus se dá “(...) por meio da mediação da Igreja que seria, então, o meio de salvação por excelência, portanto, destinada a co-ordenar a vida do mundo, revelar a manifestação de Deus em Cristo e decidir acerca do futuro da humanidade”.²²⁹ Ainda que os jansenistas se opusessem aos ultramontanos, nessa questão concordavam. A diferença fundamental é que o papa apoiava o processo de romanização. Desta forma, o ultramontanismo vai se fortalecendo, para, digamos, desespero e desilusão de Conceição. Sobre este processo Vieira assim escreve:

(...) a história do Brasil, a começar desse período (1828), presenciou uma luta contínua, por parte dos ultramontanos, para conquistarem o poder e estabelecerem seu controle sobre a Igreja Brasileira, luta esta que, no final, eles venceram. Essa luta, deve ser reiterado, não ocorreu apenas no Brasil. A mesma ocorreu em toda a América Latina e na Europa sob a liderança de Pio Nonno.

No Brasil, o ultramontanismo quase que totalmente conquistou o poder sobre a Igreja. Essa vitória foi em parte alcançada quando os bispos conseguiram o direito de suspender qualquer clérigo “ex-informata conscientia” (Decreto nº 1911 de 28 de março de 1857), sem que o clérigo afetado pudesse apelar para a Coroa, bem como quando obtiveram controle dos Seminários. O imperador inadvertidamente auxiliara o ultramontanismo. Com seu desejo de obter para o país um clero mais educado, mandou para a Europa um grande número de seminaristas brasileiros que absorveram idéias ultra-montanas nos seminários da França e da Itália. Ao voltarem ao Brasil, esses jovens em pouco tempo conquistaram posições de

²²⁷ Cláudio de Oliveira RIBEIRO. Teologia e ciências: uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. In.: *Por uma nova Teologia Latino-americana*. p. 218

²²⁸ Émile G. Léonard. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 57

²²⁹ Zwinglio Mota DIAS. *A larva e a borboleta*.

liderança dentro da igreja. Muitos deles chegaram a bispo em pouco tempo. A verdade é que, pelos idos do Primeiro Concílio do Vaticano (1869-1870), todos os bispos brasileiros e seus colegas latino-americanos (48 ao todo) eram ultramontanos e se juntaram à maioria que defendeu o projeto que estabelecia a infalibilidade papal. Já em 1870, os ultra-montanos dominavam o clero brasileiro, tendo, de há muito, suplantado o jansenismo e o catolicismo liberal de todos os tipos.²³⁰

Só muito lentamente, é que Conceição vai alcançar a compreensão do caráter provisório das instituições religiosas, pois humanamente criadas. Este não é um entendimento tão simples quanto parece. Com certeza, as leituras que fez dos textos da Reforma contribuíram para sua postura singular. Mas os laços de toda a tradição familiar religiosa recebida e a noção de cristandade muito forte, não permitem um rompimento. Por isso, ao se tornar padre, Conceição acredita numa reforma do catolicismo no qual está inserido. Considera ser possível se desenvolver dentro deste, apesar do avanço e das conquistas do ultramontanismo, uma nova maneira de ser igreja. A reforma que iria propor era uma reforma de caráter espiritual.

Suas tendências reformistas, diante da configuração do catolicismo de então, vão fazer de sua atividade sacerdotal a tradução de uma luta constante, não contra os católicos, mas contra a heteronomia que o romanismo representava. De seu lado, como instrumento de luta, tinha o desejo de uma igreja católica brasileira, mas encharcada de princípios advindos do protestantismo. Não queria uma reforma que gerasse uma Igreja Católica nacional apenas na questão do governo eclesiástico, queria uma reforma de tal maneira que acabasse por reconfigurar o catolicismo em sua totalidade. Nisto vemos um protesto contra a absolutização da substância católica, da predominância sacramental na igreja romana. Com certeza as idéias jansenistas somadas às protestantes levaram-no a esta postura.

Trata-se de uma luta interna e com contornos místicos. Luta de pertença e de rejeição. Tillich diz que o “Princípio Protestante” rejeita a heteronomia representada pela infalibilidade papal.²³¹ Conceição começa a experimentar isto. Entretanto, como ele não consegue identificar, a princípio, de forma clara, a heteronomia que é o catolicismo de seu momento, e não considerando em nenhum instante a possibilidade de romper com ele, a única saída que possui é lutar contra tal heteronomia. Só sabe que não há muitos que o apóiam e

²³⁰ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p. 37-38

²³¹ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p.18

assim, desde o começo de suas atividades será um homem solitário.²³² Diante de tal situação, é padre por “longos” e “difíceis” dezoito anos.

2.4.1. Conceição ser torna padre: as atividades pastorais como tentativas de reforma

Quando Conceição é ordenado tem início uma mudança na economia brasileira que faz com que o nordeste produtor da cana-de-açúcar vá cedendo lugar ao sudeste brasileiro.²³³ A produção cafeeira se centraliza nessa região do país. E o café acaba por trazer mais protestantes. Mas não só, a isso se acrescenta o fato do Rio de Janeiro ser a capital do Império e também a importância de Minas Gerais. O vale do Paraíba é uma região destacada neste momento. O agora padre Conceição é enviado para uma cidade nem tão dentro desta rota: Limeira. Talvez o bispo tentasse evitar problemas com o novo padre. Entretanto, Ribeiro nos informa que sendo bom pregador “(...) deu-se bem em Limeira, e Limeira com ele”.²³⁴

Não há uma data efetiva de quando Conceição chegou à Limeira, entretanto, há um registro dele estar prestando serviços de capelania em 1846, ainda em Sorocaba. Mas é em Limeira, que logo nos primeiros sermões, já vão ficando claras as influências que recebeu da Reforma. Mais do que sermão o padre estava pregando uma reforma na religião e pregando para o povo. E os sermões de Conceição eram o que havia de mais perturbador a respeito dele. Plenos de citações de autores clássicos alemães, davam uma forte impressão de estarem “cheios de heresias luteranas”.²³⁵ Monte Carmelo assim deixa registrado: “Com a leitura que tinha dos clássicos alemães era muito natural que se servisse deles em seus sermões que certamente pecavam pela deficiência de contos apócrifos e de mentiras manifestas e ridículas, vomitadas pela maior parte dos indivíduos que sobem ao púlpito com o fim único de fazerem jus ao dinheiro que pagam os festeiros”.²³⁶

²³² Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 51

²³³ João Luís FRAGOSO. O Império Escravista e a República dos Plantadores. In.: *História Geral do Brasil*. p. 145

²³⁴ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 25

²³⁵ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p. 143

²³⁶ J. C. Fletcher & D. P. Kidder. Brazil and Brazilians. Apud: Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 26

Precisamos considerar que em Limeira pregou também aos imigrantes alemães, mas suas palavras eram primeiramente direcionadas ao povo limeirense. Fletcher ao passar por Limeira alguns anos depois cita que ouviu falar de Conceição, um padre que “(...) tendo lido alguns livros de Lutero desviados da Europa para o Brasil, pregava sermões tão protestantes que foi atacado pelo bispo e, finalmente expulso de sua paróquia, mas não de seus sentimentos”.²³⁷

O que sucedeu foi que os de Limeira, encantados com o jovem vigário, queriam-no como vigário colado²³⁸, entretanto, o bispo, considerando as intenções de Conceição e o seu passado recente, acabou fazendo com que ele fosse removido para Constituição, posteriormente denominada Piracicaba. Hahn apresenta o motivo das peregrinações de Conceição:

A hierarquia da Igreja Romana não depositava inteira confiança nele, de maneira que ele veio a ser um padre encomendado, isto é, sujeito a remoções ao gosto das autoridades. (...) O bispado continuou transferindo-o de lugar para lugar na Província de São Paulo, mas em todos os lugares ele aconselhava o povo a ler a Bíblia e a confessar seus pecados diretamente a Deus. Os bispos, sem saberem, estavam permitindo que a futura Reforma Brasileira fizesse itinerância em suas dioceses.²³⁹

Isto os bispos faziam porque acreditavam estar evitando que Conceição criasse raízes, promovendo a criação de algum jornal ou mesmo publicação de livros. Em outras palavras, o que estava subentendido era o temor de que ele viesse a se tornar efetivamente influente na localidade que se estabelecesse. E assim prosseguia Conceição, indo de cidade em cidade e a cada nova localidade via ali a possibilidade de proclamar uma reforma do catolicismo. “Em cada uma dessas igrejas, ele se dedicava a reavivar a espiritualidade cristã, centralizando-a na pregação e leitura da Bíblia”.²⁴⁰ Debruçava-se sobre o intento de modificar o povo e a vivência e prática de sua religiosidade. Destacamos que a fama de bom pregador ia aumentando e, aliado a isto, estava o conhecimento de medicina. Ribeiro aponta: “Identificado com o povo, logo percebeu que entre seus males poucos superavam a falta de saúde. Mandou vir livros da Europa, e estudou-os com afinco. Fez-se senhor da botânica e da

²³⁷ *Ibid.* p.26

²³⁸ Este cargo era por concurso e inamovível.

²³⁹ Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. p. 190

²⁴⁰ Franklin FERREIRA. *José Manoel da Conceição*. p.29

física; tornou-se médico prático, e logo conhecido pelas curas que realizava”.²⁴¹ E citando Monte Carmelo, continua Ribeiro: “Raro era o enfermo por ele tratado que não experimentasse alívio de seus padecimentos. Pessoas desenganadas por habilíssimos médicos foram curadas pelo padre Conceição”.²⁴²

Entretanto, “Onde o colocassem, aí intentava sua Reforma, até que de lá o tirassem”.²⁴³ Desta forma, escreve o próprio Conceição na sua *Profissão de Fé*:

O clero todo, sem excetuar o próprio bispo, dava-me o epíteto de padre protestante. Esta intolerância a meu respeito, junto ao isolamento em que sempre vivi em relação a hierarquia eclesiástica, fizeram-me dominar por muitos anos em um estado indefinível, a não ser que já desse tempo me dominassem princípios providencialistas.²⁴⁴

Não ficou por muito tempo na atividade de coadjutor em Piracicaba. Logo foi transferido para Água Choca, que depois recebe o nome de Monte-Mor. Lá foi ser vigário encomendado. Volta para Limeira.²⁴⁵ Importante é o fato, de em março de 1852, o padre Antônio Joaquim de Melo ter sido ordenado Bispo de São Paulo, pois é ele que anos mais tarde, vai acabar por implementar o ultramontanismo e é ele, também, um dos grandes responsáveis pelas peregrinações de Conceição. Todavia, quando da nomeação deste, Conceição vai a Campinas pronunciar a oração gratulatória. É nesse ano que o padre protestante é coadjutor em Ubatuba, sendo rapidamente vigário em Taubaté.²⁴⁶

As crises que Conceição vivia, devido a discrepância entre a realidade que encontrava e aquilo que recebera ao longo de sua formação, foram aumentando e levavam-no a ter de permanentes inconstâncias. O viver a institucionalidade por meio de uma fé que de certa forma levava-o a romper com ela era demais para o padre protestante. As palavras de Ribeiro nos fazem compreender o porquê de Vieira²⁴⁷ e Leonard²⁴⁸ considerarem Conceição

²⁴¹ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 68

²⁴² Joaquim de MONTE CARMELO. O Padre Conceição e a Igreja. Apud: Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 68

²⁴³ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 68

²⁴⁴ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O puritano*. Ano II, n.º 55, p. 2

²⁴⁵ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 68

²⁴⁶ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 68

²⁴⁷ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p. 53

²⁴⁸ Emile G. Leonard. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 58

um místico: “(...) à medida que corriam os anos, invadia-o o desencanto. Na corte episcopal ridicularizavam-no sem dó. Profundo cansaço começou a empolgá-lo. Até que a melancolia se insinuou em sua vida. Eram crises que o arrancavam à casa e arrastavam pelas estradas, ao sol ou à chuva. À alcunha de padre protestante acrescentou-se outra: padre louco”.²⁴⁹

Em 05 de setembro de 1852 morre em Sorocaba seu tio, o padre Mendonça. Conceição foi sepultá-lo. Recebe metade da herança do tio que dera a outra metade aos pobres. O padre protestante então doa a sua metade também.²⁵⁰ Quando ainda estava em Ubatuba ou em Taubaté, no ano de 1955, morre-lhe o pai, Manoel, que casara de novo, e tivera mais filhos. Conceição tem agora como família somente quatro irmãos. A irmã Gertrudes, familiarmente chamada de Tudica, na época com quatro anos de idade, ele leva para morar consigo. Por essa época começa a traduzir livros que o editor do Rio de Janeiro, Laemmert, lhe envia. O título da primeira tradução é, como já vimos, *Nova História Sagrada* e não foi autorizada pelo Bispo. Em carta de Henrique Laemmert à Conceição ele assim escreve a respeito do livro:

Mas voltemos à sua obra a qual ficou pronta há dois meses e vai tendo bastante extração apesar de o senhor Bispo ter julgado conveniente negar-lhe a sua apropriação depois de nos ter conservado por seis meses o manuscrito que Deus sabe o quanto custou retirar. Apenas pronta mandamos encadernar ricamente em marroquim dourado dois exemplares com os nomes das Princesas a quem os oferecemos, sendo recebidos com muito agrado por S. M. a Imperatriz.²⁵¹

Nesta correspondência é ainda possível lermos que sermões, folhetos e, também, devocionais protestantes, faziam parte do material que lhe era enviado. Não sabemos se Conceição traduzia também estes materiais, mas é bem possível. Entretanto, por causa da tradução e posterior publicação do livro, algumas semanas mais tarde, ele recebe a seguinte correspondência da parte de Dom Antônio: “A bem do serviço público e da Igreja, hei por bem demitir o padre José Manoel da Conceição do emprego de vigário encomendado da

²⁴⁹ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 69

²⁵⁰ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 27

²⁵¹ Henrique LAEMMERT. *Carta a José Manoel da Conceição em 09 de novembro de 1957*. Apud: Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 76

freguesia de Ubatuba, e mandá-lo para a de Santa Bárbara, sob pena de suspensão *ipso facto*, etc. etc.”²⁵²

Dom Antônio, como já dissemos, é o bispo que possibilita o fortalecimento e abrangência do ultramontanismo na província de São Paulo. Entrou em choque com o cabido da Sé, principalmente com o professor de Conceição, Anselmo e, desta forma, buscando evitar o regalismo do clero paulista, pede ao papa que envie professores capuchinhos. Há nisto uma tentativa, bem sucedida, de formar uma mentalidade ultramontana nos novos padres. Assim escreve Ribeiro:

Em 11 de fevereiro de 1861 faleceu D. Antônio Joaquim de Melo. Deixou organizando e funcionando o Seminário Diocesano; estava entregue aos capuchinhos pessoalmente escolhidos e enviados pelo papa. Sintomaticamente, o seminário recebia o nome de Imaculada Conceição e de Inácio de Loiola. Com ele consolida-se a formação em São Paulo de um clero romano, ultramontano, não regalista. Em seu testamento D. Antônio assegurou a permanência dos capuchinhos no Seminário por mais de 25 anos; depois poderiam entrar para substituí-los antigos alunos deles.

D. Antônio editou também novo Catecismo, tridentino, romanista, papal e fez uso obrigatório em igrejas e escolas. O velho jansenismo de Colbert e de Lião estava liquidado.

Mais: D. Antônio obteve o poder de disciplinar padres “ex informata conscientia”, isto é, sem processo formal e sem recurso à Coroa. O clero ficou à mercê do bispo, restando ao governo continuar a pagar as contas.²⁵³

Parece que Conceição não fica muito tempo em Santa Bárbara e, em 1858, é coadjutor em Limeira. Logo é vigário em Brotas. Parece-nos que, nesta cidade, Conceição começa a perceber que não há muito que fazer. Percebe que toda a sua luta contra a heteronomia romana estava se mostrando como uma luta em vão. Mais uma vez Ribeiro: “Ao chegar em Brotas, José Manoel da Conceição sabe que já não há qualquer esperança de reforma evangélica em sua igreja pela pregação nos púlpitos. O que lhe resta é sua crise pessoal, espiritual, nascida na prática do romanismo”.²⁵⁴

²⁵² Dom Antônio Joaquim de MELO. *Ofício a José Manoel da Conceição*. Apud: Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 70

²⁵³ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 30

²⁵⁴ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 30

Em 15 de abril de 1860 realiza o primeiro casamento nesta cidade.²⁵⁵ As crises e sua situação junto à hierarquia não eram das melhores, por isso, deixa a irmã Tudica em Campinas com a família Bierrenbach. Com o falecimento, pouco tempo depois, de seu irmão Mateus, ele traz, para morar em uma chácara sua, a cunhada Mana Antônia e o sobrinho.²⁵⁶ Mesmo abatido, Conceição ainda propõe idéias reformadas. Importa destacar que em Brotas ele se encontra com famílias que, posteriormente, serão importantes para a história do presbiterianismo brasileiro. Mas suas crises o atormentam cada dia mais e, diante dos acontecimentos dos primeiros anos da década de 1860, a luta que enfrenta não é das mais fáceis e ele, desanimado, pensa em desistir. Mais uma vez citamos Ribeiro:

Conceição estava só (eclesiasticamente falando) e começava a desanimar. Sua atividade afrouxava e o interesse evangélico se esfriava. A melancolia já não vinha em crises raras: era quase o seu estado habitual.

Uma ou outra vez assaltava-o o desejo de retirar-se da vida pública, abandonar aquela luta. Buscava alívio nos divertimentos do tempo; sua mente se secularizava-se.²⁵⁷

Conceição assim declara, anos mais tarde:

Tinha percorrido minha província de uma extremidade a outra, literalmente, paroquiando e pregando. Minha antiga atividade parecia afrouxar, o interesse evangélico que já me havia levado a alguns pronunciamentos solenes, parecia esfriar-se, tinha-me abandonado a uma melancolia que se tornara quase o meu estado habitual. É que eu começava a sentir, então, que nada tinha feito de positivo, justo e consciencioso no verdadeiro interesse da causa de Jesus Cristo. Culpado, pois, sob este ponto de vista, resolvi retirar-me da vida pública.²⁵⁸

2.4.2. Uma saída possível diante da heteronomia romana

Não podemos dizer que Conceição tenha fracassado na sua reforma. Mas também não houve êxito. Carecia de poder estrutural, como o apoio de bispos e demais padres. Não

²⁵⁵ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 68

²⁵⁶ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 27

²⁵⁷ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 74

²⁵⁸ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O puritano*. Ano II, nº. 55, p. 2

havia dinheiro e influência suficiente. Ele mesmo abriu mão de sua herança. Os amigos mais chegados não tinham relações com o poder. Acrescenta-se ainda a extensão geográfica do país, assim como a ausência de uma estrutura de comunicação que facilitaria sua pregação. Ainda podemos acrescentar a ausência de companheiros que sonhassem com ele os mesmos sonhos.

Diante de todo o quadro que vivencia, do “fracasso” de sua tentativa de reforma e também do triunfo eminente do ultramontanismo, é na cidade de Brotas que Conceição começa a sofrer uma de suas piores crises. Desacredita quase que totalmente da Igreja, e pouco a pouco consegue visualizar a heteronomia que esta representa. Abrimos aqui parênteses para indicar que é por esta época que os primeiros missionários do Protestantismo de Missão chegam ao Brasil. Sobre os momentos pelos quais passa Conceição, apesar de um tom altamente confessional, as palavras de Ferreira são válidas:

Em meados de 1863, Conceição passou por uma profunda crise espiritual, centrada na questão da salvação pela graça e no lugar das obras na vida cristã. Como Martinho Lutero, séculos antes, Conceição condenava as indulgências (no caso dele os sacramentos) que proporcionavam uma falsa paz, que “implica e explica a negação da graça de Jesus”. Não sendo possível permanecer no exercício do ministério, foi dispensado de suas funções, indo viver numa casa perto de São João do Rio Claro. Estudaria primeiro as doutrinas reformadas no sossego da chácara; depois, publicamente professaria a fé em Cristo (leia-se aceitaria o protestantismo) e enfrentaria a controvérsia subsequente e inevitável.²⁵⁹

O que acontece a Conceição é que ele começa a considerar mais o que já outrora vivera. São suas as palavras: “Havia anos que a leitura da Bíblia, da História da Reforma, e de outros livros religiosos e literários, tinham-me sugerido idéias que não se harmonizavam com os dogmas que professava. Vieram-me convicções irreconciliáveis com as obrigações e práticas que me cabiam como pároco”.²⁶⁰

Entretanto, continua ele:

Não sabia como subtrair-me conscienciosamente a este emprego, que sempre procurei exercer para o bem dos meus semelhantes. Esforçava-me por conter minhas idéias e conciliar minha convicções com as circunstâncias que a

²⁵⁹ Franklin FERREIRA. *José Manoel da Conceição*. p. 29

²⁶⁰ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*.p.7

providência de Deus tinham me colocado era de balde. – A alma tocada da verdade só acha paz em reconciliar-se com Deus e conformar-se com a sua Santa Lei. A luta da alma era longa, renhida e penosa.²⁶¹

As práticas propostas pelo catolicismo aos fiéis, seus sacramentos e a infalibilidade papal representavam agora para Conceição um erro. Ele vinha relutando em acreditar dessa forma, mas agora, depois de quase duas décadas de sacerdócio, considerava-os como meio pelos quais o catolicismo de então realizava não só a manutenção de sua estrutura eclesiástica, mas também de seu poder. Conceição, já em 1862, negava-se a ouvir confissões e a insistência na leitura da Bíblia tornava-se agora, maior. No primeiro semestre de 1863 escreve ao novo bispo, D. Sebastião Pinto do Rego, que substituiu D. Antônio, expondo-lhe seus problemas e comunicando a resolução de abandonar a paróquia. Nas palavras de Ferreira, este momento da vida de Conceição é assim apresentado:

Quando vigário em Brotas, amigo de famílias mineiras vindas a essa boca do sertão, recomenda a leitura da Bíblia. Conceição sente a voz lacinante da consciência: não quer ser cismático, mas não crê nos dogmas, e menos na hierarquia romana... Há decadência em sua saúde e luta em sua alma, pelo que comunica ao bispo. D. Sebastião Pinto do Rego, sua intenção de deixar a paróquia. D. Sebastião temporiza: Faz dele vigário da vara, isto é, delegado do bispo, sem funções sacerdotais. Conceição concorda e comprando chácara em São João do Rio Claro, à margem do Corumbataí, muda-se para lá, disposto a se dedicar à lavoura.²⁶²

A partir de março de 1863 seus registros vão ficando escassos, mas ainda realiza até meados de 1864, alguns casamentos. Depois desta data é outra letra que aparece, mas indica-se a realização por parte do “(...) vigário da vara, padre José Manoel da Conceição”.²⁶³ Conceição não vê outra saída senão retirar-se da vida sacerdotal. Mas abandonar suas atividades religiosas não significa conseguir abafar a sua espiritualidade. Como não poderia deixar de sê-lo, questões religiosas e teológicas não o desacompanham. Há ainda a possibilidade de reforma, na mente e no coração de Conceição. No encontro com o protestantismo missionário, visualiza esta possibilidade.

²⁶¹ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. p. 7-8

²⁶² Júlio Andrade FERREIRA. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. p. 32

²⁶³ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 87

Escreve então ao Bispo, depois de uma audiência datada de 28 de setembro de 1864, a seguinte carta:

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo,

Renunciar a uma religião que me inspirou os melhores atos de minha vida é passo tão sério que apenas uma convicção inamovível – a fé, me decidiu a tomá-lo.

Contudo, apesar da sinceridade de nossos atos o mundo os julga de modo arbitrário, e ninguém pode furtar-se ao dever de explicá-los a amigos e inimigos, às autoridades e à sociedade. Pretendo produzir tal explicação dentro de pouco tempo, afim de que todos possam, após estudo e meditação, julgar-me com justiça e liberdade.

A V. Excia., príncipe da igreja a que pertenci, devo antes de tudo confessar que dela me separei – porque no Evangelho de Cristo, nosso Divino Redentor, aprendi a não confundir com Seu ensino máximas, invenções e tradições de homens. Sinto que, como atualmente se constitui a Igreja de Roma, é absolutamente impossível manter intacta, em seu seio, aquela liberdade de consciência indispensável à pregação e prática do Evangelho. Separando-me dessa Igreja eu poderei remover os obstáculos a uma vida mais conforme com Jesus Cristo, de cujo Evangelho não somente não me envergonho, mas confesso solenemente que somente ele pode indicar-me o Caminho da Vida, ensinar-me a verdadeira vida aqui e na eternidade, pela fé na Redenção do Filho de Deus.

Deus salve vossa Excelência Reverendíssima.

Cidade de São Paulo.

Ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Pinto do Rego, Digníssimo Bispo de São Paulo, e do Concílio da Sua Majestade Imperial de quem sou o mais humilde servo. José Manoel da Conceição.

José Manoel da Conceição²⁶⁴

Ao descortinar a heteronomia que o catolicismo representava Conceição consegue chegar a uma compreensão que fica expressa na seguinte frase desta carta: “(...) devo antes de tudo confessar que dela (da Igreja) me separei – porque no Evangelho de Cristo, nosso Divino Redentor, aprendi a não confundir com Seu ensino máximas, invenções e tradições de homens”. Isto fica assim posto em outras palavras na *Profissão de Fé*:

Avaro do tempo, que foge sem mais voltar, quis seguir o conselho de S. Paulo e também do profeta; quis deixar de ser menino, e não fazer renúncia da inteligência que Deus me deu para não crer a todo espírito, senão só ao que nos revela sua

²⁶⁴ Esta cópia é reproduzida por Boanerges Ribeiro em *O Padre Protestante*, pp. 110-111. Sobre tal texto a nota de rodapé que ele apresenta é que existe uma cópia em inglês, escrita na letra de Conceição, no arquivo da Junta de Missão, em Nova Iorque.

divina palavra. Horrorizei-me ante a colisão de subscrever conscienciosamente uma profissão de fé, que importaria aceitar o dogma de ter Deus abdicado o governo do mundo nas mãos de um mortal, quando a Jesus, seu próprio Unigênito Filho Nosso Redentor disse: “Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra; eu vou para o Pai porque o Pai é maior do que eu.” (Math. 28:18, João 14:6)
Convencido pela História do Gênero Humano e também pela experiência própria de que com Deus não se brinca, tomei a firme resolução de separar-me de um poder que se tem arrogado atributos próprios só da Divindade.²⁶⁵

A compreensão que ele alcança é aquilo que os reformadores conseguiram compreender: a transitoriedade das instituições humanas. Aquilo que Tillich coloca como sendo heteronomia e que não deveria ser aceito a partir do “Princípio Protestante”. Conceição se aproximava daquilo que Dias comenta sobre os reformadores:

A intuição genial dos Reformadores foi perceber e assumir a condição humana nos seus limites, precariedades e fragilidades. Fundamentados nos valores que apreenderam das Escrituras descobriram, muito antes das ciências humanas fundadas pelo Iluminismo, que o ser humano é um ser de carências, de desejos jamais satisfeitos e que procura na auto-afirmação constante a superação de suas necessidades existenciais.²⁶⁶

2.4.3. As críticas à heteronomia católica²⁶⁷

No próximo capítulo tentaremos delinear como se deu o encontro com representantes do protestantismo missionário e sua posterior agregação a este. Mas também, procuraremos apontar como Conceição vivencia essa relação. Antes, porém, desejamos destacar as críticas que ele dirige ao catolicismo visto como heteronomia. Anos mais tarde, ao ingressar no presbiterianismo recebe a *Sentença de Excomunhão e Desautoração*²⁶⁸ Nas primeiras linhas,

²⁶⁵ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, nº.56, p. 2

²⁶⁶ Zwinglio Mota DIAS. *A Larva e a Borboleta*.

²⁶⁷ Conceição, anos depois de tornar-se protestante, registra em alguns documentos sua opinião e postura a respeito do catolicismo. Indicamos que tais afirmações se encontram principalmente em sua *Profissão de Fé Evangélica* e também no seu relatório pastoral *O Brasil carece da pregação do Evangelho?*. Como ambos fazem parte deste trabalho como anexo, optamos conscientemente em não reproduzir as passagens contidas nestes documentos que abordam o assunto. Reproduzimos apenas o que se encontra em sua reposta à *Sentença de Excomunhão e Desautoração*.

²⁶⁸ Optamos por apresentar este documento como anexo ao final do trabalho.

após reconhecer sua culpa perante a Igreja, destaca que não se considera culpado perante Deus. É um não à heteronomia:

Os fatos alegados nesta circular de ter eu me despedido da Igreja Romana, abraçado e pregado as doutrinas do protestantismo, e me declarado presbiteriano puro, admito sem reserva alguma. Que estes fatos perante o direito eclesiástico da Igreja Romana constituam um crime digno da sentença acima relatada, não contesto.

Porém que tais fatos não tornam um homem criminoso perante Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo e as santas leis da sua palavra, folgo em conhecer.²⁶⁹

E segue no seu testemunho:

Muitas vezes recolhia-me comigo mesmo, comparava a minha vida com o Evangelho; não achava paz na alma. Lembrava-me da confissão; mas a confissão, pondo Deus a par dos santos e dos padres, deixava-me sem saber quem era o que me perdoava, nem se a remissão dos meus pecados dependia da absolvição do padre, se da minha contrição, se da penitência imposta, que umas vezes cumpria, outras não. Não era, pois, com tais incertezas e dúvidas que minha alma podia ser curada, e a moléstia era grave.

Olhava em redor de mim; ofereciam-se à minha contemplação milhares de almas na mesma situação em que eu me achava, nas mesmas cadeias do erro e do pecado; e, sobre todo esse quadro, a lei de Deus condenando de morte a indiferença, a idolatria, o desprezo de seus mandamentos!²⁷⁰

Acreditando que Deus agiria em favor de uma nova Igreja, acreditava ser instrumento de Deus para auxiliar na instituição de um novo tempo para esta e, por conseguinte, para a sociedade. Mas, diante daquilo que o catolicismo pregava e pretendia, começa a criticar a instituição católica:

As pretensões, pois de autoridade e infabilidade de dogmas e diferentes meios da graça, privativos da Igreja Romana (tornada no presente um verdadeiro caos), não há razão mais concludente a opor do que a mesma que os príncipes, anciãos, sacerdotes e escribas de Jerusalém opuseram os apóstolos S. Pedro e S. João, dizendo:

²⁶⁹ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. p. 7

²⁷⁰ *Ibid.* p.8

“Se é justo diante de Deus ouvir-vos a vós antes que a Deus, julgai-o vós: Porque não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido”. Atos cap. 4º 19, 20.²⁷¹

Então, na parte terceira de sua resposta, passa a apresentar os pontos fundamentais que indicam o catolicismo como heteronomia. Primeiro afirma que os dogmas estão em desacordo com os ensinamentos bíblicos e mesmo com a fé primitiva, acusando de uma “alteração profunda e radical na essência da fé cristã”.²⁷² Enquanto sacerdote conseguia ver isto claramente, mas não conseguia se desvencilhar. Então escreve: “Se houve da minha parte erro em demorar por tanto tempo a renuncia daquilo que não quadrava com a minha consciência, tenho a consolação de sentir que Deus, que só conhece o quanto me custou, tem me perdoado, com todos os meus pecados também este, por amor de seu Filho, cujo sangue purifica de toda a iniquidade”.²⁷³

Em segundo lugar, Conceição sustenta que a postura sacramental do catolicismo invalida a ação de Deus na história.²⁷⁴ É a comutação de pecados, a infalibilidade papal e o caráter sacramental da igreja que a leva a uma postura heterônoma. Desta forma, como conseqüência, em terceiro lugar, declara que a doutrina do Espírito Santo precisa ser recuperada, pois é o Espírito que reabilita e liberta o ser humano. Então escreve: “Em oposição a este ensino, a Igreja Romana atribui aos sacramentos e a outros remédios extraordinários tal eficácia, que tudo se faz por eles”. Conceição lança então as bases de uma reforma possível:

Não há reforma possível que não comece por reafirmar: 1º. Que Cristo crucificado uma só vez no Calvário é a única e suficiente expiação pelo pecado, e já não há mais oferenda pelo pecador; 2º. Que os méritos de Cristo estão ao alcance de toda alma contrita e crente; 3º. Que a reabilitação do homem interior, e não há força capaz de efetuar tal transformação exceto o Espírito de Deus, com quem estamos em contato imediato. Pedindo, receberemos; buscando, acharemos; batendo, abrir-se-nos-a.²⁷⁵

²⁷¹ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. p. 12.

²⁷² *Ibid.* p. 14

²⁷³ *Ibid.* p. 14

²⁷⁴ *Ibid.* p. 20

²⁷⁵ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. p. 26

Citamos então Ribeiro:

Entende ele (Conceição) que o ponto crucial da Reforma é a “doutrina acerca do plano de nossa redenção”. Esse é o marco zero, de onde partem todas as estradas, tanto as que levam à vida como as que guiam para a danação. (...)

O Rev. Conceição não está negando todo e qualquer efeito positivo da religião Romana nos usos e costumes da sociedade brasileira; ele os admite e afirma. O que nega é que as crenças inculcadas pelo catolicismo romano possam resultar em comunhão do homem com Deus. Antes tenhamos uma sociedade informada pelo catolicismo, do que uma onde nenhuma crença em Deus se aceite. Mas, numa sociedade que adota os cânones católico-romanos de comportamento, o melhor que cada pessoa pode e deve fazer é uma radical reforma em suas crenças, para alcançar a comunhão divina.²⁷⁶

Conceição não vê mais a possibilidade de reforma no Catolicismo. Acredita que esta possibilidade está presente no protestantismo, mas, como veremos, a reforma que pretendia e queria não seria tão possível assim no protestantismo histórico com o qual teve contato. Por fim, na quarta afirmação de sua resposta, expressa o que deveria fazer. Assinala não haver outra alternativa a não ser deixar a Igreja de Roma:

Do sentir a necessidade de uma reforma ao tornar-se o reformador mesmo, a diferença é a que vai do possível ao impossível. Sentir a necessidade da reforma, e por consequência fugir à ruína eminente, eis a parte do homem, que compara o Evangelho com a prática e os dogmas da Igreja Romana; porém, o efetuar eu a reforma, ficando no seio da igreja não cabia no possível.

A experiência vivida por Conceição exemplifica, em nossa opinião, aquilo que, muitas décadas depois, Tillich afirmaria a respeito da heteronomia: “O que nos impede de aceitar a heteronomia é a consciência da situação-limite da vida humana ou da ameaça final à existência. A proclamação desse fato é o primeiro elemento do protestantismo”.²⁷⁷

Conceição percebeu a heteronomia em meio às crises agônicas que experimentou. O seu “não encontrar paz na alma” se aproxima daquilo a que Tillich se refere como situação limite.²⁷⁸ “Elemento que pode prevenir o ser humano de render-se a propostas

²⁷⁶ Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. p. 134

²⁷⁷ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 212

²⁷⁸ Tillich diz o seguinte a respeito da situação limite: “A situação-limite da vida humana encontra-se quando a possibilidade humana alcança o limite máximo e se vê confrontada pela mais tremenda ameaça. Não se trata da morte. A morte pode certamente indicar a situação-limite; mas não necessariamente. Ela não é em si

heterônomas”.²⁷⁹ Por isso o padre protestante não podia mais aceitar a heteronomia. Diante de sua crise espiritual o que restava fazer? O resultado foi que Conceição aproximou-se e foi levado, pelos missionários norte-americanos, a tornar-se protestante.

mesma a situação-limite. A ruptura espiritual experimentada no desespero não termina com o fim da existência física. A situação-limite encontrada no desespero ameaça o ser humano num nível diferente da existência física”. Paul TILLICH. A Era Protestante. p. 213

²⁷⁹ Cláudio de Oliveira RIBEIRO. Teologia e ciências: uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. In.: *Por uma nova Teologia Latino-americana*. p.220

Capítulo 3 – O primeiro pastor protestante brasileiro: sua busca por teonomia.

Depois de ter abandonado o catolicismo Conceição estava, agora, diante de uma nova situação: cansado de sua luta contra a heteronomia romana não vê a sua frente muita perspectiva. Morando num sítio, em Rio Claro, seu desejo é tornar-se alguém que cuida da terra e dos animais. Entretanto, pela mesma época em que ele assim decide levar sua vida, chega ao Brasil um outro tipo de protestantismo, diferente daquele que conhecera a partir de suas amizades com os imigrantes. É o que ficou conhecido como Protestantismo de Missão. São estes missionários que procuram Conceição em seu sítio e que, de uma ou outra forma, vão fazer com que ele venha a se tornar o primeiro pastor protestante brasileiro.

O protestantismo aportou definitivamente por aqui somente a partir do século XIX. Houve possivelmente um luterano de nome Hans Staden que andou por essas terras pelos idos de 1548.²⁸⁰ Mas foi, como alguns outros marinheiros e portugueses convertidos à nova fé,²⁸¹ um solitário. As duas tentativas de ocupação territorial ocorridas nessa época não tiveram êxito. A primeira foi organizada pelos protestantes franceses, no Rio de Janeiro, por volta de 1555,²⁸² quando procuraram estabelecer uma colônia na área que hoje é conhecida como Baía da Guanabara, batizada com o nome “forte Coligny”, em referência ao destacado político e militar huguenote.²⁸³ A expedição é liderada pelo vice-Almirante Nicolau Durand de Villegaignon e Calvino envia pastores.²⁸⁴ Aparentemente três são os motivos para que isso

²⁸⁰ Cláudio LEMBO. Protoprotestantismo no Brasil. in.: Marcel MENDES (org). *Simonton: 140 anos de Brasil*. p.15

²⁸¹ Há a indicação de Lembo de que se tratavam de marinheiros oriundos de regiões européias protestantes ou de portugueses que feitos prisioneiros passavam a conviver com protestantes e abraçavam a nova fé. *Ibid.* p.17-20

²⁸² Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. p. 59

²⁸³ Gaspar de Coligny além de símbolo religioso foi líder político do huguenotes, um ramo do protestantismo surgido na França, nos séculos XVI e XVII. Foi ele quem conseguiu junto ao rei Henrique II os navios colocados a disposição de Villegaignon. A etimologia da palavra "huguenotes" não é clara. Alguns consideram ser a derivação de Besançon Hugues, líder da revolta em Genebra. Outros afirmam que deriva de “Eidguenot”, derivado do Suíço-alemão Eidgenossen, que significa confederados.

²⁸⁴ A este respeito, Jean-Pierre Bastian nos informa que em 1578 foi publicada uma obra de Jean de Léry, um destes pastores, sob o título *Historie d’un voyage fait en la terre du Brésil* (História de uma viagem feita à terra do Brasil). Nesta há uma primeira aproximação etnológica, o que nos leva a crer que estes franceses

ocorresse: por parte dos líderes políticos estava o interesse na expansão francesa no novo mundo, para o vice-almirante, fortuna, e para os huguenotes tal empreendimento representava um desafio missionário. Problemas internos causados principalmente por um ex-dominicano de nome Cointac que abraçou o protestantismo, mas, depois, abjurou-o, levaram ao fim a primeira tentativa de estabelecimento do protestantismo no Brasil.²⁸⁵ Foi este Cointac quem revelou todos os segredos do forte à Mem de Sá e, assim, os franceses são expulsos em 1567.

A segunda tentativa de implantação do protestantismo no Brasil, e também a de contato mais intenso com a cultura brasileira, foi levada a cabo por uma expedição holandesa que procurou se estabelecer no Nordeste brasileiro. Os holandeses da Companhia das Índias Ocidentais, interessados no comércio açúcar e de outros produtos tropicais, primeiro tentaram se estabelecer na Bahia em 1624. Foram de lá expulsos e atacaram Pernambuco em 1630, se estabelecendo ali até 1654, quando foram definitivamente expulsos.²⁸⁶ Sobre as atividades dos holandeses nesse período citamos Silva:

Nesse período, organizaram a Igreja Cristã Reformada, que funcionava com uma estrutura administrativa similar à européia, oferecendo escola dominical e evangelização aos indígenas e africana.

Durante o período holandês, especialmente no governo de Maurício de Nassau (1637-1644), experimentou-se pela primeira vez no Brasil um clima de tolerância religiosa. Católicos, protestantes e judeus conviviam então pacificamente. Conforme o historiador Frans Schalkwijk, citando um pastor holandês da época, “essa liberdade era tão grande que se não achava assim em nenhum lugar”.²⁸⁷

Nesse período e contexto é que vamos encontrar Manoel de Moraes. Ele é digno de ser citado, pois é o primeiro sacerdote católico brasileiro a abraçar a fé protestante. Sobre ele descreve Lessa:

É certo que, ao tempo da guerra holandesa, um sacerdote paulista, Manoel de Moraes, que havia sido cabeça de guerrilhas, aderiu aos holandeses na Paraíba, deixou batina e abraçou o calvinismo na Holanda onde contraiu matrimônio e

tiveram contato com a sociedade e cultura indígena Tupinambá. Jean-Pierre BASTIAN. O Protestantismo na América Latina. In.: Enrique DUSSEL (org.) *Historia Liberationes. 500 anos de Igreja na América Latina*. p. 469

²⁸⁵ Para uma leitura mais detalhada a respeito desta história: Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. pp. 59-62.

²⁸⁶ A respeito desta presença protestante de forma detalhada: Frans Leonard SCHALKWIJK. *Igreja e Estado no Brasil Holandês, 1630-1654*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989.

²⁸⁷ Elizete da SILVA. A presença protestante no Brasil. *Nossa História*, p. 14-15;

deixou ilustre e numerosa descendência, na qual se contaram médicos, advogados, militares. O historiógrafo pernambucano Dr. Souto Maior, que andou em pesquisas nas Holanda, adquiriu em Haya uma árvore genealógica do antigo membro do clero paulista. Manoel de Moraes caiu nas garras da Inquisição em Lisboa e teve que curtir horas de amargura por ter sido calvinista na Holanda. Longo foi o processo e teve que passar pelos autos da fé. Não sofreu a pena da fogueira, mas foi prisioneiro e teve de viver em atos de penitência pelo resto de sua vida acidentada.²⁸⁸

Manoel de Moraes parece não ter se tornado pastor reformado. Mas pelo menos deixou, em um instante, de ser sacerdote católico. Em um instante, porque para não sofrer duras penas ou mesmo pagar com a vida, retornou ao catolicismo. Assim sendo, a afirmação de que Conceição é o primeiro pastor protestante brasileiro é correta.

Com a expulsão dos holandeses, é somente no século XIX que o protestantismo vai se estabelecer de forma definitiva no Brasil. Primeiro com os imigrantes: protestantismo de imigração que não apresenta forte traço proselitista. Possivelmente Conceição vê este protestantismo apenas como religião dos estrangeiros, à semelhança do catolicismo ser a religião dos brasileiros. Ele vê apenas nos princípios reformados a possibilidade de uma reforma em seu catolicismo, mas não vê nos imigrantes protestantes os meios para que uma reforma possa ocorrer no Brasil. Testemunho disto é o batismo que realiza dos filhos de seu amigo Langaard. Foi somente com a chegada do protestantismo de missão que Conceição considerou o protestantismo como possibilidade de uma reforma religiosa no Brasil. É neste protestantismo que busca encontrar a possibilidade de uma teonomia.

3.1. O Protestantismo de Missão: sua postura

Dos Estados Unidos da América vem um tipo diferente de protestantismo. É o Protestantismo de Missão. Podemos dizer que esta nomenclatura aparece como tradução daquilo que, nas palavras de Alves, era o objetivo deste tipo de protestantismo: “Não se trata agora de criar um espaço cultural para uma população de imigrantes, mas de invadir a cultura dos nativos para convertê-los a uma nova fé”.²⁸⁹

²⁸⁸ Vicente Themudo Lessa. *Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo*. p. 33

²⁸⁹ Rubem ALVES. *Dogmatismo e Tolerância*. p.158

O século XIX é o século que torna possível o que ficou conhecido como Era ou Empresa Missionária. Procedentes de um ambiente de disputas e perseguições religiosas na Inglaterra, mas ao mesmo tempo incentivados pelo avivamento religioso do século XVIII, os protestantes ao se estabelecerem nas colônias vão fomentar uma concepção messiânica,²⁹⁰ que contribuiu decisivamente para fundação da nação norte-americana, estruturada na Teologia do Pacto²⁹¹ e na ideologia do Destino Manifesto²⁹². As igrejas colaboram para a estruturação da nação. A forma representativa de governo republicano, por exemplo, que vai ser a adotada é semelhante ao sistema presbiteriano de organização interna.

Apesar de apresentarem suas diferenças denominacionais, as igrejas norte-americanas desenvolvem um espírito de tolerância e acabam aproximando-se um das outras. Embora suas diferenças sejam mantidas, em função da abrangência do calvinismo²⁹³ e da influência do puritanismo e pietismo,²⁹⁴ que, segundo a análise de Weber, contribuiu para o fortalecimento do capitalismo,²⁹⁵ a teologia que desenvolvem possibilita a consideração de que progresso e riqueza são o símbolo da eleição divina. Desta forma, há uma homogeneidade não necessariamente eclesiológica, mas na crença de um modelo de sociedade ideal: cristão protestante norte-americano. Como diz Mendonça: “Uma civilização cristã segundo o modelo protestante era a meta”.²⁹⁶ Posteriormente a este protestantismo vai ser somada a

²⁹⁰ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *Evolução Histórica e Configuração Atual do Protestantismo no Brasil*. in.: *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. p.13

²⁹¹ Esta teologia considera que assim como houve um pacto entre Deus e Abraão no Primeiro Testamento, ocorrido por meio da graça divina, há a necessidade de que este favor da parte de Deus seja recebido pelo seres humanos, que pode ou não aceitá-lo. O que a Teologia do Pacto traz de novo ao calvinismo é necessidade da iniciativa humana e pessoal na apropriação desta graça. Mendonça aponta que há nisto uma valorização do indivíduo, o que acaba por legitimar, teologicamente, o individualismo. Além disto, o conversionismo encontra aqui suas bases, possibilitando que o proselitismo seja o meio eficaz de evangelização. São palavras de Mendonça: “*A Teologia do Pacto, talvez pela sua quase universalidade entre as igrejas de origem calvinista, via confissão de Westminster, e estar na origem da história do próprio povo americano, parece ser a raiz da ideologia do Destino Manifesto*”. Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p.42

²⁹² Esta compreensão levou os americanos a se considerarem, a exemplo o povo escolhido do Primeiro Testamento, o Novo Israel de Deus.

²⁹³ Calvinismo aqui é entendido como uma tendência teológica.

²⁹⁴ O puritanismo é um movimento surgido nas igrejas reformadas européias sem uma data específica (provavelmente século XVII). Objetivava uma interpretação mais “pura” das escrituras, mas acabou gerando a exigência de um comportamento moral exacerbado. Semelhantemente, o pietismo é um também um movimento, mas de intensificação da fé por meio de atos piedosos, como leitura matinal da Bíblia, oração antes das refeições, etc. Nascido na Igreja Luterana alemã no séc. XVII, atinge quase todas as denominações protestantes européias e posteriormente norte-americanas.

²⁹⁵ A obra de Weber que estamos nos referindo é: Max WEBER. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret. 2002.

²⁹⁶ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p. 59

teologia dos avivamentos. Esta conjunção de fatores vai fazer com que os protestantes neste país, principalmente no século em questão, encarem como tarefa a propagação de sua fé, tendo como responsabilidade a salvação do mundo. Surgem então várias sociedades missionárias.²⁹⁷ Entre os países alvo de sua missão estão os latino-americanos. Mendonça assim escreve:

Em 1699, Cotton Mather afirmava que o catolicismo implantara na América Latina um cristianismo deformado, tese repetida muitas vezes no futuro por outros autores, até mesmo latino-americanos, como o brasileiro Eduardo Carlos Pereira. Surgiu então a vocação norte-americana de transferir para a América Latina os benefícios do “sonho americano” ou do “estilo americano de vida”, cujos componentes são patriotismo, racismo e protestantismo. Tem sido comum a tese de que foi esse caldo de cultura o ponto de partida das missões protestantes na América Latina. Assim, apareceu em 1810 a *American Board of Commissioners for Foreign Missions*, inicialmente interconfessional e mais tarde congregacional. Em seguida foram surgindo outras organizações missionárias: entre 1814 e 1821, batistas, metodistas e episcopais, em 1837, o *Board of Foreign Missions*, dos presbiterianos e, em 1893, a *Foreign Missions Conference of North América*, interconfessional.²⁹⁸

E em outro texto complementa:

A expansão missionária das igrejas americanas no último terço do século XIX foi produto do sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos. O desejo de salvar os “pagãos” da danação eterna originava-se no espírito da teologia dos avivalismos, que enfatizava a conversão instantânea e o conseqüente redirecionamento da vida para a obtenção da perfeição. Para muitos, a pregação da salvação era urgente; devia ser feita antes da segunda vinda de Cristo, do milênio portanto. Alguns missionários, dadas certas inevitáveis resistências, sentiram a urgência do avanço dos interesses econômicos e políticos americanos, acreditando que no fim todos seriam beneficiados pela expansão americana.²⁹⁹

Assim como acontece com o catolicismo que chega a várias partes do mundo conjugado à expansão portuguesa e espanhola no século XVI, uma vez que os religiosos já vinham como parte integrante da tripulação, ao protestantismo acontece algo semelhante, pois é possível notarmos, sem muita dificuldade, que a expansão ou o trabalho missionário seguiu

²⁹⁷ Elizete da SILVA. *A Presença Protestante no Brasil*. p.16

²⁹⁸ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *Evolução Histórica e Configuração Atual do Protestantismo no Brasil*. in.: *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. p. 31

²⁹⁹ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p. 62

a trilha aberta pelo capitalismo. Primeiro a Europa, tendo a Inglaterra como representante, e posteriormente os Estados Unidos. Assim nos diz Alves:

À medida que europeus e americanos penetravam nos novos territórios, surgia o desejo de que aqueles povos recebessem não só os frutos do comércio e da técnica que lhes eram trazidos, mas que também aprendessem das realidades espirituais que se encontravam por detrás de seu progresso e de seu bem-estar! Sim, porque os protestantes sempre viram na sua religião a razão de ser do seu progresso econômico. Riqueza é uma bênção com que Deus galardoa a virtude. Por isso, não podiam furtar-se à tentação de comparar-se com a condição econômica dos países católicos. Se Max Weber está correto na análise que fez do problema, parece haver razões para que o protestantismo, historicamente, tenha estado sempre ligado às formas mais agressivas do capitalismo. Assim, duas coisas deveriam andar juntas: o comércio e a técnica, bênçãos de Deus, e a pregação do evangelho, segredo dessa bênção. Expansão colonial e expansão missionária ocorrem, assim, concomitantemente. Por outro lado, a riqueza resultante da Revolução Industrial e da expansão colonial oferecia a base econômica para que as igrejas se lançassem na grande aventura de “converter o mundo a Cristo, nesta geração”.³⁰⁰

Por fim, podemos dizer que este protestantismo que se considera incumbido de uma “missão” já não apresenta muita semelhança com a experiência protestante européia dos séculos XVI e XVII. Trata-se antes de uma releitura, uma reformulação ou reorientação teológica para enquadrar-se às exigências e singularidades da cultura e sociedade norte-americana. Em consequência disto, como nos diz Mendonça, é que, da perspectiva eclesiológica, desenvolveu-se uma noção de autoridade da Igreja, pois “(...) perder isso de vista era deixar fugir o absoluto e cair no caos do relativismo”.³⁰¹ Por outro lado, do ponto de vista teológico, o protestantismo norte-americano rumou para um escolasticismo que tornou a teologia uma tarefa indutiva, racional, feita objetivamente com métodos próximos ao das ciências naturais. Nas palavras de Mendonça: “A rigidez teológica congelou a fé, primado da Reforma”.³⁰² Em outras palavras, para estes protestantes eles possuíam a verdade e deveriam proclamá-la, ao passo que as suas igrejas eram as verdadeiras igrejas. Desta forma, estariam cumprindo um mandato divino. Só não consideravam que a verdade que possuíam era a verdade deles e não a verdade para aqueles que os iriam ouvir, e que suas igrejas representavam apenas uma forma específica de cristianismo e não a totalidade deste.

³⁰⁰ Rubem ALVES. *Dogmatismo e Tolerância*. p. 66-67

³⁰¹ Antônio Gouvêa de MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p. 67

³⁰² *Ibid.* p. 67

3.1.1. os primeiros missionários deste protestantismo

Um dos nomes que recebe destaque como o primeiro missionário deste protestantismo é o de Robert Reid Kalley. Já tinha conhecido outras partes do mundo, exercendo a profissão de cirurgião. Chega ao Brasil em 1855. Conceição já realiza atividades sacerdotais por uma década. Era congregacional³⁰³ e junto com sua esposa, Sarah Poulton Kalley, funda a Igreja Evangélica Brasileira em Petrópolis, três anos depois. “Ao Dr. Kalley pertence a honra de estabelecer a primeira igreja protestante permanente entre os brasileiros de fala portuguesa”.³⁰⁴ Entretanto, é preciso que consideremos que já haviam missionários com características semelhantes. Distribuidores de Bíblias e pregadores aos imigrantes que por aqui se encontravam. São possíveis devido às Sociedades paraeclesiásticas como as Sociedades Bíblicas. Outras como a *American and Foreign Christian Union* (União Cristã Americana e Estrangeira) já propunham missões por meio de colportagem, da imprensa e outros meios para difundir o princípio de liberdade religiosa e de um cristianismo “puro e evangélico”, onde houvesse um cristianismo corrupto³⁰⁵. Entre esses nomes podemos destacar os de Kidder e Fletcher.³⁰⁶

Há registro da existência de uma missão metodista na primeira metade do século XIX no Brasil. Agora, não mais fruto das atividades missionárias leigas, mas como parte de um projeto da Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal. Como negociantes metodistas que por aqui circulavam já viam os trabalhos das sociedades bíblicas, incentivaram o início de uma obra missionária. É Justin Spaulding o primeiro missionário metodista que chega ao Rio de Janeiro em 1836. Só que a missão durou pouco tempo, seis anos apenas, e com muitas dificuldades. Reily indica as possíveis causas do “fracasso”: “(...) 1. Falta de pessoal missionário; 2. Dificuldade de acesso direto ao povo brasileiro devido a superstições e

³⁰³ Hahn dedica páginas significativas à trajetória de Kalley enquanto missionário. Ali demonstra as dificuldades administrativas, por ele não ser pastor ordenado, das Juntas missionárias presbiterianas, primeiro da Igreja da Escócia e depois, da parte da Sociedade Missionária de Londres, com o trabalho que ele realizava. Por isso já possuía certa autonomia de ação. Relata a sua intenção inicial de ir à China, mas que acaba por alcançar à Ilha da Madeira, sofrendo ali perseguição católico-romana. Trabalha ainda em Malta e na Palestina. Morrendo-lhe a primeira esposa, casa-se então com Sarah, cujo tio era líder das igrejas congregacionais da Inglaterra. Desta forma, Kalley afasta-se mais ainda de suas raízes presbiterianas. Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. p.132-153

³⁰⁴ Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. p. 133

³⁰⁵ Duncan Alexander REILY. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. p.85

³⁰⁶ Há uma série de documentos que apontam para o trabalho destas Sociedades paraeclesiásticas em: Duncan Alexander REILY. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. p.68-89

limitação da liberdade religiosa; 3. Arrocho financeiro provocado pela depressão econômica nos Estados Unidos, o chamado ‘pânico de 37’³⁰⁷.

Somente depois destas atividades missionárias é que Kalley vai chegar ao Brasil para, aí sim, dar início formal ao processo de implantação do Protestantismo de Missão. Entretanto, como destaca Mendonça, ele não era norte-americano, mais sim um escocês autônomo, que se insere nesse grupo “(...) pela sua natureza teológica, a mesma dos avivamentos religiosos que ocorreram na Inglaterra e se transferiram para os Estados Unidos na passagem do século XVIII para o século XIX”.³⁰⁸ Assim, o primeiro missionário de uma Junta Missionária norte-americana a chegar no Brasil e desenvolver um trabalho que vai alcançar posterior êxito, respondendo aos anseios de sua Igreja, é Simonton.

3.1.2. Simonton³⁰⁹: o primeiro protestante com objetivo definido

Quando Ashbel Green Simonton chega ao Rio de Janeiro em, 12 de agosto de 1859,³¹⁰ como já o haviam precedido algumas gerações de protestantes, de certa forma, o caminho já estava preparado ao protestantismo de missão. Por isso, podemos dizer que possivelmente leitura de textos como os de Kidder e Fletcher, bem como testemunhos de outros que por aqui passaram, podem ter contribuído para a decisão pessoal dele vir para o país.³¹¹ Por outro lado, o espírito conversionista e a propagação dos ideais de progresso, que sobre ele exerciam influência, também foram propulsores para que a *Board of Foreign Missions* da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos visse o Brasil como campo necessitado de receber a mensagem de “salvação”.

³⁰⁷ Duncan Alexander REILY. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. p.94

³⁰⁸ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *Evolução Histórica e Configuração Atual do Protestantismo no Brasil*. in.: *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. p. 34

³⁰⁹ Simonton possui um diário onde registra suas atividades missionárias, como um relatório prestado à direção da Missão. Além deste diário, há também alguns sermões de Simonton. Entendemos não ser necessário reproduzir estes textos em nosso trabalho. Optamos por reproduzir, quando necessário, textos que sejam referência direta à pessoa de Conceição.

³¹⁰ Não é nosso objetivo apresentar uma biografia de Simonton aqui, portanto indicamos um livro significativo: Marcel MENDES (org). *Simonton: 140 anos de Brasil*.

³¹¹ Quando ele avista o Rio de Janeiro assim registra no seu diário: “Sentiria dificuldade em descrever a emoção que tomou conta de mim ao ver aqueles picos dos quais tinha ouvido falar tanto e lido também, que diziam que eu havia terminado a viagem e chegado ao novo lar e campo de trabalho”. Asbhel Green SIMONTON. *Diário, 1852-1867*. p. 142

Em maio de 1859 a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América, aprovou, como parte do relatório da Junta de Missões Estrangeiras, uma proposta de missão para o Brasil. Começa reconhecendo o Brasil como campo missionário, sua geografia e a presença de protestantes. Vêem o Brasil atravessando um momento singular para início dos trabalhos. Apresentam então os motivos:

É de alta importância para seu presente e para seu bem-estar futuro, que a mente nacional esteja imbuída de idéias e de princípios religiosos corretos, e estes deverão proceder, em primeiro lugar, das igrejas evangélicas de nosso país. Talvez jamais tenha havido época mais oportuna que esta para agirmos. É certo que o catolicismo romano é a religião oficial do país, mas o governo é liberal, e também o é grande parte das classes mais inteligentes; ao mesmo tempo, a tolerância religiosa é garantida por textos legais; (...)

Já foi nomeado um missionário, o Rev. A. G. Simonton, membro do Presbitério de Carlisle, e há pouco diplomado pelo Seminário Teológico de Princeton. Espera embarcar para esse novo campo missionário no começo do verão. Sem dúvida a missão será um tanto quanto experimental. Seus primeiros objetivos serão: explorar o território, verificar os meios de atingir com sucesso a mentes dos naturais da terra, e testar até que ponto a legislação favorável à tolerância religiosa será mantida. Se o resultado destas investigações for positivo – e temos plenas razões para supor que sim – a missão poderá depois ser ampliada em termos que as circunstâncias justifiquem.³¹²

Diferentes facetas caracterizam o trabalho inicial. Num primeiro momento ele aparece mais como um explorador e informante. Talvez, este caráter “experimental” da missão tenha sido o facilitador de seu envio como missionário. Porque, se pensarmos mais seriamente sobre suas características, verificamos que não eram as ideais, caso o projeto missionário objetivasse, desde seus primeiros momentos, uma abrangência e uma inserção plena do presbiterianismo no âmbito nacional. Hildorf, então, escreve:

Da parte da figura, digamos assim, o que temos? Um americano de 28 anos, jovem, solteiro, com formação em magistério e advocacia, recém-convertido para a vida da graça, inquieto, talvez ainda inseguro das suas opções, um evangelista novato, designado como refundador de uma igreja em um país que podia ser apenas uma promessa de trabalho missionário. Espanta que, com esse perfil, Simonton viesse sozinho, a menos que sua função fosse mais de um “olheiro” (...) Entre o fundador

³¹² Proposta de Missão no Brasil da *Board of Foreign Missions* em maio de 1859. Apud: Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. p. 17-18

e o olheiro fico mais com o representante ‘daquele fundamental espírito pioneiro alimentado pela vigorosa vida da jovem América’.³¹³

Simonton, além de ter um objetivo definido e um trabalho a executar, mas não só, carrega consigo o ideal alimentado por aqueles que o enviam. Portanto, começa a colocar em prática as definições da sua agência missionária e, assim, procura “explorar o território”. Seu primeiro passo é trabalhar com protestantes estrangeiros que já estavam no Brasil; neste sentido, ao mesmo tempo em que pregava, ia aos poucos aprendendo a língua portuguesa. Logo fez amizade com destacados americanos que mantinham relações significativas com o governo brasileiro.³¹⁴ Conheceu, do âmbito eclesiástico, Fletcher³¹⁵ e Kalley (queiramos ou não, era presbiteriano de formação), bem como W. D. Pitt, um americano colaborador deste último. Neste momento destacamos Kalley, que chegara quatro anos antes e passava por dificuldades e ameaça de expulsão por parte das autoridades, devido a pressões da Igreja Católica Romana, por realizar cultos em sua casa, mas com caráter conversionista. Conhecia melhor, por assim dizer, o terreno onde estavam pisando e, por esse motivo, propõe a Simonton moderação e a realização de um trabalho sem muito alarde. Entretanto, esta postura não é tão interessante a Simonton,³¹⁶ pois ele se sente seguro diante das amizades que adquirira junto àqueles que lutavam por liberdade religiosa.³¹⁷ Diz-nos Hahn que Simonton seguia a posição anticatólica³¹⁸ de acordo com o que fora estabelecido em 1835 na legislação da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana da América: “Deliberou e decidiu esta Assembléia que a Igreja Católica Romana apostatou, essencialmente, a religião de nosso

³¹³ Maria Lúcia S. Hildorf. Simonton e o Panorama Religioso do Brasil nos Meados do Século XIX. In.: Marcel MENDES (org). *Simonton: 140 anos de Brasil*. p.30

³¹⁴ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.136

³¹⁵ Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. p. 154.

³¹⁶ Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 54.

³¹⁷ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.137. Sobre esta questão Simonton registra no seu diário, com data de 31 de agosto de 1859, os pontos de sua conversa com Kalley: “Ele acha a missão oportuna, e missionários americanos os mais convenientes para levá-la a efeito porque seu Ministro e Cônsul poderão dar-lhes proteção, ao passo que os ingleses não o fariam. Insiste em que eu me mova em segredo, julga que seria melhor que as sociedades que mandam missionários para países papistas tivessem fundos operacionais secretos. (...) Minha presença e meus objetivos não podem ficar escondidos; portanto minha esperança está na proteção divina e no uso de todos os meios prudentes de defesa. Asbhel Green SIMONTON. *Diário, 1852-1867*. p. 145

³¹⁸ Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. p. 161

Senhor e Salvador Jesus Cristo e, por isso, não é reconhecida como igreja cristã”.³¹⁹ Todavia, há precaução nesta tarefa.

Assim começa o trabalho presbiteriano no Brasil: com objetivos definidos, mas também com uma postura não de reforma religiosa e mais da “instalação” de uma religião que, aos seus olhos, superava o catolicismo, considerado retrógrado e anti-moderno. Desta feita, reforma não é palavra mais apropriada, parece-nos que o protestantismo de missão propõe uma “substituição” de religião. Dito em outras palavras, um transplante eclesiológico.

Enquanto Conceição estava pregando uma reforma em suas paróquias pelo interior de São Paulo, Simonton estava no Rio na sua tarefa de conhecer melhor o Brasil e possibilitar uma maior liberdade religiosa junto a seus amigos influentes. Mas ele não deveria permanecer nesta tarefa por vários anos, uma vez que isto não era interessante nem a ele e nem a sua agência missionária. Era preciso começar a “conversão” em português e ampliar sua área de atuação. E assim o fez, só que talvez não fosse tão seguro e Simonton necessitava do auxílio de outros companheiros. Estes seriam de certa forma, além de colaboradores e companheiros de jornada, pondo fim a sua “solidão”, aqueles que eliminariam qualquer temor para a realização da missão. Diz-nos Ribeiro:

Dois meses antes (da morte do Bispo Dom Antônio Joaquim de Melo) havia chegado a São Paulo, pela primeira vez, um pregador protestante com o deliberado propósito de introduzir sua religião entre brasileiros. Tratava-se do Rev. Ashbel Green Simonton, pastor presbiteriano residente no Brasil, na Corte, desde 12 de agosto de 1859. Permaneceu até março de 1861 na Província, “distribuindo bíblias e sondando o terreno para a futura estação presbiteriana de São Paulo. Da Capital dirigiu-se a alguns pontos como Campinas, Itu, Rio Claro, Sorocaba, Itapetininga, Santos, estabelecendo neles depósitos de bíblias”. Desde então, outros pregadores presbiterianos vieram, Em 1862 F. J. C. Schneider foi morar no Rio Claro. Não permaneceu desta vez. Em 9 de outubro de 1863 o rev. A. L. Blackford fixou residência na Capital da Província, para aqui estabelecer o Presbiterianismo. Em abril de 1864 Schneider, casado, voltava a residir no Rio Claro; em 28 de setembro do mesmo ano o Padre José Manoel da Conceição escrevia ao Bispo D. Sebastião Pinto do Rego desligando-se da Igreja Romana; em 23 de outubro ingressava na Igreja Presbiteriana e em 17 de dezembro de 1865 era ordenado pastor da Igreja Presbiteriana.³²⁰

³¹⁹ ASSEMBLY DIGEST. Livro VI, Seção 83, pág. 560 (1835). Apud: Carl Joseph HAHN. *História do Culto Protestante no Brasil*. p. 154.

³²⁰ Boanerges RIBEIRO. *O Protestantismo no Brasil Monárquico*. p. 137

3.1.3. Blackford³²¹: o missionário que “encontra” Conceição

Alexander Lattimer Blackford, cunhado de Simonton, chega ao Brasil quase um ano depois dele, em 25 de julho de 1860.³²² Vem com sua esposa Lillie, para auxiliar o irmão dela. Também são missionários da agência missionária de Nova York. Seu campo de trabalho é São Paulo, sendo recebido nesta cidade por Pitt, que se mudara anos antes, para trabalhar no comércio. Por essa época Conceição estava enfrentando suas piores crises com o catolicismo, uma vez que o ultramontanismo alcançava êxito e o fim de sua tentativa reformista estava próximo.

Poucos meses após a chegada de Blackford, Simonton deixa o cunhado responsável pelos trabalhos no Rio e sai pelo interior paulista, seguindo a trilha do café, objetivando com isto uma posterior ampliação do campo missionário. Parece já saber, de antemão, dos imigrantes alemães que vivem nesta região carentes da presença de pastores. Ferreira transmite a idéia de que estes serviriam de ponte para a desejada inserção protestante.³²³ Escreve à agência missionária sobre esta questão.³²⁴ Em 1861 enviam então o Rev. Francis Joseph Christopher Schneider que, natural da Alemanha, morava nos Estados Unidos e seria, talvez, por essas características, o mais indicado para tal tarefa. Passa por esta época pela região de Sorocaba, mas parece não ter tido contato com Conceição.³²⁵

As peregrinações de Simonton pelo interior de São Paulo não nos parecem ter tido grandes conseqüências em relação a Conceição. Se por acaso um ouviu acerca do outro o mais provável é que, para Conceição, Simonton fosse apenas um protestante a mais e não o representante de um protestantismo daquele que, até então, conhecera. Da parte de Simonton talvez o enxergasse como mais um padre “liberal” ou amigo de protestantes. O que segue é

³²¹ Como Simonton, Blackford também possui um relato de suas atividades, como um diário. Da mesma forma, como no caso de Simonton, somente textos referentes à Conceição serão aqui apontados.

³²² David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.138

³²³ Júlio FERREIRA. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. p. 17

³²⁴ Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. p. 24

³²⁵ Interessante é um apontamento feito por Júlio Ferreira de que Simonton, segundo seu diário com data de 12 de fevereiro de 1861, em Itu, estivera hospedado por estas datas no sítio de um tal Conceição. A princípio o leitor deste trecho do livro pode fazer ligação desta abreviação com o nome de José Manoel da Conceição. Júlio FERREIRA. *Historia da Igreja Presbiteriana no Brasil*. p. 17. Entretanto uma averiguação no diário de Simonton revela o nome de João Carlos Nogueira, cujas iniciais seriam JCN. Parece-nos um erro de tipografia. Mas um erro que pode conduzir ao entendimento de que Simonton teve um contato anterior com Conceição, antes deste com Blackford. Ashbel Green SIMONTON. *Diário, 1852-1867*. p.168-169.

que Simonton volta ao Rio, funda a primeira Igreja,³²⁶ e, logo após, vai para os Estados Unidos.³²⁷ Por lá casa-se em 19 de março de 1863.³²⁸ Blackford dirige a missão e sai em reconhecimento de Campo por Minas Gerais.³²⁹ Com a chegada de Schneider este vai trabalhar entre os colonos em Rio Claro, mas seu conservadorismo não agrada aos alemães e se vê obrigado a retornar ao Rio no princípio de 1963.³³⁰

Vieira assim escreve:

A vaga de Schneider, em São Paulo, foi preenchida por Alexsander L. Blackford, em outubro de 1863. (...) Além do fato de ter sido o pioneiro dos missionários presbiterianos em São Paulo, sua principal realização naquela província foi trazer o Padre José Manoel da Conceição à Igreja Protestante. (...) Morando na cidade de São Paulo, e tomando-a como base, Blackford começou a viajar regularmente pelo interior da província. Numa de suas viagens, quando se encontrava na cidade de São João do Rio Claro, ouviu falar a respeito de um padre apelidado de “Padre Protestante” e foi pessoalmente visitá-lo. Este era o padre José Manoel da Conceição.³³¹

Ribeiro assim descreve como Blackford ficou sabendo a respeito de Conceição:

Em Rio Claro alguém lhe falou de um sacerdote conhecido por padre protestante, que aconselhava ao povo a leitura da Bíblia, e que antigamente pregava sermões quase revolucionários; estava agora afastado cuidando de uma chácara que possuía perto da cidade. Blackford obteve a companhia de um amigo do padre e tratou de ir à chácara. Estavam em princípios de novembro, quando ele e o companheiro, ao trote seco das cavalgadas, saíram da vila à procura do padre Conceição.³³²

³²⁶ A data da fundação da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro é 12 de janeiro de 1862. Alderi Souza de MATOS. Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil. in.: Marcel MENDES (org). *Simonton: 140 anos de Brasil*.p.64

³²⁷ O termo que designa esta ida de Simonton aos Estados Unidos é *Furlough*. Ferreira nos diz que e o termo em inglês para o período que um missionário passa em sua pátria, depois de alguns anos de trabalho no campo missionário. Júlio FERREIRA. História da Igreja Presbiteriana no Brasil. p.23.

³²⁸ Asbhel Green SIMONTON. *Diário, 1852-1867*. p.182

³²⁹ A avaliação feita por Blackford é o seguinte: “Pouco resultado posso apresentar, dessa viagem, exceto que progredi na língua portuguesa e no conhecimento do país”. O relato destas viagens pelo interior de Minas é Ribeiro quem reproduz. Boanerges RIBEIRO. Protestantismo e Cultura Brasileira. p.19-38.

³³⁰ David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.138

³³¹ *Ibid.* p. 142

³³² Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 102

Blackford, enquanto missionário, tem posturas semelhantes às de Simonton. É um conversionista e defensor das mesmas idéias. Entretanto, merece aqui receber destaque porque ele é o responsável direto por “encontrar” Conceição e, também, por substituir Simonton na condução da missão depois de sua morte prematura em 1867. Para Léonard isso não significa pouca coisa, muito pelo contrário, pois este autor, após considerar o trabalho dos primeiros como tímido e rumando ao fracasso, algo que o próprio Simonton reconhece em vários pontos de seu diário, vê em Conceição a salvação para a inserção do protestantismo no Brasil. Isto porque, mesmo com todos os esforços da pequena comunidade de São Paulo sob a direção de Blackford, o trabalho girava em torno da conversão de indivíduos isolados, geralmente estrangeiros. A partir daqui citamos Léonard: “Foi considerável seu esforço (da igreja de São Paulo), mas incapaz de formar uma base, dado seu reduzido número e sua constituição social. Essa base o protestantismo brasileiro deve a um apóstolo brasileiro e a uma pequena cidade do interior paulista: José Manoel da Conceição e Brotas”.³³³

3.2. O encontro de Conceição com os missionários

Mendonça assim escreve a respeito do significado da conversão de Conceição para o protestantismo brasileiro:

As intenções de Conceição, quando atuou na Igreja Católica, eram reformistas. Mas a época, a falta dos meios de comunicação, as distâncias, o despovoamento e o meio cultural pobre eram inteiramente adversos aos seus esforços. Homem inconformado e inquieto, quando se encontrou com os missionários presbiterianos em 1863, iniciou uma jornada que iria ser um dos grandes triunfos do protestantismo brasileiro.³³⁴

Não podemos negar que os nomes mais próximos e importantes na decisão de Conceição de abraçar o protestantismo sejam o de Blackford e de sua esposa Lillie. O nome de Simonton é também destacado devido ao fato de Conceição ter sido influenciado por ele. Assim são as suas palavras: “Três grandes nomes que farão eternamente o objeto de minha gratidão são inseparáveis do fato da minha conversão e a entrada na Família cristã; estes

³³³ Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 56

³³⁴ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p. 85

nomes são – A. L. Blackford, sua muito nobre senhora e A. G. Simonton. Eis os dignos instrumentos de que se quis Deus servir para me fazer cristão”.³³⁵

Em outras palavras, este três são, apesar de Schneider e posteriores missionários, os responsáveis diretos pelo trabalho e coordenação das missões presbiterianas e, portanto, os líderes da reforma que Conceição acreditava agora ser possível. Tudo se inicia com a visita de Blackford. Precisamos ir ao relato do próprio Conceição quando da chegada dele ao seu sítio. Descrito de maneira poética na sua *Profissão de Fé Evangélica*, a lembrança do encontro e a impressão causada com a chegada do missionário estão assim registrados:

Contemplava um dia em minha janela o gado que pastava e retouçava-se no verde, à margem do Curumbataí.

Aproximaram-se de minha humilde habitação dois cavaleiros. A um deles conhecia eu já de longa data, o outro, porém dócil, belo como a estrela da alva em uma manhã de setembro, angélico na forma, mostrava em suas faces cor de neve, como um perfeito jardim, onde o louro desses finos e ondulados cabelos assentava magnificamente nas rosas do semblante e nos favos de romã de seus lábios. Eu nunca vira antes a forma em uma expressão de tanta dignidade!

Dirigiu-me a palavra, e se quisera descrever qual só sonora é a sua voz, dir-se-ia que emprestei aos mais inspirados poetas o que de mais fantástico têm eles exprimido em seus quadros. Era um Pastor evangélico que acabava de entrar na casa de um novo Zaqueu.

Já lá vão quase dois anos que isso aconteceu. Se eu quisera seguir todo o impulso do meu coração, agora minha expressão pecaria por idolatria porque esse Pastor domina meu coração como amigo. Refiro-me porém, inteiramente às impressões daquele feliz encontro.³³⁶

E desta forma descreve os seus sentimentos:

Minha situação era singular, todas as cordas que me haviam prendido ao meu velho mundo, se tinham relaxado. Eu começava a sentir por tudo quanto me cercava um amor mais nobre. Acabava de percorrer um horizonte, tinha tocado suas raias.

Levantava os meus olhos aos montes, procurando donde me virá o socorro, porque muito tempo fora peregrina minha alma! O meu socorro veio do Senhor que fez o céu e a terra. (Ps. 119.120). Nossos destinos são seus anjos. O Pastor amigo chegou no momento próprio e esperado, antes ou depois o plano teria sido desconcertado, a Providência não o teria presidido. Rápida foi nossa entrevista, assim convêm às mensagens do Senhor; os corações se compreenderam, as mãos se deram mútua e

³³⁵ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O puritano*. Ano II, n.º. 59, p. 2

³³⁶ *Ibid.* Ano II, n.º 57, p. 2.

fraternalmente. Uma grande aliança se tinha contratado, uma eternidade de gozo inundava minha alma.³³⁷

Não foi necessária uma pregação conversionista da parte de Blackford. Padre e pastor concordavam em vários temas, pois tinham posicionamentos teológicos semelhantes, como a ação de Espírito Santo e a redenção em Jesus Cristo.³³⁸ Ribeiro nos diz que depois deste encontro ficaram uns poucos exemplares da Bíblia e folhetos que foram distribuídos em Brotas pelo próprio Conceição. Entretanto, pelos meses finais daquele ano de 1863, ele continuava exercendo algumas funções sacerdotais, porém mais por falta de vigário ou por insistência de amigos do que por decisão própria.³³⁹ Neste ínterim, correspondências foram trocadas entre ambos e, possivelmente, entre Simonton e Holden³⁴⁰ conforme indicação de Blackford. Em 19 de maio de 1864 o padre protestante, passando por Campinas para visitar a irmã Tudica, foi a São Paulo, para visitar três amigos, sendo um deles Blackford. Mais uma vez citamos a sua *Profissão de Fé* a respeito deste novo encontro:

A semente lançada na terra amanhada, vigorosa brotava. Uma retribuição de visita me aproximou por meu turno daquele Pastor.

Mesmas impressões, mesmo júbilo envolto com um temor misterioso.

Esta complicação de sentimentos e impressões tão várias não escaparam à penetração de quem de um só golpe de vista sonda os corações. Sua muito nobre senhora Mme. Blackford cuja alma é o santuário do Espírito de Deus, a primeira palavra que me dirigiu foi um convite para comungar na sua igreja. A surpresa embarçou-me pelo momento.³⁴¹

Ao convite de Lillie, Conceição não responde de pronto. Mas fica impressionado com a postura proselistista da mulher que, anos mais tarde, vai considerar como sendo uma ação dos verdadeiros representantes de Deus. A princípio, antes de ter sido feita tal pergunta, é bem possível que não passasse pela cabeça de Conceição sair do catolicismo e aderir ao protestantismo. Parece que isto teve um impacto considerável porque se assim não fosse

³³⁷ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, n.º 57, p. 2.

³³⁸ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 33

³³⁹ *Ibid.* p.33

³⁴⁰ Sobre Richard Holden, conforme nos informa Vieira, não há muito material a respeito dos inícios de seus trabalhos eclesiásticos no Brasil. Possivelmente exerceu suas atividades entre 1860 e 1872. O que sabemos é que ministro episcopal, de nacionalidade escocesa, mas proveniente dos Estados Unidos veio a ser assistente pastoral do Dr. Kalley, tornando-se um grande amigo de Blackford. David Gueiros VIEIRA. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. p.138

³⁴¹ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, n.º 57, p. 2.

Conceição não registraria em sua *Profissão de Fé*. Durante cinco dias o padre retornou a casa dos Blackford. Parece que é também em São Paulo que tem o primeiro encontro com Simonton.³⁴² Sobre estes encontros com Blackford Ribeiro assinala:

Permaneceu em São Paulo até o dia 24, e manteve com Blackford várias palestras longas e interessantes. Acabou por compreender que, possuidor de convicções evangélicas, não podia continuar em Roma. Firmou então seu plano: estudaria primeiro as doutrinas reformadas, no sossego da chácara; depois, publicamente professaria a sua fé em Cristo, e enfrentaria a controvérsia subsequente, e inevitável.³⁴³

3.2.1. O rompimento definitivo com o catolicismo

Conceição saiu de São Paulo certo de seus planos. Passou por Campinas, onde agradeceu à família Bierrenbach pelos cuidados que tiveram com a sua irmã. Seguiu para Rio Claro, para o casamento de Tudica com José Rufino de Cerqueira Leite e, desta forma, realizou o último assentamento no registro da matriz de Brotas no começo de junho de 1864, embora que não tenha sido ele o celebrante.³⁴⁴ Os dois meses subsequentes foram meses de leitura e estudo, anunciando aos mais próximos os momentos pelos quais passava.

O padre protestante sabia do passo que tomaria. Isto porque conforme diz Alves: “No caso específico da América Latina e do Brasil, a cultura local estava tão identificada com a Igreja Católica romana que o símbolo do rompimento com o catolicismo era o rompimento com os valores nativos”.³⁴⁵ Mas, no ano anterior, em abril de 1863, os reformistas políticos conseguiram, por meio do decreto imperial, a possibilidade da realização legal de casamentos e registros de óbitos por pastores protestantes no Brasil. Embora isto pareça ter ocorrido mais por causa do espírito liberal dos legisladores do que por causa da pregação de uma reforma

³⁴² Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 34

³⁴³ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 107

³⁴⁴ *Ibid.* p. 108

³⁴⁵ Rubem ALVES. *Dogmatismo e Tolerância*. P. 70

religiosa no Brasil.³⁴⁶ Com esta legislação os protestantes passaram a ter direitos legais e garantias, as quais facilitariam a inserção definitiva do protestantismo no Brasil.

Diz Ribeiro:

Em agosto Conceição examinava as conseqüências práticas de sua já decidida abjuração: quando deixasse de ser padre seria um homem não jovem, sem fortuna e sem profissão; a heranças que lhe deixara o tio-padre, no longínquo, em 1852, ele fizera distribuir entre pobres; a chácara que lhe coubera no inventário do pai, doara a Tudica; na chácara que tinha em Brotas agasalhava Mana Antônia e o filho dela, seu sobrinho; o sítio do Corumbataí era um retiro amável, mas poderia vir a ser meio de vida? De que, e como viveria?³⁴⁷

Escreve então à Blackford, certo de sua decisão. Este registra o seguinte comentário sobre essa carta:

Rio, 08/10/1864 (...) recebi dele carta sumamente encorajadora, dizendo que estava resolvido a sofrer tudo pelo amor de Cristo, e tudo sacrificar por Sua causa. Observava, contudo, que quando renunciasse ao sacerdócio e ao romanismo ver-se-ia praticamente privado de qualquer meio de subsistência. Respondi prometendo-lhe todo o auxílio que me fosse possível dar-lhe ou arranjar, e que o Senhor proveria com abundância se ele lhe entregasse plenamente a vida.³⁴⁸

O padre toma então a decisão de ser protestante. Vai para São Paulo e lá bate à porta de Blackford no dia 23 de setembro de 1864. Este nos informa de que ele estava ciente e determinado em sua decisão: “Como resposta a essa carta (de apoio da parte do missionário), entrou na minha casa na noite de 23 de setembro. Ao entrar exclamou: - Agora me sinto em casa; estou em lugar de onde não darei um passo sequer atrás”.³⁴⁹

Conceição agora era, realmente, um protestante. O protestantismo da juventude era religião de estrangeiros. O protestantismo trazido pelos missionários e que agora abraçava, era o protestantismo que exigia uma decisão. As lutas internas pareciam encontrar neste protestantismo um local onde repousar. Ele agora não apenas estava dizendo adeus ao

³⁴⁶ Boanerges RIBEIRO. *O padre Protestante*. p. 100

³⁴⁷ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 38

³⁴⁸ Alexander Lattimer BLACKFORD. *Journal Record of Mission Work in the city of São Paulo*. Apud: Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p.109

³⁴⁹ *Ibid.* p.109

catolicismo do qual participara, mas acreditava ter encontrado no protestantismo dos missionários aquilo que almejava desde os seus tempos de sacerdote. Assim escreve:

A reforma veio, mas veio de Deus, donde só podia vir. Os instrumentos porém, de que Deus se quis servir forma seus servos eleitos, que conhecem, professam e ensinam as puras doutrinas de sua santa palavra. Quanto a mim, louvo e bendigo o santo nome de Deus, que em sua misericórdia se dignou olhar para a minha miséria, tirando-me da submersão em que jazia para uma vida mais conforme com as leis do Evangelho, colocando-me na principal pedra do ângulo, escolhida, preciosa, posta por ele mesmo em Sião, ou na sua igreja verdadeira (Vide 1ª Ep. De S. Pedro cap. 2º v. 6).³⁵⁰

Conceição acreditava estar rompendo com o catolicismo e estar entrando na igreja de Jesus Cristo, aquela que Tillich conceitua como Igreja Latente. O que nos parece é que compreendia que o presbiterianismo possuía a mensagem evangélica, mas não era o próprio evangelho em forma de igreja. Olhava para ele como representante do Evangelho, e não como instituição que continha em si toda a verdade. Os últimos parágrafos de sua resposta à Excomunhão são uma explicação de como ele compreende a instituição da qual agora faz parte: “O termo Presbiteriano indica simplesmente a forma de governo da Igreja Evangélica a que pertenço hoje”. Continua argumentando acerca da igualdade entre os membros, da paridade de decisões e, por fim, indica que esta é uma forma bíblica e cristã de ser igreja. Para Conceição a igreja na qual estava ingressando, enquanto instituição cristã, se confundia com o Evangelho de Jesus, e é o fato de ter esta compreensão que gera a “força” que o faz romper definitivamente, com o catolicismo. Ainda são palavras suas:

Sim!... Eu estava convencido que o evangelho romano não era o evangelho de Jesus, sabia-o de cór, pregava-o com facilidade, mas o ponto característico de diferença, a chave para possuir a virtude de Deus que dá salvação todo o que crê, eis o que me faltava, e eu não sabia o que me faltava, pelo que não podia gozar da paz de Deus que é o tesouro que compreende, todas as bênçãos da redenção, economia divina do plano da obra da justificação do pecador. Foi só do instante em que compreendi que o sangue de Jesus Cristo purifica de todo o pecado que também comecei a senti-lo, e começando a sentir, achei o que a minha vida procurava debalde fora do Evangelho, a Paz da alma que o mundo não pode dar e nem tirar.³⁵¹

³⁵⁰ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. p. 28

³⁵¹ José Manoel de CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O puritano*. Ano II, n.º 59, p. 2.

No domingo, dia 25 de setembro de 1864, ele assiste ao primeiro culto de sua vida como protestante. Depois vai se encontrar, sem apoio nem amparo, no dia 28 com o Bispo.³⁵² Nesse encontro, a insistência do Bispo para que Conceição não abandonasse o catolicismo, foi vencida pela convicção da necessidade de rompimento e de abraçar o protestantismo. O mesmo catolicismo que tinha vencido o grande Feijó, fazendo com que jurasse submissão total ao papa não conseguiu, agora, submeter um padre do interior paulista. Ao tomar a decisão de abandonar o catolicismo, o padre protestante se viu numa situação crítica de total desamparo material. Não podia esperar muita coisa dos missionários. Blackford, por exemplo, era jovem, estrangeiro, com uma congregação que numérica, social e financeiramente era inexpressiva. Não podia também esperar que recursos financeiros aparecessem do nada. Nem que seria logo um líder do presbiterianismo que abraçava.

3.2.2. O protestantismo como possibilidade de teonomia na visão de Conceição

Blackford era de opinião que Conceição fosse para o Rio. Segundo ele, isto evitaria possíveis retaliações. Entretanto Conceição não tem nada a temer e fica mais cinco dias em São Paulo, embarcando em Santos em 4 de outubro. Deixa então a carta de abjuração nas mãos de um amigo para ser entregue ao Bispo.³⁵³ No domingo subsequente, dia 09, já está no Rio de Janeiro e neste dia, para a surpresa de todos, um padre paulista que tinha acabado de deixar a batina era o pregador.

Por essa época Simonton já é pai, mas também viúvo, pois sua esposa faleceu poucos dias após o parto. Apesar do abalo emocional, continua seu trabalho missionário, sendo que a *A Imprensa Evangélica*³⁵⁴, que já vinha sendo pensada, é algo que logo se concretizará. Kalley é também ativo na província do Rio. E Conceição, recém chegado ao meio dos missionários vai ser um dos fundadores e colaboradores do jornal. A tipografia será a dos

³⁵² Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 39

³⁵³ Esta carta já foi reproduzida ao final do capítulo 2.

³⁵⁴ O primeiro jornal protestante do Brasil e América Latina.

Laemmert. Ribeiro assim nos diz a respeito do jornal: “Era um passo gigantesco. A difusão da Reforma Evangélica atingiria indivíduos em todos os pontos do Império e letrados.”³⁵⁵

Logo Conceição estaria mais uma vez no salão da Rua Regente, onde a igreja se reunia. O dia 23 de outubro, um domingo, foi o dia escolhido para fazer sua pública profissão de fé, sendo batizado por Blackford. Simonton então registra: “Foi solene. Terminada a cerimônia, fiz alguns comentários e depois ele (Conceição), de modo muito apropriado e em linguagem vigorosa explicou o passo que tinha dado.”³⁵⁶ Nas palavras do próprio Conceição este momento é assim relatado:

Era um belo dia, ao som do harmonium e vozes humanas que cantavam hinos fui levado a uma fonte de água pura. Suponhamos dois daqueles anjos de Klopstock na Messiada, tais eram os dois ministros do Senhor que velavam no meu interesse.

Fizeram-me levar e cobriram-me de bênçãos. Este foi para mim um momento solene...³⁵⁷

Ao tornar-se presbiteriano Conceição é recebido como mais um membro comum da igreja. Isto porque o protestantismo, principalmente o norte-americano, pode ser lido como a religião dos indivíduos, devido à consideração, em sua teologia, de que cada pessoa tem que tomar uma decisão pessoal diante de Deus. As influências avivalistas, principalmente do século XVIII, fizeram com que a compreensão luterana de igreja como *comunidade dos santos* se aproximasse cada vez mais da compreensão dos reformadores radicais de igreja como *congregação dos justos*, de adesão voluntária por parte do fiel.

Dias após o batismo de Conceição foi preparada a primeira edição de *A Imprensa Evangélica* para a publicação. Sobre este jornal ele “(...) rapidamente percebeu o alcance que teria para a evangelização do país”.³⁵⁸ Neste meio tempo, antes de retornar para Brotas e até que o primeiro número do jornal fosse publicado, Conceição foi para Petrópolis, parece que por motivo de saúde, e ficou hospedado na casa de um pastor luterano de nome Straele. Desta estadia nada sabemos, mas este pastor deveria ser bem próximo de Kalley. No dia 5 de novembro chega ao público *A Imprensa Evangélica*. Então citamos aqui Ribeiro: “Aproximava-se a data da partida, e os missionários, com tato e delicadeza, tentavam

³⁵⁵ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 44

³⁵⁶ Asbhel Green SIMONTON. *Diário, 1852-1867*. p. 194

³⁵⁷ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica. O puritano*. Ano II, n.º. 59, p. 2.

³⁵⁸ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 116

convencer Conceição de que ele não tinha de retirar-se à vida particular”.³⁵⁹ Mas Conceição reluta em aceitar as propostas oferecidas pelos missionários que se preocupavam com seu sustento e futuro, mas também sabiam a importância de ter o padre ao lado deles.

Foram debalde as tentativas de conter Conceição. Nem o catolicismo fora capaz disto. Ele enfrenta mais uma vez lutas e conforme relata Ribeiro: “(...) um dia, sem qualquer aviso, José Manoel da Conceição desapareceu”.³⁶⁰ Em novembro Simonton escreve no seu diário que recebera uma carta do ex-padre: “(...) está tão deprimido com seus sofrimentos nervosos que a morte lhe seria alívio. Posso apenas entregá-lo a Deus”.³⁶¹

Leonard assim escreve sobre este período:

Sua decisão (de se tornar presbiteriano), entretanto, também não lhe proporcionou a paz interior. Nova crise manifestou-se nele, em virtude da advertência bíblica “Não se zomba de Deus”, crise que provinha de sua consciência de que não era bastante haver abandonado os erros da Igreja romana, depois de havê-los divulgado por tanto tempo. Três vezes evitou seus amigos missionários, subtraindo-se às suas visitas, até que, finalmente, estas outras palavras da Bíblia “O sangue de Jesus purifica de todo o pecado” – trouxeram-lhe tranqüilidade ao coração.³⁶²

Não conseguindo evitar os missionários, compreende que não é contra estes a sua luta, mas contra a própria divindade. As palavras na *Profissão de Fé* são as seguintes:

Pobre de mim, truão do campo, acostumado à vida morta e indolente de cura aposentado de aldeia. Meus nobilíssimos hóspedes já tinham começado a fazer emprego de corretivos saudáveis, mas eu nem o suspeitava ao menos! Eles porém, que jamais desistiam de um empresa sem havê-lo conseguido, dobraram a intensidade aos corretivos. Eu, não podendo suportar minha situação, embora íncio do porque, fugi. Preferia morrer à mingua nas solidões, devorado pelas feras, envenenado pelas serpentes, a sujeitar-me às condições de uma vida nobre, ativa e consagrada à missão de Jesus Cristo. (...)

Não era, porém já com poderes da terra que eu tinha de haver-me, se não com ministros do Céu e com poder do Céu.³⁶³

³⁵⁹ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p.117

³⁶⁰ *Ibid.* p. 118

³⁶¹ Asbhel Green SIMONTON. *Diário, 1852-1867*. p. 195

³⁶² Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 58

³⁶³ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Profissão de Fé Evangélica*. Apud: Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 44-45.

Ao retornar então para Brotas, as lutas internas ainda o perseguem. Foi lá que em 31 de janeiro de 1865 Blackford o encontraria. A este respeito diz ele:

Acreditá-lo-eis? Quando embrenhado nas cavernas das rochas esperava morrer longe das vistas do Pastor Evangélico, ei-lo que de mansinho, cingindo em torno de sua fronte uma auréola de glória, que me consumia no fogo da confissão; ei-lo, trazendo no peito um coração de pomba, não se desprezando de se aproximar de mim, que mais parecia com uma fera que com este humano, toma-me pela mão, consola-me, cheio de uma amabilidade a mais nobre, e salva-me!³⁶⁴

Já decidira abraçar a fé reformada, mas começava a considerar que talvez os missionários tivessem razão. Teria a necessidade de reparar os erros cometidos ao trabalhar como sacerdote católico. Tornava-se consciente de que deveria ensinar a seus ex-paroquianos como obtivera paz na alma e como poderiam fazê-lo para obterem-na também. O homem que buscava paz para si agora novamente acredita ser necessário a reforma para o todo, que englobe seus concidadãos.

Na sua resposta à excomunhão isto fica assim exposto:

Pretender-se-ia, talvez, que retirando-me (da Igreja Católica) guardasse silêncio?

A isto respondo: Depois de conhecer a Bíblia e crer nela é impossível. (...) O último mandamento dirigido por nosso Senhor Jesus Cristo à sua igreja, antes de subir para o céu, impõe uma obrigação a todo o seu discípulo. A promessa que acompanha o mandamento compete a todo servo de Jesus. (...) Quanto me tem sido possível, tenho procurado cumprir com este mandamento. Jesus tem sido fiel à sua palavra. Tem-se realizado a promessa de sua presença comigo.³⁶⁵

Do encontro com os missionários, o momento pelo qual estava passando, sua decisão tomada, sua ida para São Paulo e a possibilidade de abraçar uma fé que respondia as suas expectativas Conceição considerava que o tempo de uma reforma havia chegado. O tempo para a reforma acontecer. Em sua mente era o tempo oportuno. O *kairos*, ao menos para ele, surgia como possibilidade.

Conceição parece estar maravilhado diante da nova possibilidade que a sua frente se descortina. Considerava os missionários como homens que vieram com o único interesse de

³⁶⁴ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, n.º 59, p. 2.

³⁶⁵ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. p.. 29-30

proclamar uma fé capaz de levar o povo da ignorância ao conhecimento de Deus. Que libertaria cada brasileiro das garras da heteronomia católica e que os encaminharia ao conhecimento do Evangelho e dos princípios reformados. Mas, também, a uma compreensão do sacramentalismo universal, ou seja, a abertura da sociedade para a percepção do Incondicional. Conceição via nesses missionários e em seu protestantismo a possibilidade de uma teonomia. Tanto que declara no seu relatório pastoral:

Vieram homens que têm pregado a palavra da vida, o evangelho de salvação por nosso Senhor Jesus Cristo com tão abençoados resultados, que não há hoje em todo o Brasil assunto de interesse igual ao da evangelização. As classes elevadas começam a dirigir sua atenção para o nada das coisas mundanas, e as classes mais baixas e humilhadas, começam a sentir consolação no seu próprio abatimento.

A luz do evangelho é ao mesmo tempo a chama viva do espírito de Deus; homens pobres e ignorantes, ao ouvirem as boas novas de salvação, lamentam não conhecerem as letras, e o mesmo é sentir a necessidade, que experimentar em si possibilidade e forças para o conseguir. Onde quer, pois, que o evangelho tenha sido empregado, manifesta-se logo fé e simpatia pela conversão de alguns, pela admiração de muitos, pela hesitação de grande parte. Bíblias são vendidas, muitas impressas correm pelas mãos de todos, e onde, pouco antes, nenhum sinal de vida espiritual manifestava, onde, para servirem da expressão de S. Paulo, o povo não sabia dizer senão – Amém – ao que não entendiam, vê-se hoje muitas igrejas que fazem suas reuniões com liberdade e júbilo, cantam ao senhor Jesus hinos belos, em língua própria, conversam e discutem com interesse religioso sobre os meios de melhor servir a Deus; e se tem realizado, em parte, nos nossos dias o que disse Jesus, respondendo a João: - os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos alimpam-se, os surdos ouvem, os mortos ressurgem, aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho. (S. Math. XI.º 5.)³⁶⁶

A partir dessa ótica e no final desse relatório, lança um questionamento que ele mesmo responde:

Porque o Brasil carece da pregação do Evangelho?

Porque é um mandamento do Senhor.

Porque se apenas o seu começo se hão manifestados tantos frutos na ordem pública como na privada e doméstica, a continuação da pregação nos assegura um êxito pleno, a formação de uma sociedade exemplar, feliz em suas relações, onde tudo quanto há de bom, de nobre, de santo contribua ao adorno de seu caráter, atraindo-se as bênçãos do céu e dos homens.³⁶⁷

³⁶⁶ José Manoel da CONCEIÇÃO. *O Brasil carece da pregação do Evangelho?*

³⁶⁷ *Ibid.*

Para Conceição o protestantismo não é uma mera mudança eclesiológica, mas uma ação divina, realizada por meio dos missionários, mas da parte de Deus. Diante da ação demoníaca³⁶⁸ que representava a heteronomia católica Conceição vê no protestantismo missionário a possibilidade de uma teonomia, por se tratar, a seu ver, de um movimento que objetivava apenas uma reforma no sentido espiritual, devido ao caráter religioso do trabalho dos missionários. Em outras palavras, o ex-padre começa a visualizar a possibilidade de sua cultura se relacionar com Deus, ou em termos tillichianos, com o Incondicional. O presbiterianismo neste caso era visualizado por ele apenas como substância católica. Pois o Evangelho é maior que a instituição que o representa. Por isso, a compreensão que alcança em um de seus artigos é: Nem todos os que pertencem à Igreja Cristã pertencem à fé cristã.³⁶⁹

3.3. Conceição enquanto Protestante

Enquanto Schneider, agora casado, retornava ao seu trabalho na região de Rio Claro, em Brotas, quem andava por lá fazendo propaganda protestante e pregando era Simonton juntamente com George Chamberlain.³⁷⁰ A única igreja que até agora existia era a igreja do Rio de Janeiro. Blackford vai até o Rio no período em que Simonton está em viagem. Conceição acompanhava-o por estes inícios de 1865. Traduz alguns artigos para a *A Imprensa Evangélica* e, conseguindo superar suas crises, volta à Brotas em maio para colaborar com Chamberlain. Só que o americano não ficou lá por muito tempo. O ex-padre faz então um balanço de sua situação, escrevendo sua Profissão de Fé. Assim comenta Leonard a respeito do texto: “Escreveu então uma Profissão de fé evangélica onde narra suas lutas espirituais, num estilo convulsivo e ardente, uma das mais belas obras da mística protestante. Protestante pelas experiências e afirmações dogmáticas nas quais repousa, guarda ela profundamente, entretanto, o tom da literatura espiritual e da piedade católicas”.³⁷¹

Conceição está residindo em Brotas. Blackford vai até lá em fevereiro. Hospeda-se em sua casa. No quinto dia do mês realiza-se, na chácara, o primeiro culto protestante

³⁶⁸ Seguimos aqui o conceito de Demoníaco em Tillich segundo apresentado no capítulo 1.

³⁶⁹ José Manoel da CONCEIÇÃO. O Evangelho. *Imprensa Evangélica*. Ano XVI, nº 11, p.1

³⁷⁰ George Chamberlain é mais um presbiteriano, viera ao Brasil em tratamento de saúde, mas logo começou a colaborar com Simonton. Foi ordenado somente em 05 de julho de 1866.

³⁷¹ Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 58

contando com a presença de 10 pessoas. Ao segundo, no dia 09, possivelmente por causa da fama do ex-vigário, compareceram 30 pessoas.³⁷² No intervalo desses dias Conceição já começava a indicar seu “projeto” de evangelização: levava Blackford, no intervalo entre esses dois cultos, de sítio em sítio, de casa em casa. O que desejava era que Blackford lesse e explicasse o evangelho, seguido de oração pela família e pelos vizinhos. Logo há “resultado”. Diz Blackford: “Os primeiros a declararem-se abertamente favoráveis à verdade foram Antônio Martins Borges e Antônio Francisco Gouvêa, que agora não perdem ocasião de defendê-la”.³⁷³

A Igreja de São Paulo é organizada em 05 de março. Entretanto, Brotas, apesar da distância em relação à capital, era um lugar “propício” para uma futura igreja, primeiro pelos três anos que ali Conceição já pregava e depois, por causa de sua composição social de “(...) gente de várias procedências e diversas famílias”.³⁷⁴ No mês de abril chegam Simonton e Chamberlain. O objetivo da viagem era colher informações acerca do trabalho de Schneider, mas a obra em Brotas surpreende o missionário que, mesmo ficando por uns dez dias lá, chega a seguinte conclusão:

Nunca vi tão bem a excelência do Evangelho e sua perfeita adequação para convencer e salvar os que estão ansiosos e desejam conhecer a verdade. O interesse destes dias foi absorvente; explicava-se a verdade, respondia-se às dúvidas, etc. encontrei melhores sentimentos e sinceridade religiosa nessa comunidade e passei a alimentar maior esperança de uma rápida propagação do Evangelho no Brasil.

Se houvesse pastor aqui, com a benção de Deus poderia formar-se rapidamente uma igreja.³⁷⁵

Mas pastor naquele momento não havia, e nem igreja, uma vez que Conceição andava de um lado para o outro na companhia de Blackford. Voltando os dois à Brotas, aí sim, conseguiram uma casa na vila onde passaram a realizar cultos. Em 13 de outubro houve batismos, todos da família Gouvêa,³⁷⁶ e também a celebração da Ceia. Depois outras famílias, inclusive os parentes de Conceição, vieram a fazer parte da igreja., bem como o marido de sua

³⁷² Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 49

³⁷³ Alexsander Lattimer BLACKFORD. *Journal Record of Mission Work in the city of São Paulo*. Apud: Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p.125.

³⁷⁴ Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 59

³⁷⁵ Asbhel Green SIMONTON. *Diário, 1852-1867*. p. 198

³⁷⁶ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 50

irmã e a mãe deste, D. Cândida Cerqueira Leite, influente fundadora do povoado.³⁷⁷ Assim expressa Ribeiro a importância desta igreja:

Era uma igreja evangélica reformada brasileira, esse pequeno grupo congregado num sítio perdido da fronteira. Resulta da pregação reformista de seu antigo vigário, agora “pregador leigo” evangélico, e da doutrinação e prédica de pastores-missionários norte-americanos. (...)

Esta pequena igreja não vai isolar-se: debaterá na Câmara dos Vereadores da Vila, recorrerá às leis do Império para fazer valer seus direitos; participará ativamente dos vários sistemas sociais que a envolvem. E crescerá nos sítios e na Vila de Brotas, avançará para Dois Córregos, Jaú e até Rio Novo (Avaré); levará o Evangelho à Borda da Mata em Minas Gerais; formará pastores, elegerá presbíteros e diáconos; estenderá uma malha de escolas junto a igrejas. Durante anos será paradigma.

É claro que houve reação.³⁷⁸

E foi esta reação que levou Brotas a ser apenas um aceno da reforma. Veio tardiamente um pastor residente no ano de 1868 o que fez com que o clero conseguisse restringir sua ação.

3.3.1. A importância da ordenação de Conceição

Seis eram, conforme nos informa Ribeiro,³⁷⁹ os núcleos protestantes no ano de 1865 sendo dois no Rio (Simonton e Kalley), um em Petrópolis e outro na Praia Grande (Niterói), tendo na província paulista o de São Paulo e o de Brotas. Neste ínterim, Conceição era alvo de atenção na capital paulista, nos cultos protestantes. Mas ele não poderia permanecer assim. Faltavam ainda aos missionários norte-americanos “cabeças de ponte” que possibilitassem ao protestantismo sua penetração na sociedade brasileira. Brotas fora um indicador e tudo começou com a ação de Conceição. Assim ele não só era um caminho possível, mas: “(...) lhes forneceu essas cabeças de ponte, abrindo para o nascente movimento protestante a província de São Paulo toda, e mais o Sul de Minas; supriu a falta de homens, entregando-se à

³⁷⁷ Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 59

³⁷⁸ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 50-51

³⁷⁹ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 135

constante itinerância que o esgotou; desfez a natural timidez daqueles estrangeiros pregadores, unindo com eles a sorte”.³⁸⁰

Entrementes, até o final do ano de 1865, Conceição pregava em São Paulo. A princípio do mês de dezembro recebe a notificação da suspensão de suas ordens pelo bispo até que seja terminado o processo eclesiástico contra ele. No dia 14 recebe do escrivão da Câmara Episcopal uma intimação para que comparecesse na casa do vigário geral para responder processo. Mas Conceição já estava liberto da heteronomia católica e ainda havia amparo legal para assim proceder. Fizessem os clérigos o que desejassem. Começam a haver difamações das mais diversas, tanto orais como escritas (jornais ultramontanos principalmente) a respeito dele e dos missionários protestantes, e posteriormente também perseguições.

Nos dias 16 e 17 desse mesmo dezembro de 1865, com três igrejas organizadas, os missionários se reuniram para formar o pequeno presbitério. Era a fundação do Presbitério do Rio de Janeiro,³⁸¹ perante ao qual ocorreria a ordenação de Conceição. O testemunho de Blackford a respeito da fundação do Presbitério e a ordenação de Conceição foi assim registrado:

Reunidos os Rev. A. G. Simonton do Presbitério de Carlisle, F. J. C. Schneider do Presbitério de Ohio e eu do Presbitério de Washington, membros da missão no Brasil, em nossa sala de estar o sr. Simonton propôs que nós nos constituíssemos num presbitério ligado ao Sínodo de Baltimore. Eu fui eleito moderador, o sr. Simonton, secretário permanente, e o sr. Schneider, secretário pro-tempore.

O sr. José Manoel da Conceição foi recebido como candidato ao ministério, examinado sobre religião experimental e seu conhecimento e aceitação das doutrinas e forma de governo de nossa Igreja; sendo satisfatório (o exame), foram dispensados os exames de ciências, línguas, etc. Seu sermão de prova foi marcado para domingo, dia 17 às 10:30h, e as 5 da tarde D. V., a ordenação.

Domingo, 17 de dezembro, 10:30h o sr. Conceição pregou sobre Lucas 4.18,19. Seu sermão foi aprovado e sua ordenação marcada para as 5 da tarde.³⁸²

Bem sugestivo foi o texto do sermão de Conceição isto porque ele acreditava “que o Espírito do Senhor estava sobre ele e o tinha ungido para apregoar (literalmente) boas novas de salvação”. O primeiro pastor protestante brasileiro estava ordenado. Um ministro para seu

³⁸⁰ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 135-136

³⁸¹ A parte principal da Ata pode ser lida em: Duncan Alexander REILY. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. p. 119.

³⁸² Alexander Lattimer BLACKFORD. *Journal Record of Mission Work in the city of São Paulo*. Apud: Duncan Alexander REILY. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. p. 119.

povo. Com a formação do novo Presbitério, os missionários estavam tentando definir qual seria o seu método de trabalho e até divergiam entre si. Enquanto isso Conceição já tinha o seu método definido.

3.3.2. O método de Conceição para a propagação da mensagem protestante

O método para implantação do presbiterianismo, segundo Blackford, deveria basear-se em viagens freqüentes do pregador de modo a aumentar a sua influência na sociedade e principalmente junto às elites. Simonton, por sua vez, desejava implantar igrejas nos grandes centros. Em uma coisa, ao menos, concordavam: a reforma era combater o catolicismo, pois era uma religião atrasada que impedia o país de avançar. Por essa época, em de 1866, Conceição está no Rio de Janeiro, substituindo Simonton. Outra crise o abate. Não era isto que desejava. Blackford quando chega a São Paulo considera o seguinte:

A 17 de fevereiro (Conceição) chegou do Rio em estado de mente sem dúvida perturbado. No dia seguinte recebi carta de Simonton e Chamberlain, com declarações que denunciavam nele decidida aberração moral ou mental. Tanto os fatos mencionados na carta como sua conduta em São Paulo convenceram-me de que era algo mental. Depois de muitas palestras, a 22 de fevereiro ele admitiu tudo o que eu poderia exigir quanto ao aspecto moral do caso. De então até 27 pareceu muito melhor e iniciou algumas traduções, a meu pedido. A 27 desapareceu sem deixar indicação alguma do rumo que tomava: apenas um bilhete dizendo-nos que não mais o esperássemos em casa.³⁸³

Conceição, agora pastor, desaparece. Para Blackford isto foi motivo de admiração, uma vez que não compreendia como alguém que tinha se “convertido” poderia sofrer dúvidas com relação à sua fé. Não é capaz de compreender a luta interna que o ex-padre atravessa. A teologia de Blackford de que “uma vez salvo, salvo para sempre” não lhe permitia aceitar a possibilidade de alguém cair em uma crise de fé. Além disso, experiência “mística” não faz parte da vivência religiosa dos missionários. Mas, tal sumiço é motivo também de preocupação, tanto que ele aciona as autoridades temendo até mesmo o pior ou a morte do amigo.

³⁸³ Alexsander Lattimer BLACKFORD. Journal Record of Mission Work in the city of São Paulo. Apud: Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 145

Em 3 de fevereiro Conceição aparece em Una, no caminho para Sorocaba. Seu relatório pastoral,³⁸⁴ apresentado ao Presbitério do Rio em 10 de julho de 1866 simplesmente diz: “Aos 28 de fevereiro de 1866 saí de São Paulo pregando o Evangelho. Tomei a estrada do Sul para Sorocaba. Visitava as casas da estrada e pregava onde havia oportunidade”.³⁸⁵ Desta forma, não assumiu nenhum pastorado e só se dedicou a anunciar a mensagem nuclear da reforma.³⁸⁶

(...) empreendeu de *motu-proprio* o que era seu trabalho predileto, andar de casa em casa e de lugar em lugar anunciando aos homens as boas novas de salvação da graça por nosso Senhor Jesus Cristo.

E até no fim de sua vida umas vezes a cavalo outras vezes a pé prosseguiu como podia nesta nobre missão.

Seus colegas e amigos muitas vezes instavam com ele para aceitar algum outro emprego ou modo de trabalho mais compatível com as suas forças. Ele, porém, não quis anuir.³⁸⁷

Conceição não estava interessado em implantar igrejas, construir templos ou proclamar uma mensagem anti-católica. Deseja apenas pregar, de um lugar ao outro. Ia de maneira simples e despojada. Seguia seu caminho apenas com uma bolsa tipo bernal a qual continha o que era necessário: Bíblia, papel para anotações pessoais, artigos e sermões, sendo que alguns enviava a *A Imprensa Evangélica*, ou para relatório aos missionários. Levava também alguma literatura. Léonard assim registra: “Seus companheiros de jornada – missionários como Blackford, Chamberlain, Schneider, Simonton e ainda jovens evangelistas brasileiros ou portugueses como Miguel Torres, Modesto Perestrelo de Barros, Antônio Pedro, José Rodrigues, Carvalhosa, revezavam-se cada vez. Ele, entretanto, estava sempre a caminho”.³⁸⁸

A primeira peregrinação seguindo as indicações de Ribeiro, foi a viagem pela estrada do Sul e estrada do Oeste paulista ao longo de quatro meses. Às vezes acompanhado, às vezes sozinho. Vai enviando informações e nomes de novos “irmãos” para que, posteriormente, os

³⁸⁴ Optamos por não reproduzir todos os lugares por onde Conceição passou em sua atividade de pregador itinerante. Destacamos apenas o que for interessante ao nosso trabalho. Primeiro porque colocamos como anexo seu relatório pastoral de 1866 e segundo, porque os capítulos 19 a 21 do texto *O Padre Protestante* de Boanerges Ribeiro e de caráter estritamente biográfico, o que não é nosso caso, apresentam detalhadamente tais viagens. Apresentar todos estes dados, a nosso ver, seria mera reprodução.

³⁸⁵ José Manoel da CONCEIÇÃO. Relatório Pastoral apresentado ao Presbitério do Rio em 10 de julho de 1866. in.: Modesto P. B. de CARVALHOSA. *Relatórios Pastorais*.

³⁸⁶ Wilson Santana SILVA. *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*. p. 59

³⁸⁷ O REVERENDO JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO. *Imprensa Evangélica*. 3 de janeiro de 1874. p.1

³⁸⁸ Émile G. LÉONARD. *O Protestantismo Brasileiro*. p. 62-63

missionários e seus ajudantes pudessem ir ao encontro destes. Não dava tempo para os missionários pensarem se este era o melhor método a seguir, mas era o método que estava dando “certo”. Conceição seguia pela rota onde fora sacerdote católico. “O caminho era esse: ir à casa deles, entrar; ler a Bíblia, explicá-la, orar com eles, e por eles, inclusive por sua conversão. Identificar-se com eles, comer sua comida, dormir em seus catres ou no chão, em couros curtidos. Aprender a lhes querer bem; ir-se embora com saudades”.³⁸⁹

Ao final dos quatro meses, em julho de 1866, é obrigado a dar uma pausa e vai ao Rio de Janeiro com os demais pastores-missionários para a reunião do Presbitério, sendo nesta paraninfo quando da ordenação de Chamberlain. De lá vai para São Paulo. Há somente uma breve pausa nessa cidade, todavia, logo o pastor brasileiro estará de volta à estrada. Desta vez a rota a ser seguida é a do norte, sendo esta a segunda viagem realizada. Ribeiro diz:

Quando romper nova aurora José Manoel da Conceição rasgará nova rota para o Evangelho em sua terra, acompanhando sempre a mão dos bispos de S. Paulo que, após fazê-lo percorrer humilhado o caminho de Sorocaba, o tinham arrastado de um para outro extremo no rumo do Oeste, até a Vila de Brotas; e para o Norte até Taubaté e Ubatuba.³⁹⁰

Nestas suas viagens a sua atividade pastoral conforme diz Ribeiro é a seguinte:

Sua pregação tem uma tônica: reforçar o que há de bíblico na religião das populações. Não se perde em filigramas e polêmicas. Prega a grupos reunidos, a famílias; em sítios; em fazendas; em casas à beira da estrada, e prega a indivíduos. (...)

Um pastor missionário norte-americano que se estabeleceu em Campinas em 1869 passou pelo caminho de Conceição na região de Bragança; ficou perplexo: havia dezenas de famílias favoráveis à religião do padre Conceição, mas nenhum vestígio de adesão a denominação protestante; confessa que não entende exatamente o que Conceição pretende. Pois pretende pregar a redenção em Cristo recebida pela fé, e prega. Prega uma reforma evangélica na religião das populações.³⁹¹

Entretanto, há ainda um processo eclesiástico contra ele e em novembro o *Diário de São Paulo* publica que logo sairá a sentença de excomunhão e desautoração. Anda pelo interior norte da província paulista e os comentários a respeito do assunto só servem para aumentar a fama de Conceição. O trabalho entre os alemães, iniciado com Schneider, chegava ao fim. Enquanto isto, Conceição prossegue suas pregações, até que, em 23 de abril de 1867,

³⁸⁹ Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. p. 95

³⁹⁰ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 152

³⁹¹ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 62

o *Correio Paulistano* publica a *Sentença de Excomunhão e Exautoração*. Logo viria a resposta da parte de Conceição em 3 de maio de 1867. Neste texto é que expõe os pontos centrais de sua reforma. E, como ponto a ser considerado, era ao público que dirigia suas argumentações, não à Igreja romana. Com estes acontecimentos, sua fama somente fazia por aumentar.

A terceira e última viagem de Conceição é resultado do trabalho inicial em Brotas. Segue pela trilha aberta pelos irmãos de Brotas rumo ao interior mineiro. O mesmo método e também a mesma maneira de entender como a reforma deveria ocorrer:

O Rev. Conceição não parava; onde ia fazia-se de casa em casa, com bondade humilde e pastoral comunicação. Ao retirar-se, um pacto o enlaçava aos sitiante: ele era agora, de fato, o pastor deles, e levava-os na lembrança, na consciência e no coração. Prometia-lhes assistência, e eles lhes prometiam ler a Bíblia e praticar a vontade de Cristo. Ele os endereçava aos colegas, repartindo assim a comunhão, a amizade, a autoridade.³⁹²

Quando volta a São Paulo está doente. Mas não pára. O Presbitério do Rio mais uma vez se reúne e em 16 de julho de 1867 escreve o seu relatório *O Brasil carece da Pregação do Evangelho?*. Entretanto, Simonton também apresenta seu relatório *Os meios próprios para plantar o reino de Jesus Cristo no Brasil* e Blackford *Algumas considerações sobre os obstáculos ao progresso do evangelho no Brasil*. Nestes relatórios vão ficando claras as diferenças acerca do que significava a reforma para os missionários e para Conceição.

A compreensão do que é o evangelho e o que é a Igreja para Conceição difere da compreensão institucional dos missionários. São palavras do próprio Conceição no seu relatório:

Jesus Cristo disse: “Ide, pois, e ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo: ensinando-as a observar todas as coisas que vos tenho mandado”. S. Math. 28.19,20.

Este mandamento, pois, de nosso senhor Jesus Cristo, não teria razão de ser, senão compreendesse todas as gentes. Não pode existir povo constituído sem religião; a religião é a vida da sociedade, da humanidade, cuja salvação faz objeto da pregação do evangelho.

Assim compreendido, o evangelho, é pregado para constituir a religião; a religião assim observada é verdadeiramente o caminho, a verdade e a vida. Eis, portanto, os caracteres com que o Nosso Senhor Jesus Cristo se anuncia ao mundo:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém pode vir ao Pai senão por mim.”
(...)

³⁹² Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. p. 91

A luz do evangelho é ao mesmo tempo a chama viva do espírito de Deus; homens pobres e ignorantes, ao ouvirem as boas novas de salvação, lamentam não conhecerem as letras, e o mesmo é sentir a necessidade, que experimentar em si possibilidade e forças para consegui-lo. Onde quer, pois, que o evangelho tenha sido empregado, manifesta-se logo fé e simpatia pela conversão de alguns, pela admiração de muitos, pela hesitação de grande parte. Bíblias são vendidas, muitas impressas correm pelas mãos de todos, e onde, pouco antes, nenhum sinal de vida espiritual manifestava, onde, para servirem da expressão de S. Paulo, o povo não sabia dizer senão – Amém – ao que não entendiam, vê-se hoje muitas igrejas que fazem suas reuniões com liberdade e júbilo, cantam senhor Jesus hinos belos, em língua própria, conversam e discutem com interesse religioso sobre os meios de melhor servir a Deus; e se tem realizado, em parte, nos nossos dias o que disse Jesus, respondendo a João: - os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos alimpam-se, os surdos ouvem, os mortos ressurgem, aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho. (S. Math. XI.º 5.)³⁹³

Sua atividade de pregador itinerante fez com que o número de colaboradores e, principalmente, pastores se mantivesse reduzido. Não havia, por outro lado, o que apresentar de informação “palpável” à agência missionária. Não haviam igrejas sendo plantadas e nem rol de membraia. Na compreensão dos missionários o método de Conceição não era o ideal. Acrescente-se que, nesse tempo, sua saúde não era das melhores. Talvez, numa tentativa de fazer com que Conceição “parasse”, Simonton e Blackford providenciaram meios para que ele fosse aos Estados Unidos para tratar-se e descansar. Conseguiram convencê-lo, pois seria recebido pelos irmãos de Simonton e por Chamberlain que por lá estudava teologia e pregaria em Illinois em igrejas de fala portuguesa. “A 3 de agosto de 1867 embarcou no Rio para Nova Iorque”.³⁹⁴ Lá trabalha como tradutor e, numa igreja de madeirenses, com os fugitivos perseguidos junto com seu pastor Kalley, o mesmo do Rio. Queriam-no como seu pastor, o que agradava a Blackford, que assumia a missão no Brasil com a morte de Simonton por esta época. Conceição não aceitou. Na sua ausência houve ataques a sua pessoa, por parte de vários ultramontanos, mas a distância não permitia debate. Ribeiro diz que esta viagem só teve como consequência o seu afastamento do centro dos acontecimentos.³⁹⁵

3.4. O protestantismo de missão como nova heteronomia

³⁹³ José Manoel da CONCEIÇÃO. *O Brasil carece da pregação do Evangelho?*

³⁹⁴ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 72

³⁹⁵ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 189

Enquanto está nos Estados Unidos não demora muito para que Conceição venha a compreender que “(...) os homens que têm pregado a palavra da vida, o evangelho de salvação por nosso Senhor Jesus Cristo”, tinham também seus interesses para além da mensagem religiosa. Hoje é fácil fazermos a leitura de que o protestantismo seguiu a trilha do capitalismo, mas para Conceição, na época, tal análise não era coisa tão simples de ser feita. Ao iniciar suas atividades pastorais ele acreditava que estes homens possuíam como único motivo a pregação do Evangelho, como ele o compreendia. Mas como bem indica Vieira, estes missionários eram também aqueles que traziam o “progresso”.

Aqui temos de lançar mão do conceito de autonomia de Tillich, pois o protestantismo o traz em seu bojo. O Protestantismo querendo ou não, favorecia uma cultura autônoma, tanto que os liberais, que almejavam a laicização do Estado, vêm nele um aliado, e forte. Os que estavam empenhados em criar uma cultura cujas formas de vida, pessoal e social, não possuíssem qualquer referência a algo supremo e incondicional se associavam e possibilitavam a uma instituição religiosa sua inserção nesta sociedade e cultura. Como troca de favores.

Ribeiro assim diz:

Creio que os introdutores do presbiterianismo no Brasil conservaram apreciável equilíbrio, na tensão constante em que viviam entre o que entendiam ser valor basilar: Comunhão com Deus e vida eterna, pela fé em Jesus Cristo, e as conseqüências seculares da aceitação e internalização desse valor. Anunciando o acesso à vida eterna pela graça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, exigiam “novidade de vida” como conseqüência necessária.³⁹⁶

A autonomia, entretanto, segundo Tillich, não representa o abandono do Incondicional. É a libertação da heteronomia. Mas, se autocomplacente, aí sim, pode levar a uma “secularização”, como o humanismo secularizado pelo qual ele passava na época. Sendo o princípio dinâmico da história, a autonomia não é “irreligiosa”. Por sua vez, a “(...) teonomia não é contra a autonomia. A heteronomia sim”.³⁹⁷ É por isso que Higuét diz que: “(...) o catolicismo conduz, desde a Contra-Reforma, uma luta defensiva ao mesmo tempo contra o protestantismo e contra a cultura autônoma”.³⁹⁸

Não era uma cultura autônoma o que os missionários desejavam e muito menos era o que queria Conceição. O pastor brasileiro desejava uma situação teônoma, conforme dizia

³⁹⁶ Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. p. 285

³⁹⁷ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 76

³⁹⁸ Etienne Alfred HIGUET. *Alguns aspectos do catolicismo brasileiro atual*.

Tillich, não no sentido “(...) em que nela Deus tenha estabelecido as leis, mas no sentido em que aí tudo se abre e se dirige para o divino”.³⁹⁹ Só que para os missionários isto não basta. Eles estão em missão. Tem um objetivo definido que é a razão de ser de seu trabalho. Diante da possibilidade de teonomia, como propunha, por um lado, e da autonomia, por parte dos liberais de outro, os missionários acabaram por adotar uma postura semelhante à heteronomia que o catolicismo de outrora representava. As principais características que o protestantismo de missão apresentava delineavam e levavam a tal configuração.

Para Conceição a igreja, fosse ela presbiteriana ou qualquer outra representante do cristianismo, funcionava apenas como substância católica. E como não poderia deixar de sê-lo, precisaria sofrer protesto a qualquer momento que estivesse se distanciando do princípio protestante. Como diz Calvani: “A agência que representa o Reino de Deus na história é a Igreja cristã. Esta, porém, não é o Reino de Deus, mas sua antecipação fragmentária.”⁴⁰⁰ Compreendia que a verdadeira reforma não implicava em uma ampliação eclesiológica de denominações protestantes, mas sim o entendimento de que possíveis “mediadores”, como a igreja apenas deveriam indicar o caminho para Deus e não se apresentarem como as que possuem toda a verdade a respeito de Deus. Mas como Dourley diz: “A substância católica sem o princípio protestante, ao se tornar concreta na forma das religiões históricas, como sempre tragicamente acontece, degenera-se em idolatria, inevitavelmente.”⁴⁰¹ Conceição visualiza mais uma vez o que tinha percebido no catolicismo que outrora vivera.

3.4.1. As características heterônomas do protestantismo de missão

Que Simonton, Blackford e os outros missionários tivessem que prestar contas de suas atividades à agência missionária não há a menor dúvida. O trabalho deles, além de ser direcionado a um propósito definido, contava ainda com toda a carga cultural que lhes era inerente. Isto significa dizer que os missionários não conseguiram se desvencilhar da concepção de que eram culturalmente superiores aos brasileiros, seja pelo seu avanço técnico-científico ou por sua condição sócio-econômica. Por isso, uma das características que leva o

³⁹⁹ Paul TILLICH. *A era Protestante*. p. 74

⁴⁰⁰ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Transformação, Testemunho e Diálogo - Reflexões Missiológicas a Partir de Tillich*

⁴⁰¹ John DOURLEY. *Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso*.

protestantismo missionário a se delimitar como nova heteronomia, dentro e diante da cultura brasileira, fica traduzida naquilo que Dias apontou:

Preso a uma concepção ingênua de sociedade, que não levava em conta as interações entre os grupos sociais e as gritantes contradições de classe, o Protestantismo de Missão, caracteristicamente, não foi capaz de perceber a natureza peculiar e própria da formação socio-cultural brasileira que a distinguiu da sua congênere norte-americana. O ideal societário proclamado por meio de sua mensagem teológico-doutrinária não encontrou ressonância suficiente que lhe proporcionasse o desempenho de um papel transformador significativo no âmbito socio-cultural e político nacional. Contribuiu para isto, e muito, sua incapacidade de inculturação, revelada no rechaço de tudo aquilo que constituía, na realidade, o *ethos* característico da cultura latino-americana em geral e, em particular da brasileira, mas que era entendido como conteúdo próprio do Romano-catolicismo.⁴⁰²

Tinham em mente os missionários que a cultura brasileira, confundida com o catolicismo, precisava sofrer urgentemente uma transformação. Diante de um Brasil em franco “progresso” a mensagem que os missionários traziam em seu bojo não era meramente religiosa. Seguindo a rota que o capitalismo ia traçando, o protestantismo demonstrava ser a religião do progresso, capaz de transformar a estrutura social e econômica até então vigente e mantida e legitimada pelo catolicismo.

Nos Estados Unidos, a luta era protestantismo contra protestantismo na busca por hegemonia. A forma denominacional acabou por levar as igrejas protestantes norte-americanas a se considerarem um fim em si mesmas, almejando um crescimento interno, o que geraria a superação em relação aos demais grupos. Foram disputas eclesiológicas e teológicas que levam Mendonça a considerar que:

O protestantismo no Brasil foi a ponta da linha das lutas teológicas que se travaram nas igrejas-mães, nas suas matrizes, no período de consolidação da sociedade norte-americana. É bom notar que provavelmente o que aqui chegou não foram as linhas mestras do pensamento teológico norte-americano, mas idéias vencidas, minoritárias e residuais. Pelo menos aqui elas foram preponderantes.⁴⁰³

⁴⁰² Zwinglio Mota DIAS. *A larva e borboleta*.

⁴⁰³ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *Vocação ao Fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil*. in.: *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. p. 136.

No Brasil, entretanto, não havia outro inimigo a ser combatido a não ser o catolicismo. Assim, conforme diz Mendonça, a primeira geração de pastores nacionais, herdeiros dos missionários norte-americanos, era polemista, ou seja, anti-católica.⁴⁰⁴ A isto acrescenta-se que a “(...) visão que o protestantismo tradicional foi construindo do catolicismo na Brasil estruturou sua estratégia missionária”.⁴⁰⁵ Estava decidido pela agência missionária que o catolicismo não era religião cristã. Era preciso convencer os brasileiros a deixarem de ser católicos e passarem a ser protestantes pois agindo assim, “(...) este tipo de Protestantismo estava, aparentemente, lançando as bases para a formação de um novo modelo de cidadão no país: moderno, burguês, liberal; responsável por si mesmo e pela construção de uma nova sociedade”.⁴⁰⁶

A par da teologia conversionista, a postura anti-católica aparece como característica que reforça uma configuração heterônoma do protestantismo nascente em solo brasileiro. neste sentido a conversão deveria ser individual e consistir no rompimento abrupto do indivíduo com seu meio cultural por meio da adoção de novos padrões de conduta em tudo opostos àqueles em que havia sido criado. Isto porque os padrões que agora estava recebendo procediam de uma igreja que, por pregar a “verdade”, era, *ipso facto*, a igreja verdadeira. Com esta compreensão de igreja o protestantismo de missão deixou de ser um propagador do princípio protestante, ao desenvolver em suas entranhas as características de uma instituição que pretende ser detentora da verdade absoluta. É o que Campos ressalta ao referir-se às instituições protestantes aqui consolidadas: “Essas instituições deveriam ser a visibilização do princípio baseado no questionamento da tentação absolutista e de todos os processos inquisitoriais. Porém, com o passar do tempo, as "instituições protestantes" pensaram ser proprietárias do "espírito protestante", julgando possuir os limites de posse e de atuação desse espírito”.⁴⁰⁷

Ou como salienta Dias:

O que experimentamos, especialmente com o movimento missionário do século XIX, foi um transplante de uma determinada forma eclesial do Protestantismo. Um modelo larvar, fechado e absolutizado, acabado, entendido como a verdadeira

⁴⁰⁴ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir*. p. 82

⁴⁰⁵ *Ibid.* p. 81

⁴⁰⁶ Zwinglio Mota DIAS. *A larva e a borboleta*.

⁴⁰⁷ Leonildo Silveira CAMPOS. *Os novos movimentos religiosos no Brasil analisados a partir a Teologia da Cultura de Paul Tillich*.

forma da Igreja de Cristo, impermeável à mudanças, voltado sempre para a sua auto-reprodução, incapaz de se abrir para as outras culturas e de perceber nelas a presença do Espírito criador e transformador do Deus bíblico. Os povos ditos evangelizados deveriam ser convertidos a essa maneira de ser cristão, não tinham nada a oferecer. O Espírito só podia lhes falar na linguagem dessa igreja.⁴⁰⁸

A ênfase profética presente nos primórdios do protestantismo, bem como seu lema *ecclesia reformata et semper reformanda est* dava lugar, agora a uma instituição ensimesmada voltada para sua expansão organizacional. Ou seja, tratava-se menos de pregar os princípios reformados, do que reproduzir um modelo de igreja e difundir os valores culturais, econômicos e políticos da matriz norte-americana. Conceição entendia o cristianismo como resposta às necessidades de sua cultura e que nenhuma tradição histórica deste mesmo cristianismo podia arvorar-se como sua única representante. Conceição compreendia o valor da eclesialidade das outras manifestações históricas do cristianismo. Os missionários não.

Ao presbiterianismo dos missionários acabou ocorrendo o que Klein, salienta: “(...) tal como o catolicismo deixou-se prender no ‘cativeiro babilônico da decadência da Idade Média e da petrificada Contra-Reforma, assim também o protestantismo que tanto ajudou a formar a era protestante, acabou, em grande parte, prisioneiro de um novo cativeiro babilônico dentro da cultura capitalista... seu Deus foi domesticado; acabou sendo um deus burguês’”.⁴⁰⁹

Em conformidade com uma reflexão de Alves, arriscamos afirmar que Conceição, em meio as suas crises existenciais, consegue perceber, na proposta dos missionários, uma nova ordem divinamente ordenada:

Estou incorrendo em uma contradição ao afirmar a afinidade do espírito protestante, ao mesmo tempo, com o espírito medieval e como o espírito da modernidade? De forma alguma. Ao contrário: é exatamente a visão sacral do mundo, típica do espírito medieval, que, superposta à sociedade racional e burocrática, conduz a uma sacralização desta última, elevando-a assim, à condição de valor ao qual a consciência deve ajustar-se. Um mundo racional burocrático, sem um manto religioso que o legitime, só se justifica em termos dos seus sucessos práticos. Mas, uma vez sacralizado pela ideologia religiosa, a sua autojustificação

⁴⁰⁸ Zwinglio Motta DIAS. *A larva e a Borboleta*.

⁴⁰⁹ Carlos Jeremias KLEIN. *A Substância Católica e o Princípio Protestante no Presbiterianismo: Apontamentos*.

funcional ganha uma nova dimensão: transforma-se numa ordem divinamente ordenada.⁴¹⁰

Com estas características o protestantismo missionário norte-americano acabou por adotar uma postura que o transformou em nova heteronomia. Ao retornar dos Estados Unidos, parece que Conceição vivenciou aquilo que Rubem Alves, citando Erasmo Braga, considera: “o protestantismo, um retrato negativo da Igreja Católica, com todos os inconvenientes do negativo”.⁴¹¹ Continua: “O protestantismo brasileiro, assim, parece ser menos marcado pela tradição do protestantismo histórico que pelo seu conflito com a Igreja Católica. É isso a nosso ver, o que explica o elemento radicalmente anti-ecumênico que o caracteriza”.⁴¹²

Desta forma, para Conceição o protestantismo não se apresentava mais como possibilidade de teonomia. Não representa a possibilidade de uma reforma espiritual. Ao desembarcar no Rio de Janeiro, em 20 de julho de 1868, Conceição talvez já soubesse que não era mais tão interessante para os missionários Blackford e Schneider que, como diz Ribeiro, o recepcionam com os “(...) mais amarelos dos sorrisos: (pois) eles preferiam que ele tivesse ficado por lá”.⁴¹³

3.5. O solitário das estradas: Conceição e sua busca por teonomia

A esta altura de nossa reflexão dispomos de elementos que nos permitem afirmar que, para grande parte dos representantes oficiais do catolicismo, Conceição era protestante demais. Por outro lado, para os missionários protestantes norte-americanos, Conceição era ainda católico demais. É nesta junção entre duas formas distintas de ser cristão no Brasil que se enquadra a figura do primeiro pastor protestante brasileiro. A vivência da ecumenicidade por terras brasileiras já no século XIX.

Conceição, como vimos no capítulo 2, queria romper e acabou rompendo com o catolicismo de então exatamente pelo fato deste apresentar todas as características de uma heteronomia. Com certeza ele não tinha compreensão clara deste conceito, mas

⁴¹⁰ Rubem ALVES. *Dogmatismo e Tolerância*. p. 98

⁴¹¹ *Ibid.* p. 67

⁴¹² *Ibid.* p.67

⁴¹³ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 72

experimentava, em sua vivência religiosa, as implicações dele advindas. O protestantismo, em sua época de padre, já fazia parte do cenário religioso do Brasil. Os estrangeiros, filhos do protestantismo de imigração, ao mesmo tempo em que representavam o diferente, apresentando uma nova maneira de ser cristão despertavam, com sua religião, curiosidade e interesse. Mas se tratava de uma nova religiosidade livre de qualquer pretensão proselitista. Esta vai ser a marca do protestantismo missionário.

Com a chegada dos missionários norte-americanos e sua nova mensagem Conceição visualiza a possibilidade de uma teonomia para a cultura brasileira. Acreditava ser assim devido às leituras de textos reformados em sua juventude. Entretanto, em pouco tempo, consegue observar que, o que era a possibilidade de momentos *kairóticos* a partir da pregação evangélica dos missionários norte-americanos, se aproximava muito mais de uma autonomia que, na verdade, estaria muito mais próxima de uma nova heteronomia. Tillich conclui que a história do protestantismo tem sido uma permanente traição ao princípio protestante. E, no caso de sua inserção no Brasil, não parece ter sido diferente. E isto não lhe interessava. Não estava em seus planos fazer de uma religião institucional estrangeira o modelo para a vivência da espiritualidade. Tanto é verdade que mesmo depois de sua “conversão” ao protestantismo, não conseguiu alcançar a paz que sua alma tanto almejava.

Parece que, em sua profunda religiosidade, o desejo ardente de Conceição era estabelecer uma reconciliação entre cultura e religião. Havia nele uma consciência *kairótica*.⁴¹⁴ Sua reforma, desde os tempos de padre, não era uma reforma de caráter político ou estrutural, mas sim de caráter religioso ou espiritual. Para ele não valia a pena plantar igrejas, ou transplantá-las. O que estava em jogo, e o que ele acreditava ser o melhor para seu povo e cultura, era uma reforma que proporcionasse uma relação mais efetiva com Deus. E isto, à semelhança do catolicismo, o protestantismo parecia não proporcionar.

3.5.1. Conceição continua sua reforma sem o apoio dos missionários

Não podemos dizer quem se distanciou de quem. Se ele se distanciou dos missionários ou se os missionários se distanciaram dele. O que sucedeu foi que desembarcando no Rio e sendo recepcionado pelos missionários os três rumaram para São

⁴¹⁴ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Teologia e Cultura*. p. 53

Paulo para a reunião do Presbitério. Desta vez, por sua ausência devido à viagem, não tinha relatório para apresentar. Terminada a reunião ficaram na cidade mas, em 11 de agosto, Conceição mais uma vez desaparece. Não dá satisfação aos missionários e estes já não sabem o que fazer dele.

Quanto à evangelização, parece que ele não desejava o estabelecimento de uma Igreja protestante transplantada de outra raça, outra cultura, diversa tradição e temperamento, mas um movimento profundo de Reforma nos sentimentos e experiência religiosa do povo, aliado ao esclarecimento bíblico, que tornasse possível a criação de um cristianismo Brasileiro puro e evangélico, mas enraizado nas tradições e hábitos populares.⁴¹⁵

Desaparecido, passa um mês pregando na velha estrada do sul.⁴¹⁶ Foi até Itapetininga. Demorou-se, principalmente, em dois bairros desta: Pinhal e Cabaçaizinhos. Voltou pregando e em setembro chega a São Paulo. Escreve, então, uma correspondência aos moradores de Cabaçaizinhos onde deixa transparecer como realizava e mesmo como entendia ser sua tarefa.⁴¹⁷ Diz a eles que qualquer dúvida ou necessidade que busquem ajuda junto aos líderes da igreja em São Paulo. Mas Blackford já não está mais ali e parece não haver mais ninguém que possa ou queira ocupar-se dessas pessoas.

Blackford, que estava por essa época no Rio de Janeiro, escreveu a respeito:

Conceição voltou a São Paulo após cerca de um mês de ausência. Conta que andou a pregar pelos sítios, até cerca de 150 milhas a sudoeste de São Paulo. Surgiu aqui inesperadamente no dia 16 de setembro. Depois de várias andanças foi viver sozinho em uma casa na Serra, cerca de 4 milhas daqui. Essa casa é alugada por amigos do evangelho, para o culto, e cedem-lhe de graça. Iniciou a tradução da História da Reforma, de D'Aubigné, do original francês; pretende cobrar por página, e viver com o produto desse trabalho, onde e como lhe parecer melhor. Espero que dê certo.⁴¹⁸

Pelo o que ocorreu as esperanças de Blackford não se concretizaram. Com o retorno de Chamberlain, que estivera também nos Estados Unidos, no final de outubro, Conceição se

⁴¹⁵ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 206

⁴¹⁶ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 80

⁴¹⁷ A carta aos moradores de Cabaçaizinhos é datada de 14 de setembro de 1868. Anexo n.º 3

⁴¹⁸ Alexander Lattimer BLACKFORD. *Journal Record of Mission Work*. Apud: Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 178

pôs a caminho com ele pelo litoral fluminense e, em 1º de novembro, chegam a Lorena. A forte oposição ultramontana se fez sentir nesta cidade. E não só a integridade física, mas até mesmo a vida de ambos corria perigo. Chamberlain retorna dia 19 para pedir ajuda. Conceição fica na cidade, enquanto Blackford usa de sua influência política junto a Tavares Bastos para pedir providências ao ministro da justiça. Deu resultado.

De Lorena então Conceição retoma a estrada em direção à São Paulo e prega em vários pontos. Mantém contato com alguns irmãos que estão em São Paulo, como Pires e Mac Kee, mas suas divergências se mostram cada vez maiores. Nos inícios de 1869 já está novamente a caminho, pregando. Diz Ribeiro:

15 de janeiro, estrada de Atibaia; vai passando, parando, lendo a Bíblia e fazendo orações em casas junto à estrada; alguns mandam chamar vizinhos e realiza-se a reunião. Em Atibaia encontra dois alemães promissores e dois padres simpáticos ao Evangelho. Rio Abaixo, “Muitas famílias”. Bragança, Freguesia da Antas, Amparo, Socorro. “Nas estradas e casas”, passando e pregando.⁴¹⁹

É em 11 de junho que recebe uma convocação de Blackford para mais uma reunião do Presbitério. Seria a última reunião com a participação de Conceição.

3.5.2. O distanciamento inevitável

O Presbitério se reuniu. Tornava-se evidente que a burocracia estava tomando conta da ação dos missionários. Tomam-se decisões que sinalizam a direção a tomar para as igrejas no Brasil. Optam por literaturas que cada vez mais ignoram o mundo ibérico-brasileiro. “Vai-se pois introduzir na igreja nascente vinculação cultural-histórica apenas com o mundo anglo-saxão, e não com o da própria igreja nascente”.⁴²⁰

Para esta reunião seu relatório foi muito extenso. A sua tradução da *História da Reforma* não parece ser mais tão atraente. Não lhe pedem que ele produza literatura alguma. Toda a sua vivência de 18 anos com o clero e com o povo, a sua experiência concreta e

⁴¹⁹ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 86

⁴²⁰ *Ibid.* p. 89

íntima, parecem não valer de nada para os rumos que o Presbitério deseja imprimir à igreja. Desta forma, Conceição não consegue visualizar no protestantismo o espírito que o fez nascer. Não será de forma anti-católica e dispersa que em um de seus sermões escreve: “Nem todos os que pertencem à Igreja Cristã pertencem também à fé cristã”.⁴²¹ Ele sabia o que e porque escrevia.

Sobre as conseqüências dessa união escreve Ribeiro: “A partir da reunião presbiterial de 1869 seus caminhos se tornam, não divergentes dos missionários, mas aparentemente paralelos. Ele é o apóstolo de uma reforma evangélica na religião do seu povo. Eles tratam de incrementar a organização de uma Igreja Reformada que nos trazem, com as melhores das intenções e generosidade, pronta, com suas estruturas acabadas”.⁴²²

Ficou claro que eram posicionamentos diferentes, como diz Ribeiro em outro texto: “O Rev. José Manoel da Conceição se dedicou à propagação da fé evangélica; não organizou igrejas, nem consta que haja recebido qualquer pessoa a comunhão presbiteriana pelo batismo. Dava sua tarefa por realizada quando aqueles a quem se dirigia declaravam aceitar Jesus Cristo como único e suficiente salvador, e imediatamente passava a chamá-los irmãos”.⁴²³

Na mensagem e atuação de Conceição não estava embutida a defesa ou propagação do domínio de uma instituição religiosa, algo que nos parece ter sido proposto pela reunião do Presbitério. Em Conceição estava a proclamação de algo bem próximo àquilo que Tillich considera como situação-limite. Ele e os missionários não concordaram. O que restava a Conceição? Já tinha deixado de ser padre. Estava decidido que uma reforma no seio do catolicismo era algo pouco provável ou mesmo impossível de acontecer. Tornou-se pastor, pois talvez a reforma ocorresse de forma mais fácil. Mas a sua relação com os missionários norte-americanos só foi possível até um determinado momento. Estes, com seus projetos e propostas de evangelização, estavam mais interessados em construir igrejas do que propor uma reforma espiritual abrangente. Havia interesses outros no discurso deles que não se aproximavam daquilo que Conceição acreditava ser a razão de suas presenças aqui. Por outro lado, quanto aos demais protestantes estrangeiros, estavam preocupados demais com suas vidas e negócios, que a prática entre si de sua religião já era o bastante. O que restava a era o

⁴²¹ José Manoel da CONCEIÇÃO. O Evangelho. *Imprensa Evangélica*. Ano XVI, n.º 11, p. 81

⁴²² *Ibid.* p. 89

⁴²³ Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. p. 129

que ele fez. Solitário, não se submeteu aos missionários e caiu na estrada a pregar, pregar, pregar... Virou pregador itinerante. Buscava por momentos *kairóticos*.

Depois da reunião do Presbitério Conceição, a partir do segundo semestre de 1869, volta a ser um solitário. Nunca mais teve companheiros nas suas peregrinações pelas estradas. Não mais compareceu ao presbitério, nem lhe prestou relatório. Podemos dizer que se tornou um estranho para os próprios amigos. Estes quase nunca sabiam onde ele se encontrava, a não ser por notícias de jornais. Mas não é de causar admiração, porque esse isolamento já vinha do presbitério anterior, de 1868. Era agora apenas definitivo.

3.5.3. Os últimos anos de uma vida

Calvani, em um artigo sobre missiologia, a partir de Paul Tillich, assim conclui o que ele considera como missões:

Tillich propõe sua definição de missões: “são todas as atividades da Igreja, pelas quais ela age em prol da transformação de si mesma onde quer que ela se encontre em estado de latência, para seu estado manifesto – a recepção do Novo Ser em Jesus como o Cristo”. Essa definição traz algumas implicações, dentre as quais destaca: (a) missão não é simplesmente a tentativa de salvar da condenação eterna o maior número possível de indivíduos dentre as nações do mundo. Essa visão pressupõe separar o indivíduo do grupo social ao qual pertence; missão não é mera função cultural de fertilização das culturas pelo Evangelho; missão também não é a tentativa de unir diferentes religiões, pois isso faria de Cristo algo menos que o centro da história. Missão é, simplesmente, “a tentativa de transformar a Igreja latente – que está presente em todas as religiões mundiais – em algo novo: a Nova Realidade em Jesus como o Cristo. Missão significa Transformação e, por isso é uma função que pertence à Igreja e é o elemento básico de sua vida (...) essa transformação de algo latente em algo manifesto refere-se não apenas a nações e grupos fora da Cristandade, mas também às próprias nações e grupos nominalmente cristãos”.⁴²⁴

O Princípio Protestante como instrumental analítico da vida e escritos de Conceição nos permite chegar à conclusão de que ele considerava como missão unicamente a propagação do espírito protestante. Enquanto a igreja crescia e se organizava, novos cooperadores chegavam, outras denominações se estabeleciam no Brasil com uma visão bem próxima à dos

⁴²⁴ Carlos Eduardo B. CALVANI. *Transformação, Testemunho e Diálogo - Reflexões Missiológicas a Partir de Tillich*

presbiterianos. Conceição não “(...) se detinha; não batizava conversos, não organizava igrejas – pregava, curava e desaparecia.”⁴²⁵

Ao mesmo tempo, sofria perseguição por parte dos católicos, mais por representar um risco à heteronomia do que por anunciar uma nova religião, o que ele não o queria. O catolicismo sabia que combater uma religião não seria tarefa das mais complicadas mas, combater as idéias de um homem que denunciava exatamente a heteronomia que o romanismo representava e que temia perder, era algo muito mais complicado. Os missionários não desejavam nada disso; para eles não era interessante uma renovação espiritual no interior da cultura brasileira, mas a conversão de indivíduos e o estabelecimento de igrejas. Assim o “ecumenismo” de Conceição não era bem quisto nem por um nem por outro grupo.

Não tinha o que fazer a não ser andar sozinho, mas não deixou de às vezes manter contato com os amigos presbiterianos. Os últimos quatro anos e meio de peregrinação, de abalos sérios em sua saúde, de entrega de sua vida em favor do povo, foram fazendo dele uma figura mítica. Tornava-se cada dia mais um homem do povo. Há muitas histórias nestes quatro anos, mas nem tudo é verossímil.⁴²⁶ Foi se convertendo num pregador singular e também numa espécie de taumaturgo, que realizava “curas” com os conhecimentos de que dispunhas de botânica e medicina. Ganhou os contornos de um santo. Um místico em pleno Brasil imperial que, ao mesmo tempo em que se secularizava graças ao liberalismo, apresentava igrejas com posturas eclesiológicas heterônomas, este homem segue seu caminho acreditando estar fazendo o que Deus lhe havia proposto. Entendemos que Conceição sentia a carência da relação “vertical”, conforme a formulação de Campos: “As igrejas históricas se esqueceram que a experiência mística se dá através de uma articulação entre o ‘vertical’ (significado eterno) e o ‘horizontal’ (realização temporal desse significado) e que, ao privilegiar o horizontal (se contentando com o caráter moral, humanitário e político) elas perderam a dimensão transcendental, deixando de ser morada do ‘espírito protestante’”.⁴²⁷ Conceição encarnava tal espírito. Como assinala Tillich, o protestantismo, considerado como este espírito de inquietação, está em todos os lugares onde é proclamado o novo ser ou a

⁴²⁵ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 200

⁴²⁶ Boanerges Ribeiro nos apresenta um capítulo no livro *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica* intitulado *Histórias da Estrada*. Trata-se de várias histórias sobre Conceição durante suas peregrinações, mas não há como sabermos até que ponto são verdadeiras.

⁴²⁷ Leonildo Silveira CAMPOS. *Os Novos Movimentos Religiosos analisados a partir da Teologia da Cultura de Paul Tillich*.

situação limite.⁴²⁸ Nas palavras de Campos o protestantismo está: “(...) onde a criatividade se encontra a serviço da realização de utopias libertadoras.”⁴²⁹

Como alguém que possui o espírito presente no protestantismo, Conceição expressou com clareza seus anelos: “O bem estar da minha pátria, a moralização da sociedade, cuja felicidade só o Evangelho pode assegurar, e a salvação eterna dos homens, são os fins que tenho em vista. Estou nas mãos de Deus, e à disposição de todos a quem possa servir no Evangelho de Jesus Cristo”.⁴³⁰

E encerrando essa sua resposta à excomunhão afirma:

Lembro-me de ter lido nas obras do Cardeal Wiseman: “A religião não tem outro inimigo a combater senão a ignorância”. Esta é a missão do Evangelho e da Igreja Evangélica.

Quando a Bíblia correr pelas mãos de todos os povos, então se hão de realizar as promessas do Salvador, que a religião dele prevalecerá em toda a terra. Manifestar-se-há então a universalidade de sua Igreja. Gozar-se-há a paz, a felicidade e prosperidade, prometidas por Deus ao mundo, e aneladas agora pelas nações.

Deus apresse a vinda desse tempo.

Amen.⁴³¹

Se tivesse que traduzir para o grego a palavra tempo, com a qual termina o seu texto, com certeza não usaria o termo *kronos* mas optaria por *kairos*. A utilizaria num sentido bem próximo ao conceito que Tillich, anos mais tarde formularia. Conceito este presente na proposta e ação do ex-padre. Como diz Ribeiro:

Assimilando a linguagem e os hábitos do povo; refugindo para os arraiais tranquilos do litoral ou para as vilas da Serra; uma incógnita para os companheiros de ministério e os amigos, que desejam ajudá-lo e não sabem como. Um pavor para os padres reacionários, que ao vê-lo aproximar-se correm a armar bandidos e vagabundos a fim de espancá-lo. Sonhando com a Reforma da Religião no Brasil, e escarnecido e odiado dos homens a quem estava oficialmente entregue a religião –

⁴²⁸ Paul TILLICH. *A Era Protestante*. p. 209-221.

⁴²⁹ Leonildo Silveira CAMPOS. *Os Novos Movimentos Religiosos analisados a partir da Teologia da Cultura de Paul Tillich*.

⁴³⁰ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. p. 30

⁴³¹ *Ibid.* p. 32

assim viveu José Manoel da Conceição os últimos quatro anos e meio de sua vida.⁴³²

A respeito destes últimos anos da vida de Conceição, quem bem relata é o major e, depois, coronel, Augusto Fausto de Souza, que foi um dos últimos a estar com ele em vida. A figura do ex-padre o impactou e atraiu tanto que chegou a publicar uma breve biografia. Concernente às peregrinações de Conceição escreve:

Para fazer-se uma idéia de sua peregrinação bastará saber que ele se achava na corte em julho de 1872, em Queluz, Caldas, Campanha e outros pontos de Minas em agosto e setembro; em Areias e Mambucaba de outubro a dezembro; em Queluz de São Paulo em janeiro seguinte; São Pedro e São Paulo em março; corte em abril, Piraí e Campo Belo em maio; Caraguatatuba em julho, etc.⁴³³

E Ribeiro completa:

Nestes quatro anos e meio sua pregação da reforma evangélica continuou a ser feita e repetida de São Paulo a Sorocaba, Itapetininga, Faxina: talvez até Castro no Paraná, onde me foi apontado o casarão onde teria pregado; de Campinas a Limeira, Santa Bárbara, Rio Claro, até Brotas e Jaú; no vale do Paraíba de São Paulo a Piraí; no litoral Norte de São Paulo; na estrada de Atibaia, Itatiba, até Bragança, até a Borda da Mata e Pouso Alegre; nas serras de Piracaia, Nazaré Paulista; na Corte, seus arrabaldes e vilas suburbanas a caminho de São Paulo.⁴³⁴

Ao fim de 1873 Blackford, sabendo da saúde debilitada de Conceição e cumprindo com a sua palavra de ajudá-lo sempre, desde o momento de sua “conversão”, aluga uma casa no Rio de Janeiro no bairro de Santa Teresa. Foi nesta viagem em direção à corte que em Piraí, no interior fluminense, ao anoitecer, Conceição foi encontrado mal-vestido e descalço por um policial que o deteve considerando-o vagabundo. Tem, entretanto, permissão para escrever a um amigo do Rio pedindo auxílio e reconhecimento. Resolvida tal questão, teve, entretanto, que permanecer nesse lugar durante três dias. O resultado foi que gastou todo o dinheiro que possuía cobrindo as despesas que fizera. Prosseguiu viagem em direção ao Rio a pé.

⁴³² Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 208

⁴³³ Augusto Fausto de SOUZA. O Reverendo Pastor Evangélico José Manoel da Conceição. *Imprensa Evangélica*. Jan. e fev. 1884 (encarte)

⁴³⁴ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 95

Na véspera de Natal, o então major Fausto de Souza saía de casa para participar da festa da padroeira. No meio do caminho foi interrompido pelo sub-delegado do Irajá, Honório Gurgel do Amaral. Era assunto a respeito do até então desconhecido Conceição. Tinha passado mal e caído na varanda de uma venda. O major autorizou que utilizassem a carroça da enfermaria para socorro. O sub-delegado obedeceu. O major, como tinha planejado, seguiu para a missa. Lá estava o médico Dr. Vaz e o farmacêutico Pacheco. No meio da cerimônia a notícia de que o doente necessitava de cuidados urgentes fez com que os três homens saíssem antes da celebração acabar.

Não estava realmente bem Conceição. O major o deixou sob os cuidados dos dois amigos e voltou para a missa. Recebendo os primeiros atendimentos e recuperando um pouco as forças agradeceu o cuidado e a alimentação recebida. O major, ao término de seus compromissos religiosos, preocupado retornou à enfermaria. Ao médico perguntou quais procedimentos haviam sido tomados. A resposta que obteve foi de que o doente tomara um caldo. Perguntado se desejava mais alguma coisa respondera com singeleza: “Agora queria ficar a sós com Deus”. O major o encontrara dormindo, preferiu não incomodar. Acreditava, talvez, na melhora do desconhecido. Mas isto não aconteceu e logo o último desejo de Conceição estaria realizado. Na manhã de Natal ao retornar à enfermaria o major recebeu a notícia que o doente havia morrido. A data era 25 de dezembro de 1873.

CONCLUSÃO

Após a morte de Conceição, uma série de artigos apareceu em diferentes publicações da época, apresentando as mais diferentes versões a respeito de sua vida. Tanto periódicos interioranos como até o jornal *O Apóstolo*, órgão da Diocese do Rio de Janeiro,⁴³⁵ teciam comentários sobre sua morte, qualificando-a como tendo sido uma morte terrível, própria daqueles que são excomungados. Alguns proclamavam que ele havia retornado ao catolicismo. Outros afirmavam que havia cometido suicídio pelo fato de ter-se sentido por todos abandonados.

A *Imprensa Evangélica* procurou responder a, pelo menos, três artigos de jornais católicos da época. A primeira contra-argumentação, publicada em 03 de janeiro de 1874, refutava a afirmação publicada no “Apóstolo”, do primeiro dia do mês, de um suposto retorno de Conceição ao catolicismo. Também considerava como maliciosa a acusação de que os missionários o teriam abandonado. E complementava: “Não só seus colegas do ministério evangélico, mas muitos outros amigos, tanto protestantes como católicos romanos, honraram-se e zelaram-se em sempre ter suas casas e recursos ao dispor do ilustre falecido. Cumpria porém o Apóstolo a sua missão, porque cada um fala do que lhe é próprio”⁴³⁶.

Na edição seguinte *A Imprensa Evangélica* procurou responder às acusações veiculadas pelo periódico *Monitor Sul-Mineiro*, de 11 de janeiro, insistindo na mesma informação de que Conceição teria retornado ao catolicismo. De acordo com o editor da *A Imprensa Evangélica*, Conceição jamais teria apostatado da fé protestante, afirmando que ele continuou a proclamá-la até a sua morte. Por fim, na edição de fevereiro, é publicada uma

⁴³⁵ Jornal do final do Século XIX. Com ampla circulação, não só na capital Rio de Janeiro, apresentava tendências ultramontanas.

⁴³⁶ O APÓSTOLO E O REVERENDO J. M. DA CONCEIÇÃO. *A Imprensa Evangélica*. Ano X, n.º 1, 03 de janeiro de 1874. p.7.

nota que considera inverídicas muitas afirmações feitas na série de artigos publicados na *Reforma*.⁴³⁷

O editor da *A Imprensa Evangélica* não sabe que os artigos são de autoria de Monte Carmelo,⁴³⁸ mas contesta a afirmação de que Conceição teria recebido os sacramentos antes de sua morte e de que a afirmação de que teria retornado ao catolicismo não era verdadeira.

Reconhecido por Cândido Mesquita, a pedido de Blackford, Conceição foi sepultado no cemitério do Irajá. Até isto foi alvo de discórdia. Três anos depois de enterrado ainda causava incômodo. O bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Lacerda, em dezembro de 1876, sabendo que o “herege apóstata” ocupava “terra santa”, mandou exumar seus restos mortais. O Major Fausto de Souza os remeteu à Blackford, que o sepultou. Assim registra Ribeiro: “O túmulo de José Manoel da Conceição encontra-se no Cemitério dos Protestantes, anexo ao da Consolação em São Paulo; está ao lado do túmulo de Simonton”.⁴³⁹

Tais discórdias indicam que, mesmo depois de morto, Conceição ainda era do interesse dos representantes, tanto do catolicismo como do protestantismo, que procuravam enquadrá-lo no âmbito de suas igrejas. Ter Conceição como aliado indicaria, de alguma forma, quem possuía a verdade sobre assuntos divinos ou quem era o representante da verdadeira igreja. Para os católicos o velho padre se arrependeu e retornou aos braços da “verdadeira fé”. Para os missionários protestantes ele morrera na “fé verdadeira” que abraçara depois de anos de erro. Entretanto, conforme tentamos demonstrar, Conceição estava para além da fé vivida dentro da institucionalidade eclesiástica.

Sua vida pode ser considerada como um exemplo da manifestação do “Princípio Protestante”. A contribuição de Tillich, ao indicar que o protestantismo tem um princípio que está para além de suas realizações, o qual o torna realmente protestante, ao possibilitar-lhe transcender seu próprio caráter religioso e confessional, indicando a impossibilidade de se identificar completamente com qualquer forma histórica particular, inspirou-nos a identificar a atividade pastoral de Conceição como um possível exemplo vivo de crítica às posturas das instituições religiosas nas quais conviveu. Sua compreensão e vivência da fé cristã, que experimentou de forma intensa e radical, se constituiu no elemento autocrítico que o impediu

⁴³⁷ Apesar do nome *Reforma*, era um jornal católico do final do século XIX. Refletia a postura dos reformistas católicos e liberais.

⁴³⁸ O frei beneditino Joaquim de Monte Carmelo foi amigo de longa data de Conceição. A amizade que teve seu início nos tempos de formação teológica em São Paulo, depois da morte do ex-padre, culminou numa biografia.

⁴³⁹ Boanerges RIBEIRO. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. p. 108.

de considerar as formas históricas pelas quais o Incondicional é representado fossem confundidas com o próprio Incondicional.

A sua espiritualidade estava na vivência da fé em Deus por meio da entrega sem reservas ao próximo. É a fé como “(...) estado de estar tomado por uma preocupação última”,⁴⁴⁰ mas que se manifesta, como indica Gross, a partir de preocupações preliminares.⁴⁴¹ E estas ‘preocupações preliminares’, na vivência radical de Conceição, significava levar as pessoas com as quais tivera contato a uma experiência de maior proximidade com Deus, sem que para isto fosse necessário o rompimento de suas relações com as igrejas a que pertenciam. O que Conceição propunha era a possibilidade de formas alternativas e não apenas o protesto contra a forma.⁴⁴² Se tivesse sido ouvido ou aceito, pelo catolicismo, teria mostrado a este as possibilidades da “Gestalt da graça”, ou seja, a presença da graça na realidade sob uma forma determinada. Por outro lado, se suas reflexões e experiências tivessem sido acolhidas pelos missionários, teria indicado a eles o caminho para fugirem do sectarismo, assim como o reconhecimento da necessidade do constante protesto. Ou, dito de outra maneira, a vivência da igreja reformada que sempre precisa estar em processo de reforma, de transformação no âmbito da realidade histórica. Morreu, entretanto, incompreendido. E até hoje o é por muitos.

Como a influência de uma pessoa não termina com sua morte, podemos afirmar isto, sem dúvida nenhuma, a respeito de José Manoel da Conceição. Mesmo que, nos anos subsequentes ao de 1873, o catolicismo ultramontano tenha alcançado seu objetivo de instaurar a romanização na Igreja do Brasil e o protestantismo tenha insistido em sua postura missionária proselitista e anti-católica e, com isto, demonstrado sua incapacidade de reconhecer ou mesmo aceitar a sociedade e a cultura brasileira, a influência e o desafio de Conceição perduram até aos dias de hoje. Com sua dolorosa e conturbada vivência e suas reflexões ele sinalizou, de forma corajosa e pioneira, a possibilidade de uma ecumenicidade.

Concluindo seu texto sobre Conceição, De Paula afirma: “Sua prioridade é a pregação do Evangelho, e não a polêmica entre as denominações cristãs. Ele sempre defendeu a tolerância religiosa”. Ademais, acrescentamos, não só indicou um possível caminho para o diálogo ecumênico, como também deu testemunho do preço que se paga pelo exercício da

⁴⁴⁰ Paul TILLICH. *Theology of Culture*. p. 40

⁴⁴¹ Eduardo GROSS. *A Concepção de Fé de Juan Luís Segundo*. p.225

⁴⁴² Cláudio de Oliveira RIBEIRO. Teologia e Ciências: uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. in.: *Por uma nova teologia Latino-americana*. p. 218

vocação profética, que irrompe, na maioria das vezes, naqueles que consideram o “Princípio Protestante” como possível norteador nessa busca dialogal.

Ao fazer uma releitura da vida e dos escritos de Conceição procuramos ressaltar sua busca por momentos *kairóticos* no transcorrer de sua experiência de fé. Mais do que descrever e interpretar o processo de inserção da proposta protestante no Brasil, seja na forma do protestantismo de imigração, seja no modelo do protestantismo missionário, foi nossa preocupação assinalar como esta alternativa de vivência do Sagrado foi interpretada e acolhida por um representante do então vigente campo religioso brasileiro. Nesta releitura retrospectiva, no marco da teologia da cultura desenvolvida por Paul Tillich, foi possível revelar, também, as tensões que caracterizaram as primeiras relações entre o protestantismo e o catolicismo de então.

Por fim, não nos preocupamos em oferecer uma visão idílica do primeiro sacerdote católico-romano a abraçar o protestantismo e, muito menos, apresentá-lo como alguém revestido de santidade ou despido de falhas. Muito mais do que isto, tomamos sua história de vida como objeto de análise por se tratar de um ícone dentro do cristianismo brasileiro cuja experiência de fé ainda é mal conhecida e permanece, até hoje, inexplorada em seus aspectos mais decisivos que, entendemos, podem oferecer parâmetros surpreendentes para a articulação de novas possibilidades dialogais no interior de nosso campo religioso.

A afirmação “ser protestante sendo brasileiro”, aplicada a Conceição descreve não apenas a identidade de alguém dentro de um dos ramos do protestantismo existente por aqui. Isto é, não indica o que significa estar inserido em uma denominação protestante no Brasil e nem procura defender esta pertença. Esta afirmação procura articular dois modos de uma mesma vivência cultural que foram, até aqui, mantidos artificialmente separados pela importação acrítica de modelos eclesiológicos construídos em outro contexto cultural. Em outras palavras, o protestantismo, para deitar raízes no solo cultural brasileiro precisa livrar-se do invólucro cultural norte-americano/europeu que o transportou para a *terra brasilis*. Entendemos que esta foi a genial percepção do Padre José Manoel da Conceição em sua ingente luta por “protestantizar” o catolicismo de seu tempo, recusando, primeiro, a sua heteronomia mas, também, depois, não aceitando as novas formas heterônomas oferecidas pelos missionários do progresso e da ‘modernidade’ norte-americana.

Encerramos com o comentário de Ribeiro:

Teve Conceição, num tempo que a alguns se afigura dominado por seco dogmatismo, aguda compreensão de que a Vida Eterna é uma nova qualidade do Ser, uma nova forma de humanidade, por assim dizer, que não começa no céu, mas na terra, de onde se prolonga para a eternidade: “Pois que o Evangelho é uma força divina, de fazer feliz neste e no outro mundo...” “E a amar a Jesus Cristo, viver em sua mente divina, obrar e fazer bem-aventurado por seu modo celeste, vale mais que todo o saber”.⁴⁴³

⁴⁴³ Boanerges Ribeiro. *O Padre Protestante*. p. 207

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. A Volta do Sagrado (Os Caminhos da Sociologia da Religião no Brasil). In.: *Religião e Sociedade*. nº. 3. Rio de Janeiro. Outubro de 1978.
- _____. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- AZZI, Riolando. *A Cristandade Colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes. 1987.
- _____. *O Estado Leigo e o Projeto Ultramontana*. São Paulo: Paulus. 1994.
- BASTIAN, Jean-Pierre. O Protestantismo na América Latina. In.: DUSSEL, Henrique (org). *Historia Liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina*. Tradução Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- BONINO, José Miguez. *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*. Tradução Luis Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal. 2002.
- CALVANI, Carlos Eduardo. A recepção do pensamento de Tillich no Brasil. *Correlatio* nº 10. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 2006. Disponível em: <<http://www.metodista.com.br/correlatio/correlatio10/a-recepcao-do-pensamento-de-tillich-no-brasil>>. Acesso em: 19 jan. 2007
- _____. Momentos de beleza – Teologia e MPB a partir de Tillich. *Correlatio* n.º 8. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 2005. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio08/momentos-de-beleza-2013-teologia-e-mpb-a-partir-de-tillich/>>, acesso em 11. fev. 2008.
- _____. Paul Tillich – aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos. In.: MARASCHIN, Jaci (ed.). *Estudos de Religião* nº 10 (Paul Tillich: Trinta anos depois – Introdução à Teologia Sistemática). São Bernardo do Campo, Ciências da Religião/IMS, julho de 1995.
- _____. *Teologia e MPB*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- _____. Transformação, Testemunho e Diálogo - Reflexões Missiológicas a Partir de Tillich. *Correlatio* n.º 05. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 2004. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio05/transformacao-testemunho-e-dialogo-reflexoes-missiolgicas-a-partir-de-tillich/>>, acesso em 10 jan. 2008.

- CAMPOS, Leonildo Silveira Campos. Os Novos Movimentos Religiosos no Brasil analisados a partir da perspectiva da teologia de Paul Tillich. *Correlatio* n.º 3, São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 2003. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_03/a_campos.htm>, acesso em 20 jan. 2007.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. A Crise do Colonialismo Luso na América Portuguesa. in.: LINHARES, M. Y. (org). *História Geral do Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- CARGNIN, Tiago Daniel de Mello. *O sacerdote dos pampas : uma leitura da obra de Jayme Caetano Braun a partir da teologia da cultura de Paul Tillich*. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: EST/IEPG, 2006.
- CARVALHAES, Cláudio. Uma Crítica das Teologias Pós-Modernas à Teologia Ontológica de Paul Tillich. *Correlatio* n.º 9. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, abril de 2003. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_03/a_carval.htm>, acesso em: 10 dez. 2006.
- _____. *Paul Tillich e a Teologia da Cultura*. Disponível em: <http://www.teologiabrasileira.com.br/Materia.asp?MaterialID=173>. acesso em: 17 dez. 2007
- CARVALHOSA, Modesto Perestrello de Barros e. *Relatórios Pastorais*. [s.d] Arquivo Histórico Presbiteriano. São Paulo.
- CÉSAR, Waldo. *Para uma sociologia do Protestantismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CONCEIÇÃO, José Manoel da. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, Num. 54, 14 jun. 1900. p. 1
- _____. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, n.º. 55, 21 jun. 1900. p. 2.
- _____. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, n.º. 56, 28 jun. 1900. p. 2.
- _____. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, n.º. 57, 05 jul. 1900. p. 2.
- _____. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, n.º. 59, 19 jul. 1900. p. 2.
- _____. O Brasil carece da Pregação do Evangelho? *A Imprensa Evangélica*. Ano XVII, n.º. 1, 25 jan. 1881. p. 5-6.
- _____. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança. 1867
- _____. Sermões publicados na *A Imprensa Evangélica*: *A devoção doméstica*, 24 jan. 1880; *Ilustração*, 21 fev. 1880; *O Evangelho*, 20 mar. 1880; *A Última Ceia do Senhor*, 24 jul. 1880; *A Verdadeira Virtude*, 04 set. 1880

- COSTA, Herminsten Maia P. da. *Simonton: um homem dirigido por Deus*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. 1999. (Cadernos de Pós-Graduação. n.º 6)
- DE PAULA, Márcio Gimenes. O Padre que virou Pastor. *Nossa História*. Ano 4. n.º 38. p.26-28
- DIAS, Zwinglio Mota. A Larva e a Borboleta. *Tempo e Presença*. Ano 2. n.º 6. jan. de 2008. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=116&cod_boletim=7&tipo=> acesso em Artigo acesso em 19 abr. 2008.
- _____. O Protestantismo. *Tempo e Presença*. n.º 314. nov./dez. 2000. p. 34-37
- DOURLEY, John. Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso. *Correlatio* n.º 1. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 2002. Disponível em: http://www.metodista.br/correlatio/num_01/a_dour12.htm. Acesso em 19 jan. 2007.
- DREHER, Martin N. Protestantismo Brasileiro – um mundo em mudança. *Estudos Leopoldenses*. Vol. 1. n.º 2. 1997. p. 139-161.
- DUSSEL, Henrique (org). *Historia Liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina*. Tradução Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- FERREIRA, Franklin. José Manoel da Conceição. *Fé para Hoje*. Ano 2007. n.º 32. São Paulo: Editora Fiel. p. 28-34.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Publicadora Presbiteriana. 1959.
- FRAGOSO, H. O Protestantismo no Brasil Imperial. In.: *História da Igreja no Brasil*, II. 2ª ed. São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes. 1992.
- GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Edições Loyola. 1998.
- GOTO, Tommy Akira. *O Fenômeno Religioso: A fenomenologia em Paul Tillich*. São Paulo: Paulus Editora, 2004.
- GROSS, Eduardo. *A Concepção de Fé de Juan Luis Segundo*. São Leopoldo: Sinodal. 2000.
- HAHN, Carl Joseph. *História do Culto Protestante no Brasil*. Trad. Antônio Gouvêa de Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989.
- HIGUET, Etienne A. A atualidade da Teologia da Cultura de Paul Tillich. *Revista Eclesiástica Brasileira*. n.º 147. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, 1997.
- _____. A Teologia em programas de Ciências da Religião. *Correlatio* n.º 9. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 2006. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_09/higuet1.php>, acesso em: 12 dez. 2006.

- _____. A Teologia “Apologética” da Cultura de Paul Tillich: profundidade e superfície na busca do sentido. *Correlatio* n° 8. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, outubro de 2006. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_08/etienne2.php>, acesso em: 10 dez. 2006.
- _____. Alguns aspectos do catolicismo brasileiro atual - Considerações a partir da visão da modernidade em Paul Tillich. *Correlatio* n° 1. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, outubro de 2003. Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio01/alguns-aspectos-do-catolicismo-brasileiro-atual-consideracoes-a-partir-da-visao-da-modernidade-em-paul-tillich/>, acesso em 10 jan. 2008.
- _____. O método da Teologia Sistemática de Paul Tillich – A relação da razão e da revelação. In.: MARASCHIN, Jaci (ed.). *Estudos de Religião* n° 10 (Paulo Tillich: Trinta anos depois – Introdução à Teologia Sistemática). São Bernardo do Campo, Ciências da Religião/IMS, julho de 1995.
- HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil. In.: DUSSEL, Henrique (org). *Historia Liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina*. Tradução Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- KLEIN, Carlos Jeremias. A substância católica e o princípio protestante no presbiterianismo. Apontamentos. *Correlatio* n° 10. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 2006. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio10/a-substancia-catolica-e-o-principio-protestante-no-presbiterianismo-apontamentos/>> Acesso em 11 fev. 2008.
- LEMBO, Cláudio. Protoprotestantismo no Brasil. in.: MENDES, Marcel (org). *Simonton: 140 anos de Brasil*. Série Colóquios vol. 3. São Paulo: Editora Mackenzie. 2003.
- LESSA, Vicente Themudo. *Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903): subsídios para a história do Presbiterianismo brasileiro*. São Paulo: [s.n], 1938.
- _____. *Biografia do ex-padre José Manuel da Conceição*. São Paulo: Gráfica Cruzeiro do Sul, 1955.
- LÉORNARD, Émile G. L’Eglise presbytérienne du Brésil et ses expériences ecclésiastiques. *Revue Étude Évangéliques*. Ano 9. n°. 1. Ain-em-Provence, La Faculte Libre de Théologie Protesatante. jan./mar. 1949.
- _____. *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente*. Tradução Prócoro Velasques Filho e Lóide Barbosa Velasques. São Paulo: Programa Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, 1998.
- _____. *O Protestantismo Brasileiro*. Tradução Linneu de Camargo Schützer. 2ª Ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.

- MACKINTOSH, Hugh. R. Teologia Moderna: de Schleiermacher a Bultmann. Tradução Deuber de Souza Calaça. Itapetininga: Editora Cristã Novo Século. 2002.
- MAGALHÃES, Antônio. A história e o reino de Deus na teologia de Paul Tillich. MARASCHIN, Jaci (ed.). *Estudos de Religião* n° 10 (Paulo Tillich: Trinta anos depois – Introdução à Teologia Sistemática). São Bernardo do Campo, Ciências da Religião/IMS, julho de 1995. p. 97-121
- _____. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil, Brasil?* 12 ed. Rio de Janeiro: editora Rocco, 2001
- MATOS, Alderi Souza de. Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil. in.: Marcel MENDES (org). *Simonton: 140 anos de Brasil*. MENDES, Marcel (org). *Simonton: 140 anos de Brasil*. Série Colóquios vol. 3. São Paulo: Editora Mackenzie. 2003.
- MENDES, Marcel (org) *Simonton, 140 anos de Brasil*. Série Colóquios vol. 3. São Paulo: Editora Mackenzie. 2003.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Hipóteses sobre a Mentalidade Popular Protestante no Brasil. *Estudos de Religião* n.º 3. ano 1. p. 111- 123
- _____. *O Celeste Porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.
- _____. Religiosidade no Brasil: imaginário, pós-modernidade e formas de expressão. *Estudos de Religião* n.º 15. ano XII. p. 39-61
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- MONTE CARMELO, Joaquim de. *O Padre Conceição e a Igreja*. Rio de Janeiro: Tipografia da Reforma. 1874.
- MONTEIRO, Hamilton de Matos. Da Independência à Vitória da Ordem. In.: LINHARES, M. Y. (org). *História Geral do Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- MUELLER, Enio & BEIMS, Robert (Orgs). *Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- MUELLER, Enio Ronald. Paul Tillich: vida e obra. In.: Enio R. MUELLER & Robert W. BEIMS (orgs.). In.: *Fronteiras e Interfaces. O pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: EST. 2005.
- O APÓSTOLO E O REVERENDO J. M. DA CONCEIÇÃO. *A Imprensa Evangélica*. Ano X, n.º 1, 03 de janeiro de 1874.
- OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. *O Catolicismo Popular (Tradicional) no Brasil*. texto didático PPCIR/UFJF. (mimeo)

- PAULA, Marcio Gimenes de. O Padre que virou pastor. *Nossa História*. Ano 4. n.º 38. Nov. 2006.
- REILY, Duncan A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. ASTE, 1984.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.
- _____. *O Padre Protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1950.
- _____. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1973.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Teologia e Ciências: Uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. in.: BITTENCOURT FILHO, José. *Por uma nova Teologia Latino-americana: a teologia da proscrição*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- _____. Teologia no Plural: fragmentos biográficos de Paul Tillich. *Correlatio* n.º 3. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, abril de 2003. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_03/a_ribeir.htm>, acesso em: 10 dez. 2006
- _____. Paul Tillich e a Teologia Latino-Americana. *Revista Eclesiástica Brasileira*. n.º 149. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. A teologia da Cultura. In.: Enio R. MUELLER & Robert W. BEIMS (orgs.). *Fronteiras e Interfaces. O pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: EST. 2005
- SILVA. Antônio Almeida Rodrigues da. Teologia da Cultura: a essência do Incondicionado nas multiformes expressões culturais. *Correlatio* n.º 9. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 2006. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_09/silva2.php>, acesso em: 02 jan. 2007
- SILVA, Elizete da. A presença Protestante no Brasil. *Nossa História*. Ano 4. n.º 38. p. 14-17
- SILVA, Wilson Santana. *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*. São Paulo: Editora Mackenzie. 2002. (Cadernos de Pós-Graduação n.º 4)
- SIMONTON, Asbhel Green. *Diário, 1852-1867*. tradução D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1982.
- SOUZA, Augusto Fausto de. O Reverendo Pastor Evangélico José Manoel da Conceição. *A Imprensa Evangélica*. Suplemento aos meses de jan. e fev. 1884.

- TAYLOR, Mark Kline. *Paul Tillich: theologian of the boundaries*. London: Collins Liturgical Publications, 1987. Versão online por Religion Online. Ted & Winnie Brock. Disponível em: < <http://www.religion-online.org/>> acesso em 10 dez. 2006
- TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. Tradução Jaci Maraschin. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1992.
- _____. *História do pensamento cristão*. Trad. de Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 2000.
- _____. *My Search for Absolutes*. Disponível em: < <http://www.religion-online.org/>> acesso em 10 dez. 2006
- _____. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 1999.
- _____. *Teología de la cultura y otros ensayo*. Tradução Leandro Wolfson e José C. Orries e Ibars. Buenos Aires: Amorruru Editores, 1974.
- _____. *Teologia Sistemática*. Tradução Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 5ª. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- _____. *Theology of Culture*. New York: Oxford University Press, 1964.
- _____. *What Is Religion?* New York: Harper Torchbooks, 1973.
- VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- VV.AA. *José Manoel da Conceição: o primeiro pastor brasileiro*. Série Colóquios. Volume 4, São Paulo: Ed. Mackenzie, 2001.

ANEXO⁴⁴⁴

Anexo 1 – José Manoel da Conceição

Anexo 2 – Cronologia

Anexo 3 – Profissão de Fé Evangélica

Anexo 4 – Rota das viagens de Conceição

Anexo 5 – Relatórios Pastorais

Anexo 6 – Sentença de Excomunhão e Desautoração

Anexo 7 – Carta aos moradores de Cabaçaizinhos

⁴⁴⁴ Os textos constantes deste Anexo tiveram sua grafia atualizada.

Anexo 1 – José Manoel da Conceição⁴⁴⁵

⁴⁴⁵ Imagem publicada no Puritano: REV. JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO. Ano II. n.º 56. 28 jun. 1900. p.1

Anexo 2 – Cronologia

- 1822** – nasce em São Paulo em 11 ou 15 de março. Filho de Manoel da Costa Santos e de Maria Cândida de Oliveira Mascarenhas. Em 24 de março é batizado na mesma cidade de nascimento pelo padre Antônio Marques Henrique.
- 1824** – A família de Conceição vai morar em Sorocaba com o tio-avô padre do menino José Francisco de Mendonça. Este padre é o responsável pela formação do menino. Em Sorocaba ele vai receber uma formação jansenista, galicana e com tendências liberais.
- 1839** – aos 17 anos tem aula com o pintor francês Carlos Leão Baillot. São as primeiras experiências com protestantes.
- 1840** – perde a mãe. Conclui o ensino fundamental e é enviado à São Paulo a fim de obter formação teológica. A duração de seus estudos foi até 1842.
- 1842** – em 30 de abril recebe as ordens menores e é aprovado para o diaconato. Em maio são suspensas as ordenações por conta da Revolta Liberal. O tio padre o envia para Ipanema, pequena localidade do interior paulista. Lá tem encontro com mais protestantes, todos imigrantes.
- 1843** – ficou “suspenso” porque havia processo eclesiástico contra ele por suspeitas de fazer parte do número de revoltosos.

1844 – após anistia imperial aos revoltosos é ordenado diácono em 29 de setembro.

1845 – é ordenado Presbítero no Palácio Episcopal.

1845-1863 – logo no começo de suas atividades sacerdotais recebe o epíteto de padre protestante. Devido às suas posturas reformistas é removido constantemente pelo bispo Dom Antônio, passando por várias paróquias no interior paulista. Em 05 de setembro de 1852 morre-lhe o tio-avô padre Mendonça. Devido ao fortalecimento do ultramontanismo e realizando um sacerdócio “solitário”, vai vivenciar várias crises. A agudez é o ano de 1863 quando escreve ao novo bispo Dom Sebastião desejoso de abandonar a paróquia de Brotas, onde servia. É no final desse ano que ele recebe a visita do missionário Blackford.

1864 – em 19 de maio Conceição vai a São Paulo. Visita os missionários presbiterianos e volta para o interior em 24 do mesmo mês disposto a se tornar um protestante. Em 29 de setembro retorna a São Paulo e dois dias depois assiste pela primeira vez a um culto protestante. No dia 28 tem uma audiência com o bispo. Escreve uma carta e em 04 de outubro deixa uma carta para o bispo renunciando a Igreja Católica e parte para o Rio de Janeiro com os missionários. No dia 09 desse mesmo mês prega pela primeira vez em uma igreja presbiteriana e no dia 23, após confessar a fé reformada, foi batizado. Não pensa necessariamente em ser pastor, mas colabora com os missionários. No dia 05 de novembro é publicado o primeiro número do jornal A Imprensa Evangélica. Conceição participa da criação do jornal, mas logo retorna para o interior de São Paulo, vivendo mais uma de suas crises.

1865 – em 16 de dezembro é organizado o Presbitério do Rio na cidade de São Paulo. Integrado, Conceição é ordenado pastor no dia 17. Logo após desaparece, dando início as suas atividades pastorais. Segue a rota das estradas onde fora pároco. Realiza um trabalho evangelístico pioneiro e ao poucos vai havendo desentendimento entre ele e os missionários.

1867 – é publicada a Sentença de Excomunhão e Desautoração de Conceição no dia 23 de abril. Em 03 de agosto, talvez devido às posturas divergentes em relação aos missionários ou para evitar confrontos com ultramontanos, os norte-americanos convencem Conceição a seguir para os Estados Unidos para tratamento de saúde. Possivelmente uma tentativa para enquadrá-lo. Permanece naquele país por quase um ano, desembarcando no Rio de Janeiro em 20 de julho de 1968. Após seu retorno a relação com os missionários piora.

1868-1873 – desde agosto desse ano Conceição se torna um pregador estritamente itinerante e solitário. Não mais comparece em reuniões do Presbitério e segue uma trajetória própria. Entretanto, nessa sua atividade, abre as portas ao protestantismo. Próximo ao término do ano de 1873 está seguindo para o Rio de Janeiro, mas não chega a esta cidade pois morre em 25 de dezembro próximo à Irajá.

Anexo 3 – Profissão de Fé Evangélica

Profissão de Fé Evangélica⁴⁴⁶

Nasci na cidade de São Paulo, província de São Paulo, aos 15 de março de 1822. Meu pai Manoel da Costa Santos foi artífice em construções de pedra, minha mãe Cândida Flora de Mascarenhas, natural do Rio, fazia a economia da casa. O padre José Francisco de Mendonça, irmão de meu avô Manoel Francisco Mendonça, criou-me e educou-me.

Fui muito devoto até os 16 anos. Foi meu mestre de primeiras letras o virtuoso Jachinto Heliodoro de Vasconcelos. Depois que a religião começou a influir no meu coração, comecei a sofrer de melancolia pelo retrospecto que fazia sobre minha vida passada; na mesma religião porém tenho achado remédio para curar essas chagas, e ao traçar estas linhas sinto que minha esperança e consolação é pleno no meu divino Redentor Jesus Cristo (S. João 1^a. Ep. II, 2^o).

Aos 18 anos comecei a ler a Bíblia. Apenas tinha lido os três primeiros capítulos do Gênesis quando notei que a prática e doutrina da Igreja Romana, faziam oposição direta e irreconciliável com a palavra de Deus. Gen. 2.24, S. Math. 19.5.

Violento em defender aquilo que amava, ou tinha por verdadeiro, quis um dia ferir um amigo, que me dava lições de desenho, Carlos Leão Baillot, francês, por tê-lo visto entrar e atravessar o corpo da Igreja com seu boné na cabeça. Ele sorriu-se, dizendo-me com muita doçura: Menino! Aprende em tua Bíblia a distinguir a alegoria da religião; o fim da Bíblia é ensinar-nos a amar a Deus, sobretudo, e depois, amarmos-nos uns aos outros como bons irmãos, filho de um só o Pai, que está no céu, ouves meu menino?

E eu fiquei corrigido e confundido.

Essa lição inspirou-me amor aos estrangeiros e uma necessidade ansiosa de fazer um estudo acurado da Palavra de Deus.

Freqüentava a fábrica de ferro do Ypanema (em Sorocaba, na minha província) visitando ali a família Godwin, cujo pai era Diretor das máquinas a vapor do estabelecimento;

⁴⁴⁶ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, nº. 54, 14 jun. 1900. p. 1.

senti-me tocado profundamente ao ver o silêncio que, no Domingo, reinava por toda parte; era uma família inglesa.

Admitido na sociedade da mesma vi que todos se empregavam na leitura da Bíblia e de outros livros espirituais. Visitei depois quase todas as casas dos Alemães; em toda a parte, sempre o mesmo quadro de culto e religião!

Comecei a deduzir então os seguintes razoamentos: “Quem sabe se os estrangeiros têm tanta religião como nós brasileiros?... Quem sabe se a religião deles é a mesma que a nossa religião?! Ah! Quem sabe se eles não são mais religiosos do que nós, visto que são também mais civilizados do que nós!...”

Assim discorria eu comigo mesmo. Contava então de idade vinte anos.

Contraí amizade com o doutor Theodoro Langaard, a quem devo os meus conhecimentos da língua alemã, de história e geografia.

Destas boas relações (onde elas são extremamente raras) ficou-me pelo menos a certeza de que elas nos obrigavam também a tornamo-nos melhores do que não tendo alguma educação que é a sorte de quem vive no campo.

Profissão de Fé Evangélica⁴⁴⁷

Mas eu estava destinado ao estado eclesiástico. A leitura da Bíblia e minhas relações com os protestantes fizeram logo de mim um mau candidato e mais tarde péssimo padre romano.

O clero todo, sem excetuar o próprio bispo, dava-me o epíteto de padre protestante.

Esta intolerância a meu respeito, junto ao isolamento e que sempre vivi em relação a hierarquia eclesiástica, fizeram-me dominar por muitos anos em um estado indefinível, a não ser que já desse tempo me dominassem princípios providencialistas.

Importa, porém, cingir-me mais resumidamente à minha profissão de fé.

Tinha percorrido minha província de uma extremidade a outra, literalmente, paroquiando e pregando. Minha antiga atividade parecia afrouxar, o interesse evangélico que já me havia levado a alguns pronunciamentos solenes, parecia esfriar-se, tinha-me abandonado a uma melancolia que se tornara quase o meu estado habitual. É que eu começava a sentir, então, que nada tinha feito de positivo, justo e consciencioso no verdadeiro interesse

⁴⁴⁷ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, nº. 55, 21 jun. 1900. p. 2.

da causa de Jesus Cristo. Culpado, pois, sob este ponto de vista, resolvi retirar-me da vida pública.

Mas o homem não é se não um instrumento de Deus. Se eu fugia à vida pública, não podia fugir a mim mesmo, se me sentia culpado e devedor ao público, só para o público devia ter a reparação do que lhe devia.

Todavia uma causa nova exercia nesse momento sobre mim uma influência decisiva.

Os estudos da história da humanidade do professor belga Laurent acabavam de inteirar-me a não poder mais, do plano romano. Não estava mais em mim o condescender por mais tempo com Roma; não aguardava senão a primeira ocasião para dizer-lhe que o último adeus.

A ocasião não faltou, nem eu a ela. Mas, antes de ocuparmos-nos do como, é necessário dar contas do por que então bruscamente me despedi da igreja Romana.

Seus erros e oposição ao Evangelho, conhecia eu há muito tempo, vivendo, porém, sempre a certa distância julgava evitar a cumplicidade não os favorecendo.

Outro tanto não acontecia quanto ao plano financeiro eclesiástico; longe tinha eu vivido até então de o conhecer, contudo a luz se fez e o novo dia trouxe consigo uma nova vida.

Comutação

O segredo que fez a força temporal do império do Vaticano foi também a causa de sua ruína. A perseverança é um princípio infalível para triunfo de uma causa justa. Mas a verdade tem sobre ela vantagem da eternidade: quando aquela prevarica, esta a pune com severidade.

Roma tinha dominado o mundo pela conquista, centralizando no Capitólio a flor de todas as literaturas de todos povos; enobreceu e sustentou suas conquistas por suas leis.

Senhora absoluta do universo, cedeu em presença do Evangelho.

Depositários infieis deste tesouro divino, abusando das vantagens que o céu e a centralizaram em suas mãos, não o compreenderam: foram comparados aos brutos irracionais. (Ps. 48:21) e a eles fizeram semelhantes.

Em seus corações disseram:

“Não há Deus. Corromperam-se e se fizeram abomináveis nos seus desejos; e nem sequer um fazia o bem. Todos se desviaram, a uma se fizeram inúteis. Suas gargantas eram um sepulcro aberto, urdiam enganos com suas línguas, e tinham os pés ligeiros para derramar

sangue. O senhor olhou desde o céu para os filhos dos homens, a ver se havia quem tivesse inteligência, ou buscasse a Deus: não há quem faça o bem, não há nem sequer um. (Ps. 13)

Mas Deus está com a geração dos justos. Acaso não terão conhecimento todos que obram a iniquidade e devoram o povo como a um pedaço de pão.

Esta cegueira e depravação tão bem pintadas pelo profeta rei explicam como da justificação do pecador fez Roma sua mais lucrativa especulação.

Um quadro simples vai demonstrar satisfatoriamente o que é a – Religião Romana.

Todo homem é pecador, todo pecador quer se salvar.

Não há salvação sem remissão; não há remissão sem justificação; não há justificação sem penitência; não há penitências sem imposição da Igreja, e não há ninguém que possa satisfazer a imposição correspondente ao pecado. É pois necessária a comutação. À vista deste plano e legislação romana a vida é inteiramente absorvida pelo clero, o qual submete a um exercício sempre em aumento, de abstinências, sofrimentos, trabalhos, rezas e tudo quanto pode cair a talho de imposição; mas a imposição sempre implicando comutação por dinheiro ou seu equivalente.

Segue se:

1º Ou o papa tem direito para fazer tudo quanto faz, e então é inútil todo o estudo, educação e mesmo conversão, pois sendo infalível seu poder não depende da cooperação do pecador e nesse caso o papa é realmente infalível, e como tal senhor absoluto do mundo;

2º Ou o papa não tem direito, e está por terra toda a sua doutrina como mentirosa e criminosa de lesa-divindade e de lesa-humanidade.

No primeiro caso Deus teria abdicado nas mãos do papa, não só o governo da terra, como também o do céu, que não é senão a continuação do cumprimento das promessas e esperanças terrenas.

No segundo caso, porém, a Religião Romana é o maior logro e injúria que tenha sido feita a Deus e ao gênero humano.

Profissão de Fé Evangélica⁴⁴⁸

O sistema de comutação implica e explica a negação da graça de Jesus, e, fazendo depender a salvação do mérito das obras, ou equivalente, alimenta e estimula a cobiça de

⁴⁴⁸ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, nº. 56, 28 jun. 1900. p. 2.

Roma, a quem convém desta sorte que vá sempre a mais o peso dos pecados e dos pecadores, importando nisso o aumento do peso da comutação, mina rica e única de suas vendas.

Eis porque a Religião Romana é uma especulação mercantil.

Mas onde se acha em tudo isto a única coisa que todo o homem, e principalmente o cristão, solicita no mundo – a paz da alma?

Importa mencionar aqui uma grande verdade, que os miseráveis sistemas, de lógica não tornaram incompreensíveis às sociedades: o que há de mais absurdo é incrível, é o que mais facilmente os povos crêem.

Duas leis igualmente poderosas e reconhecidas na natureza, explicam este tão estranho proceder; a primeira é que nos faz pender para o maravilhoso; a segunda a de aceitar o mais fácil pela preguiça de procurar o melhor!

Roma conhece por experiência que a sensualidade domina o gênero humano, tanto como o medo; a mesa, os casamentos, o purgatório são as fontes de sua riqueza! Senão:

Pode um homem ler a Bíblia e continuar a ser romano?

Depois da separação da Igreja grega, depois da da Alemanha e da da Inglaterra, Roma se lembraria de querer ainda sustentar-se, se não tivesse consciência de que o resto do mundo, que a segue, não sabe se existe uma Roma, nem um papa? Comparemos o que diz o grande historiador com o que diz a Sagrada Escritura: “Roma, diz Laurent, guarda há 300 anos o silêncio profundo, o silêncio da morte”. Os provérbios diziam: “O homem ímpio, depois de haver chegado ao profundo dos pecados, tudo despreza; mas a ignomínia e o opróbrio o vão seguido . (Prov.18:3)

Quanto a mim, estimando e suspirando pela paz da minha alma como por coisa superior a toda razão e a todas as delícias da terra, cansei de querer harmonizar o que por sua natureza não se pode harmonizar, isto é: a graça de Jesus Cristo oferecida sem dinheiro, e a comunhão do papa só a dinheiro, e a dinheiro à vista.

Parece-me ver neste paralelo o quadro vivo de Jesus tentado pelo diabo.

Outra coisa que também cansei de procurar a explicação é: como o homem pode ser infalível e ao mesmo tempo viver sempre se lamentando, cheio de amargor de boca e chorando por não correrem as coisas a medida de seu desejo! Ainda aqui, fiz este arrazoado: o romano pontífice lendo na Bíblia o: “tudo que ligares na terra será ligado no céu, e tudo que desligares na terra será desligado no céu”; ou esqueceu-se, o finge esquecer-se que a segunda proposição de Jesus Cristo implica sua própria bênção e sua própria maldição, isto é, o bem que fizeres será aceito no céu, e mal que fizeres será condenado no céu. Tomou a unidade de princípio por uma de unidade numérica e pessoal, e, elevando-se ao mais alto que podia subir

um mortal, não podendo materializar a escada de Jacó, olha desesperado para o céu, que cada vez fica mais longe, e contempla com desprezo o mundo, que é muito impuro para sua habitação, e como ama a justiça e a verdade, e não quer condescender com as necessidades da época, grita: *Non possumus!*

Avaro do tempo, que foge sem mais voltar, quis seguir o conselho de S. Paulo e também do profeta; quis deixar de ser menino, e não fazer renúncia da inteligência que Deus me deu para não crer a todo espírito, senão só ao que nos revela sua divina palavra. Horrorizei-me ante a colisão de subscrever conscienciosamente uma profissão de fé, que importaria aceitar o dogma de ter Deus abdicado o governo do mundo nas mãos de um mortal, quando a Jesus, seu próprio Unigênito Filho Nosso Redentor disse: “Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra; eu vou para o Pai porque o Pai é maior do que eu.” (Math. 28:18, João 14:6)

Convencido pela História do Gênero Humano e também pela experiência própria de que com Deus não se brinca, tomei a firme resolução de separar-me de um poder que se tem arrogado atributos próprios só da Divindade.

Uma coisa porém, é dizer adeus a Roma, outra coisa é professar o Evangelho de Jesus Cristo. E como esta grande diferença é da maior importância a todos aqueles que, como eu vagava, ainda andam vagabundos, sem saber mais o que fazer, com júbilo consagro a todos a breve história do como tornei-me um dos membros da igreja evangélica de Jesus Cristo.

Profissão de Fé Evangélica⁴⁴⁹

Contemplava um dia em minha janela o gado que pastava e retouçava-se no verde, à margem do Curumbataí.

Aproximaram-se de minha humilde habitação dois cavaleiros. A um deles conhecia eu já de longa data, o outro, porém dócil, belo como a estrela da alva em uma manhã de Setembro, angélico na forma, mostrava em suas faces cor de neve, como um perfeito jardim, onde o louro desses finos e ondulados cabelos assentava magnificamente nas rosas do semblante e nos favos de romã de seus lábios. Eu nunca vira antes a forma em uma expressão de tanta dignidade!

⁴⁴⁹ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, nº. 57, 05 jul. 1900. p. 2.

Dirigiu-me a palavra, e se quisera descrever qual só sonora é a sua voz, dir-se-ia que emprestei aos mais inspirados poetas o que de mais fantástico têm eles exprimido em seus quadros. Era um Pastor evangélico que acabava de entrar na casa de um novo Zaqueu.

Já lá vão quase dois anos que isso aconteceu. Se eu quisera seguir todo o impulso do meu coração, agora minha expressão pecaria por idolatria porque esse Pastor domina meu coração como amigo. Refiro-me porém, inteiramente às impressões daquele feliz encontro.

Minha situação era singular, todas as cordas que me haviam prendido ao meu velho mundo, se tinham relaxado. Eu começava a sentir por tudo quanto me cercava um amor mais nobre. Acabava de percorrer um horizonte, tinha tocado suas raias.

Levantava os meus olhos aos montes, procurando donde me virá o socorro, porque muito tempo fora peregrina minha alma! O meu socorro veio do senhor que fez o céu e a terra. (Ps. 119.120). Nossos destinos são seus anjos. O Pastor amigo chegou no momento próprio e esperado, antes ou depois o plano teria sido desconcertado, a Providência não o teria presidido. Rápida foi nossa entrevista, assim convêm as mensagens do Senhor; os corações se compreenderam, as mãos se deram mútua e fraternalmente. Uma grande aliança se tinha contratado, uma eternidade de gozo inundava minha alma.

A semente lançada na terra amanhada, vigorosa brotava. Uma retribuição de visita me aproximou por meu turno daquele Pastor.

Mesmas impressões, mesmo júbilo de envolta com um temor misterioso.

Esta complicação de sentimentos e impressões tão várias não escaparam à penetração de quem de um só golpe de vista sonda os corações. Sua muito nobre senhora Mme. Blackford cuja alma é o santuário do Espírito de Deus, a primeira palavra que me dirigiu foi um convite para comungar na sua igreja. A surpresa embarçou-me pelo momento.

Na Igreja Romana deixou de existir esse espírito de proselitismo, que não pode ser senão a expressão de tudo que há de mais nobre na terra, e esta expressão caracteriza o tipo norte-americano. Esta ilustre raça, única no mundo em seu gênero, cujas tradições e história os fortes não mencionam sem tremor, os fracos sem louvor, desde que compreendo que o Evangelho é – “a virtude de Deus para da salvação a todo que crê”, não somente não se envergonha do Evangelho, senão também o prega, fazendo compreender ao mundo inteiro sua doutrina, instituição, intuito, fé, longanimidade, caridade, paciência, perseguições, vexações.

As verdades reveladas estão substituídas por fábulas, o que devia estar em baixo, está em cima, o que em cima, em baixo, o sentimento pelo justo, natural, singelo, está morto, o interesse pelo bem público desapareceu, a palavra liberdade que outrora se fazia a honra de

proferir serve apenas hoje para salvar as aparências de uma causa santa que procura-nos ainda as simpatias públicas.

O esforço novo e enérgico da parte dos que temem a Deus e crêem a Jesus, eis a exigência palpitante do século! O povo, o maior e nobre que tem vivido para glória do Criador e honra do gênero humano o compreendeu, e tal é, com efeito, a gloriosa missão dos Estados Unidos da América do Norte.

Profissão de Fé Evangélica⁴⁵⁰

Tais são os auspícios a que foi Deus servido ligar o fato da minha profissão evangélica.

Três grandes nomes que farão eternamente o objeto de minha gratidão são inseparáveis do fato da minha conversão e a entrada na Família cristã; estes nomes são – A. L. Blackford, sua muito nobre senhora e A. G. Simonton. Eis os dignos instrumentos de que se quis Deus servir para me fazer cristão.

Sim!... Eu estava convencido que o evangelho romano não era o evangelho de Jesus, sabia o de cor, pregava-o com facilidade, mas o ponto característico de diferença, a chave para possuir a virtude de Deus que dá salvação todo o que crê, eis o que me faltava, e eu não sabia o que me faltava, pelo que não podia gozar da paz de Deus que é o tesouro que compreende, todas as bênçãos da redenção, economia divina do plano da obra da justificação do pecador. Foi só do instante em que compreendi que o sangue de Jesus Cristo purifica de todo o pecado que também comecei a senti-lo, e começando a sentir, achei o que a minha vida procurava debalde fora do Evangelho, a Paz da alma que o mundo não pode dar e nem tirar.

Mas os instrumentos de Deus merecem ser conhecidos, reconhecidos e venerados pelos homens. Havia já alguns dias, que gozava da sociedade a mais agradável em que jamais me achara. Era o círculo o mais alto a que a maior ambição podia aspirar. A minha cegueira levou-me até inculcar modificações na economia doméstica!...

... Preferira morrer à mingua nas solidões, devorado pela feras, envenenado pelas serpentes, ao sujeitar-me às condições de uma vida nobre, ativa e consagrada à missão de Jesus Cristo.

⁴⁵⁰ José Manoel da CONCEIÇÃO. Profissão de Fé Evangélica. *O puritano*. Ano II, nº. 59, 19 jul. 1900. p. 2.

Acreditá-lo-eis? Quando embrenhado nas cavernas das rochas esperava morrer longe das vistas do Pastor Evangélico, ei-lo que de mansinho, cingindo em torno de sua fronte uma auréola de glória, que me consumia no fogo da confissão; ei-lo, trazendo no peito um coração de pomba, não se desprezando de se aproximar de mim, que mais parecia com uma fera que com este humano, toma-me pela mão, consola-me, cheio de uma amabilidade a mais nobre, e salve-me! Mas eu sentia-me insuflado da tenacidade do homem de Horácio lisonjeava-me de poder ainda conspirar contra todos os poderes da terra e triunfar!

Não era, porém já com poderes da terra que eu tinha de haver-me, se não com ministros do Céu e com poder do Céu. Redobraram, pois de intensidade, e eu também de contumácia, fingindo-lhes ainda segunda e terceira vez! e segunda e terceira vez fui procurado e reconduzido. Soaram então aos meus ouvidos estas memoráveis palavras: (Há aqui no autógrafo um espaço em branco)

Ai!... Assim como se enrola uma grande cortina, assim se contraiu aos meus olhos ao mundo!

A um tempo se ergueram, a realidade o fantástico para me acusarem, tinha por sustento lágrimas, e escuridão da noite por amiga, e toda a minha alma submergia num mar de dor. Estremecida à vista dos homens, vagabundo e fugitivo me ocultava de todos até que ouvi estas palavras: “O sangue de Jesus purifica de todo pecado”.

De dia para dia estas palavras se tornavam mais claras e apetecíveis e eu, como despertado de um longo sono, sentia se me aviventarem no juízo as terríveis palavras: (Há no manuscrito uma linha em branco).

Mas ao mesmo tempo se operava o meu restabelecimento, e hoje em dia minha alma goza da paz de Deus.

Era um belo dia, ao som da harmonium e vozes humanas que cantavam hinos fui levado a uma fonte de água pura. Suponhamos dois daqueles anjos de Klopstock na Messiada, tais eram os dois ministros do Senhor que velavam no meu interesse.

Fizeram-me levar e cobriram-me de bênçãos. Este foi para mim um momento solene...

Mas os anjos! Ah! os Anjos! Quando eles se movem o inferno geme debaixo de seus calcanhares. Nos seus corações está o Céu, o verdadeiro Céu de Cristo.

Sim, mas para ali entrar, ali, vós todos que embriagados e adormecidos nas tristes cadeiras da sensualidade (como também eu o fora) não tendo idéia de uma mais nobre vida! Haveis de passar por sob seus calcanhares, atendei-o bem! Achareis isto misterioso?

Misterioso se conservará realmente, enquanto não tiverdes vagado até a féz, num cálice de purificação, uma bebida que vos fará contrair muitas vezes vossa mandíbula.

A todo esse amargor porém se mudara uma doçura inexprimível, adormecereis, desfalecereis de amor a Deus; mas despertareis em triunfo, e triunfo o mais glorioso por isso que é o mais difícil de alcançar, triunfo de vós mesmos; sentir-vos-ei convertidos para Deus, identificados com Cristo. Só então saberei o que é aspirar e respirar a atmosfera pura da vida cristã.

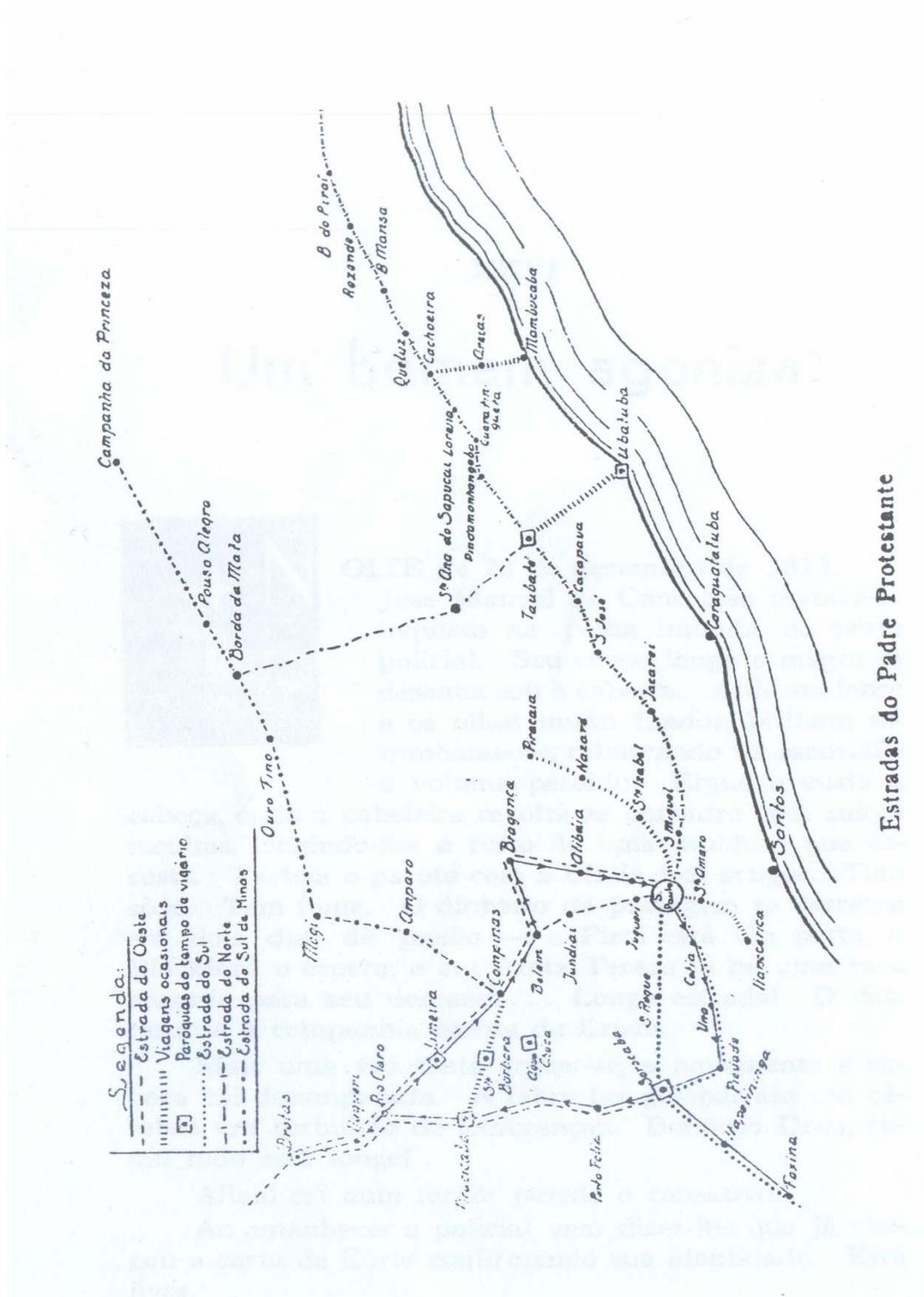
Tal é, com efeito, o plano e processo empregados na grande obra da regeneração moral pelos Ilustres Missionários Evangélicos Americanos. A Providência os tem sustentado incorruptíveis, no meio da corrupção, em uma longa série de séculos para que a Humanidade inteira, vendo as suas obras glorifique ao Pai no Céu.

O Brasil também os reconheceu com o título de: “Descendentes dos rígidos Puritanos”.

A reforma vem do Norte.

Não chegou ainda o dia em que a humanidade inteira se há de convencer que o Evangelho não somente nos procura o Céu, porém nesta mesma vida só por ele pode um povo atingir o bem no seu destino. Jesus, escolhendo para seus apóstolos homens sãos, afeitos ao trabalho e de costumes simples, mostrou que tais devem ser todos os cristãos. E Jesus Cristo era ontem, e é hoje: o mesmo também será por todos os séculos. Amém (Hebreus 13:8)

Anexo 4 – Rota das viagens de Conceição⁴⁵¹



⁴⁵¹ Boanerges RIBEIRO. *O Padre Protestante*. p. 209

Anexo 5 – Relatórios Pastorais

Relatório pastoral lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro em 1866⁴⁵²

Aos 28 de fevereiro de 1866 saí de São Paulo pregando o Evangelho. Tomei a estrada do Sul para Sorocaba. Visitava as casas da estrada e pregava onde havia oportunidade. Pernoitei em casa do Capitão Borba que com sua pequena família aceitou o Evangelho Na vila da Cotia em duas casas que entrei os donos pareciam não gostarem, porém muitos circunstantes ouviram e aceitaram, e mais adiante achei um homem que aceitou um Novo Testamento prometendo lê-lo a todos que quisessem ouvir.

De Cotia tomei a estrada da Una a convite de dois moços jogadores que muito haviam zombado da pregação duas horas antes na Cotia, mas que se achavam tocados e muito satisfeitos me receberam em suas casas.

Cheguei a casa de um Sr. Rosa que me disse ter uma Bíblia e como a lia esmerava (*sic*, dispensava?) a minha pregação

Una. Preguei o Evangelho na vila, em casa do Subdelegado Presidente que o aceitou com muita alegria como também o Sr. Galdino que logo depois foi discutir com o vigário Estes dois parecem crentes e firmes.

Na vila da Piedade preguei em casa do Sr. Demétrio Machado presidente da Câmara que foi ele mesmo convidar a gente da vila, mas não me foi possível apreciar logo o efeito produzido porque me foi impossível levar a conversação exclusivamente para o Evangelho. Todavia se mostraram gratos.

Preguei por algumas fazendas na estrada e no bairro de São Francisco ao pé da serra deste nome; preguei e discuti por duas horas consecutivas na fazenda dos Madureiras na Capela.

O administrador da Barreira parece ter-se mostrado crente.

Cheguei a Sorocaba e preguei com geral aceitação porquanto o povo tem por toda a parte fome e sede da Palavra de Deus.

⁴⁵² José Manoel da CONCEIÇÃO. Relatório Pastoral. In.: Modesto P. B. CARVALHOSA. *Relatórios Pastorais*. [s.d.] Arquivo Histórico Presbiteriano. São Paulo.

Voltei pela estrada de São Roque; preguei em casa de um homem que faz imagens (creio que se chama Bastos), repassei a Cotia e cheguei a São Paulo.

Pela segunda vez parti de São Paulo sobre Os mesmos passos já feitos e tomando a pregar até Sorocaba onde preguei por muitos dias havendo cada dia maior número de povo para ouvir, e não faltou interesse em nenhuma ocasião Dei algumas Bíblias e distribui muitas folhas da *A Imprensa Evangélica* e outros folhetos. De todos os que se mostraram interessados se distinguem os Sr. Bertoldo e filhos e Luiz Delphino.

Um Sr. Malasque (*sic*) e alguns alemães me ouviram e aquele Sr. convidou-me a jantar com ele, dizendo-me que era católico mas amava o Evangelho.

Segui para Porto Feliz onde, a despeito da oposição do Vigário preguei o Evangelho no Domingo de Páscoa desde de manhã até de noite, ouvindo o mesmo Vigário e todo o povo.

Segui para Capivari e Piracicaba, onde não preguei, cheguei a São João do Rio Claro, onde preguei e segui para Brotas, onde per muitos dias me conservei com os revs. Srs. Schneider e Chamberlain visitando e pregando na vila e pelos sítios e com resultados abençoados per Deus, pois que muitas conversões tiveram lugar em famílias inteiras.

Depois de aí termos celebrado a Ceia do Senhor partimos ficando eu doente em casa do Sr. José de Castilho e seguindo os revs. Schneider e Chamberlain para o Rio Claro

Logo que me senti melhor preguei e visitei os crentes na Serra do Itaqueri, estive alguns dias em casa do Sr. Paula Lima no campo, preguei no Bairro da fazenda onde moços e meninos deram muita vaia.

Segui para Rio Claro onde preguei em casa do rev. Sr. Schneider, pastor, ouvindo o Vigário e grande número de povo. Segui para Limeira, onde preguei em casa do Sr. Manoel Joaquim de Melo, que tem casa de jogo, e muitos entre os quais alguns doutores em direito e medicina.

Cheguei a Campinas e preguei em casa da sra. Ana Eufrosina ouvindo algumas famílias

Tomei a estrada de Belém (Itatiba), onde preguei em uma venda que fica ao sair da Vila, e segui para Bragança a reunir-me com o rev, pastor Blackford que efetivamente aí chegou no dia 25 de maio.

Depois de ter o rev. Blackford pregado por alguns dias, deixou-me ainda pregando, e depois segui para São Paulo passando pela Vila de Atibaia, onde por algumas horas conversei

e discuti sobre o Evangelho com o vigário encontrando até um padre João Maria, que muito se mostrou amigo sincero do Evangelho. Passei por Juqueri onde preguei em casa do capitão Francisco Galvão que me disse ser escusado pregar porque ele sabe tudo; prossegui e cheguei a São Paulo e continuei a viagem para o Rio de Janeiro pela estrada geral, passando pela Penha e freguesia de São Miguel, cheguei a Jacareí a 2 de junho e visitei o Sr. Dr. Godoi o qual, com outras pessoas conversaram e discutiram sobre o Evangelho, abstendo-se o mesmo Dr. Godoi de prestar-se ao arranjo de sala para nela se pregar pelo medo de desagradar o Vigário que é seu amigo.

Cheguei a São José de Campos no dia 4 de junho e hospedei-me no hotel Figueira onde preguei noite, havendo grande multidão de povo, ouvindo o coadjutor levantou a voz na rua contra o apóstata e convidou o povo para acompanhá-lo à Igreja para louvar ao Deus verdadeiro, disse ele, mas o povo o não acompanhou.

Segui para Caçapava onde preguei havendo muita gente ouvindo e prosseguindo viagem cheguei a Taubaté onde sem excetuar uma só pessoa, o povo mostrou-se amigo e desejoso do Evangelho. Visitei o Sr. Edmundo Morewood, meu amigo, que tem aí um colégio de meninos bem formado.

Em Pindamonhangaba a pedido de algumas pessoas eu pregava no hotel, quando o dono apareceu proibindo expressamente que eu pregasse em sua casa. Mas um Sr. (ilegível) ofereceu a sua casa e aí preguei ouvindo cerca de 40 pessoas.

Dirigi-me a Guaratinguetá tendo visitado de passagem a Romaria da Aparecida onde discuti por mais de 2 horas no interesse do Evangelho com os srs. Padres França Reis e um outro, creio que Godois.

Chegando a Guaratinguetá hospedei-me no hotel, onde preguei havendo muita gente ouvindo, entre estes alguns padres e doutores.

Caminhando passei em Lorena, Queluz, Rezende, e cheguei ao Rio de Janeiro aos 23 de junho.

Na cidade de Lorena o Doutor Delegado me visitou e depois oficiou-me proibindo a pregação do Evangelho. Mas tendo eu saído à rua encontrei-me com os srs. professores de primeiras letras e Dr. Machado os quais pararam conversando comigo no interesse do Evangelho e nesta ocasião chegou-se a nós o mesmo Dr. Delegado e tratando-se do seu ofício me disse ele que com pesar me tinha proibido visto que era ele o primeiro a desejar ouvir pregar o Evangelho, ao que eu lhe respondi que ainda era tempo, e que ele tinha a faca e o

queijo na mão e tendo imediatamente convidado para dizer alguma coisa do Evangelho em sua casa, o mesmo Dr. Delegado nos acompanhou ouvindo pregar a palavra de Deus, estando presentes cerca de 20 pessoas da família e de fora que a esse fim tinham concorrido.

Assim termino esta resumida narrativa repetindo para glória de Deus, N.S. Jesus Cristo, que desde São Paulo até ao Rio, tendo eu ido pregando e distribuindo Bíblias e folhetos Evangélicos, não me recordo de ter encontrado obstáculo algum, nem oposição a não ser do Coadjutor de São José dos Campos, a do Subdelegado de Pindamonhangaba e a do Delegado de Lorena, que por último confessou que o fazia par ser obrigado par uma portaria do Governo.

O Brasil carece da pregação do Evangelho?⁴⁵³

Lido perante o presbitério do Rio de Janeiro, por José M. da Conceição no dia 16 de julho de
1867

Jesus Cristo disse: “Ide, pois, e ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo: ensinando- as a observar todas as coisas que vos tenho mandado”. S. Math. 28.19,20.

Este mandamento, pois, de nosso senhor Jesus Cristo, não teria razão de ser, senão compreendesse todas as gentes. Não pode existir povo constituído sem religião; a religião é a vida da sociedade, da humanidade, cuja salvação faz objeto da pregação do evangelho.

Assim compreendido, o evangelho, é pregado para constituir a religião; a religião assim observada, é verdadeiramente o caminho, a verdade e a vida. Eis, portanto, os caracteres com que o Nosso Senhor Jesus Cristo se anuncia o mundo:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém pode vir ao Pai senão por mim.”

A chaga do pecado é original, é universal; não há povo nem nação alguma no globo que dela seja isento, e para curá-la não há outro remédio senão o Nome de Jesus: “E não há salvação em nenhum outro, porque do céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos”. Atos 4.12.

Certamente, há países, nos quais esta chaga do pecado é mais profunda e mais grave do que em outros.

⁴⁵³ José Manoel da CONCEIÇÃO. O Brasil carece da Pregação do Evangelho? *A Imprensa Evangélica*. Ano XVII, nº. 1, 25 jan. 1881. p. 5-6.

Quanto ao Brasil, tudo parece conjurado para sorvê-lo. Temos ouvido de nossos pais que este país foi constantemente visitado por Missionários, que pregavam missões por toda parte; nós mesmos temos sido, por muitas vezes, testemunhas deste fato. Mas o povo jazia por toda parte na ignorância do evangelho, e entregue à idolatria e superstições.

O mais ativo e enérgico dos bispos do Brasil disse, em um protesto dirigido à S. M. o Imperador, por ocasião da discussão de um projeto de lei sobre o casamento civil, estas formais palavras: A religião no Brasil não consiste senão em grandes festas e romaria de certas imagens milagrosas – À vista disto, que nós mesmos estamos presenciando e sentindo, que juízo fazer? Nosso Senhor Jesus Cristo mesmo vai nos encaminhar para pôr-nos em lugar, donde possamos descortinar a vereda que leva direito ao céu.

Nós temos, é verdade, recebido de nossos pais um legado com o título de religião. Em virtude deste nome, nos julgávamos com direito aos recursos de que ela se pretendia depositária, isto é, de infalibilidade; porém, quanto mais dela nos aproximávamos suplicando-lhe educação, tanto mais para longe dela nos víamos removidos e tanto mais infelizes e inconsoláveis nos achávamos. Ouvíamos os nomes – Deus – Jesus – Evangelho – graça – misericórdia e outros, porém só nas Igrejas, porém só na boca dos padres, porém em uma língua, que, posto que mãe da nossa, não nos amamentava mais, e não nos amamentava, porque, ocupada unicamente da glória de um passado morto, esqueceu inteiramente os filhos do presente, cujas exigências necessidades não podem ser satisfeita senão pela caridade. 1º Corin: cap. XIII.

Víamos em S. João Cap. 4 o diálogo de Jesus com a Samaritana a admirávamos a beleza das palavras de Jesus, chegávamos até pressentir espiritualidade do seu reino; mas nisso ficávamos, e ficávamos só nisso, porque nosso estudo da Bíblia era apenas especulativo, não conseqüência da pura curiosidade de saber.

Todavia prosseguirmos nesta indagação. Deparamos com as severas censuras feitas por Jesus Cristo aos Escribas e Fariseus no cap. 22 de S. Mateus. Cada vez mais se nos ia tornando grata a conclusão de que Nosso Senhor Jesus Cristo era nosso Tudo (Ibid.v. 10) de que Deus era nosso pai (Ibid v. 9)

Animados com estes progressos, que produziram em nossa alma aflita e inquiridora, o efeito que produziu na do paralítico de 38 anos, a voz de Jesus Cristo, dizendo-lhe: “Levante, toma a tua cama e anda”; - nós tomamos a resolução de fazer para todo o sempre da palavra de Deus o nosso estudo cotidiano. Favorecidos com as bênçãos de Deus, que a

ninguém faltam, temos percorrido um longo e penoso caminho até este momento. Durante nossa peregrinação com evangelho na mão podemos comparar o que tínhamos antes como religião cristã, com o que é verdadeiramente a religião de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foi, porém, principalmente à vista do cap. 10: de S. João, que nosso espírito sentiu-se sempre excessivamente atraído para Jesus, como a porta do céu, como bom pastor. Reconhecemos e confessamos então, sentindo com maior júbilo da alma, que é propriamente de nós que Jesus disse, nos versos 16 e seguintes: “Tenho também outras ovelhas que não são deste aprisco e importa que eu as traga, e elas ouvirão a minha voz e haverá um rebanho e um pastor”.

O homem não pode em matéria de fé e de salvação coisa alguma, se de cima não lhe é dado esse dom. Eu vejo uma transformação completa de idéias e de coisas no país em que nos achamos.

Há dez anos antes, por exemplo, não se acreditaria coisa possível a livre pregação do evangelho entre nós, quando os mesmos missionários romanos dependiam da boa vontade dos párocos para poderem pregar nas respectivas paróquias. Em uma cidade da província de São Paulo, vi uma loja cheia de bíblias, mas cujo dono não queria nem podia vendê-las, por que, dizia ele, que o bispo lhe proibia!

Os livros sagrados eram verdadeiramente raridades, e as mais das vezes, longe de contribuir para edificação das almas de seus possuidores, caíam no descrédito de livros heréticos, e como tais eram postos de parte e evitados como perniciosos.

Sem o espírito de proselitismo que anima por toda parte os verdadeiros confessores de Jesus Cristo, não teríamos por certo a pregação do evangelho.

A extremidade do homem é a oportunidade de Deus. Esta sentença corresponde exatamente a esta outra: O excesso do mal é o princípio do bem. – Nós tínhamos chegado ao termo do mal em matéria de religião... à indiferença!

Um mestre podia ser crente para si, mas devia ensinar a seus discípulos uma religião em que não acreditava! A mesma lei se estendia a todas as classes e hierarquia, da sociedade!

Oh! Que diferença vai de uma sociedade tal, para uma sociedade crente e religiosa!

Aos primeiros vislumbres do evangelho um camponês, rude e apenas saído da vida do crime, sendo obrigado a prestar juramento, como testemunha em um processo, que se formava no Juízo Municipal, sendo-lhe apresentado para pôr a mão e jurar, sobre um livro de devoção denominado – Horas Marianas – recusou a fazê-lo, declarando que sua fé não

assentia mais as doutrinas desse livro, ao mesmo tempo que sendo-lhe apresentada uma Bíblia, fez sentir ao Juiz, que havia contradição em suas crenças como romano e em seu procedimento como magistrado, admitindo a autenticidade da Bíblia, fazendo dela a fiadora dos juramentos!

Em todas as relações da vida pública e da privada havia contradição que, não poucas vezes, perturbavam a paz de uma família, de uma cidade, de um povo inteiro! Os interesses privados encontravam oposição calculada nas respectivas autoridades, os mais importantes interesses sociais, também encontravam a seu turno, nos caprichos de um particular a pretexto da religião.

Assim estaria tudo ainda até hoje; mas Deus em sua misericórdia resolveu o contrário. O que parecia tão impossível, que homens ilustrados não o creram, foi fácil para Deus.

Vieram homens que têm pregado a palavra da vida, o evangelho de salvação por nosso Senhor Jesus Cristo com tão abençoados resultados, que não há hoje em todo o Brasil assunto de interesse igual ao da evangelização. As classes elevadas começam a dirigir sua atenção para o nada das coisas mundanas, e as classes mais baixas e humilhadas, começam a sentir consolação no seu próprio abatimento.

A luz do evangelho é ao mesmo tempo a chama viva do espírito de Deus; homens pobres e ignorantes, ao ouvirem as boas novas de salvação, lamentam não conhecerem as letras, e o mesmo é sentir a necessidade, que experimentar em si possibilidade e forças para o conseguir. Onde quer, pois, que o evangelho tenha sido empregado, manifesta-se logo fé e simpatia pela conversão de alguns, pela admiração de muitos, pela hesitação de grande parte. Bíblias são vendidas, muitas impressas correm pelas mãos de todos, e onde, pouco antes, nenhum sinal de vida espiritual manifestava, onde, para servirem da expressão de S. Paulo, o povo não sabia dizer senão – Amém – ao que não entendiam, vê-se hoje muitas igrejas que fazem suas reuniões com liberdade e júbilo, cantam senhor Jesus hinos belos, em língua própria, conversam e discutem com interesse religioso sobre os meios de melhor servir a Deus; e se tem realizado, em parte, nos nossos dias o que disse Jesus, respondendo a João: - os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos alimpam-se, os surdos ouvem, os mortos ressurgem, aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho. (S. Math. XI.º 5.)

Há muita gente incrédula; para muitos, o Brasil hoje é o mesmo de há 20 ou 30 anos atrás, quando, quem não comprava uma bula, não podia comer daquilo mesmo que tinha em

casa; quem tinha uma Bíblia não podia lê-la; por que não lhe permitia o seu pároco. Também em Jerusalém e em Roma o evangelho tinha crentes nas famílias dos pontífices e imperadores; mas, os pontífices e imperadores mesmos não o sabiam. Entretanto, o reino de Deus já se havia fundado sobre o reino de satanás, e como não vem com aparências brilhantes e ruidosas, mas é um reino de amor, de perdão e de paz, tinha feito a conquista de muitas almas pelo só emprego da palavra e oração.

Nós, porém, que temos visto (com os nossos próprios olhos e ouvido com os nossos próprios ouvidos) o poder da palavra de Deus na conversão das almas: quer em sua letra, quer em seu espírito; (Math. 21.15. Luc. 19.40) nós que temos visto as crianças irem, cantando e saltando, quebrar os ídolos de seus pais, e outras pregando com a Bíblia na mão a seus pais e a vigários; nós sabemos, e com júbilo vos anunciamos, que a evangelização e em o nosso país é a realidade mais benéfica em todos os seus resultados, e temos confiança e ansiosamente desejamos vê-la progredir, concorrendo com quanto houver em nossas poucas forças para que demais a mais Jesus Cristo ganhe almas para sua glória.

Porque o Brasil carece da pregação do Evangelho?

Porque é um mandamento do Senhor.

Porque se apenas o seu começo se hão manifestados tantos frutos na ordem pública como na privada e doméstica, a continuação da pregação nos assegura um êxito pleno, a formação de uma sociedade exemplar, feliz em suas relações, onde tudo quanto há de bom, de nobre de santo contribua ao adorno de seu caráter, atraindo-se as bênçãos do céu e dos homens. S. Paulo no cap. 5º da sua primeira epístola aos Tessalonicenses v. 12 diz: - Ora nós vos suplicamos, irmãos, que tenhais consideração com aqueles que trabalham entre vós e que vos governam no Senhor e que vos admoestam. A que lhes tenhais uma particular veneração em caridade por causa do seu trabalho, conservai paz com eles.

Pela minha parte desejaria ter palavras capazes para pôr a seus pés um voto humilde de minha gratidão e amor, porém, mais ainda desejo ter um coração capaz de guardá-los dentro dele; só Deus me pode dar, e por isso iremos pelos nossos Pastores.

Amém.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1867.

J. M. da Conceição.

Anexo 6 – Sentença de Excomunhão e Desautoração

Circular – Juízo do contencioso eclesiástico de S. Paulo, 19 de fevereiro de 1867.⁴⁵⁴

Dom Sebastião Pinto do Rego, bispo da diocese de S. Paulo, por seu delegado vigário geral e provisor do bispado, o cônego Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, científica ao muito reverendo vigário da paróquia desta cidade, para os devidos efeitos – que sendo denunciado perante o juízo contencioso eclesiástico criminal desta diocese o então reverendo José Manuel da Conceição como cismático exaltado, que não só abnegara princípios fundamentais da religião católica apostólica romana como igualmente pregava com toda a publicidade as idéias errôneas do protestantismo, foi pelo doutor promotor eclesiástico acusado solenemente em 15 de dezembro de 1865 e condenado em 30 de outubro de 1866 como cismático e incurso *ipso facto* na pena de excomunhão maior, da exautoração das funções eclesiástica e deposição verbal, sendo igualmente fulminado com inabilidade para ofícios, benefícios e dignidades da igreja. Em cumprimento do que dispõe a Constituição do Arcebispado da Bahia, artigo 1.103, ordena ao mesmo muito reverendo vigário da paróquia desta cidade, que, em sua respectiva igreja dê publicidade à mesma sentença condenatória, cuja copia a esta acompanha, a fim de que os seus paroquianos fiquem bem informados das penas cominadas e da pessoa contra quem recaírem; proporcionando-lhes por este meio mais seguro abrigo contra a sedução da novidade e do erro. – *Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade.*

Copia – Nestes autos crimes, em que é acusado o presbítero José Manoel da Conceição, suspenso de ordens por portaria de trinta de novembro de 1865, e a parte acusadora a justiça eclesiástica, alega por esta o reverendo doutor promotor do juízo, em seu libelo de folhas nove, haver aquele presbítero professado a religião católica apostólica romana, tendo recebido ordens sacras até presbítero, prometendo solenemente obediência e reverência a seu prelado e sucessores; dominado porém por idéias acatólicas, comunicou, em

⁴⁵⁴ José Manoel da CONCEIÇÃO. *Sentença de Excomunhão e Desautoração fulminada contra o ex-padre José Manoel da Conceição, actualmente ministro da Igreja Evangélica e a resposta do mesmo.* pp.5-6

vinte e oito de setembro daquele ano, ao excelentíssimo prelado desta diocese, que abandonara a Igreja Romana desprendendo-se dos vínculos de subordinação ao chefe supremo da igreja universal e ao respectivo prelado, tendo por tais fatos incorrido nas penas de excomunhão maior, e na deposição verbal de toda a jurisdição eclesiástica, constituindo-se cismático. Vê-se pelos autos que o acusado não só deixou o processo correr a revelia como ainda confirmou o delito que se lhe atribuíra confessando-se presbiteriano puro. Bem averiguadas, pois, as peças deste processo, documentos folha quatro, doze, dezoito, e trinta e duas, depoimentos uniformes de testemunhas fidedignas de folhas vinte e seis a vinte e nove e quarenta e duas a quarenta e seis, e parecer do reverendo doutor promotor de folhas quarenta e oito a quarenta e nove, prova-se cabalmente tudo quanto foi alegado por parte da acusação; pelo que declaro ao acusado José Manoel da Conceição cismático e incurso *ipso facto* na pena de excomunhão maior e deposição verbal das funções e ordens, bem como inabilidade para ofícios e dignidades eclesiásticas. (Monte, Direito. Eclesiástico, secção segunda, artigo primeiro, capítulo terceiro, dos delitos e penas, parágrafo mil quatrocentos e quarenta e quatro.) Condeno o acusado nas custas. Tire-se cópia desta, para ser presente a sua excelência reverendíssima para os devidos efeitos, e expeçam-se circulares aos párocos do bispado para darem a competente publicidade.

S. Paulo, vinte e nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e seis. – Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade. Nada mais continha nem declarava em dita sentença, da qual extraí a presente cópia, que vai em tudo conforme o seu original, ao qual me reporto, em meu poder e cartório do contencioso eclesiástico. O referido é verdade, de que dou fé. S. Paulo, 19 de fevereiro de 1867. E eu Joaquim José Moreira, escrivão que a subscrevi e conferi. – Conferida. – *Moreira*.

Publicada à estação da missa paroquial de Domingo, 7 de abril de 1867, na Sé da Catedral.

Anexo 7 – Carta aos moradores de Cabaíçaizinhos⁴⁵⁵

São Paulo, 14 de setembro de 1868.

Aos Ilmos. Srs. João Antônio Ribeiro, meu caro irmão na fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os caros vizinhos do bairro de Cabaíçaizinhos. que ouviram a Palavra de Deus, e creram e permanecem fiéis a Nosso Senhor Jesus Cristo, paz da parte de Deus, e graça de Seu Filho nosso Salvador, e frutos no Espírito Santo, é o porque faço oração a Deus todos os dias, e sem cessar rogo pela saúde e salvação e alegria de todos, para que todos vejam cumpridas em seu favor as promessas do Pai no Céu pelo sangue de Seu Filho Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Amém

Meus caros irmãos fui feliz em toda minha viagem pelas vossas orações e pelas orações de muitos outros, que ouviram e creram em Nosso Senhor Jesus Cristo, que eu preguei por todo o caminho, desde lá até aqui.

Eu vos remeto o livro da Palavra de Deus, que se chama Bíblia, que eu vos prometi mandar, e vós me prometestes igualmente fazer dele um bom uso, como fiel servo de Deus e crente do Senhor Jesus Cristo, lendo sempre para edificação vossa e das famílias de vossos parentes e vizinhos, que ficaram unidos a Jesus Cristo por fé e amor, e para que todos vão a mais no conhecimento da verdade que Deus quis revelar-nos por Seu Filho.

Também vos remeto 4 cartilhas para a família do Sr. Ma-noel Garcia aprender a ler e uma para a moça Ana Francisca.

Vão também alguns livrinhos de Hinos e outras leituras edificantes.

Eu peço e rogo encarecidamente a todos Os irmãos na fé que orem todos os dias sem falta a Deus, para que Deus lhes mande ministros, pregadores e mestres do Evangelho para os dirigir e guiar no caminho da salvação que eu lhes preguei pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

V. Mcê. pode escrever para esta cidade ao Rev. Sr. Emanuel Nunes Pires ministro do

⁴⁵⁵ José Manoel da CONCEIÇÃO. Carta de Conceição aos moradores e Cabaíçaizinhos. *O Estandarte*. 08 de maio de 1897.

Evangelho e ao Sr. William Pitt sobre qualquer dúvida ou falta de esclarecimento ou qualquer cousa tocante fé do Evangelho. O Sr. Pitt mora na Rua Direita nos Quatro Cantos, tem negócio em baixo. Estes senhores são nossos irmãos na fé de Jesus Cristo e gostam de servir, no que respeita ao serviço de Deus, a todos os irmãos.

Eu parto amanhã para o Rio, se Deus for servido, e nunca me hei de esquecer de V. Mcês; hei de orar sempre a Deus e hei de lhes escrever, e fico certo que hão de ser logo visitados por ministros fiéis de Nosso Senhor Jesus Cristo para os ensinar, animar, consolar e instruir em toda sabedoria e doutrina de Deus o de seu reino na terra para aumento e firmeza de esperança da vida eterna.

Mando-lhes muitas saudades e o coração no amor do Senhor Jesus ao meu irmão e sua esposa, ao Sr. Manoel Garcia e sua esposa Da. Eufrozina, suas filhas e seus filhos, ao Sr. José Bicudo e família, a seu irmão Joaquim Bicudo e família, Sra. Margarida, sua filha Maria Francisca e seu filho Antonio que viva no temor de Deus, sem voltar ao pecado velho, para não cair no inferno; ao Sr. José Manoel e Ana do Belém e a Sra. Ana Francisca que ore a Deus para não tornar mais a cair donde Nosso Senhor Jesus Cristo a salvou por sua graça ao Sr. Domingos de Medeiros e família, por quem eu oro sempre para que ponha seus olhos em Deus e so lembro da morte que repente vem visitar a todos os mortais, sem esporar suas vontades.

Eu queria mandar lembranças a cada um do Bairro, nome por nome mas não tenho os nomes de todos, mas tenho a todos no coração: O Sr. João Siebra, seu pai, sua senhora, e seu sogro; Sr. Francisco Ferreira; Sr. João Munhões e todos os seus vizinhos e por último de novo falo no meu amigo e irmão na fé o Sr. João Antônio Ribeiro, pois para si e para todos mando o meu coração com muita gratidão e saudade em Cristo.

José Manoel da Conceição.